

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

**VANESSA SANTANA LIMA TRAUZZOLA**

**TEORIA DAS OPERAÇÕES PREDICATIVAS E ENUNCIATIVAS: UMA  
CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM ENTRE O CONSTRUTIVISMO E A TEORIA DO  
CONHECIMENTO**

**Guarulhos**

**2019**

**VANESSA SANTANA LIMA TRAUZZOLA**

**TEORIA DAS OPERAÇÕES PREDICATIVAS E ENUNCIATIVAS: UMA  
CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM ENTRE O CONSTRUTIVISMO E A TEORIA DO  
CONHECIMENTO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Saúde na Infância e na Adolescência da Universidade Federal de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Márcia Cristina Romero Lopes

Guarulhos

2019

Trauzzola, Vanessa Santana Lima

Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas: uma concepção de linguagem entre o Construtivismo e a Teoria do Conhecimento. / Vanessa Santana Lima Trauzzola. – Guarulhos, 2019

186 f.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2019.

Orientadora: Márcia Cristina Romero Lopes

Título em Inglês: Theory of Predicative and Enunciative Operations: a conception of language between constructivism and the theory of knowledge.

1. Teoria das Operações Enunciativas 2. Filosofia da Linguagem. 3. Estudo do Léxico. 4. Sujeito I. Título.

**VANESSA SANTANA LIMA TRAUZZOLA**

**TEORIA DAS OPERAÇÕES PREDICATIVAS E ENUNCIATIVAS: UMA  
CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM ENTRE O CONSTRUTIVISMO E A TEORIA DO  
CONHECIMENTO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
Educação e Saúde na Infância e na Adolescência da  
Universidade Federal de São Paulo, como requisito parcial  
para obtenção do título de Doutor em Ciências.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Márcia Cristina Romero Lopes

Aprovado em:                      de                      de 2019

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marília Blundi Onofre  
Universidade Federal de São Carlos

---

Prof. Dr. Emerson de Pietri  
Universidade de São Paulo

---

Prof. Dr. Tiago Tranjan  
Universidade Federal de São Paulo

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rosário Genta Lugli  
Universidade Federal de São Paulo

Para

Marcus, meu amor e companheiro, a calma na  
minha tempestade, a sensatez que mantém meus pés  
sobre o chão, enquanto minha alma flutua por  
mundos distantes.

## ***AGRADECIMENTOS***

À vida, pelos percalços impostos à minha perseverança;

A Antoine Culioli, por sua imensa contribuição às Ciências Humanas e aos estudos da linguagem;

Aos grandes mestres da Literatura, por não permitir o embrutecimento do meu coração diante dos opróbrios do mundo;

À minha filha e aos meus alunos, por manterem minha criança interior sempre viva;

À minha família e amigos, pela compreensão e apoio incondicionais;

À minha orientadora, pela inspiração, paciência e amizade;

Aos demais professores do Programa de Pós-graduação Educação e Saúde na Infância e Adolescência da Universidade Federal de São Paulo, por me inserirem no universo da Antropologia, Sociologia, Filosofia, o que muito contribuiu para me forçar a observar a língua e a linguagem para além da Linguística;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio material.

...

*Foi em meu nome que fiz,  
A carvão, a sangue, a giz  
Sátiras e epigramas nas paredes  
Que não vi serem necessárias e vós vedes*

*Foi quando compreendi  
Que nada me dariam do infinito que pedi  
Que ergui mais alto o meu grito  
E pedi mais infinito*

...

*Se os gestos e as palavras que sonhei,  
Nunca os usei, nem usarei,  
Se nada do que levo a efeito vale,  
Que eu me não mova! que eu não fale!*

...

*Mas meu Sonho megalómano é maior  
Do que a própria imensa dor  
De compreender como é egoísta  
A minha máxima conquista...*

## RESUMO

Este estudo busca compreender as possíveis influências teóricas e filosóficas que possam ter contribuído para a elaboração da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas – TOPE (CULIOLI, 2000, 1999a, 1999b; CULIOLI, NORMAND, 2005; DE VOGÜÉ, FRANCKEL, PAILLARD, 2011) por Antoine Culioli. A TOPE, que neste trabalho se constitui tanto referencial teórico quanto objeto de investigação, há muito tem sido fonte profusa de pesquisas no campo da enunciação, especialmente na Europa, sendo que, nas três últimas décadas, pesquisadores brasileiros vêm agregando importantes elos a essa corrente com a realização de estudos que não apenas clareiam aspectos ainda complexos da teoria, como contribuem para a problematização do ensino do léxico e da gramática em língua portuguesa em nosso país. Nosso problema de pesquisa consiste, justamente, em identificar, na medida do possível, as correntes filosóficas e/ou epistemológicas nas quais Culioli possa ter buscado inspiração, posto que seu referencial apresenta, para um leque de conceitos, estreitas relações com o saber globalizador de Leibniz, a crítica kantiana, o idealismo de Hegel, a Teoria do Conhecimento, o Construtivismo e a Fenomenologia. Para melhor compreender o modo como essas correntes contribuíram para a compreensão do que é a linguagem e a enunciação do ponto de vista da TOPE, propomos um exame conceitual do *sujeito* – elemento bastante caro às correntes filosóficas citadas – ao analisarmos qual *sujeito* prepondera na perspectiva culioliana, mas igualmente um exame analítico, ao empenharmo-nos em observar e descrever o modo como este *sujeito* se comporta diante de verbos base e verbos prefixados. Com este empenho analítico, buscamos reforçar um dos pilares do pensamento culioliano acerca do sentido na língua: a significação é produto das relações estabelecidas no seio do enunciado, e tais relações jamais são quaisquer, ou realizadas à revelia. O resultado do estudo evidencia, ainda, o potencial pedagógico deste referencial para o ensino de línguas, e isso por se tratar de uma teoria que preza pela análise crítica de conceitos canônicos e concebe o conhecimento da língua como um processo de construção que passa necessariamente pela reflexão consciente acerca de seus fenômenos.

**Palavras-chave:** Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas. Filosofia da Linguagem. Sujeito. Estudo do léxico



## ABSTRACT

This research intends to understand the possible theoretical and philosophical influences that may have contributed to the development of the Theory of Predictive and Enunciative Operations - TOPE (CULIOLI, 2000, 1999a, 1999b; CULIOLI, NORMAND, 2005; DE VOGÜÉ, FRANCKEL, PAILLARD, 2011) by Antoine Culioli. TOPE, which in this work serves both as theoretical reference and research object, has long been a profuse source of research in the field of enunciation, especially in Europe, and in the last three decades Brazilian researchers have been adding important contributions to theory with realization of studies that not only clarify aspects still complex of the theory, how they contribute to the problematization of the teaching of the lexicon and the grammar in Portuguese language in our country. Our research problem consists precisely in identifying, as far as possible, the philosophical and / or epistemological currents in which Culioli may have sought inspiration, because its referential presents, for many concepts, close relations with Leibniz's globalizing knowledge, Kantian criticism, Hegel's idealism, Knowledge Theory, Constructivism and Phenomenology. In order to better understand the way in which these currents contributed to the understanding of language and enunciation from TOPE's point of view, we propose a conceptual examination of the subject, a very valuable element to the philosophical currents mentioned, when analyzing which subject preponderates in the culiolian perspective, but also an analytical examination, when we endeavor to observe and describe the way this subject operates in the face of verbs base and prefixed verbs. With this analytical effort, we search for reinforce one of the pillars of Culiolian thought about meaning in language: signification is the product of the relations established within the enunciation, and such relationships are performed in a specific way. The result of the research also evidences the pedagogical potential of this referential for language teaching, and this is a theory that values the critical analysis of canonical concepts and comprises the knowledge of language as a process of construction that necessarily passes through conscious reflection about its phenomenon.

**Keywords:** Theory of the Predicative and Enunciative Operation. Philosophy of Language. Subject. Lexical Study.

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>I - LOCALIZAÇÃO FILOSÓFICO-CIENTÍFICA DA TEORIA DAS OPERAÇÕES PREDICATIVAS E ENUNCIATIVAS .....</b>	<b>18</b>
1.1. UM BREVE PASSEIO PELAS CORRENTES FILOSÓFICO-CIENTÍFICAS DO SÉCULO XX.....	20
1.2. A LINGUÍSTICA DA ENUNCIÇÃO DE ANTOINE CULIOLI .....	36
1.2.1. DO CARÁTER CONSTRUTIVISTA .....	37
1.2.2. DOS FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS .....	43
<b>II – FORMALIZAÇÃO DA ANÁLISE LINGUÍSTICA.....</b>	<b>63</b>
<b>III – O SUJEITO NAS CIÊNCIAS HUMANAS.....</b>	<b>71</b>
3.1. O SUJEITO GRAMATICAL .....	73
3.2. UM SUJEITO POSSÍVEL PARA A TEORIA DAS OPERAÇÕES PREDICATIVAS E ENUNCIATIVAS .....	78
<b>IV – ESTUDO DE CASO: ROMPER-CORROMPER .....</b>	<b>87</b>
4.1. O ESTUDO DO PREFIXO NA LITERATURA CORRENTE .....	89
4.2. O CASO DO PREFIXO CO .....	98
4.3. O PREFIXO NA PERSPECTIVA DA TEORIA DAS OPERAÇÕES PREDICATIVAS E ENUNCIATIVAS .....	101
<b>V – FORMALIZAÇÃO METALINGUÍSTICA DE CORROMPER.....</b>	<b>105</b>
5.1. ESTUDO ANALÍTICO .....	107
5.2. FUNCIONAMENTO ENUNCIATIVO DE CORROMPER .....	122
5.3. FORMA ESQUEMÁTICA DE CORROMPER .....	123
5.4. ROMPER-CORROMPER: QUANDO O OUTRO ENTRA EM CENA.....	123
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>132</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>140</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>147</b>

## INTRODUÇÃO

A Teoria do Conhecimento, ramo da filosofia também denominado Epistemologia, tem como questão recorrente o modo como nossa cognição apreende o mundo, os fenômenos que nos cercam, e como somos capazes de transformá-los em conhecimento, seja ele científico ou não.

Nessa perspectiva, muitos têm sido os recursos e métodos utilizados para compreender questão tão complexa quanto profunda. Da lógica fregeana, no início do século XX, à inteligência artificial e à modalização dos processos cognitivos do homem, tão discutidas nos tempos atuais, diversas são as abordagens de como nos é possível construir conhecimento. O que, no entanto, parece ser a espinha cervical que as conecta é a defesa da formalização das metodologias de análises e a racionalidade que fundamenta os processos de simbolização no homem (VERNANT, 2011).

Entendemos que esse processo de construção do conhecimento alinhado à busca pela compreensão do funcionamento da atividade de linguagem e do sistema linguístico nos possibilita uma nova “percepção da natureza da linguagem, amplia a compreensão de como a linguagem funciona e desenvolve maior consciência do funcionamento da própria língua materna” (BRASIL, 1998, p. 37), o que contribui para alcançar um dos maiores objetivos – se não o maior – da educação básica em nosso país, que é o desenvolvimento das habilidades leitora e escritora em suas diferentes etapas.

Ao propormos, em nossa pesquisa, a problematização de conceitos canônicos, enraizados no ensino de língua materna, e as possibilidades de construção e reconstrução de seu modo de funcionamento, impomos-nos um desafio, oriundo do próprio fato de acreditarmos ser esta uma discussão capaz de agregar contribuições, ainda que pequenas, para o olhar que lançamos sobre certos fenômenos linguísticos e a maneira como os apresentamos em nossas aulas de língua portuguesa.

Os resultados de nossa pesquisa são, portanto, apresentados em dois momentos, de características distintas, porém complementares. Em um primeiro momento, dedicamo-nos à apresentação dos pensadores e correntes filosóficas que possam ter servido de fonte de inspiração para Antoine Culioli elaborar sua Teoria das Operações Predicativas Enunciativas.

Essa etapa investigativa da pesquisa consiste, essencialmente, em uma revisão bibliográfica, ou ainda, arriscamo-nos a dizer, configura-se mais como uma abordagem exegética da obra de Antoine Culioli, de autores inscritos neste referencial e ou que possam ter funcionado como referência para a abordagem culioliana da linguagem.

A exegese, a princípio, diz respeito à “interpretação gramatical e histórica da Bíblia” (MOISÉS, 2008, p. 217), mas que, após o Renascimento, passou, por extensão, a ser aplicada ao estudo e à interpretação de qualquer texto. Este termo, em sua acepção lata, corresponde ao francês *explication de texte*, tratando-se assim da “dissertação que tem por objetivo esclarecer ou interpretar minuciosamente um texto ou uma palavra”, podendo ser ainda “a interpretação de obra literária, artística etc.” (HOUAISS, VILLAR, 2009, p. 855). Aresi traz ainda a concepção de que uma exegese, aplicada a textos de qualquer natureza, pode ser compreendida como “a interpretação epistemológica de um texto” (ARESI, 2012, p. 13).

Em outras palavras, em primeira instância, atemo-nos à leitura e ao estudo profundo da obra de Antoine Culioli e de pensadores e correntes filosóficas que identificamos, ao longo de nosso estudo, como os que influenciaram a elaboração dos conceitos fundantes da TOPE. Assim, nesta fase, o objeto de estudo é a própria Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas.

Em um segundo momento, dedicamo-nos a verificar de que modo as influências ocorridas contribuíram para que a TOPE se diferencie de outras teorias da enunciação. Para tanto, concentramo-nos na compreensão e análise do *sujeito* enquanto categoria e fenômeno enunciativo. O objetivo consiste em compreender como as características do fenômeno podem ser delineadas a partir da análise da relação entre as formas da língua e os mecanismos da atividade de linguagem que orientam a produção de sentido.

Reconhecemos a complexidade que cerca este objeto, e isso pelo fato de serem inúmeras as concepções de *sujeito*, que variam de acordo com a perspectiva teórica e área do conhecimento em que foram cunhadas. Há, portanto, uma concepção para a Psicanálise, outra para a Sociologia e inúmeras outras para os Estudos da Linguagem, uma vez que variadas são as perspectivas linguísticas que se ocuparam e se ocupam do estudo deste conceito.

Podemos dizer inicialmente que, para a Linguística, o *sujeito* é apresentado de duas formas distintas: uma diz respeito aos aspectos formais da língua e uma segunda o estuda na instância enunciativa/discursiva.

Para a análise da língua em sua organização formal, nos moldes da gramática tradicional, o *sujeito* muitas vezes aparece como uma posição sintática que se refere à determinada realidade designada (BECHARA, 2009). Tal definição gramatical de sujeito poderia ser sintetizada como um *termo utilizado para designar aquele que pratica ou sofre a ação expressa pelo verbo, sendo ele o ponto de partida do que está sendo expresso*.

Embora esta definição possa, em alguma medida, se interpretada como o viés do cânone, ela está longe de representar uma concepção unânime entre os estudiosos da área.

Perini, por exemplo, lança uma série de questionamentos acerca desta concepção e afirma que “a grande falha fundamental da nossa tradição gramatical [reside justamente na] ausência de conscientização adequada do importe teórico das afirmações que constituem a gramática” (PERINI, 2007, p. 13).

Para sustentar seu ponto de vista, Perini apresenta uma série de exemplos que nos faz refletir acerca da definição apresentada acima. Enunciados como (1) *Carlinhos machucou Camilo*, ou (2) *Em Belo Horizonte chove um bocado*, utilizados pelo autor, demonstram a dificuldade em aceitar tal definição de modo irrestrito. Em (1), a tradição gramatical afirmaria que o sujeito é *Carlinhos*, por ser quem pratica ação. Mas é fato que *Camilo* também sofre a ação, o que nos leva a questionar se a declaração incide sobre *Carlinhos* ou *Camilo*. O segundo exemplo, de outra parte, seria classificado como uma oração sem sujeito. A respeito disso, o autor questiona se o verbo *chover* não expressa algo acerca de Belo Horizonte, o que certamente o faz, levando-nos a refletir sobre a possibilidade de se afirmar que, nesse caso, Belo Horizonte seria o sujeito da sentença. Ainda acerca do verbo *chover*, Charles Peirce propõe uma reflexão que questiona a afirmação tradicional de que na proposição “chove” inexistente predicação:

O “chove” traz à sua mente uma imagem de linhas verticais finas sobre o campo visual; e a pessoa olha atentamente pela janela, compreendendo totalmente que o meio ambiente é indicado como o sujeito onde as linhas em gotas que caem serão vistas. De modo semelhante, há uma predicação numa proposição condicional ou outra proposição hipotética, no mesmo sentido em que se faz referência a alguma gama de experiências ou de pensamentos. (PEIRCE, 2010, p. 104)

Como vemos, tanto as reflexões de Perini quanto as de Peirce, que o antecedeu em algumas décadas, ilustram a importância de repensarmos certas definições canônicas. Isso não significa que tenhamos respostas melhores para elas, mas permite-nos debater o papel dos elementos da língua, a função que desempenham quando observados em seus aspectos sintáticos e semânticos.

No que se refere ao campo da Enunciação, encontrar uma definição-síntese para a noção de *sujeito* dentro dos estudos nele inscritos configura-se tarefa quase impossível e que dificilmente caberia em poucas linhas, uma vez que, quando falamos de sujeito enunciativo, ou sujeito da enunciação, cada uma das vertentes da Linguística da Enunciação incumbe-se de delineá-lo de acordo com sua perspectiva teórica, abarcando, naturalmente, sua visão de língua, linguagem e produção de enunciado. Deste modo, não há *um* conceito de sujeito da

enunciação, mas sujeitos cuja definição varia de acordo com a corrente em que foi desenvolvido.

Encontramos, assim, tantas definições de sujeito quanto são as teorias enunciativas da língua. A título de exemplificação, apoiando-nos em Flores *et al* (2009), temos o sujeito benvenistiano, que diz respeito à “constituição do homem na linguagem e pela linguagem” (FLORES *et al*, 2009, p. 220); o sujeito clivado e o sujeito-efeito de Authier-Revuz, o primeiro referindo-se à “instância de constituição do ser pelo inconsciente” e o segundo, à “figura enunciativa resultante da determinação do sujeito pelo inconsciente e pelo interdiscurso” (FLORES *et al*, 2009, p. 222-223); já para Greimas, o sujeito da enunciação é o produtor do discurso e por isso comporta tanto o enunciador quanto o enunciatário; para Bally, o que existe é sujeito falante que corresponde a “marcação por meio da língua que um indivíduo faz de si mesmo, do mundo, da sociedade, das situações e dos demais indivíduos que o cercam” (FLORES *et al*, 2009, p. 223); Ducrot define o sujeito com sendo o “ser dotado de atividade psicofisiológicas necessária à produção do enunciado” (FLORES *et al*, 2009, p. 224); podemos citar, por fim, o sujeito bakhtiniano, que é, antes de tudo, um sujeito histórico, que está histórica, social e culturalmente localizado no momento em que produz o enunciado.

Traçamos essas linhas gerais – e, sem dúvida, superficiais – para evidenciar que, se outras perspectivas da Linguística da Enunciação apresentam definições acerca da concepção de *sujeito*, nem sempre suficientemente claras ou amplamente aceitas, para a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, o que há é um conceito de *sujeito* entendido como um dos parâmetros linguísticos constitutivos do mecanismo enunciativo que tem muito ainda a ser explorado.

Ao longo de nosso estudo, buscamos identificar e delinear o conceito de *sujeito* para a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas pelo confronto com outros conceitos que a ele se relacionam no âmbito deste referencial (*enunciação, atividade de linguagem, atividade epilinguística, esquema de léxis, forma esquemática* etc.) por meio de pesquisa minuciosa da obra culioliana, bem como de obras de outros pesquisadores que nela se inscrevem ou que por ela se interessam e que vêm apresentando importantes desdobramentos da e para teoria, tais como Sarah de Vogüé, Dominique Ducard, Jean-Jacques Franckel, Denis Paillard, Claudine Normand, Márcia Romero, para mencionar alguns deles.

Por desenvolvermos um estudo de caráter conceitual, nossa proposta é explorar de que maneira o conceito de *sujeito*, dentro da perspectiva culioliana, se manifesta nas diferentes formas linguísticas. Desta maneira, buscamos mostrar que as simbolizações acerca da

subjetivação perpassam unidades da língua que usualmente não integram estudos desta natureza, mas que figuram nos processos de elaboração cognitiva e de representação simbólica do que se compreende por predicação, isso com o objetivo de vislumbrar outras interpretações para o fenômeno *sujeito*.

Para tanto, propomos análises de enunciados de fontes diversas a fim de evidenciar de que modo o sujeito se manifesta por meio da língua. Trazemos, ainda, análises minuciosas das unidades linguísticas selecionadas com o objetivo de apresentar propriedades da atividade epilinguística<sup>1</sup> essenciais para o processo de construção de enunciados, posto que isto envolve uma série de dispositivos linguísticos e cognitivos indispensáveis para a compreensão de como a língua se estrutura e como suas unidades se organizam para construir significação. Desta forma, acreditamos na possibilidade de explorar este conceito na interface dos diferentes domínios (morfossintáticos, semânticos e discursivos), uma vez que o *sujeito* ao qual vamos nos ater é antes de tudo uma elaboração linguística.

Por fim, apresentamos um trabalho analítico, cujo procedimento metodológico baseia-se na atividade de reformulação de enunciados, tal como proposta por Franckel (2011). A metodologia fundamenta-se na elaboração de glosas, que consiste em um modo específico de parafraseagem de enunciados, cujo propósito é o de reformulações controladas do material verbal, com vistas à identificação dos processos de construção de sentido de unidades lexicais específicas e comuns a todos os enunciados selecionados; sendo assim, o “acesso à identidade de uma unidade pode ser constituído pela análise metodologicamente controlada do papel que ela desempenha nos enunciados em que ela é colocada em jogo, papel analisado frente ao contexto convocado” (FRANCKEL, 2011, p. 119). Esta prática promove, portanto, uma atividade reflexiva acerca dos fatos da língua, permitindo o acompanhamento da progressão do raciocínio lógico efetuado na ação, bem como a ativação de processos cognitivos específicos à atividade de linguagem. Nas palavras de Franckel, nesta metodologia da reformulação, “o que está em jogo é o estabelecimento de procedimentos controláveis, que passam por uma argumentação e que se apoiam em fatos da língua reproduzíveis [...]” (FRANCKEL, 2011, p. 107).

Valemo-nos, para tanto, de uma abordagem metodológica que parte da análise dos usos de uma unidade linguística específica para compreender as minúcias de seu

---

<sup>1</sup> A atividade epilinguística diz respeito à relação existente entre a representação de mundo que construímos ao longo da vida e a maneira como esta representação se dá nos enunciados, no jogo constitutivo que sustenta toda e qualquer produção linguística e no constante processo de ajustamento entre o dito e a recuperação do dizível. Há, portanto, uma atividade não-consciente, da ordem da linguagem e que se realiza intuitivamente, de forma contínua, atividade esta que pode ser entendida como que o avesso de toda produção linguística.

funcionamento semântico e enunciativo, pois entendemos que “o sentido das palavras e dos textos não é exterior à língua, mas decorre de uma ordem própria que não é decalque nem de um pensamento, nem de um referente externo” (FRANCKEL, 2011, p. 103). Tal posicionamento, ao propiciar um olhar diferenciado sobre a criatividade na língua – e, portanto, sobre a produção de sentidos –, permite articular o estudo de língua materna a fenômenos próprios à atividade de linguagem, o que traz grandes contribuições para o campo do ensino-aprendizagem de línguas.

Faz-se necessário ressaltar que embora este referencial teórico integre, ao menos nominalmente, o campo da Linguística da Enunciação, campo bastante amplo e diversificado, que engloba teóricos e pesquisadores de diferentes correntes ou que com ele dialoga, dentre os quais Mikhail Bakhtin, Émile Benveniste, Charles Bally, Oswald Ducrot, Roman Jakobson, Jaqueline Authier-Revuz, entre outros, nossa proposta filia-se a uma corrente de pensamento com visão antropológica e filosófica da língua e da linguagem que ainda é pouco conhecida no âmbito das teorias da enunciação desenvolvidas no Brasil.

Desta maneira, acreditamos que este trabalho pode vir a agregar um olhar reflexivo a definições clássicas de certos conceitos e, deste modo, contribuir para o desenvolvimento de novas práticas de ensino de língua portuguesa, especialmente no que diz respeito à integração entre produção textual e elementos gramaticais, estes nas diversas funções que podem desempenhar nos mais variados contextos enunciativos. E isso pelo fato de entendermos *gramática* não como um ideal linguístico a ser alcançado, como conjunto de regras pouco acessíveis à grande parte dos falantes de um sistema linguístico específico, mas como um “saber linguístico que o falante de uma língua desenvolve [...] em condições apropriadas de natureza social e antropológica” (FRANCHI, 2008, p.25).

Entendemos também que nossa proposta possa parecer, a princípio, ancorada em areia movediça, pois além de dedicarmos-nos, aparentemente, a dois objetos, à TOPE e ao sujeito na TOPE, buscamos boa parte de nossa fundamentação em área bastante complexa, a da Filosofia. Acreditamos, contudo, que nossa pesquisa encontra sua unidade na compreensão da proposta culioliana de ter na *atividade de linguagem* o objeto central de sua teoria. Quando abordamos fundamentalmente a *atividade de linguagem* e não apenas a *língua*, agregamos ao campo da linguística analítica a discussão acerca do que orienta as possibilidades de produção-reconhecimento linguísticos e de que modo tal fenômeno se manifesta, como podemos observá-lo, analisá-lo e compreendê-lo.

Sendo o sujeito elemento de importância substancial para a linguística da enunciação, quadro ao qual a TOPE integra, ainda que de maneira não convencional, nos parece



imprescindível buscar uma descrição, mesmo que elementar, para a concepção de sujeito TOPE, o que faremos por meio da análise contrastiva entre o funcionamento enunciativo do verbo base ROMPER e do verbo prefixado CORROMPER.

Em suma, não se trata de multiplicidade de objetos ou de perspectivas epistemológicas, mas da investigação de elementos e correntes de pensamento complementares e que estão no centro da busca pelo entendimento dos princípios que fazem da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas uma teoria da linguagem com viés filosófico e antropológico, uma vez que seu grande mote é a compreensão do funcionamento das línguas naturais por meio do desvelamento da atividade de linguagem. Isso mostra que a própria teoria nos impele a decifrar o que nos torna os humanos que somos, uma vez que a linguagem é berço do mundo cultural que construímos ao longo de nossa aventura terrestre.

## **I - Localização filosófico-científica da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas**

*O começo de todas as ciências é o espanto de as coisas serem o que são.*

*Aristóteles*

O que é a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas? Essa é a questão que desde o início de meus estudos acadêmicos me persegue e que, por assim dizer, considero o gérmen deste trabalho. Culioli, ao longo de seus textos, não faz questão de se vincular ou de se desvincular totalmente de qualquer corrente linguística, mas, ao mesmo tempo, pontua os elementos dos quais discorda em grande parte delas, fato que apresentamos no decorrer deste capítulo.

De outra parte, muitas são as referências de Antoine Culioli a termos e pensadores dos mais variados domínios e correntes, sem que, contudo, se diga filiado ou seguidor de quaisquer um deles. Deste modo, localizar e compreender a(s) corrente(s) filosófico-científica(s) que perpassa(m) a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE) se coloca como uma tarefa complexa e que exige grande empenho intelectual.

Ainda que esta questão não esteja no centro das preocupações de muitos pesquisadores filiados à TOPE, entendemos que explorar as possíveis fontes que inspiraram e/ou influenciaram Antoine Culioli para a construção de seu modelo formal de análise linguística pode trazer contribuições para a compreensão de aspectos de sua teoria, muitos deles envoltos em grande complexidade conceitual.

Em linhas gerais, o ponto pacífico acerca do quadro epistemológico culioliano consiste em considerá-lo como uma teoria linguística de viés construtivista, nascida na França em meados dos anos de 1960. Contudo, a classificação como construtivista sempre nos pareceu um tanto nebulosa, pois via de regra, temos tendência a associar este termo à pesquisa desenvolvida por Jean Piaget, nome pouquíssimas vezes citado por Antoine Culioli.

Como pesquisar é lançar-se em um universo fascinante, em dado momento, notamos que compreender as raízes de termos recorrentes na TOPE consistiria em algo mais do que uma simples curiosidade acerca da construção das bases do pensamento culioliano sobre a natureza da atividade de linguagem e tudo o que ela desencadeia em sua teoria. Tratar-se-ia, sim, de uma questão fundamental para melhor identificar e compreender a heterogeneidade dos campos do conhecimento que, em alguma medida, integram a teoria e a constituem.

Um fato que, por vezes, fomenta justamente a discussão entre estudiosos é saber se a teoria de Antoine Culioli se constitui como uma teoria linguística ou como uma filosofia da linguagem. A complexidade da TOPE, sem dúvida, abre para discussões desta natureza e corroboram para o reconhecimento de sua singularidade dentre as concepções que abordam a enunciação, o que a distancia de outras correntes que têm a linguagem e a língua como seu ponto de partida.

Sob esse aspecto, o próprio Culioli responde, em uma entrevista concedida à Dominique Ducard, o motivo pelo qual acaba recorrendo à filosofia para fundamentar seu projeto de compreender o funcionamento da atividade de linguagem e da diversidade das línguas naturais:

[...] não posso me satisfazer com o que me é apresentado como pesquisas em linguística, especialmente porque meu objetivo não é o mesmo de pessoas que dizem ter um projeto de pesquisa em linguística, mas que nunca dizem do que se trata, exceto descrever uma língua num dado momento. A descrição de uma língua é algo muito importante, é claro, mas talvez não seja suficiente para um projeto que tenha um certo escopo científico, no sentido em que este projeto integrar-se-ia a outras áreas de pesquisa e, em particular, à linguagem e às línguas. Expliquei isso várias vezes, mas gostaria ainda de retomar. Para alguns, a linguagem remeteria à língua /fala, por exemplo, mas nunca foi tomada como atividade. (CULIOLI, DUCARD, 2004, p. 130-131)

Em função disso, optamos por não revisitar outras teorias da enunciação e seus respectivos autores, pois embora nomes como Charles Bally, Mikhail Bakhtin, Oswald Ducrot, Jacqueline Authier-Revuz e em especial Emile Benveniste, sejam grandes referências no universo da Linguística da Enunciação, a natureza da TOPE não dialoga diretamente com tais perspectivas teóricas, e isso por considerarmos que ela se fundamenta em uma concepção de enunciação que remonta a conceitos da filosofia clássica e de filósofos como Sêneca, os estoicos, Spinoza, Hegel, Kant, Peirce e Frege (CULIOLI, 2002).

Uma vez esclarecido que Antoine Culioli não se considerava continuador de nenhum quadro, propriamente linguístico ou filosófico, que o tenha precedido, resta-nos buscar por respostas mergulhando em sua teoria a fim de localizá-la historicamente ante as correntes científicas que perpassaram o século XX, ou dissociá-la de tais correntes. O que nos é caro é definir o solo onde a teoria criou suas raízes, para que seus conceitos, muitos deles nem sempre tão autoevidentes quanto desejaríamos, possam, em alguma medida, ser melhor apreendidos pelos que se deixam fascinar pela visão pouco ortodoxa de Antoine Culioli.

### 1.1. Um breve passeio pelas correntes filosófico-científicas do século XX

Por não se considerar vinculado a nenhuma corrente científica ou filosófica determinada, Antoine Culioli nos faz peregrinar pelas diversas áreas que discutem os elementos que constituem nossa humanidade, tais como a Antropologia, a Sociologia, a Filosofia, a História, a Linguística, a Biologia, para falar apenas destas. E ainda que o objeto não seja o homem em si mesmo, entendê-lo sob algum aspecto é inerente aos estudos realizados no campo das Ciências Humanas, tarefa que remonta à Filosofia Clássica e que, ao persistir em nossos dias, comprova tanto a profundidade e a dimensão de suas questões, quanto o malogro por ela suscitado, nos trazendo sempre novas possibilidades de olhar a existência, e nos conduzindo a este agradável trabalho de Sísifo.

Porém, ao contrário deste, considerado o mais sagaz e audacioso dos mortais, que teve por castigo rolar a pedra morro acima por toda a eternidade sem jamais ver concretizado o objetivo de sua ação, ansiamos por continuar rolando a pedra morro acima na esperança de avistar um elemento novo na mesma paisagem, um horizonte diferente para além das montanhas. Estudar a teoria de Antoine Culioli é essa aventura de desafiar-se a olhar para o incógnito e observar o que, para a maioria, sequer está lá.

A TOPE nasce, assim, com vocação vanguardista, surgindo com uma proposta divergente do que estava em voga nos meios acadêmicos da época, pois, por mais que Culioli prezasse por uma teoria dos observáveis, pela elaboração de um modelo formal para a análise dos fenômenos das línguas naturais – o que poderia soar como uma conformidade com os pressupostos estruturalistas –, os princípios que regem a teoria e o modo como aborda a atividade de linguagem e o funcionamento das línguas naturais não convergiam e não convergem de forma estrita com as perspectivas teóricas estruturalistas ou com os princípios cognitivistas difundidos por Noam Chomsky.

No texto *La formalisation en linguistique*, de 1968, Antoine Culioli enfatiza, ao longo das doze páginas do artigo, que tem como propósito constituir uma teoria voltada para as questões fundamentais acerca da linguagem e do funcionamento das línguas naturais. Para tanto, apresenta também o que considera problemas que impedem perspectivas estruturalistas de alcançarem melhores resultados em seus estudos. Para ele, muitos linguistas da corrente estruturalista que seguem “o círculo mágico da ideologia positivista” constroem seus sistemas formais atribuindo ao objeto de estudo propriedades que seriam de um modelo ou, inclusive, “um expediente efêmero” (CULIOLI, 1968, p. 107).

Ainda neste escrito, Culioli aponta Noan Chomsky como alguém que propõe de fato um modelo formal de análise, mas entende que a principal falha da proposta do colega americano seja talvez a de abordar as línguas em suas generalidades, descartando ou deixando sem explicação os fenômenos que considera exceção no sistema linguístico. Para Culioli, as exceções dizem muito acerca do funcionamento de uma determinada língua e por isso devem ser observadas e compreendidas, pois tais excepcionalidades podem ser capazes de explicar e justificar seu próprio caráter excepcional (CULIOLI, 1968, p. 109).

Da mesma forma, Culioli afasta sua perspectiva da análise do discurso<sup>2</sup>, uma vez que, para ele, construir um modelo de análise linguística implica “se recusar a reduzir a linguagem, e se recusar a resumir a linguística a ser apenas uma coleção de fenômenos individuais” (CULIOLI, 1968, p. 117).

Persiste, ainda, a questão quanto à perspectiva filosófico-científica na qual a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas está ancorada, sobretudo se considerarmos que o próprio fundador se empenha em distanciar-se das correntes que efervesciam nos meios acadêmicos de então.

Independente da classificação que possa ser atribuída à TOPE, o que nos parece acerto, *a priori* do que quer que seja descrito posteriormente, é o seu caráter antropológico, pois, assim como apresentamos mais adiante com maior profundidade, o seu princípio norteador gira em torno da capacidade humana de produzir sentido, de construir representações linguísticas que passam necessariamente pelo modo como os povos de diferentes culturas experimentam sua existência sobre a Terra e o modo como isso se dá ver por meio da linguagem.

Ao considerarmos tal característica da teoria culioliana e o fato desta pesquisa ser gestada em um programa de Pós-Graduação que tem por propósito o estudo do Homem<sup>3</sup> em suas variadas situações, entendemos que traçar uma perspectiva acerca do humano pode agregar importantes contribuições para adentrarmos alguns dos fundamentos apresentados na TOPE. Esse fator, entendemos, pode nos guiar a caminho da compreensão acerca de certos aspectos de uma teoria que trata da enunciação sem se ater a um locutor específico em suas

---

<sup>2</sup> A Análise do Discurso, especialmente a escola francesa, tem como objetos essenciais a relação do falante com o processo de produção dos enunciados, buscando explicação para as produções de linguísticas de cada indivíduo em seu meio ou grupo social. (DUBOIS, 2006, p.51)

<sup>3</sup> Marcamos este Homem em inicial maiúscula apenas para enfatizar o termo enquanto conceito filosófico e antropológico, tais como um ser social, capaz de racionalidade e ciência, dotado de sistemas simbólicos e que constrói representações do mundo que o cerca e das vivências que experimenta. Em inserções posteriores, contudo, optamos pela grafia em minúscula.

especificidades políticas, históricas e sociais, tal como é proposto por algumas correntes da análise do discurso, que, para Culioli, dá a impressão de que:

[...] no campo da análise do discurso, uma questão interessa, antes, por razões políticas e ideológicas. Toma-se um texto como uma configuração específica que pode ser considerada como irredutível e dotada de propriedades singulares; mas, por outro lado, tenta-se manter um discurso geral sobre isso. [Tem-se] a impressão de que a análise do discurso oscila sempre entre, de uma parte, análises que se voltam para a história enquanto singularidade e que mantêm um discurso de generalidade mínima [em termos de língua] e, de outra, um discurso que pretende ter uma força de generalização e que, desse modo, orienta-se em direção a dispositivos classificatórios, isto é, tipologias, mas tipologias sem objetivo [linguístico] [...] (CULIOLI, FAYE, RANCIÈRE, ROUDINESCO, 1980, p. 191)

O que está em jogo na proposta culioliana é a realização de uma análise linguística capaz de delimitar as generalidades da atividade de linguagem, enquanto capacidade humana de construir representações, de como a experiência humana, em toda sua abrangência política, histórica, social, cultural, é apreendida pela cognição dos seres humanos em geral e constrói significações que se mostram por meio da produção enunciativa.

Assim como o filósofo francês Francis Wolff (2012, p. 9), entendemos que a concepção de homem, ou dos elementos que o constituem em uma dada perspectiva teórica, torna possível depreender o que dela se pode saber, o que se julga dever fazer e o que se pode dela esperar.

Wolff formula esta premissa partindo da visão kantiana de produção do conhecimento, para a qual as interrogações humanas fundamentais são: ‘O que posso saber?’ (questão metafísica); ‘O que devo fazer?’ (questão moral); ‘O que posso esperar?’ (questão religiosa). Todas elas dependem, porém, de uma quarta: ‘O que é o homem?’” (WOLFF, 2012, p. 8), fato que coaduna essencialmente para o fortalecimento do que a teoria culioliana concebe como linguagem e língua, elementos essencialmente humanos.

Ainda de acordo com Wolff, o século XX, no que tange a produção de conhecimento nas mais diversas áreas das Ciências Humanas<sup>4</sup>, foi dominado por duas correntes de pensamento bastante distintas entre si: o Estruturalismo e o Cognitivismo. Em comum, as duas compartilham o interesse pelo estudo do homem, isto é, buscam respostas para as

---

<sup>4</sup> De acordo com Jean-François Dortier a ideia de Ciências Humanas ou Ciências do Homem, nasce no fim do século XVII como um clube de pensadores composto por linguistas, filósofos, médicos, geógrafos, historiadores e exploradores de terras longínquas, cujo objetivo era o de estudar o Homem tanto sob o prisma fisiológico como moral. No que diz respeito à perspectiva moral, deve-se entender o conjunto de faculdades relativas ao pensamento, à vontade e aos costumes, aquilo que hoje se chama as dimensões psicológicas e culturais (2005, p. 21). Fazemos este parêntese apenas para reforçar o caráter multidisciplinar inerente à TOPE, pois que ela abarca tanto o cultural quanto o cognitivo sem se restringir ou se reduzir a apenas uma delas.

incógnitas que cercam a vida e o desenvolvimento humano por meio da análise das particularidades que o distingue dos outros animais existentes.

Tal proposta nos leva a recuperar a noção de desenvolvimento, que remete comumente à concepção de mudanças de estado que se desenrolam no decorrer do tempo, considerando o estágio seguinte como melhor ou superior ao precedente. Essa concepção, ainda que simplória, pode conter o gérmen para densas discussões acerca das transformações paulatinas e sistemáticas vivenciadas pelos homens, suas habilidades e capacidade de estabelecer relações com outros homens ao longo da história.

Assim, as noções de desenvolvimento podem estar atreladas tanto a fatores biológicos, quanto sociais. No primeiro caso, aos nos atentarmos especificamente à espécie humana, costuma-se relacionar desenvolvimento ao seu crescimento corporal e aumento de suas capacidades físicas e intelectuais. Já o desenvolvimento do ponto de vista social, geralmente, atrela-se aos níveis de produtividade e avanço tecnológico de um Estado ou país, assim como as evidências de acúmulo de capitais (econômicos, sociais e culturais) e a presença de bons níveis de qualidade de vida de um povo. Vê-se que, em ambos os casos, está incorporada a noção de complexificação da vida.

De qualquer forma, as Ciências Humanas buscam uma compreensão de desenvolvimento humano que abarque o homem em sua natureza cultural, concepção para a qual o pensamento de Jacquard corrobora, quando afirma que é “próprio do homem transformar o que o cerca, sua natureza é viver artificialmente” (1988, p. 1), o que significa, em outras palavras, que, entre todas as espécies existentes, o homem é o único capaz de:

[...] manipula[r] em seu proveito o meio em que vive e [aquele que] consegue modificar as espécies vegetais ou animais que lhe são úteis” por meio de um “conhecimento cada vez mais preciso dos mecanismos do mundo inanimado e do mundo vivo, a sua ação [tornando-se] cada vez mais eficaz. (JACQUARD, 1988, p. 1).

Assim, parece-nos justo afirmar que o meio ambiente do ser humano é o mundo cultural, ou nas palavras de Geertz “nós somos animais incompletos e inacabados que nos completamos e acabamos através da cultura” (2017, p. 36), por isso “não existe o que chamamos de natureza humana independente da cultura” (2017, p. 25).

O nascer, para o homem, é, desta forma, mais do que o fenômeno biológico de passar a existir fora do útero materno, pois constitui-se também como a primeira experiência social, iniciando-se os rituais de recepção de um novo membro da sociedade, que, como tal, já começa a compartilhar dos contratos sociais estabelecidos por aqueles que o precederam, a

compartilhar da língua, das normas de conduta, dos rituais sagrados, dos preceitos morais, das práticas científicas e artísticas do povo ao qual passa a integrar.

Em *O livro da Selva*, de Rudyard Kipling, autor conhecido como a voz do império britânico, encontramos narrativas que têm por cenário o impressionante universo da selva indiana habitada por animais falantes e Mowgli (nome que curiosamente significa “a rã”), um menino criado por lobos até aproximadamente os 10 anos de idade. A ele são dedicadas as três primeiras narrativas, cujo foco é a exposição dos conflitos que a presença de um “filhote de homem” gera no mundo selvagem.

Esta obra literária, imersa na fantasia, traz elementos que nos fazem refletir acerca da condição humana diante do mundo natural. Exemplo disso é passagem em que o Pai Lobo, ao encontrar Mowgli ainda bebê nas proximidades de sua toca, se surpreende com a fragilidade corporal do menino, tecendo o seguinte comentário: “Ele não tem um só pelo, e eu poderia matá-lo com apenas uma patada” (KIPLING, 2012, p.14). Com essa observação, o Pai Lobo põe em relevo a incapacidade do bebê humano de sobreviver sem uma custódia prolongada, fato que o diferencia da maioria dos filhotes de outros animais.

Pino (2005) relativiza essa tal fragilidade humana observada pelo Pai Lobo, alertando tratar-se apenas de um estado de aparente inferioridade perante os outros animais, pois ela é condição primordial para a entrada da criança no mundo cultural, visto que:

[...] em vez de constituir uma perda e um obstáculo ao seu desenvolvimento, representa, pelo contrário, um enorme ganho e um grande meio de desenvolvimento, uma vez que possibilita que possa ser educado, ou seja, que possa beneficiar-se da experiência cultural da espécie humana para devir um ser humano. Nesse caso, a aparente desvantagem em termos biológicos constitui uma vantagem em termos culturais. Isso se pode dizer de quase todas as funções biológicas: o fato de não estarem totalmente prontas no momento do nascimento possibilita que elas sofram profundas transformações sob a ação da cultura do próprio meio. (PINO, 2005, p. 46)

Deste modo, a insuficiência do bebê humano, apontada com certa piedade pelo Pai Lobo, é condição primordial para sua efetiva humanização, para seu processo de aquisição da linguagem, para a sua inserção no mundo cultural.

Wolff, por sua vez, nos lembra das muitas propriedades do homem, que, ao mesmo tempo em que são responsáveis por distingui-lo dos outros animais, não são suficientes para defini-lo em sua essência.

Fisicamente, ele [o homem] tem o maior cérebro de todos os animais em proporção ao tamanho, é aquele que tem mais suturas na cabeça, e é também o único animal cujo término do parto é variável. Psicologicamente, o homem é o único animal que sente cócegas, é capaz de rir, de ter esperança ou sentir



prazer com um perfume de flores; sabe contar, é apto à leitura e à escrita ou à deliberação. É também um animal “econômico” (porque vive em família com os filhos) e um animal capaz de amizade. É bem fácil caracterizar o homem por suas propriedades – ainda que estabelecer a lista das suas “diferenças” seja uma tarefa infinita; [mas] dizer a sua essência é muito mais difícil. (WOLFF, 2012, p. 28)

Ainda que os autores abordem pontos diferentes das propriedades biológicas e sociais do homem, ambos destacam habilidades que só são adquiridas por meio da inserção social, de sua vivência no mundo da cultura. E falar em mundo cultural é chamar a atenção para a diversidade das produções humanas, “as quais, por definição, são portadoras de significação, ou seja, daquilo que o homem sabe e pode dizer a respeito delas” (PINO, 2005, p. 59), em suma, das produções resultantes do esforço intelectual somando-se, nestas, a observação empírica e a capacidade de abstração acerca dos fenômenos observáveis.

Essa tal capacidade, a que chamamos Ciência, passou por diversos estágios ao longo do tempo. Revisitando um passado mais recente, a partir das décadas finais do século XIX, para sermos mais específicos, temos a pesquisa de Charles Darwin acerca da evolução das espécies como o grande marco científico daquele século. Tornando-se fundamento para explicar diversos fenômenos humanos, não tardou para que estudiosos e cientistas contemporâneos de Darwin a utilizassem para explicar não apenas as etapas do desenvolvimento humano em seus aspectos biológicos, mas também como princípio evolutivo das culturas e das sociedades ao longo da história. A teoria de Darwin passou a “ser aplicada não apenas à compreensão dos fenômenos naturais, mas também a ser estendida aos fenômenos humanos e sociais” (GOUVÊA, 2010, p. 27), fato que desencadeou a construção de “um modelo linear e universal de evolução das diferentes sociedades humanas, cujo ápice seria o nível alcançado pelas sociedades ocidentais europeias, as quais se tornaram sinônimo de civilização” (GOUVÊA, 2010, p. 25).

Essa postura acarretou um processo de gradação do desenvolvimento humano, passando-se a classificar as sociedades e seus homens em mais desenvolvidos, menos desenvolvidos, primitivos e civilizados de acordo com a proximidade ou distanciamento que estes apresentassem com relação à cultura das sociedades ocidentais, as quais devem ser lidas como as europeias, dando, deste modo, margem para a construção de preconceitos que perduram até os dias atuais.

Evolucionismo cultural, que não era em si um produto da biologia do século XIX, tomou, de forma um tanto distorcida, as concepções darwinianas como pretexto para legitimar o sentimento de superioridade que o europeu já tradicionalmente sentia diante de outros

agrupamentos humanos. Isso funcionou ainda como justificativa para políticas e práticas colonialistas e escravocratas, uma vez que alguns cientistas defendiam que os negros e indígenas compunham um percentual da humanidade incapaz de evoluir, mantendo-se como sub-humanos, enquanto outros acreditavam que essas eram raças de origem diferente da do branco-europeu, e por isso nem poderiam ser considerados humanos.

Com esse breve comentário acerca da concepção do desenvolvimento humano, tencionamos ilustrar a mudança de perspectiva no modo de interpretar o homem e a vida humana do século XIX para o século XX. Se no século XIX, tudo era justificado pelas especificidades biológicas do homem, no século seguinte o meio social passou a ser o viés para a compreensão do humano.

Sabemos, contudo, que, na Ciência, nada é permanente, e de algum modo, ela funciona de modo circular, retomando-se concepções desenvolvidas em outras épocas sob nova perspectiva. Assim, a partir da segunda metade do século XX, as Ciências Humanas voltaram a buscar a compreensão do homem por meio de suas características biológicas, porém agora com vistas a um elemento específico: o cérebro, a cognição. E essa mudança, ao menos no que diz respeito ao estudo das humanidades, marca a alternância de paradigmas, a passagem do Estruturalismo, que dominou os estudos desenvolvidos no início do século XX, para o Cognitivismo, que ganha ênfase, principalmente, a partir da segunda metade desse mesmo século. Esse momento é descrito por Wolff como o belo dia em que o homem muda à luz das Ciências, pois ao ser considerado:

[...] à luz da Psicanálise ou da Antropologia Cultural havia cerca de trinta anos, estava sujeito ao peso das estruturas, era determinado pelas condições sociais, familiares, governado por desejos inconscientes, dependente da história, da cultura e da língua. Era, em suma, um ‘sujeito sujeitado’. Esse homem das Ciências Humanas e Sociais que, em meados do século, florescia no paradigma estruturalista de Lévi-Strauss, Benveniste ou Lacan, e ainda triunfava em Bourdieu, esse homem desapareceu furtivamente da paisagem. Novas ciências falavam-nos de um novo homem. Eram as Neurociências, as Ciências Cognitivas, a Biologia da evolução. O homem por elas delineado nada tinha a ver com o anterior: estava sujeito ao peso da evolução das espécies, era determinado pelos genes e dependente do desempenho do cérebro. Era, em suma, ‘um animal como os outros’. Passara do ‘homem estrutural’ para o ‘homem neuronal’ (2012, p. 7)

Contudo, é no início do século XX, as Ciências Humanas ganham força e o homem passa a ser concebido a partir de pontos de vistas diversos. Cada uma das ciências que compõem as Ciências Humanas tomará um determinado aspecto, elemento ou característica

humana como objeto de estudo, e cada uma atribuirá a esse homem um papel, uma função distinta. Assim:

[...] o homem tal como concebido pelas Ciências Humanas é ora um intérprete de situações, sensível às significações, portador de intenções, livre em suas escolhas (certa psicologia da escolha racional), ou até mesmo um ser sistematicamente racional (o *Homo economicus*), ora, ao contrário, o vetor passivo de fatos sociais ou históricos, o produto de uma história individual (a psicanálise) ou social (a história), o membro intercambiável de uma comunidade que lhe atribui o lugar e lhe determina as crenças (certas sociologias). É ora a causa (de efeitos globais), ora o efeito (de causas globais), ora causa e efeito daqueles com quem interage – segundo diversas correntes metodológicas que dividem as Ciências Sociais; é ora o sujeito (de seus atos), ora um agente (da história), ora um ator (no cenário mundial); ora um indivíduo (as psicologias), ora uma coletividade (as sociologias), ora uma espécie (a paleoantropologia). (WOLFF, 2012, p. 70)

Sob esse novo viés, não há mais a preocupação em definir o que é o homem, em compreender sua essência, mas em trazer à tona a descrição e modo de funcionamento dos elementos que o configuram como ser humano, que o distinguem e o põem acima dos outros animais da terra.

Para ser reconhecida como ciência, era preciso definir o objeto de estudo de cada uma dessas ciências do homem, encontrar uma perspectiva metodológica que eliminasse das Ciências Humanas o caráter intuitivo e muitas vezes subjetivo de suas conclusões. Para este fim, a concepção transversal de estrutura coube muito bem, agregando aos seus estudos a ideia de que “os objetos (os termos, os indivíduos) não existem nem por si mesmos, nem para si mesmos, só pelas diferenças que os separam e nas relações que os ligam” (WOLFF, 2012, p.71). Tal concepção remete à leitura que usualmente é feita da concepção saussuriana<sup>5</sup> de língua, entendida enquanto sistema composto, por formas, por unidades concretas cujo funcionamento está ancorado nas relações de identidade e diferenças existentes entre elas.

O estruturalismo nasce com a pretensão fundamental de tornar-se método e prática científica e, para tanto, opõe-se ao historicismo, ao idealismo e ao humanismo. Contra o

---

<sup>5</sup> Este entendimento acerca das concepções de signos, relações, valores e diferenças de Ferdinand de Saussure, que usualmente é retomada para enfatizar a obra saussuriana como marco para o estruturalismo, não configura uma unanimidade entre os estudiosos. Isso porque ela pode remeter a uma visão de que as unidades linguísticas significam e diferenciam-se entre si *a priori* de qualquer emprego, corroborando com a perspectiva que aborda a língua como um sistema de similitude com a realidade. Para Claudine Normand, com quem concordamos, “não podemos nos satisfazer conferindo apenas às unidades lexicais o papel de significar, como se elas pudessem produzir o sentido fora de suas relações com o contexto, isto é, o resto da frase em que estão inseridas por uma construção gramatical [...]. O princípio que faz da língua um sistema de diferenças significativas aplica-se igualmente e ao mesmo tempo aos elementos gramaticais e lexicais: o singular só é significado em oposição ao plural, o passado em relação ao presente, assim como uma unidade lexical só significa em relação a uma outra. As oposições gramaticais são adquiridas ao mesmo tempo que as oposições lexicais no decorrer da aprendizagem da língua; elas não se separam do uso”. (NORMAND, 2009, p.97-98)

historicismo, o estruturalismo refuta a concepção de compreensão da realidade por meio de estudos longitudinais, ou seja, “da concepção que considera a realidade como um sistema relativamente constante e uniforme de relações” (ABBAGNANO, 2015, p.440), e por isso, prioriza o estudo dos fatos em seus aspectos sincrônicos, embora admita análises diacrônicas desde que subordinadas à sincronia da realidade observada.

Como preza pela objetividade, o idealismo é combatido pelo estruturalismo na medida em que este rejeita construções científicas reduzidas “a um ato ou a uma função subjetiva” e pretende “explicar o maior número de fatos constatados” (ABBAGNANO, 2015, p.440). No que concerne ao humanismo, o estruturalismo confere “prioridade do sistema em relação ao homem, das estruturas sociais em relação às escolhas individuais, da língua [enquanto sistema] em relação a [produção] do falante individual” (ABBAGNANO, 2015, p.440).

Como pode-se notar pelas definições acima, o homem investigado à luz do estruturalismo é um homem não natural, cuja essência não está sob análise. O que está em jogo, agora, não é homem em sua completude, mas o esforço para compreendê-lo a partir dos fatores que o caracterizam como humano, que o distanciam do mundo natural.

O que passa a estar no centro dos interesses científicos na vaga estruturalista não é o homem em si mesmo, mas “os fatos sociais (Sociologia), as culturas (Etnologia ou Antropologia Cultural), a evolução das sociedades (História), as funções conscientes (Psicologia), o inconsciente (Psicanálise), as línguas e a linguagem articulada (Linguística) etc. (WOLFF, 2012, p. 73 -74), elementos que o caracterizam e evidenciam sua superioridade ante o mundo natural. Com o estruturalismo, o homem desaparece das Ciências Humanas.

Diferentemente do que propunha a Filosofia Clássica desde Sócrates e os Sofistas, a busca pela essência do homem, isto é, tudo o que está além de seu aspecto material e que caberia como resposta para a pergunta *O que é o homem?*, cede espaço para o estudo daquilo que faz com que o homem seja caracterizado como tal, por meio da materialidade de suas produções, dos fragmentos de suas ações no mundo, de conceitos heterogêneos como linguagem, história, sociedade, cultura, “cada qual correspondente a uma “Ciência Humana” de fronteiras sempre móveis e revisáveis; mas, ao mesmo tempo, sob olhar disciplinar assim constituído, cada conceito é, por sua vez, pluralizado em diversos objetos empíricos homogêneos” (WOLFF, 2012, p. 73-74).

Sob a lupa do estruturalismo, o homem estaria, então, perdendo sua identidade ao ser fragmentado e passa a ter cada uma de suas partes atribuída ao estudo de uma ciência “humana”: deste modo, à Sociologia cabe observá-lo como produto de uma sociedade; a Antropologia vai apreendê-lo enquanto fruto de uma cultura; a História ocupar-se-á de um

momento histórico vivido pelo homem em questão; a Psicanálise, de suas configurações psíquicas; e a Linguística ocupa-se, de modo geral, do funcionamento das línguas. No entanto, nessa divisão das partes, não estaria em busca o entendimento do homem como um todo, não haveria o propósito de reuni-las para tomar o homem em sua completude: a soma das partes, a união de cada fragmento, comporiam uma caricatura do homem.

A essa questão, Sturt Hall pondera ao afirmar que “a crescente complexidade do mundo moderno” exige uma outra forma de entender o humano exigindo que o “sujeito sociológico” (o homem visto sob as diversas perspectivas) tenha sua identidade compreendida como aquilo que:

[...] preenche o espaço entre o interior e o exterior – entre o mundo pessoal e o mundo público; [...] ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os ‘parte de nós’, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. (HALL, 2015, p. 11)

A identidade que, para Wolff, foi desintegrada pelo estruturalismo, Hall interpreta como a instauração de uma sutura entre sujeito e estrutura, pois “estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis” (HALL, 2015, p. 11).

Esse previsível, característico da objetividade estruturalista, fez com que as Ciências Humanas, de acordo com Wolff, findassem por suprimir o homem como objeto de estudo, uma vez que estudá-lo buscando uma essência metafísica, individual ou genérica, acarretaria em resultados intuitivos, subjetivos que não satisfazem aos propósitos da ciência sistêmica e estrutural.

O foco tornou-se, então, a busca por objetos cientificamente observáveis, passíveis de descrição objetiva, elementos concretos, manifestações, produtos ou produções humanas que permitem explicar seu comportamento, suas ações, seu modo de expressão. Desta maneira, as Ciências Humanas teriam deixado de estudar o homem propriamente dito, para estudar cada fragmento que o constitui, como seus “sonhos, os lapsos, as neuroses, a memória episódica, as obsessões, o aprendizado, o suicídio, os ritos, as técnicas artesanais, o sistema fonético das línguas, a relação significante/significado, os sacrifícios, os dons, as regras de casamento, as lutas de classe, a circulação de mercadorias etc.” (WOLFF, 2012, p. 82-83), elementos que supõem a existência de um sujeito sem tê-lo que o tomar como centro de seus interesses em nome da objetividade dos resultados.

Assim, ainda de acordo com Wolff, o homem estrutural das Ciências Humanas é um homem que se opõe aos estudos antropológicos da filosofia clássica, em que era compreendido como um animal dentre outros animais da terra<sup>6</sup>, e ao homem tal como descrito por Descartes, uma vez que este novo homem é desprovido de essência, não é um ser natural, ou um animal como outros, como pensava Aristóteles, é um homem sem consciência de si mesmo e do mundo, que age e pensa de acordo com a influência das estruturas que pesam sobre ele. É um “sujeito sujeitado, necessariamente iludido sobre o que é ou que faz e cuja natureza própria consiste em negar a natureza nele ou fora dele” (WOLFF, 2012, p. 105).

A essa questão, Foucault (2005) afirma que o “*humanismo* do Renascimento, o *racionalismo* dos clássicos puderam, é certo, dar um lugar privilegiado aos humanos na ordem do Mundo, mas o que não puderam foi pensar o homem” (p.357), uma vez que “antes do fim do século XVIII, o *homem* não existia. [...] Ele [o homem] é uma figura recentíssima que a demiurgia do saber fabricou com as suas mãos há menos de duzentos anos” (p.348).

Certamente que as ciências naturais trataram o homem como uma espécie de gênero; a discussão sobre o problema das raças no século XVIII é testemunho disso. A gramática e a economia, por outro lado, utilizavam noções como as de necessidade, de desejo, ou de memória e de imaginação. Mas não havia consciência epistemológica do homem como tal. A episteme clássica articula-se segundo linhas que não isolam de modo algum um domínio próprio e específico do homem. (FOUCAULT, 2005, p. 348)

O filósofo defende ainda que:

[...] a modernidade principia quando o ser humano começa a existir no interior de seu organismo, na concha da sua cabeça, na armadura dos seus membros, e através da rede de sua fisiologia; quando ele começa a existir no cerne de um trabalho que o domina em seu princípio e cujo produto lhe escapa; quando aloja o pensamento nos recessos de uma linguagem de tal modo mais antiga do que ele próprio que não pode dominar as significações reanimadas, no entanto, pela insistência da sua palavra. (FOUCAULT, 2005, p. 357)

Com isso, ao apontar o marco na história das ciências em que o homem toma a si mesmo – em suas particularidades sociais, culturais, psicológicas etc. – por objeto, propõe análises e interpretações a partir das produções discursivas dos homens. Tudo o que diz

---

<sup>6</sup> A definição de sinônimo apresentada por Aristóteles, a quem interessava compreender a essência das coisas, coloca *homem* e *boi* em um mesmo nível ao considerá-los sinônimos em certas circunstâncias: “As coisas são chamadas de sinônimos quando não só têm o mesmo nome, como este nome significa o mesmo em cada caso, apresenta a mesma definição correspondente. Deste modo, um ser humano e um boi são chamados animais. O nome é mesmo em casos, e assim também, a definição de essência, pois se fores indagado sobre o que significa os dois seres chamados animais, darás definição idêntica em ambos os casos a esse nome em particular” (ARISTÓTELES, 2010, p. 39).

respeito à humanidade, às línguas que fala, aos espaços que habita, às relações que estabelece, à cultura a que pertence, passa a integrar a gama de objetos a serem explorados e que, observados, cada um sob a ótica do campo investigativo de interesse das ciências humanas, concorrem para que se possa conhecer o que é homem. De acordo com Foucault:

Todo o conhecimento empírico, desde que diga respeito ao homem, vale como campo filosófico possível, onde deve descobrir-se o fundamento do conhecimento, a definição dos seus limites e, finalmente, a verdade de toda verdade. A configuração antropológica da filosofia moderna consiste em desdobrar o dogmatismo, em reparti-lo por dois níveis diferentes que se apoiam um ao outro e se limitam um ao outro: a análise precrítica do que é o homem na sua essência converte-se na analítica de tudo o que se pode oferecer em geral à experiência do homem. (FOUCAULT, 2005, p. 379)

Desta forma, o estruturalismo, que para Wolff pode levar a uma compreensão fragmentada do homem, é tomado por Foucault como uma *episteme*<sup>7</sup>, uma atitude filosófica e científica por meio da qual se busca compreendê-lo objetivamente enquanto produto das estruturas que o cercam e o integram. Corroborando o posicionamento foucaultiano, Abbagnano afirma que a corrente estruturalista é globalmente considerada “ao mesmo tempo método de investigação, análise epistemológica e posicionamento filosófico” (2005, p. 441).

Já nos anos finais de 1960, uma nova perspectiva disposta para fazer frente à proposta estruturalista. Como mencionamos a pouco, eram as Ciências Cognitivas, ou Cognitivismo, que apoiadas na Biologia da Evolução e na Biologia Molecular, cujas técnicas conduziram à formação de imagens do cérebro que permitiam observá-lo em ação, desenvolveram um novo paradigma naturalista que rapidamente foi absorvido pelas Ciências Humanas.

Embasada na Filosofia da Mente, de corrente contemporânea<sup>8</sup>, que propunha reflexões acerca da relação entre mente e cérebro, entre a natureza e a arquitetura cognitiva do sujeito, e análises acerca da capacidade representativa da mente humana, da função da intencionalidade e da consciência no pensamento, das relações entre razão e emoção etc. (ABBAGNANO, 2015, p. 762), as ciências cognitivas desenvolveram suas ideias centrais a partir da 1970, quando a relação entre mente e cérebro deu origem à “noção-chave de representação como mecanismo essencial de mediação entre inputs perceptivos e outputs comportamentais;

---

<sup>7</sup> O termo é adotado por Foucault “para aludir ao conjunto de grades conceituais, inconscientes e anônimas, que constituem a base dos conhecimentos (e das práticas) de certa época, cujo fundo comum constituem” (ABBAGNANO, 2015, p.391)

<sup>8</sup> A Filosofia da Mente prioriza reflexões acerca da natureza e das propriedades essenciais da mente humana, assim como a análise das próprias capacidades cognitivas do sujeito pensante. É tão antiga quanto a filosofia, pelo menos no sentido de que tanto Platão e Demócrito, quanto Aristóteles, os estoicos ou os Padres da Igreja tinham ideias precisas e teorias profundas sobre a mente, alma, espírito (ABBAGNANO, 2015, p. 762).

especialmente influente na elaboração dessa perspectiva é a obra do linguista Noam Chomsky” (ABBAGNANO, 2015, p. 174).

Além da influente perspectiva chomskyana, outra característica importante das ciências cognitivas consiste na compreensão da mente a partir da concepção computacional, definindo-a como processos de pensamentos que devem ser “entendidos como manipulações formais de símbolos (representações); trata-se de uma analogia entre a mente e o computador justificada com base na concepção da natureza da atividade cognitiva com cálculo simbólico formal” (ABBAGNANO, 2015, p.174).

Essa perspectiva representou uma verdadeira revolução em termos de posicionamento filosófico em relação ao modo de abordar os objetos das ciências humanas, já que por meio dela passou-se a considerar os elementos que compõem os processos de conhecimento, ou cognição, tais como a percepção, memória, aprendizagem, linguagem, raciocínio, planificação da ação, e fenômenos mentais como o pensamento, a consciência, as emoções, como fenômenos naturais. Na prática, isso significa que o programa cognitivista prevê uma biologização de todas as disciplinas a ele vinculadas.

Com essa nova guinada naturalista, o homem passou a ser observado e analisado como um animal entre outros. Porém, o enfoque centrou-se na sua mente, elemento designado como condição e fundamento para o que chamamos de humanidade. Compreender as ações do homem, os produtos de sua existência passariam, necessariamente, pelo desvendamento das funções cognitivas da mente humana, funções que se tornaram objeto das Ciências Humanas, ainda que com forte influência das ciências naturais, uma vez que a hipótese norteadora do cognitivismo é a concepção “de que os fenômenos mentais constituem uma classe particular dos fenômenos naturais” (WOLFF, 2012, p. 129) e, sendo assim, devem ser abordados tomando como modelo os métodos das Ciências da Natureza.

O principal resultado filosófico do cognitivismo, ou mentalismo, foi a proposta de uma visão da mente embasada no princípio de que, nos estados internos do homem, podem ser encontradas as respostas para seu comportamento, o que justificaria o empenho na análise das estruturas cognitivas dos sujeitos (ABBAGNANO, 2015, p. 174).

Contudo, essa perspectiva, assim como o estruturalismo, não tem em seu horizonte a busca pela resposta ao clássico questionamento *O que é homem?*. A essência humana não figura entre seus interesses: o que importa é a compreensão de como a mente humana é capaz de tornar o homem distinto dos outros animais da terra em termos práticos, uma vez que, do ponto de vista genético, as diferenças são quase insignificantes.



Tais percepções do humano, tanto das correntes estruturalistas quanto cognitivistas, se refletem nos estudos da linguagem por meio da abordagem dada aos elementos tomados como objetos de estudo.

No estruturalismo, as investigações acerca da língua giram em torno do sistema de signos que, ao relacionarem-se entre si, produzem fenômenos variados, os quais independem das características individuais dos sujeitos falantes, mas que, sendo mutável, é passível de alterações a depender das forças exercidas pelo tempo, assim como pelas estruturas e relações sociais que regem as comunidades falantes.

Já no cognitivismo, a língua é tomada como um dos elementos constitutivos da cognição global do homem, enquanto a linguagem funcionaria como espelho da mente humana, premissa amplamente conhecida por meio dos escritos de Noam Chomsky. Deste modo, a Linguística Cognitiva, ou as Linguísticas Cognitivas, se interessam pelas:

[...] características estruturais da categorização da linguagem natural (como prototipicalidade, polissemia sistemática, modelos cognitivos, imagens mentais e metáforas); os princípios funcionais da organização linguística (como iconicidade e naturalidade); a interface conceitual entre sintaxe e semântica (conforme explorado pela Gramática Cognitiva e Gramática de Construção); o contexto experiencial e pragmático da linguagem em uso; e a relação entre linguagem e pensamento, incluindo questões sobre relativismo e os universais. (GEERAERTS, CUYCKENS, 2007, p. 4).

A partir dessas concepções, evidencia-se o caráter biologizante dos estudos da linguagem pela corrente cognitivista, que, embora não exclua o meio e a relação de reciprocidade entre a língua e a cultura, foca-se, ao que parece, majoritariamente nos aspectos internos à mente humana e nas relações que a língua e a linguagem estabelecem com os outros elementos da cognição para construir representações, significados e regras de funcionamento gramaticais que estariam na base de todas as línguas naturais.

Assim, tanto na visão estruturalista<sup>9</sup> quanto cognitivista da língua, observamos uma cisão do homem: na primeira, a língua é observada enquanto sistema de relações que sustentam a construção de sentido nas línguas, é a língua como condição para a vida do

---

<sup>9</sup> Entendemos que o equívoco em associar o pensamento saussuriano a este estruturalismo consiste exatamente nesta visão de estrutura linguística existente em si mesma. Embora Saussure não tenha se detido nas relações entre o homem e o sistema linguístico, ele não o ignora, como pode-se notar nas passagens: “A linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro” (SAUSSURE, 2012, p.40); “Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (SAUSSURE, 2012, p. 41).

homem em sociedade; na segunda, ela é tomada a partir dos parâmetros biológicos da mente humana.

O dualismo presente nas perspectivas científico-filosóficas contemporâneas finda por abordar a questão da linguagem e do funcionamento da língua em termos do que seria interno e externo ao homem, o que pode culminar na exceptuação de fatores cruciais para a compreensão de seus fenômenos.

Tais características tornam compreensível o porquê de Antoine Culioli ter optado por distanciar sua perspectiva teórica de ambas correntes de pensamento, pois ainda que tenha elaborado um sistema formal de análise linguística que preza pela objetividade e o relacione a questões cognitivas, seu quadro epistemológico defende a observação da produção enunciativa e a formalização das análises linguísticas sem apartar as estruturas sociais do homem em sua constituição física e, deste modo, propõe uma teoria da linguagem que integra homem, sociedade e língua.

Culioli, ao que nos parece, compreendeu que a língua observada fundamentalmente enquanto sistema e estrutura ou como fator majoritariamente biológico mostrou-se igualmente insuficiente para o desenvolvimento de seu projeto, mas não os ignorou por completo e agregou aspectos de ambas as perspectivas e propôs algo novo, a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas.

Na perspectiva teórica culioliana, não se observa, desta maneira, a cisão do homem entre seus aspectos cognitivos e culturais para que um ou outro seja privilegiado ou enaltecido no processo de análise das produções linguísticas. Culioli, opostamente a isso, tece seus conceitos levando em consideração os aspectos globais do homem, quais sejam, a sociedade a que pertence, suas elaborações cognitivas, questões de cunho psicológico, a estrutura das línguas naturais e, principalmente, como esse conjunto de fatores se inter-relacionam para produzir significações por meio da produção linguística, seja oral ou escrita.

Jean-Claude Milner chama atenção para as várias aberturas interpretativas da TOPE ao afirmar que, ainda que haja uma referência ao estruturalismo na teoria culioliana, ela não é necessariamente a mais esclarecedora, pois “pode-se também pensar em um movimento kantiano ou pós-kantiano, [que diz respeito ao empenho em se] descobrir a forma mais geral do que se deixa dizer” (MILNER, 1992, p. 21).

Tal característica da TOPE faz dela, ao que nos parece, uma perspectiva que abrange diversas áreas das Ciências Humanas, assim como a deixa bastante próxima de uma Filosofia da Linguagem ou Filosofia linguística. Expliquemo-nos.

Assim como o Johannes Hessen (1987), observamos grande afinidade entre ciências e filosofia, “na medida em que ambas assentam na mesma função do espírito humano, no pensamento” (p. 16). O que as distinguiria é o modo como se escolhe observar o objeto: enquanto a ciência fraciona a realidade para determinar a especificação do que será observado, a filosofia observa a realidade do objeto em sua totalidade.

A realidade da qual Culioli se ocupa é a linguagem, da “atividade da linguagem em sua complexidade e extensão” (CULIOLI, NORMAND, 2005, p. 44), objeto que, por sua complexidade, exige um olhar que abarque a integralidade de sua natureza, ou seja, a linguagem enquanto atividade que integra e interage com os processos cognitivos, com a língua enquanto sistema de signos e com a experiência humana, com o propósito de compreender o modo como se relacionam, como se articulam para construir representações, para produzir significação.

Sylvain Auroux (1992) chama atenção para as características peculiares do projeto culioliano e afirma que, de modo geral, a ruptura instaurada entre a Filosofia da Linguagem e a Linguística Geral se dá, mais frequentemente em função “dos filósofos que proclamam a autonomia de sua disciplina e, portanto, recusam qualquer determinação empírica, ou dos linguistas (ou filósofos) positivistas que admitem um princípio de demarcação entre o que é ciência e o que não é” (AUROUX, 1992, p. 40). “Olhando de perto”, diz o autor “acredito que uma das maiores originalidades de Culioli consiste em fazer como se ele sustentasse a tese que nega toda solução de continuidade. É por isso que seu programa de pesquisa é diretamente uma filosofia da linguagem ou, se preferirmos, uma filosofia linguística” (AUROUX, 1992, p. 40).

Auroux afirma ser uma das principais questões da Filosofia da Linguagem “o problema epistemológico da abstração”, pois se, de um lado, há os fenômenos observáveis, do outro, há de se ter o conhecimento desses fenômenos (AUROUX, 1992, p. 41). E ainda que, paradoxalmente, a proposta culioliana apresente também um viés objetivista (estruturalista), como apontamos anteriormente, é justamente esse duplo aspecto, o da observação e conhecimento dos fenômenos da língua associados à formalização das análises linguísticas e descrição dos aspectos generalizáveis das línguas naturais, “o ponto mais interessante da teoria como uma filosofia da linguagem. É por isso que a filosofia linguística de Culioli é extremamente original e não trivial” (AUROUX, 1992, p. 42), pois consegue ser “objetivista ao mesmo tempo em que é um suporte para várias ontologias (AUROUX, 1992, p. 57).

Muito embora Culioli não se considerasse um filósofo e sim um cientista, ele tinha consciência de que “se alguém estiver interessado na linguagem e não apenas nas línguas, se

vê obrigado a fazer perguntas que alguns podem considerar filosóficas, mas que [ele considerava] simplesmente de científicas” (CULIOLI, NORMAND, 2005, p. 45). Sem filiar-se a uma perspectiva científica ou filosófica estrita, bebeu em diversas fontes, e abordou a linguagem como a essência do humano, valorizando os diversos aspectos de sua constituição para, assim, delinear os mecanismos que regem o funcionamento da linguagem.

Refletindo acerca da questão inicial proposta por Francis Wolff *O que é o homem?*, ousamos afirmar que, para a perspectiva culioliana, o homem é o Ser<sup>10</sup> considerado em sua integralidade. Sua visão de linguagem não permite considerá-lo sem o papel da cultura em sua constituição, uma vez que é nela e por meio dela que o homem apreende as estruturas de sua língua, e isso ao mesmo tempo sem deixar de lado o cognitivo, visto ser por meio das relações entre a língua e os processos cognitivos que a enunciação emerge. São estas questões que abordamos a seguir.

## 1.2. A Linguística da Enunciação de Antoine Culioli

A dificuldade em identificar a corrente filosófico-científica da teoria culioliana é algo que a tem rondado desde sua apresentação. Fato conhecido e reconhecido pelo próprio Culioli, tanto que em seu texto de 1989, *Representation, Referencial Processes and Regulation: language activity as form and recognition*, o autor afirma que seu objetivo, ao produzir o artigo, não era o de responder a questões básicas acerca de sua teoria. Caberia, sim, ao público decidir se a sua proposta teórica era “nativista, maturacionista, construtivista, cognitivista, conceptualista ou plantonista”, ou se seu pensamento era uma mistura de todas essas perspectivas (CULIOLI, 2000, p.177).

Embora Culioli pareça considerar a identificação da linha filosófico-científica que embasa sua perspectiva teórica algo que não mereça ser alvo de investigação, entendemos que, para o alcance de nossos objetivos, esta seja uma questão premente para que melhor se compreenda alguns dos conceitos por ele delineados.

Como antecipamos anteriormente, a TOPE dialoga com outras áreas do conhecimento, mas a sua metodologia, os meios encontrados para descrever o funcionamento da linguagem e explicar os mecanismos dos fenômenos linguísticos estão ancorados na perspectiva construtivista de produção do conhecimento, da qual tratamos a seguir.

---

<sup>10</sup> De acordo com Kant, o SER une diversas representações e compreende sua multiplicidade em um só conhecimento.

### 1.2.1. Do caráter construtivista

Jean-Jacques Franckel, no capítulo que introduz a obra “Linguagem e Enunciação: representação, referenciação e regulação”, afirma que a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas se apresenta como uma perspectiva “fundamentalmente construtivista” (FRANCKEL, 2011, p.15) em que “o sentido das unidades constrói-se no e pelo enunciado, ao mesmo tempo em que elas determinam o sentido desses enunciados” (p.23), em suma, as unidades da língua não possuem um sentido *a priori*, “um sentido próprio ou derivado por metáfora: o valor bruto da unidade é sempre um valor abstrato, uma *épura*, não uma designação, é um potencial e não um conteúdo” (p. 23).

Contudo, sempre que nos deparamos com o termo *construtivismo*, tendemos a associá-lo aos trabalhos do biólogo suíço Jean Piaget, em particular à relação por ele estabelecida com as etapas do desenvolvimento infantil, o que nos leva a questionar qual seria a relação – se é que há alguma efetivamente – entre o construtivismo atribuído à abordagem culioliana e o construtivismo associado ao trabalho de Jean Piaget. Antes de examinarmos este ponto específico, propomos-nos a refletir sobre o conceito de *construtivismo* cunhado pelo filósofo alemão Immanuel Kant e retomado por Piaget para desenvolver sua Epistemologia Genética.

Etimologicamente, o termo *construtivismo* tem origem no substantivo feminino latino *constructio(onis)* – construção, estrutura, acervo –, base para a formação dos verbos *construir* e *constituir*, os quais remetem ao ato de estruturar, formar algo. No que diz respeito às correntes científicas de construção do conhecimento, há um certo consenso de que o precursor no emprego deste termo, ao menos na contemporaneidade, seja Immanuel Kant, especialmente se se pensa no construtivismo relacionado à lógica matemática, uma vez que foi Kant quem definiu as noções de tempo e espaço como formas de pensamento inerentes à razão humana.

Para o filósofo alemão, que viveu entre 1724-1804, “o espaço não é um conceito discursivo ou, como se costuma dizer, um conceito universal das relações das coisas em geral, mas uma intuição<sup>11</sup> pura” (KANT, 2015, B39 p. 74), fundamental para ciências como a

---

<sup>11</sup> Kant define *intuição* nos seguintes termos: quaisquer que sejam o modo ou os meios pelos quais um conhecimento se relaciona aos objetos, aquele pelo qual se relaciona imediatamente a eles, e a que todo pensamento como meio se dirige, é a *intuição*. Ela só tem lugar, porém, na medida em que o objeto nos é dado; isto só é, por seu turno, possível – pelo menos para nós, seres humanos – caso afete a nossa mente de um certo modo. A capacidade (receptividade) de receber representações através do modo como somos afetados por objetos denomina-se *sensibilidade*. Os objetos nos são dados, assim, por meio da sensibilidade, e apenas ela nos fornece *intuições*; eles são *pensados*, porém, por meio do entendimento, e destes surgem os conceitos. Todo

geometria, uma vez que esta “determina as propriedades do espaço de maneira sintética” (KANT, 2015, B40 p. 75). Já a noção de tempo é por ele compreendida como “uma representação necessária que serve de fundamento a todas as intuições. Não se pode suprimir o tempo no que diz respeito aos fenômenos em geral, ainda que se possa perfeitamente retirar os fenômenos do tempo”: “O tempo é, portanto, dado *a priori*. Apenas nele é possível toda a realidade dos fenômenos. Estes podem todos desaparecer, mas ele mesmo (como condição universal de sua possibilidade) não pode ser suprimido” (KANT, 2015, B47 p. 79). E assim como o espaço, para Kant, o tempo também não é um conceito discursivo, mas “um conceito universal, uma forma pura de intuição sensível” (KANT, 2015, B48 p. 80).

Kant é, ainda, considerado fundador da filosofia crítica com sua *Crítica da Razão Pura*, e tratou de temas como a origem da subjetividade e a distinção entre pensamento e experiência, a partir dos quais elaborou suas categorias (ou conceitos) de pensamento, quais sejam: *quantidade* (unidade, multiplicidade, totalidade), *qualidade* (realidade, negação, limitação), *relação* (inerência, substância, causalidade e dependência, reciprocidade), *modalidade* (possibilidade-impossibilidade, existência-inexistência, necessidade-contingência).

Embora tais categorias possam, inicialmente, nos remeter às categorias da filosofia clássica, especialmente no que diz respeito às partes do discurso de Aristóteles<sup>12</sup>, Kant está à parte do objetivismo realista, que compreende a linguagem como decalque da realidade. Sua doutrina procura estabelecer uma relação entre as categorias e os mecanismos de construção simbólica do sujeito diante de sua interação com os objetos, o que certamente passa pela linguagem, mas esta funcionaria como um dos elementos que cooperam para a construção do conhecimento. Nas palavras de Kant, “o conhecimento de todo entendimento, portanto – pelo menos o do entendimento humano –, é o conhecimento por conceitos, um conhecimento não intuitivo, mas sim discursivo” (KANT, 2015, B93, p. 106).

Para Kant, o conhecimento não é um fato que existe *a priori* das relações que possam se estabelecer entre o sujeito e os objetos. Inversamente a isso, o filósofo postula que o conhecimento se dá por meio das representações que o sujeito constrói a partir das relações

---

pensamento, contudo, seja diretamente (*directe*) seja por rodeios (*indirecte*), precisa, afinal, por meio de certas características, referir-se à intuição – em nós, portanto, à sensibilidade –, pois, de outro modo, nenhum objeto pode ser-nos dado. O efeito de um objeto sobre a capacidade de representação, na medida em que somos por ele afetados, é a *sensação*. A intuição que se relaciona ao objeto por meio da sensação é denominada *empírica*. O objeto indeterminado de uma intuição empírica se denomina *fenômeno* (KANT, 2015, B33, p. 71).

<sup>12</sup> Cada uma das palavras ou expressões não combinadas significa uma das seguintes coisas: o que (a substância), quão grande, quanto (a quantidade), que tipo de coisa (a qualidade), com que se relaciona (a relação), onde (o lugar), quando (o tempo), qual a postura (a posição), em quais circunstâncias (o estado ou condição), quão ativo, qual o fazer (a ação), quão passivo, qual o sofrer (a paixão) (ARISTÓTELES, 2010, IV-25 p. 41).

que estabelece com a realidade que se lhe apresenta, e as categorias, citadas anteriormente, são, por sua vez, os elementos estruturantes da mente humana e responsáveis por condicionar e organizar tais experiências. As categorias (ou conceitos) teriam por função “a unidade da ação de ordenar diferentes representações sob uma representação comum” (KANT, 2015, B93 p. 106), sendo, desta maneira, as estruturas que conferem unidade a todas as representações de um mesmo objeto. Isso implica afirmar que tais representações não são simples produtos da subjetividade individual do sujeito, mas o resultado da função lógica, sintetizadora e unificadora da consciência em geral, comum a todos os seres humanos.

Deste modo, o construtivismo kantiano pode ser interpretado, *grosso modo*, como uma epistemologia do conhecimento, ou Teoria do Conhecimento, ramo da filosofia ocidental que busca investigar as referências do pensamento ao objeto em geral, cuja fundação é atribuída a Immanuel Kant. (HESSEN, 1987, p.21)

De acordo com Johannes Hessen, os estudos desenvolvidos dentro da Teoria do Conhecimento não buscam compreender de que maneira surge o conhecimento, “mas sim como é possível o conhecimento, sobre que bases, sobre que pressupostos supremos ele assenta” (HESSEN, 1987, p.22). Nesta perspectiva, o conhecimento é tomado como o “fenômeno peculiar da consciência” (HESSEN, 1987, p.26), que se instaura na “relação entre um sujeito e um objeto que entra, por assim dizer, em contato mútuo; o sujeito apreende o objeto (p.35), ou seja, as estruturas sob as quais o conhecimento se elabora estão sempre em construção.

Em outros termos, busca-se compreender e descrever os processos internos ao sujeito que seriam a base para a construção do conhecimento, para elaboração de representações, para a reflexão acerca da resolução de problemas e para a autorreflexão. Mas a questão que se coloca no centro das discussões nesta perspectiva remete à factibilidade de o sujeito apreender o objeto (HESSEN, 1987, p.35). Ao se tomar por improvável tal apreensão, o que se pode conhecer dos objetos (os fatos do mundo, materiais e imateriais, instituições e acontecimentos, regras sociais, etc.) não corresponde ao que efetivamente são, mas a representações construídas – e também compartilhadas – pelos sujeitos a partir das relações que com eles estabelecem.

Immanuel Kant, ao propor que o conhecimento nasce da relação estabelecida entre o sujeito e o objeto, tornou-se o pensador a apresentar uma solução alternativa às convicções epistemológicas do racionalismo cartesiano, para o qual o sujeito era a fonte do conhecimento, e do empirismo, que opostamente a isso, concebe o objeto como a origem do conhecimento.

Jean Piaget coaduna com a perspectiva kantiana de que o conhecimento é construído a partir da interação entre o sujeito e o objeto, mas dela discorda ao afirmar que as estruturas cognitivas do sujeito existem *a priori*. Para ele, era necessário resolver a questão sobre o modo como o conhecimento, ou informação cognitiva, “emana dos objetos, informando de fora o sujeito, conforme supunha o empirismo tradicional, ou se, pelo contrário, o sujeito está desde o início munido de estruturas endógenas que imporá aos objetos, segundo as diversas variedades de apriorismo ou de inatismo” (PIAGET, 2012, p. 7). Em sua visão, tais estruturas se desenvolvem a partir do nascimento, quando a criança passa a estabelecer relações com os objetos.

Deste modo, o que difere, essencialmente, o construtivismo kantiano do construtivismo piagetiano é o fato de que, para este, não só o conhecimento e as representações de mundo são construídos a partir da interação entre o sujeito e o objeto, mas também as próprias estruturas cognitivas. Em suma, para Piaget:

De um lado, o conhecimento não procede, em suas origens, nem de um sujeito consciente de si mesmo nem de objetos já constituídos (do ponto de vista do sujeito) que se lhe imporiam: resultaria de intervenções que se produzem a meio caminho entre sujeito e objeto, e que dependem, portanto, dos dois ao mesmo tempo, mas em virtude de uma indiferenciação completa e não de trocas entre formas distintas. Por outro lado, e por consequência, se não existe no começo nem sujeito, no sentido epistêmico do termo, nem objetos concebidos como tais, nem, sobretudo, instrumentos invariantes de troca, o problema inicial do conhecimento será, portanto, o de construir tais mediadores: partindo da zona de contato entre o próprio corpo e as coisas, eles progredirão então, cada vez mais, nas duas direções complementares do exterior para o interior, e é dessa dupla construção progressiva que depende a elaboração solidária do sujeito e dos objetos. (PIAGET, 2012, p. 8)

Piaget, retoma, ainda, o conceito de operações, de base kantiana, mas ao aprofundá-lo, torna-o um dos elementos basilares de sua epistemologia genética. De acordo com ele, as operações se constituem por meio “do equilíbrio entre a assimilação e a acomodação representativa [que] se marca pela reversibilidade inteira atingida pelo pensamento” (PIAGET, 2017, p. 302). Tais operações seriam ainda de duas espécies distintas: *as operações intelectuais*, que são as operações lógico-aritméticas, “que consistem em ligar os objetos entre si sob a forma de classes, relações e números” (PIAGET, 2017, p. 302); e as operações infralógicas ou espaço-temporais, “que consistem em ligar não os objetos, mas os elementos de objetos totais” (PIAGET, 2017, p. 302). Esta última, Piaget a coloca no nível do pré-conceito ou da intuição, “mas que, no nível do pensamento operatório, fica reduzido à



categoria de simples símbolo, útil por vezes, mas inadequado, e servindo de simples adjuvante ao signo verbal” (PIAGET, 2017, p. 303).

O construtivismo, tal como assumido por Jean Piaget, tem em sua base a busca pela compreensão e descrição dos processos que envolvem a construção de conhecimentos novos. A essa questão, Piaget chama a atenção para a capacidade criativa do homem em produzir novos conhecimentos a partir do contingente de conhecimentos prévios. Para exemplificar tal fenômeno, remete ao primeiro lançamento de um satélite artificial, que foi “sem dúvida, uma das ações técnicas mais minuciosamente preparadas, apoiando-se, por conseguinte, no maior número de conhecimentos prévios em relação à operação tentada” (PIAGET, 2012, p. 107).

Essa afirmação pode parecer algo muito básico no que diz respeito à construção do conhecimento, mas o que impressiona não é a premissa de que as ações e os produtos do saber humano se dão de forma de progressiva, o que poderia se aplicar tanto para a criança que aprende algo novo a cada instante, quanto para o Homem que se apropria do conhecimento técnico e científico que o precede, e o ressignifica para elaborar novos artefatos, como se tais produções já estivessem predeterminadas, uma espécie de “combinação calculável em que todos os elementos estavam dados” (PIAGET, 2012, p. 107); uma coisa, prossegue Piaget, “é conceber uma combinação que se realiza fatalmente entre múltiplos fatores pertencentes a um número considerável de séries heterogêneas (desde os dados astronômicos até a natureza do combustível), e outra coisa é ter tido a ideia de procurar essa combinação” (PIAGET, 2012, p. 107).

Com isso, Piaget não nega a necessidade do conhecimento previamente acumulado para a construção de novos conhecimentos, nem que tais elementos combinados de uma determinada forma possam chegar a um resultado específico, pelo contrário, o que ele faz é agregar à equação uma variante necessária: a criatividade, variável do processo de construção do conhecimento que é convocada sempre que a necessidade ou o desejo de alcançar um objetivo determinado se impõe.

Tais perspectivas de Jean Piaget ressoam na abordagem de Antoine Culioli, no que diz respeito à produção enunciativa e aos processos que a envolvem, na medida em que estes compreendem a produção linguística ou enunciado “como arranjo de representantes, construção teórica [...]”, que se constitui de uma materialidade “produzida por todo um conjunto de operações, constitutivas de toda atividade simbólica humana” (CULIOLI, FAYE, RANCIÈRE, ROUDINESCO, 1980, p. 191). Culioli defende, deste modo, a produção enunciativa como uma construção que se dá a ver através da materialidade da língua, ou seja, de sua forma.

Sendo assim, o trabalho a ser realizado pelo linguista deve envolver a análise das representações linguísticas construídas por meio das operações cognitivas, que são simultaneamente linguísticas e simbólicas, pois que envolvem tanto as características específicas de um sistema linguístico, quanto o modo como o referente externo é apreendido pelos indivíduos que falam essa língua. Em outras palavras, isso significa “trabalhar com elementos calculáveis<sup>13</sup> a partir dos arranjos realizados para a produção enunciativa” (CULIOLI, FAYE, RANCIÈRE, ROUDINESCO, 1980, p. 191), o que mostra ser a própria enunciação uma construção teórica cuja criatividade lhe é constitutiva<sup>14</sup>. Voltamos a isso mais adiante.

Desta maneira, compreendemos que Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas pode ser compreendida como uma abordagem construtivista da linguagem, pois assim como o construtivismo, tanto o kantiano quanto o piagetiano, propõe que o conhecimento, no caso culioliano acerca do funcionamento da língua, é algo construído e constantemente reelaborado pelos indivíduos, a produção enunciativa é, assim, o resultado de elaborações cognitivas que constroem representações. Nas palavras de Culioli, a TOPE dispõe de:

---

<sup>13</sup> Culioli fala de “valores referenciais”, como se observa nessa passagem “Busquei fazer a distinção entre acontecimento fenomenal e acontecimento construído ao falar, de um lado, de valores referenciais, de referente de outro [...]. O linguista ocupa-se dos valores referenciais calculáveis a partir desses arranjos de marcadores de operações que são os enunciados, os enunciados sendo construtos teóricos. De um lado, a referência ou o referente, se apresenta como o real exterior, ao qual eventualmente poderíamos ter acesso” (CULIOLI, FAYE, RANCIÈRE, ROUDINESCO, 1980, p. 184).

<sup>14</sup> A exemplo dessa criatividade linguística, propomos uma breve reflexão acerca do termo *SEXTOU*. Empregado majoritariamente em ambiente virtual, especialmente em redes sociais, o verbo *sextar*, elaborado a partir de um dos componentes do substantivo composto *sexta-feira*, apresenta conjugação restrita à terceira pessoa do singular no pretérito perfeito do indicativo. Inicialmente, poderíamos afirmar que, ainda que se trate de um neologismo criativo, transformar substantivos em verbos não é efetivamente uma novidade na língua portuguesa. Porém, as representações construídas por este verbo podem se mostrar surpreendentes. A princípio, poderíamos supor que esse neologismo surgiu para dar ênfase à chegada do fim da semana de trabalho, já que atribuímos ao final de semana o momento de descanso e lazer. Notamos, contudo, que o emprego de *sextou* em um enunciado marca o momento em que se inicia a transformação do comportamento do indivíduo que o enuncia. Vejamos alguns exemplos: a) *Sextou*, hoje ninguém me acha!; b) *Sextou* e olha a lista de contatinhos para o rolê hoje...; c) *Sextou* e eu estou: cansada, esgotada, exausta e pobre. Observa-se, nestes enunciados, que *sextou* não diz respeito especificamente ao final de semana que se aproxima, mas à possibilidade e à eminência da realização de atividades que envolvem diversão e prazer, tais como encontrar os amigos em locais em que se possa ingerir bebidas alcoólicas, dançar, flertar com desconhecidos etc., que ocorrerão na própria sexta-feira, o que fica evidente nos exemplos (a), em que *hoje* se refere à própria sexta-feira, e no enunciado (c), em que os adjetivos *cansada*, *esgotada* e *exausta* marcam a impossibilidade de realizar as atividades que caracterizam o *sextou* como o momento de se divertir ao extremo. Outro fato que nos leva a compreender *sextou* como o marco para uma mudança de comportamento não especificamente ao dia da semana, ou início do final de semana, é o seu emprego em enunciados como: (d) *Sextou* em plena quarta!!! e (e) *Sextou* quarta, *sextou* quinta, *sextou* sexta. Melhor semana da vida!!! Neles, *sextou* é empregado para se referir a feriados prolongados, ou seja, as atividades que usualmente são praticadas na sexta-feira após o expediente de trabalho serão realizadas em qualquer dia da semana que configure o último dedicado às práticas laborais, o que se confirma pelo raro emprego de *sextou* com referência ao sábado e ao domingo, os quais, em nossa cultura, costumam estar associados ao descanso, ao tempo que se dedica à família e aos rituais religiosos.

[...] um dispositivo que funciona em dois planos (e isso é extremamente importante). Por um lado, o linguista é obrigado a fazer análises de detalhes: não há análises macroscópicas. Dizer que há línguas com artigos e línguas sem artigos não faz sentido e é ineficaz porque, de qualquer forma, serão encontradas várias operações por trás de diferentes marcadores, porque, de qualquer forma, “artigo” é um termo tão geral que é irrelevante. Não se pode confundir o “geral” e o “generalizável”. Por outro lado, busca-se estabelecer problemáticas que possibilitem representar as observações, graças ao que se pode chamar de construtivismo metalinguístico, e, portanto, raciocinar. (CULIOLI, 2018, p. 23-24)

Em outros termos, tanto a epistemologia de Kant e Piaget quanto a TOPE tomam o saber, linguístico no caso desta, como algo que se constrói a partir das diversas relações que o envolvem, como as relações intersubjetivas, a relação entre o indivíduo e o mundo que o cerca, as relações entre a cognição e a experiência, entre a capacidade de simbolização e a atividade de linguagem, e essencialmente a capacidade de raciocinar acerca dos fenômenos que se nos apresentam.

### **1.2.2. Dos fundamentos epistemológicos**

De acordo com Apostel, uma teoria do conhecimento, ou uma epistemologia, “aplicada a uma disciplina particular, propõe-se analisar os processos de pensamento através dos quais o homem de ciência consegue apreender a realidade específica que tem que encarar” (APOSTEL, 1981, p. 384). Complementarmente a essa concepção, Wolff entende a ciência como “todo processo de conhecimento de uma área particular que se empenhe em descrever e explicar os fenômenos confrontando seus conceitos e teorias com a experiência, por meio de métodos transmissíveis” (WOLFF, 2012, p. 14).

Tomando essas duas formulações, vamos nos ater a examinar em que consiste a epistemologia de Antoine Culioli a fim de esclarecer a natureza dos conceitos e procedimentos metodológicos da análise linguística nela envolvidos.

Elaborar uma exegese da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas de Antoine Culioli mostrou-se, ao mesmo tempo, laborioso e fascinante. Nos estudos contemporâneos direcionados à linguagem e ao funcionamento da língua, parece pouco usual recorrer aos clássicos, como Aristóteles, os Estoicos e Espinosa, tanto para a proposição de novas perspectivas teóricas, quanto na busca por sua compreensão. Culioli, como ele mesmo afirmou, buscou inspiração justamente no improvável.

Do Estoicismo, notamos que Culioli se apropria de sua concepção de lógica como dialética, como ciência de raciocínios hipotéticos cuja premissa expressa um estado de fato,

imediatamente percebido (ABBAGNANO, 2015, p. 438). A lógica dos Estoicos permeia vários aspectos da TOPE, especialmente no que tange o modelo de análise linguística proposto por Culioli, certo que este, assim como no Estoicismo, preza por apreender a essência das coisas, no caso da TOPE, das unidades linguísticas, obedecendo as condições de clareza, assentimento comum, probabilidade e sistema (BLACKBURN, 1997, p. 128). Dos Estoicos, podemos recuperar também sua visão *cosmopolita* acerca do objeto da linguística, que mais que uma língua em particular, procura compreender os meandros de funcionamento das línguas naturais, uma vez que, sendo o homem elemento do mundo, cabe ao linguista a compreensão da linguagem enquanto fator ontológico.

De Baruch Spinoza, Culioli emprestou o racionalismo para traçar uma interdependência entre tudo o que existe na natureza e o intelecto humano, a relação entre as ideias elaboradas pelo homem e sua experiência perceptiva com os acontecimentos e os estados de coisas na natureza. Deste modo, assim como Spinoza, Culioli também pensa que a compreensão, o entendimento das coisas, a percepção de sua essência – dado que estas, para o próprio Culioli, se referem aos elementos que constituem a linguagem –, se dão por meio do exercício intelectual.

De Charles Sanders Peirce, recuperamos as noções de *qualidade* e *quantidade*<sup>15</sup>, para quem o sentido moderno de *quantidade* resume-se a “um sistema de conexões seriais”. A essa concepção, no entanto, Peirce acrescenta a importância de “compreender o fato de que a quantidade é um simples sistema de relações ordinais relativas numa série linear, [e que] toda determinação completa de quantidade num sistema dado é um ‘valor’” (PEIRCE, 2017, p. 106). No que diz respeito à sua própria concepção do termo, define a *quantidade* “como a soma das proposições sintéticas nas quais o símbolo<sup>16</sup> é sujeito ou predicado, antecedente ou consequente”, sendo as quantidades “pertencentes às proposições e aos argumentos, bem

<sup>15</sup> As concepções de *quantidade* e *qualidade* aparecem de forma recorrente ao longo da história da Filosofia, desde sua descrição nas categorias aristotélicas passando por Tomás de Aquino, Spinoza até os lógicos e matemáticos como Descartes, Locke e Newton, entre outros.

<sup>16</sup> O símbolo para Peirce é “um Representâmen cujo caráter representativo consiste exatamente em ser uma regra que determinará seu interpretante. Todas as palavras, frases, livros e outros signos convencionais são Símbolos” (PEIRCE, 2017, p. 71). E mais adiante acrescenta que o símbolo é um signo convencional que depende de um hábito. Porém, por mais que sejamos tentados a considerar símbolo como equivalente da noção geral de signo, como um elemento que possui uma existência material e uma existência abstrata que significa, o autor não emprega os dois conceitos como sinônimos, ainda que seja possível identificar similaridades: “O signo é um ícone, um índice ou um símbolo. Um ícone é um signo que possuiria o caráter que o torna significativo, mesmo que seu objeto não existisse, tal como um risco feito a lápis representando uma linha geométrica. Um índice é um signo que de repente perderia seu caráter se não houvesse interpretante. Tal é, por exemplo, o caso de um molde com um buraco de bala como signo de um tiro, pois sem o tiro não teria havido o buraco; porém, nele existe um buraco, quer tenha alguém ou não a capacidade de atribuí-lo a um tiro. Um símbolo é um signo que perderia o caráter que o torna signo se não houvesse um interpretante. Tal é o caso de qualquer elocução de discurso que significa aquilo que significa apenas por força de compreender-se que possui essa significação”. (PEIRCE, 2017, p. 74)

como aos termos” (PEIRCE, 2017, p. 107). A *qualidade*, por sua vez, é compreendida por Peirce, assim como Locke propõe, “como o poder de produzir uma ideia” (PEIRCE, 2017, p. 115).

Todavia, o pensamento de Gottfried Wilhelm Leibniz se apresenta como sendo o que mais influência exerceu sobre o modo como Culioli desenvolveu sua proposta de observação acerca dos fenômenos da linguagem.

Culioli demonstra sua admiração por Leibniz em dois dos onze encontros realizados com Claudine Normand para elaboração da obra *Onze recontres sur le langage et les langues*. No segundo encontro, realizado em 5 de novembro de 2002, quando os autores discutem o modo como diferentes áreas abordam a linguagem, Culioli afirma que, em geral, “os filósofos não se interessam muito pela linguagem, mas pelo que encontram nos textos”, ou então que “Eles [os filósofos] se interessam pouco pela linguagem, [eles se interessam] mais pelos tipos de textos elaborados” (CULIOLI, NORMAND, 2005, p.36). Faz, contudo, uma ressalva com relação a Leibniz, afirmando que, entre os filósofos, “um dos que realmente se interessam pela língua é Locke, e Leibniz, que a ele responde” (CULIOLI, NORMAND, 2005, p. 36)

Mais adiante, no quarto encontro, em janeiro de 2003, quando Normand e Culioli discutem acerca da proliferação da significação das unidades linguísticas, Culioli afirma que embora não tenha sido o único a pensar sobre a questão, foi certamente o primeiro a tratá-la teoricamente e cita Leibniz para reforçar sua percepção: “Por que há algo mais do que nada?” E, em nota de rodapé, traz outro pensamento do filósofo alemão: “Além disso, supondo que as coisas devam existir, é preciso dar conta delas, porque elas devem existir dessa maneira, e não de outra” (CULIOLI; NORMAND, 2005, p. 62 apud LEIBNIZ, *Princípios da Natureza e da Graça*, p. 7).

A partir destes breves excertos, nota-se como o pensamento de Leibniz se manifesta por meio da compreensão de Culioli acerca da natureza e funcionamento da linguagem, dado que os princípios que orientam a análise linguística na TOPE prezam justamente pelo entendimento das particularidades de cada unidade por meio do raciocínio, especialmente no que diz respeito às suas funções, relações que estabelecem com outras unidades para produzir significação e seu próprio potencial significativo.

Muito do que aceitamos como noções de base da TOPE sobre o modo como devemos compreender a língua e a linguagem parecem ter suas bases na obra de Leibniz citada acima por Culioli. Por exemplo, a pedra angular da teoria de que as palavras só significam quando estabelecem relação com outras surge em Leibniz do seguinte modo: “as palavras individuais

sozinhas não serviriam em nada para alargar nossos conhecimentos” (1999, p. 277). Ou ainda, a compreensão de que todas as unidades da língua são dotadas de potencial<sup>17</sup> significante:

Além das palavras que servem para designar as ideias, temos necessidade das que significam a conexão das ideias ou as preposições. [...] Todavia, reconheço que o leitor ficaria confuso se colocássemos mal as partículas, e isto bem mais do que se as omitíssemos. Parece-me igualmente que as partículas ligam não somente as partes do discurso composto de proposições e as partes da proposição composta por ideias, mas também as partes das ideias, composta de várias maneiras pela combinação de outras ideias. (LEIBNIZ, 1999, p. 321)

Ainda que Leibniz empregue o termo *designar* para tratar da relação entre as ideias<sup>18</sup> e as unidades da língua, entendemos que não se pode compreendê-lo como “língua reflexo do pensamento”, devendo a língua ser vista como o elemento que se articula com a cognição para construir representações. Para ele, as ideias “procedem ou da sensação ou da reflexão, isto é, das observações que fazemos ou sobre os objetos externos e sensíveis ou sobre as operações internas da nossa alma” (LEIBNIZ, 1999, p. 81).

Embora Leibniz não utilize os termos *representação* e *cognição*, este último utilizado pela primeira vez com acepção de aquisição de conhecimento em 1876<sup>19</sup>, mas *reflexão* e *operações internas da alma*, entendemos que haja em sua concepção de língua os vestígios do entendimento de que a linguagem é elemento estruturante do pensamento, além da visão bastante arrojado para sua época – Leibniz viveu entre 1649 e 1719 – de que todas as unidades da língua significam e são essenciais para a elaboração do que denominados enunciados.

Outro princípio elementar da TOPE, qual seja, o fato de as palavras, as unidades da língua, não serem nem um decalque da realidade, nem o reflexo de nosso pensamento, é expresso pelo filósofo alemão nos seguintes termos:

<sup>17</sup> O termo *potência* ou *potencial* é empregado por Leibniz com recorrência para descrever a natureza humana, e, em linhas gerais, mantém a compreensão aristotélica do termo que remete ao “princípio ou a possibilidade de uma mudança qualquer”. Foi especificado por Aristóteles como a) Potência ativa, que diz respeito à capacidade de realizar mudança em outra coisa ou em si mesmo; b) Potência passiva, que é capacidade de sofrer mudança, causada por outra coisa ou por si mesmo; c) a capacidade de mudar ou ser mudado para melhor e não para pior; d) capacidade de resistir a qualquer mudança. (ABBAGNANO, 2015, p. 915).

<sup>18</sup> O termo *ideia* assumiu diferentes designações ao longo da história da filosofia. Abbagnano (2015, p.608-611), porém, divide o termo em dois grandes grupos conceituais. O primeiro deles toma *ideia* como espécie única intuitível por meio da multiplicidade de objetos, pelo que é frequentemente considerada como a essência ou substância. Este emprego é verificado, especialmente na Filosofia Clássica por meio das obras atribuídas à Platão e Aristóteles. O segundo, emprega *ideia* como representação geral que construímos internamente acerca do mundo e seus objetos. Ainda que haja diferenças no modo de explicar ou descrever esse processo interno do homem, entre os autores que empregam *ideia* sob essa acepção podemos destacar, Montaigne, Descartes, Espinosa, Hobbes, Leibniz, Kant e Dewey.

<sup>19</sup> CUNHA. A. G. Dicionário etimológico da língua portuguesa (2010).

Sendo as palavras empregadas pelos homens para serem sinais das suas ideias, podemos perguntar primeiro como é que as palavras receberam um sentido determinado. Ora, temos que convir em que tal acontece, não por algum nexos natural que existiria entre certos sons articulados e certas ideias (pois neste caso só haveria uma língua entre os homens), mas em virtude de uma *convenção arbitrária*, em razão da qual uma certa palavra se tornou o sinal de uma certa ideia. (LEIBNIZ, 1999, p. 267)

Creio que o arbitrário reside somente nas palavras, de forma alguma nas ideias. Pois elas exprimem apenas possibilidades; assim mesmo que não tivesse jamais havido parricídio, e mesmo que todos os legisladores tivessem tão pouco juízo como Sólon ao falar dele, o parricídio continuaria sendo um crime possível e sua ideia seria real (LEIBNIZ, 1999, p. 289)

E mais adiante, Leibniz elabora a síntese acerca da função da linguagem afirmando que “as palavras servem 1) para fazer compreender os nossos pensamentos; 2) para fazê-lo com facilidade; 3) para possibilitar a entrada no conhecimento das coisas” (LEIBNIZ, 1999, p. 341).

Neste ponto, o pensamento de Leibniz converge com princípios da Teoria do Conhecimento, a crítica kantiana e o construtivismo piagetiano, de modo a ressoar, como tratamos nos tópicos finais deste capítulo, na perspectiva culioliana.

Dedicamo-nos, a seguir, à tentativa de traçar uma compreensão metalinguística dos termos que compõem a denominação de *Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas*, pois entendemos que há fundamentos epistemológicos que sustentam a escolha de cada um dos elementos empregados. Para tanto, iniciamos com o que o próprio Antoine Culioli propõe com esta denominação e, em seguida, vamos detalhá-la dentro dos pensamentos filosóficos com os quais entendemos que encontra ressonância.

#### **1.2.2.1. De sua denominação**

Na obra de Ducard (2004), o autor dedica-se a alguns dos aspectos centrais da teoria culioliana, apresentando em seu capítulo inicial uma entrevista com Antoine Culioli, na qual o próprio entrevistado é convidado a explicar os termos que compõem a denominação de seu postulado teórico.

De acordo com Culioli, sua abordagem consiste em uma *teoria*, ou seja, “uma explicação ou interpretação filosófica do conhecimento humano” (HENSSEN, 1987, p. 25), acerca da atividade de linguagem, que busca reconstruir, por meio de um sistema de representação metalinguístico, os fenômenos dos quais nos é possível observar apenas os traços. E, para tanto, é preciso adotar um método, uma epistemologia que envolve a

elaboração de hipóteses a serem verificadas e articuladas entre si, o que, em suas palavras, é um problema importante “porque a linguagem é uma atividade complexa e heterogênea, que nos força a articular domínios de atividade como representação, referenciação, regulação e, para além disso, representação do mundo, de nossa experiência e de estados subjetivos internos” (CULIOLI, DUCARD, 2004, p. 8).

Já o termo *operação* diz respeito às operações mentais as quais não temos acesso direto, mas também às operações metalinguísticas construídas a partir de observações. Acerca do termo, Culioli enfatiza ainda que *operação*, em sua perspectiva teórica, não se relaciona com o psicologismo<sup>20</sup> intuitivo nem com a lógica clássica<sup>21</sup> de predicados, uma vez que sua proposta não parte de um sistema já pronto, algo pré-determinado para qual se deva adequar às funções da linguagem. (CULIOLI, DUCARD, 2004, p. 9)

O termo que, talvez, traga mais controvérsias para a teoria é *enunciação*, e isso porque não diz respeito ao simples enunciado, assim como também não o toma no sentido proposto por Benveniste<sup>22</sup> ou Ducrot<sup>23</sup>. Em sua perspectiva, trata-se de uma construção teórica. Em suas palavras, a enunciação é uma:

[...] atividade e, ao mesmo tempo, um evento para o observador, que consente que um sujeito humano produza texto, escrito ou oral, que será organizado, isto é, incluir regularidades, com marcadores que são vestígios de operações [mentais], para que esta declaração seja apreendida, [...] analisada nos traços dos marcadores, e não em seu significado, para ser ao

<sup>20</sup> Este termo tem origem no século XIX e foi usado para designar, em primeiro lugar, qualquer filosofia que assumisse como fundamento os dados da consciência, como reflexão do homem sobre si mesmo. O termo também costuma ser empregado para designar a confusão entre a gênese psicológica do conhecimento e sua validade; ou a tendência a julgar justificada a validade de um conhecimento, quando na verdade só se explicou seu acontecimento na consciência. Neste sentido, Kant foi o primeiro a esclarecer o conceito de psicologismo. Embora o filósofo não tenha empregado este termo, foi o responsável por engendrar as bases contra o que viria a ser o psicologismo, fazendo a distinção, a propósito dos conceitos *a priori*, entre a *quaestio facti* de sua derivação fisiológica, isto é, do seu acontecimento na mente ou na consciência do homem, e a *quaestio juris*, que consiste em perguntar o fundamento de sua validade, exigindo como resposta a dedução. Esta distinção, sempre presente na obra de Kant, significa a descoberta da dimensão lógico-objetiva do conhecimento; a irredutibilidade dessa dimensão à consciência ou às condições subjetivas do conhecer foi defendida por muitas escolas kantianas. (ABBAGNANO, 2015, p. 953)

<sup>21</sup> A lógica clássica tem como ponto de referência a concepção grega do termo *lógos* cuja significação varia entre palavra, discurso e pensamento. Embora durante o desenvolvimento da lógica tenham surgido numerosas definições, de modo geral pode ser definida como a disciplina que privilegia o estudo de conjuntos coerentes de enunciados, o que remete ao estudo das inferências válidas, i.e. que sejam reconhecidas como verdadeiras. (ABBAGNANO, 2015, 722)

<sup>22</sup> Benveniste, em linhas gerais, emprega o termo enunciado no sentido de “colocação da língua em funcionamento por um ato individual de utilização” (FLORES *et al*, 2009, p.102). Franck Neveu acrescenta a esta definição o entendimento de que a enunciação em Benveniste é “um ato realizado por um dado enunciador, num dado quadro espaço-temporal, e destinado a um dado co-enunciador (ou enunciatário). O produto deste ato de enunciação é o enunciado, que pode ser descrito como um fragmento de experiência linguisticamente estruturado, atualizado numa situação de enunciação, e constituindo uma realização individual de um sistema de expressão comum a todos os locutores de uma mesma língua” (NEVEU, 2008, p.119-120).

<sup>23</sup> Ducrot, por sua vez, utiliza o termo enunciado para descrever o “acontecimento constituído pelo aparecimento de um enunciado” (FLORES *et al*, 2009, p.103).



mesmo tempo reconhecida como tendo sido pronunciada para ser reconhecida como significante: é o laço semiótico, com um segundo sujeito que será levado a reconstruir e, eventualmente, procurar um ajuste com o qual o primeiro sujeito tinha em mente. O enunciado supõe, em primeiro lugar, que não reduzamos essa atividade a um esquema de transmissão/recepção, em segundo lugar, que assumamos a dissimetria entre um primeiro sujeito e um segundo sujeito, com um hiato entre os dois. Deve-se, portanto, fazer a pergunta de como o ajuste é possível. Além disso, todo sujeito como falante é construído a partir de sua própria história, de sua relação com os outros, de sua imagem de si mesmo em sua relação com os outros, dos outros com relação a ele mesmo etc. Construirá uma representação que pode ser descrita como imaginária ou fantasmagórica. (CULIOLI, DUCARD, 2004, p. 10)

Ainda no que tange à *enunciação*, uma das mais clássicas definições pertence a Charles Bally, para quem “toda enunciação do pensamento por uma língua é condicionada logicamente, psicologicamente e linguisticamente” (BALLY, 1964, p.35), sendo esses três aspectos identificáveis apenas parcialmente no produto da enunciação, ao qual Bally denomina “parole”. Ainda que esta definição remeta à língua como expressão do pensamento, ela também apresenta a enunciação como um processo resultante da relação existente entre uma estrutura lógica, aspectos cognitivos e o sistema linguístico.

Assim como grande parte das linguísticas da enunciação, Bally compreende a enunciação como o ato de um enunciador, de um sujeito empírico que expressa sua subjetividade por meio da linguagem. Especialmente neste aspecto, a *enunciação* culioliana difere de tudo o que, até então, se encontra posto.

De acordo com a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, a enunciação não prevê um enunciador localizado no mundo objetivo, instanciado em um tempo e espaço da esfera extralinguística. A enunciação culioliana aproxima-se de uma filosofia da produção do conhecimento, em que o enunciado é o produto de relações simbólicas, cognitivas e linguísticas organizadas por uma estrutura que fundamenta a produção de enunciados, os quais são sempre passíveis de reelaboração, de paráfrases que tendem parcialmente a estabilizar as possibilidades de significação por eles evocados.

A enunciação configura-se, essencialmente, como uma construção de representações linguísticas orientadas por operações mentais que associam dois elementos fundamentais:

- a) Os aspectos socioculturais apreendidos pelos homens ao longo de sua trajetória, de suas experiências no mundo e que compõem seu sistema simbólico, tal como proposto por G. H. Mead, para quem os seres humanos se relacionam com o mundo e agem sobre ele de acordo com os significados que lhe atribuem. Esses significados são, por sua vez, processados pela interpretação que os homens,

interagindo entre si e com o mundo, dão à realidade que os cerca, de forma mais ou menos consensual, tornando a comunicação possível, ainda que a interpretação da realidade possa apresentar nuances de variação entre os homens. Isso fundamenta a premissa culioliana de que todo enunciado é uma porta aberta para significações variadas;

- b) A atividade de linguagem, como atividade de representação complexa cujas propriedades, categorias, operações, ditas gerais, devem ser (re)construídas, pelo raciocínio, sempre que necessário (CULIOLI, 1999a, p.72).

De acordo com Franckel e Paillard (1998), a esta inter-relação entre sistema simbólico e sistema linguístico, Culioli denominou *noção*. Trata-se de uma entidade híbrida que:

[...] por um lado, é uma forma de representação não linguística, ligada ao estado do conhecimento e à atividade de elaboração de experiências de cada um. Neste nível, existem cadeias de associação semântica onde se têm “feixes interligados” de propriedades estabelecidas pela experiência, armazenadas e elaboradas de formas diversas (em conexão com processos de memorização: imagem, atividade onírica ou emblemática, etc.). É uma propriedade essencial da atividade simbólica, na qual o trabalho metafórico e o trabalho de ajustamento intersubjetivo que supõe estabilidade e deformidade estão particularmente fundamentados. Essa ramificação de propriedades organizadas em relação umas às outras de acordo com fatores físicos, culturais e antropológicos, estabelece o que chamo de domínio nocional. É uma representação sem materialidade, ou melhor, cuja materialidade é inacessível ao linguista. As noções não correspondem necessariamente aos itens lexicais. (CULIOLI, 1999b, p. 10)

A noção, por ser uma entidade cognitiva, é inexprimível, podendo ser apreendida apenas parcialmente por meio dos traços que se dão a ver na produção linguística. O enunciado é, assim, o resultado de uma atividade cognitiva que funde dois sistemas de representações. Em outras palavras, o “enunciado não é considerado como resultado de um ato de fala individual, ancorado em um aqui e agora por um enunciador” (FRANCKEL, PAILLARD, 1998, p. 52), mas deve ser compreendido como um arranjo de formas linguísticas, um sistema de representações formalizável, do qual é possível identificar traços das operações mentais empreendidas na sua produção.

Sob este aspecto, a concepção de *enunciado* e *enunciação* de Antoine Culioli distancia-se de uma visão pragmática de enunciação, pois compreende que “os mecanismos enunciativos implícitos ao objeto da análise não são, portanto, externos à linguagem” (FRANCKEL, PAILLARD, 1998, p. 52). Do mesmo modo, o sujeito da enunciação configura um elemento constitutivo dessas operações cognitivas, sendo também ele próprio o produto dessas operações.

Para ser capaz de compreender o modo como a atividade enunciativa se dá e identificar seus traços nos enunciados, Culioli idealizou um modelo de análise linguística capaz de compreender a construção dos valores referenciais, os quais podem ser interpretados como os “correspondentes ao cenário que revela, ao mesmo tempo, a significação e a situação ou o contexto” (FRANCKEL, 2011, p. 46) e que são elaborados por meio da relação entre a atividade de linguagem e a noção, “este conjunto de propriedades físico-culturais que apreendemos através de nossa atividade enunciativa de produção e compreensão de enunciados” (CULIOLI, 1999b, p. 9).

### 1.2.2.2. Das operações: uma breve história do termo

De acordo com Nicola Abbagnano, o termo *operação* foi, na Idade Média, traduzido do grego ἐνέργεια, com o significado equivalente à atividade. Foi neste sentido que Tomás de Aquino o empregou ao afirmar que a *operação* designa o modo de agir de cada coisa, seguindo seu modo de ser. Ainda dentro da filosofia, mais especificamente, na lógica matemática, *operação* assume a acepção de “técnica manual, procedimento manipulativo a ser efetuado segundo determinadas regras” (ABBAGNANO, 2015, p. 850).

De outra parte, conforme fontes lexicográficas comuns, o termo *operação* tem sua gênese etimológica no latim *operatio*, cuja acepção remetia à *obra* ou *trabalho*. Na contemporaneidade, emprega-se para designar, entre outros usos, a faculdade ou ação de um poder, uma função, um órgão etc. que, segundo sua natureza, produz certo efeito; ou ainda o conjunto de atos ou medidas em que se combinam os meios para obtenção de determinados resultados. Na matemática, é usado para designar qualquer processo que transforma dois elementos de um conjunto em um terceiro elemento. (HOUAISS, 2009, p. 1390).

Em qualquer dos usos acima descritos, tem-se a noção de que algo é executado de forma metódica, exigindo a combinação de ações sistemáticas para que se alcance um determinado fim. Essa acepção parece convergir com o emprego do termo na perspectiva construtivista de Piaget, para quem o conceito de *operações* remete às ações interiorizadas ou interiorizáveis, coordenadas em estruturas e executadas em pensamento, elaborando os elementos simbólicos, as representações dos objetos reais evocados por imagens mentais<sup>24</sup> e pela relação direta aos sistemas simbólicos (PIAGET, 2012).

---

<sup>24</sup> Piaget utiliza o termo *imagens mentais* para designar a linguagem: “Com efeito, seria muito mais simples admitir que a interiorização das ações em representações ou pensamento consiste apenas em reproduzir-lhes o

Todas as definições parecem, assim, encontrar ressonância no uso que Antoine Culioli faz do termo em sua teoria. Isso porque, de acordo com Franckel e Paillard, a teoria de Culioli pode ser compreendida como uma fenomenologia<sup>25</sup>, uma vez que esse referencial discorda da visão de que a língua codificaria ou encarnaria um significado ou um pensamento que dela existiria de forma independente. Pelo contrário, a linguagem constitui uma forma de pensamento, cuja análise só é possível por meio das operações das quais é constituída. (FRANCKEL, PAILLARD, 1998, p. 59).

Observa-se que, tal como Piaget, para quem os elementos lógicos matemáticos configuram uma forma de pensamento constituído por *opérations mentais*, sendo estas entendidas como o processo realizado por elementos que, ao interagirem de determinada maneira, produzem um resultado específico, Culioli toma a linguagem como uma forma de pensamento, sendo esta igualmente produto de *opérations cognitives*.

Uma dessas operações cognitivas, fundamental para elaboração de representações mentais, sob o ponto de vista da linguagem, é denominada por Culioli como *opération de repérage* (*operação de orientação*). Esta operação mental específica é descrita a partir do entendimento de que as representações linguísticas são fruto de um complexo de várias operações [cognitivas] de ordem n-ésima, ou seja, sequencial, baseada em uma operação de arquitetura primitiva nomeada de *repérage* (orientação). O conceito de orientação, por sua vez, está vinculado à ideia de ser um termo *orientado* por outro, em que um se torna o termo *orientador* e o outro, *orientado*.

Tal operação é o pilar para o entendimento de que sentido produzido pelas unidades linguísticas é uma construção cognitiva, fruto das relações que os termos estabelecem entre si. Como veremos mais adiante, a concepção de que o sentido é uma construção perpassa todos os conceitos que constituem a TOPE, o que faz dela construtivista desde sua base.

De acordo com Franckel e Paillard (1998), o conceito de *repérage*, ou orientação, faz com que a teoria seja compreendida como uma “teoria da alteridade”, já que uma unidade linguística só significa quando posta em relação à outra ou às outras. O operador de

---

curso ou em imaginá-las por meio de símbolos ou signos (imagens mentais ou linguagem) sem que por isso sejam modificadas ou enriquecidas” (PIAGET, 2012, p. 17).

<sup>25</sup> Entendemos que a fenomenologia de Culioli é embasada na perspectiva do fenômeno descrita por *Edmund Gustav Albert Husserl* (1859-1938), matemático alemão e principal fundador da fenomenologia. Husserl herdou de Brentano o ponto de vista de que o principal problema, ao tentar compreender o pensamento, é explicar o modo como um conteúdo intencional pode pertencer ao fenômeno mental que o exhibe. Os fenômenos mentais são alicerçados nos dados dos sentidos e restauram a divisão kantiana entre “intuições” e os conceitos. O que distingue essa maneira de pensar é o caráter imanente do conteúdo, que existe no próprio ato mental, tornando secundário ou irrelevante tudo que é exterior à natureza intrínseca do estado mental. Husserl aplica a psicologia de Brentano ao problema do nosso conhecimento da aritmética (BLACKBURN, 1997, p.188-189).

orientação, de acordo com os autores, foi inicialmente utilizado para analisar as relações envolvendo a categoria de pessoa, mas tornou-se decisivo para compreender os problemas de determinação e constituição dos enunciados. (FRANCKEL, PAILLARD, 1998, p.56)

Sendo assim, o sistema de *repérage* diz respeito à definição do domínio de enunciação, que, quando submetido às regras metalinguísticas, base para a compreensão do funcionamento dos sistemas linguísticos dentro da teoria, não separa as operações predicativas das operações enunciativas (CULIOLI, 1973, p.88).

Notamos desta maneira o quanto o termo *repérage* é importante para o quadro epistemológico culioliano. Não à toa, Culioli, em entrevista a Ducard, ao expor as razões dos termos escolhidos para a teoria afirma que:

Hesitamos entre Teoria das Operações Enunciativas, Teoria das Operações Enunciativas e de *Repérage* (orientação), Teoria dos *Repères* (orientadores). Vários nomes foram propostos por pessoas que trabalham comigo e que, em algum momento, tinham necessidade de ter mais visibilidade. Se dissermos “a teoria”, tem um aspecto totalitário absolutamente desagradável, falar de “teoria enunciativa” também é pretensioso. Com “Teoria das Operações Enunciativas” [...] temos os termos essenciais, mesmo que falte o termo *repérage* (orientação). (CULIOLI, DUCARD, 2004, p.7)

### 1.2.2.3. Operações predicativas e enunciativas

O conceito de *predicação* ou ato de *predicar* tem origem no latim *praedicare*, cuja acepção é *afirmar*. Retornamos, assim, à filosofia clássica e ao conceito de *proposição*, definida pela lógica de então como o enunciado declarativo, que, podendo ser verdadeiro ou falso, é composto por uma *propriedade* que atribui características a uma *substância*. Dito de outra forma, trata-se da produção de enunciados compostos por uma formação binária, *sujeito* e *predicado*, que possuem os elementos centrais de ambos vinculados por uma relação predicativa. Pode-se dizer que a relação predicativa é estabelecida por meio descrição de propriedades atribuídas ao sintagma nominal que ocupa a posição de sujeito em uma frase ou declaração.

A predicação, na TOPE, compreende, contudo, uma relação de natureza mais complexa. De acordo com Culioli, a predicação, em seu referencial teórico, é orientada pelo *esquema de léxis*.

Na Lógica clássica, especialmente na *Poética* de Aristóteles, a léxis diz respeito à interpretação dos pensamentos por meio das palavras, o que, trazendo para a análise linguística culioliana, seria o produto da enunciação.

A léxis, no quadro epistemológico culioliano, refere-se ao potencial que viabiliza as possibilidades de paráfrase de uma sequência ou enunciado elaborados a partir das representações evocadas por um verbo determinado. De acordo com De Vogüé, a léxis “remete não ao dito, mas um dizível, e define-se consequentemente em termos de potencial enunciativo, gerador de toda uma família parafrástica” (DE VOGÜÉ, 2011, p.23).

O esquema de léxis é representado por um esquema de três posições:  $\xi_0 \pi \xi_1$ , em que  $\xi_0$  descreve o ponto de partida da relação predicativa,  $\pi$ , a relação predicativa, e  $\xi_1$  o ponto de chegada da relação predicativa. Esta relação predicativa, por sua vez, “pressupõe uma relação entre domínios, isto é, em última análise, entre os conjuntos de propriedades que constituem as noções” (CULIOLI, 1999a, p.100).

Ainda de acordo com Culioli, a *léxis* tem origem no *lekton* do estoicismo, que em linhas gerais diz respeito ao “conceito ou a representação usada para a referência objetiva” (ABBAGNANO, 2015, p. 1056). Todorov (2014) traduz o *lekton* grego como “o dizível” que “não se situa na mente dos locutores, mas na própria linguagem” (p. 23), ainda que dependa do pensamento, não pode ser confundido com ele, “é antes aquilo sobre o qual opera o pensamento” (p. 24). No programa culioliano, a léxis é empregada para descrever um certo modo representação:

[...] uma espécie de função de enunciado, de gerador de relações predicativas que, elas próprias, tornam-se enunciados. Ou seja, nós construímos um ser de representações, mas que, de fato, está associado a todo um conjunto de realizações, ao mesmo tempo regradas, no sentido de regulares, e regradas por uma atividade inter-sujeitos. (CULIOLI, 1992, p. 6)

Ainda em suas palavras, “é efetivamente um tipo de esquema que fornece caminhos possíveis dentre os quais, por circunstâncias diversas – algumas determinadas, outras de tipo contingente –, se é conduzido a escolher, alguns deles devendo, em alguns casos, ser necessariamente tomados” (CULIOLI, 1992, p. 7).

Para Milner (1992), a léxis culioliana, além de levantar a questão da existência de um dizível generalizável, também chama atenção para a existência das línguas e suas características específicas. A função crucial dentro do quadro culioliano seria o de tornar “possível descrever de um modo fino as propriedades empíricas [das línguas e da linguagem]” (MILNER, 1992, p. 21). Afirma ainda que, do ponto de vista descritivo, a relação entre léxis,

enunciado e metalinguagem, a que chama quase-paráfrase, pode ser descrita nos seguintes termos:

[...] a léxis é o que permite capturar as propriedades comuns dos membros de um paradigma quase-parafrástico<sup>26</sup>, enquanto o enunciado é o que permite apreender as propriedades diferenciais de tais membros. Reciprocamente, com material léxico-morfológico idêntico, todos os enunciados que podem ser obtidos por combinações calculáveis de operações enunciativas a partir de uma mesma léxis, estarão em uma relação quase-parafrástica. (MILNER, 1992, p.25)

Deste modo, o que é denominado léxis na TOPE não corresponde a um enunciado, não é assertivo, nem não-assertivo porque ainda não está orientado em um espaço enunciativo provido de um referencial (sistema de coordenadas enunciativas) (CULIOLI, 1999a, p.101), mas diz respeito à estrutura de construção da referência pelos elementos da língua.

Além do *esquema de léxis*, há também o conceito de *forma esquemática*, que descreve o funcionamento de uma unidade linguística, seja ela verbal ou nominal. A forma esquemática “é um polo de regulação das interações com os elementos de seu ambiente que são necessários para o seu funcionamento (o cotexto). É um esquema no sentido em que é suscetível de adquirir vários valores, em que é variável” (FRANCKEL, PAILLARD, 2011, p. 99). Por meio dela, nos é possível abstrair os princípios que regem a variação semântica da unidade a partir da identificação do que é invariável dentro de toda variação.

Franckel e Paillard evidenciam que a forma esquemática põe em jogo três planos de variação distintos. O primeiro diz respeito ao que rege a variação interna da própria unidade e “que provém do fato de que as deformações que resultam das interações com os diferentes cotextos possíveis se encontram estruturadas de maneira específica pela forma esquemática própria a essa unidade” (2011, p. 99). O segundo, refere-se à variação que “provém dos itens lexicais do cotexto, que ativam este ou aquele parâmetro da forma esquemática” (2011, p. 99). E por fim, a variação das construções sintáticas, “que são, ao mesmo tempo, interna a esse item, no sentido em que são constitutivas de sua identidade [...], e externas, no sentido em cada uma delas procede de uma reconstrução” (2011, p. 99)

---

<sup>26</sup> Milner aponta em seu texto que a teoria culioliana sugere a noção de paráfrase ou quase paráfrase: os paradigmas são parafrásticos (cada um dos elementos que constituem o paradigma é considerado como bem formado “*Un chien aboie / Ce chien aboie/ Il y a un chien qui aboie/ Il y aura bien un chien qui aboiera/ C’est un chien que aboie/ C’est le chien qui aboie*”) ou quase-parafrásticos (uma relação binária em que se opõe uma construção considerada bem formada (estabilizada semanticamente a outra considerada com mal formada (não estabilizada semanticamente) “a) *un chien aboie* est mal formé / b) *il y a un chien qui aboie* est bien formé”) (MILNER, 1992, p. 24).

O *esquema de léxis* e a *forma esquemática* configuram-se, desta maneira, como algumas das representações metalinguísticas das operações predicativas e enunciativas que nos possibilitam compreender como se dá o jogo entre o nível nocional e o nível linguístico.

Vale lembrar que, com o nível nocional, tem-se de um complexo sistema de representação estruturante das propriedades psicoculturais de ordem cognitiva que antecede a própria categorização das unidades em nomes, verbos etc. (CULIOLI, 1999a, p. 100). Mais precisamente, a noção, como anteriormente apontado, constitui-se como um sistema estruturante do conjunto de propriedades relacionadas aos aspectos culturais, sociais, psíquicos e linguísticos por meio do qual construímos nossas representações mentais. Este processo de elaboração simbólica não tem como ser acessado diretamente, o que significa ser apenas possível recuperar vestígios destas operações por meio das produções linguísticas, através da análise da variação semântica das unidades e dos cotextos que requerem para funcionar no sistema linguístico e produzir significação, para enunciar.

Para Culioli, enunciar “é construir um espaço, orientar, determinar, estabelecer uma rede de valores de referência, em suma, um sistema de delimitações” (CULIOLI, 1973, p. 88), o que significa que todo enunciado é o resultado de um conjunto de relações estabelecidas entre o “nível cognitivo (nível I) [que] refere-se à elaboração de noções, constructo teórico intimamente relacionado à nossa atividade cognitiva e afetiva”, e o nível linguístico (nível II), em “que se apreendem as noções, propriedades físico-culturais inacessíveis como tal” (ROMERO, 2017, p. 185).

De acordo com Declés (2009), na TOPE, um predicado é concebido como um sistema de operadores<sup>27</sup> que constroem o conjunto de valores a ele associados. Esses operadores inscrevem sua significação na temporalidade, construindo de forma dinâmica

---

<sup>27</sup> Operadores linguísticos são unidades linguísticas (morfemas, palavras, marcas prosódicas, sinais de pontuação), unidades que se associam a outras unidades linguísticas para construir unidades menos básicas, como orações, enunciados. Tais operadores tornam-se necessários para “explicar” como certas construções estão inter-relacionadas. Declés (2019, p. 79) apresenta o seguinte exemplo para demonstrar essa função explicativa dos operadores, explicação para qual acrescentamos nossa própria glosa.

(1) A mesa mudou.

(2) Luc mudou a mesa.

Em (1) a mudança pela qual a mesa passou abre para uma série de possibilidades, uma vez que, como já bem observou ROMERO (2010), o verbo *mudar* pode remeter, por exemplo, à mudança espacial da mesa, desencadeando a compreensão de que ela estava em um determinado lugar e agora está localizada em outro; ou à mudança de características do objeto, aceção em que se entende que a mesa passou por uma transformação em sua estrutura, como, por exemplo, uma mudança de cor (ela era azul e passou a ser amarela); ou ainda à substituição de uma mesa por outra mesa. Já em (2), há uma mudança no significado, pois a inserção do termo *Luc* faz com que ele seja apreendido como o agente que exerceu algum tipo de alteração sobre as características da mesa, ainda que não seja possível determinar se houve alteração de suas características estruturais ou de localização espacial, ou então se simplesmente foi colocada uma nova mesa no lugar de uma anterior. O fato é que, em qualquer uma dessas possíveis interpretações, o agente da mudança torna-se conhecido, o que não ocorre em (1).



valores e argumentos que explicam, eles próprios, as regras que regem os resultados obtidos com elementos que constituem o predicado.

Dentro desta perspectiva, um predicado é composto por vários operadores, que, juntos, compõem valores específicos. O verbo, elemento central da predicação, é o principal operador responsável pela construção do valor referencial associado a outros termos por ele convocados a partir dos parâmetros descritos em sua forma esquemática<sup>28</sup>.

Nota-se, assim, que estamos lidando com fenômenos complexos, que articulam uma série de relações cognitivas, psicossociais e linguísticas. A predicação na TOPE vai, portanto, além da descrição da atribuição de características ao sujeito, mas diz respeito ao modo como nosso sistema simbólico, como nossas operações cognitivas regulam o conjunto de representações e de referências linguísticas para produzir enunciados e como estes mecanismos remetem à própria constituição antropológica do homem com a linguagem e por meio dela.

#### 1.2.2.4. Da formalização

Globalmente, chamamos *teoria* ao conhecimento racional e especulativo com o qual se busca compreender, de forma profunda, a existência de certos fenômenos, a composição e/ou funcionamento dos objetos. Não raro, contrapõe-se teoria à prática, levando ao entendimento de que primeiro não encontre qualquer relação de necessidade ou pertinência com relação ao segundo. Toda via, Immanuel Kant, no século XVIII, propôs que se devia compreender como *teoria* ao:

[...] conjunto de regras práticas quando estas são pensadas como princípios numa certa universalidade, e aí se abstrai de um grande número de condições as quais, no entanto, têm necessariamente influência sobre a sua aplicação. Inversamente, chama-se prática [práxis] não toda a operação, mas apenas a realização de um fim conseguida como adesão a certos princípios de conduta representados na sua generalidade (KANT, 2016, p. 59).

---

<sup>28</sup> Para dar um único exemplo, como observamos, em Romero & Trauzzola (2014, p. 242), “embora, intuitivamente, afirmemos que o termo *o cano*, em *O cano rompeu* e *O cano quebrou*, evoca a representação de um objeto, o fato é que as determinações oriundas dos verbos fazem com que este termo desencadeie representações muito mais elaboradas, que manifestam especificidades próprias ao funcionamento enunciativo de cada lexema verbal. É assim que *o cano*, com o verbo *quebrar*, evoca pura e simplesmente uma representação estrutural, a tal ponto que este enunciado pode evocar uma cena enunciativa na qual o cano quebrado seja apenas um cano de uma obra ainda em construção, um cano que se encontra fora de uso. Essa cena enunciativa seria inadmissível com o enunciado *O cano rompeu*, uma vez que *romper* desencadeia obrigatoriamente uma representação do cano em funcionamento. Evoca-se um cano que continha algo (*água, gás* etc.) e que não é mais capaz de exercer essa função. A determinação operada por *romper* incide sobre a capacidade de o cano funcionar como o que delimita, como o que contém.”

Ao tomarmos essa proposição kantiana acerca dos princípios que constituiriam os elementos básicos e fundamentais para a constituição de uma verdadeira epistemologia, temos na proposta de análise linguística de Antoine Culioli, efetivamente, uma *teoria* acerca dos fenômenos que garantem a produção enunciativa. A começar por seu entendimento do que deve constituir o objeto de estudo do linguista.

Para Culioli, o objeto da linguística não se reduz à dicotomia linguagem/língua, mas abarca as relações existentes entre a atividade de linguagem e o sistema linguístico que culminam na produção dos enunciados. Assim, o objeto da análise linguística em sua perspectiva teórica é a *linguagem apreendida através das diversidades das línguas naturais e seus registros por meio da diversidade dos textos orais e escritos* (CULIOLI, 1995, p. 13)

Desta maneira, a epistemologia de Antoine Culioli encontra eco na definição kantiana de teoria, na medida em que propõe um quadro teórico metodológico que pretende ser viável para análise das produções linguísticas em qualquer língua natural. O autor entrevê, para tanto, uma universalidade que não repousa na imutabilidade de estruturas mentais existentes *a priori* de qualquer atividade linguística, mas é compreendida como a capacidade humana de construir e reconstruir enunciados, de parafrasear e elaborar enunciados criativamente, de construir descrições de fenômenos e eventos da natureza a partir de observações, de construir conhecimento e organizá-los por meio da linguagem.

A proposta teórico-metodológica culioliana, como vimos afirmando, pode ser compreendida como uma *teoria da atividade de linguagem de abordagem construtivista* que toma fenômenos da língua, tais como a relação entre morfologia, semântica, léxico e sintaxe presentes em toda elaboração linguística, e fenômenos cognitivos, como as operações mentais responsáveis por nossas elaborações simbólicas, para descrever o processo enunciativo que dá origem às produções discursivas, à plasticidade dos significados, às representações linguísticas.

Para alcançar a compreensão das operações e processos cognitivos e linguísticos envolvidos na produção dos enunciados, Culioli expõe a necessidade de um modelo formal de análise linguística que seja capaz de ir além das impressões e intuições subjetivas do analista e alcançar, ainda que parcialmente, os mecanismos cognitivos e linguísticos operados no processo de construção dos enunciados.

Essa formalização obedece a regras de observação e manipulação de enunciados que exige do analista uma reflexão abstrata profunda acerca do modo como se produz a significação, bem como do que fundamenta a maleabilidade das unidades linguísticas em termos de sentido, a depender do contexto verbal ao que se integra.

Esse trabalho minucioso consiste em minimamente manipular os textos, colocando-os à prova acerca do que é ou não possível construir, em nível de significação, comparando contextos e valores evocados, testando construções impossíveis com construções bem formadas, analisando e identificado a causa das incongruências e impossibilidades gramaticais e semânticas

De acordo com Culioli (1968, p. 107), este modelo de análise deve ser capaz de levar o analista a identificar a família parafrasática de uma determinada unidade superando o problema da relação entre o modelo de análise, o objeto e o observador. Para tanto, é preciso observar certas questões capitais:

- a) A metalinguagem entendida como a língua em uso;
- b) A língua como uma atividade que supõe, ela mesma, uma perpetua atividade epilinguística;
- c) A atividade linguageira<sup>29</sup> significante;

Assim, um *sistema formal de análise linguística*, na perspectiva culioliana, deve considerar tanto a produção enunciativa quanto a análise metalinguística e a atividade epilinguística<sup>30</sup> das línguas naturais, sem separar a sintaxe do significado, nem o léxico dos contextos linguísticos reais ou imaginários.

A construção de um tal modelo refuta a redução da análise linguística à dicotomia linguagem/língua, além de recusar a restrição dos estudos linguísticos a constituir-se apenas como uma coleta de fenômenos individuais. É isso que permite que problemas teóricos sejam levantados sem se restringir a uma metalinguística comum (CULIOLI, 1968, p. 117). Para Franckel e Paillard, isso significa que:

[...] a busca por uma generalização não poderia ser baseada apenas no fato de se considerarem as propriedades de uma língua ou de um número limitado de idiomas. Não é de princípios cognitivos universais independentes das propriedades das línguas que as ferramentas de descrição dessas línguas são forjadas, mas da observação minuciosa da organização específica de cada uma delas. (FRANCKEL, PAILLARD, 1998, p. 58)

---

<sup>29</sup> Culioli propõe uma distinção entre *linguístico* e *linguageiro*. O *linguístico* seria composto por três fenômenos: o sistema formal de regras que funcionam automaticamente respeitando a realidade extralinguística; a organização de percepções, a classificação e categorização da realidade que se dá por meio do nível nocional, ou seja, no nível das elaborações cognitivas; e por fim, as operações que se estabelecem no meio do caminho entre o sistema formal de regras e a atividade cognitiva, constituindo-se como um complexo de relações muito específicas a cada língua natural e que se configurariam como as operações enunciativas. Já o *linguageiro* refere-se ao modo como o falante se apropria e domina a língua, produzindo enunciados que obedecem aos princípios e regras da língua, o que não significa que tal produção vai obedecer ao que se considera como norma culta ou standard da língua, mas às suas regras internas que permitem a criatividade linguística, a produção significativa e autorizada pelo próprio sistema linguístico.

<sup>30</sup> Epilinguística, neste contexto, diz respeito à atividade metalinguística que se dá de modo não consciente, que fundamenta e orienta a parafrase e que explica a própria produção enunciativa.

Por fim, podemos considerar os procedimentos formais e metodológicos propostos pela Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas como pautados em observações, descrições e análises das produções linguísticas que jamais se encerram em fenômenos puramente empíricos, mas que envolvem, necessariamente, procedimentos teóricos e regras de manipulação metalinguística sobre os dados coletados para o desenvolvimento dos estudos propostos.

#### 1.2.2.5. TOPE: uma linguística de abordagem filosófico-antropológica

Eduardo Galeano, em seu livro *Teatro do bem e do mal*, na seção dedicada à linguagem, apresenta curiosidades de certos termos em diferentes línguas que assumem significados tão distintos que é como se fossem duas palavras em uma só. É o caso de *ñe'e* em guarani, que pode significar tanto *palavra* quanto *alma*, fato revelador sobre o modo como essa língua constrói a representação da essência humana, de seus aspectos cognitivos e de sua relação com entidades metafísicas.

Unir *palavra* e *alma* em um mesmo termo expressa o quanto a linguagem está intimamente ligada à nossa condição humana, o quanto relacionamos esse elemento tão fascinante quanto recôndito à razão e à sensibilidade, às nossas convicções espirituais e científicas, ao modo como compreendemos a realidade e a construímos.

A Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, de um modo analítico-científico, parece encontrar nas representações de *ñe'e* a síntese de sua compreensão sobre o funcionamento da linguagem, que, para nós, se apresenta como uma perspectiva científica e filosófica de viés construtivista e antropológico.

Por abordar a atividade de linguagem e a língua como elementos fundamentais do universo simbólico humano, que permeiam o complexo de relações da experiência humana em seu tempo e espaço, por propor um *enunciador* constitutivo da linguagem (*i.e.* elemento indissociável do humano enquanto construtor de representações) e, portanto, optando por compreender os mecanismos de enunciação do gênero humano em detrimento dos aspectos psicossociais de um indivíduo particular<sup>31</sup>, a TOPE propõe um olhar sobre o modo como a humanidade se enuncia. Nas palavras de Antoine Culioli, não se deve confundir o enunciador, elemento constitutivo da linguagem, com o falante, o indivíduo empírico em suas particularidades:

---

<sup>31</sup> Indivíduo particular do qual se busque compreender a trajetória pessoal por meio das marcas em seu discurso.

É necessário dispersar um primeiro mal-entendido sobre o que se entende por linguístico [...]. Parece-me, que até agora não houve distinção entre enunciador e locutor. Isso quer dizer que por trás de termos como sujeito, porta-voz, confundimos o enunciador [linguístico] e o locutor<sup>32</sup>. (CULIOLI, FAYE, RANCIÈRE, ROUDINESCO, 1980, p. 184)

O *enunciador* na TOPE remete, portanto, ao Homem que, assim como outros componentes da cultura coletiva, tem na linguagem um “meio de racionalizar o mundo, de inventá-lo como um *continuum* causal de fatos e eventos” (WAGNER, 2017, p. 156), como construtor de representações que manipula criativamente os mecanismos da língua para produzir sentidos, muitas vezes, surpreendentes. Trata-se de um *enunciador* abordado em sua capacidade de imaginação, que por meio das propriedades da língua se faz “um construtor, um ator e um modelador da natureza imbuído de propósito [que também] é capaz, no sentido mais elementar, de se fazer permeável às coisas, de, em seus pensamentos, identificações e fantasias, transformar-se nas coisas em seu entorno, de integrá-las ao seu conhecimento, ação e ser” (WAGNER, 2017, p.193).

Os princípios acima nos fazem tomar língua e linguagem como componentes substancialmente culturais, pois assim como Malinowski, entendemos que “a cultura consiste no conjunto integral dos instrumentos e bens de consumo, nos códigos constitucionais dos vários grupos da sociedade, nas ideias e artes, nas crenças e costumes humanos (MALINOWSKI, 2009, p. 45), fatores cuja existência é fundamentalmente dependente das línguas e da atividade de linguagem.

A TOPE, indubitavelmente, coaduna, por meio de seus mais diversos aspectos e conceitos, com o entendimento de que “a antropologia, isto é, o conjunto das ciências que consideram o homem como ser vivo, consciente e sociável” (MAUSS, 2013, p. 319), é inerente aos estudos da linguagem, pois que estes buscam compreender como a língua “confere ao mundo as características da ordem convencional, transformando-o em significado e em relações compreensíveis” (WAGNER, 2017, p.156-157).

Faz-se evidente, portanto, o distanciamento de uma proposta de compreensão do sujeito na TOPE de perspectivas que buscam, por meio da análise linguística, descrever de alguma maneira a “psicologia humana, [que] estuda apenas fatos observados no comportamento do indivíduo” (MAUSS, 2013, p. 320), ou da sociolinguística, que obtém na Sociologia – aqui entendida como sendo “no fundo, uma psicologia coletiva” (MAUSS, 2013,

---

<sup>32</sup> Nesta afirmação, Culioli realiza uma crítica mais específica ao modo como a Análise do discurso aborda a questão do sujeito nas produções linguísticas.

p. 320) – respaldo para seus estudos focados nas interações e discursos dos locutores em um determinado contexto social.

Em outros termos, a face antropológica da TOPE se dá sobretudo pelo fato desta teoria não se ater às particularidades discursivas de um indivíduo específico na busca por marcas de seu discurso, mas como uma perspectiva que busca na construção abstrata de representações simbólicas inerente a todo e qualquer homem, mulher ou criança que integre um grupo social e fale uma língua, que pertença a uma cultura, seja ela “dobuana e javanesa, Hopi e italiana, de classe alta ou classe baixa, acadêmica ou comercial”, pois o que os une é a grande capacidade de aprendizagem do homem, sua plasticidade [...] e “sua extrema dependência de uma espécie de aprendizado: atingir conceitos, a apreensão e aplicação de sistemas específicos de significado simbólico” (GEERTZ, 2017, p. 36).

A TOPE se mostra, desta forma, como uma abordagem antropológica dos sistemas linguísticos, pois no centro de toda e qualquer representação linguística, *a priori* de qualquer significado que possa ser evocado por qualquer termo de qualquer língua natural, está o modo como a humanidade absorve a realidade e constrói conhecimentos, elabora teorias científicas ou mitológicas, descreve seu percurso ao longo do tempo, cria mundos imaginários, projeta as possibilidades de sua existência no mundo. Assim como afirma o próprio Culioli:

A linguagem é sempre tomada entre sua naturalidade (um termo que eu deveria definir, mas que produzo aqui sem precaução) e sua historicidade conduzida, de um lado, à coesão de um grupo e, de outro, a uma cultura tal como ela aparece através das representações nocionais, as práticas discursivas e a retórica, cultura que não pode ser confundida com o senso comum. Em uma frase, a linguística sem diacronia e sem antropologia cultural condena-se ao entorpecimento teórico. (CULIOLI, 2018, p. 14)

Com os aspectos construtivistas e antropológicos da teoria em mente, ocupamo-nos, nos capítulos seguintes, da descrição do quadro metodológico e do que entendemos por *sujeito* neste referencial teórico. Nosso intuito é apresentar o modo como esse fenômeno, abordado sob variados ângulos, por diferentes áreas das Ciências Humanas, pode ser interpretado por aqueles que vivem a aventura da impossibilidade de alcançar a compreensão do homem em sua integralidade e, por isso mesmo, interessa-se por tudo o que possa lhe permitir melhor conhecê-lo e defini-lo.

## II – Formalização da análise linguística

*Que há num simples nome? O que chamamos rosa, sob uma outra designação teria igual perfume.*

*William Shakespeare*

Na *Introdução*, discutimos a estreita relação entre a forma como compreendemos o homem e o viés epistemológico adotado para desenvolver análises, *i.e.* uma perspectiva teórica-metodológica fundamentada em uma visão antropológica de *humanidade*. Assim, o que podemos afirmar acerca da TOPE, ao menos de acordo com o que dela compreendemos, é que se trata de uma teoria que não busca compreender ou descrever a essência do homem, mas, sim, desvendar os mecanismos e a essência do que nos diferencia de outros animais: a linguagem.

A compreensão do funcionamento enunciativo dos elementos que integram a linguagem coloca-nos diante de mecanismos que permitem experienciar o mundo de variadas maneiras, pois toca em sua capacidade de representação simbólica, fator indispensável para a possibilidade de criação do mundo não natural, do mundo da cultura, o universo do humano.

O homem como um ser de existência é um homem que se constrói histórica e culturalmente, podendo ser compreendido somente por meio de suas experiências. Sob essa perspectiva, estudar a linguagem humana, mais especificamente os elementos que a configuram como tal, significa compreender a existência humana através das representações simbólicas que vêm sendo construídas ao longo da história de um povo e que continuarão a ser reelaboradas pela posteridade.

Em outras palavras, a TOPE não se ocupa em buscar a compreensão do homem em si, mas em investigar como as unidades que compõem a língua, posta em uso pelos locutores, revelam o modo como a sociedade da qual fazem parte compreende o mundo que os cercam. Por isso, o enunciado, enquanto objeto de análise da teoria, apresenta um duplo estatuto:

[...] é um objeto empírico e um objeto construído. É empírico no sentido de que qualquer sujeito que fala a língua na qual o enunciado é formulado sabe, pelo menos numa primeira aproximação, [...] reconhecer o que é enunciado em relação ao que não é. E é um objeto construído, uma vez que é o resultado de muitas abstrações [...]. O enunciado, portanto, não é “neutro” e não se apresenta na forma de um dado empírico puro e completamente independente do linguista que o observa ou manipula. É um objeto, certamente diretamente observável, mas também carregado de teoria. (CULIOLI, DESCLÉS, 1981, p. 6)

Na essência de cada elemento lexical, encontram-se, portanto, traços das inter-relações entre cognição e cultura, do modo como interagem e possibilitam a construção de representações linguísticas que dizem muito acerca do modo como compreendemos o mundo, os outros e a nós mesmo.

Para acessar o que identifica as unidades linguísticas, identidade definida em alguns casos simplesmente como *identidade semântica*, em outros como *forma esquemática*, emprega-se uma metodologia de análise formal específica, muito cara a Culioli, visto ser este um grande crítico de análises que, por não terem uma metodologia precisa, estavam a cargo apenas das intuições do analista.

Para ele, sempre foi de vital importância elaborar sistemas de representação que permitissem registrar e manipular os fenômenos observáveis abrangendo toda sua diversidade (CULIOLI, DESCLÉS, 1981, p. I), um sistema formal que leve em consideração a dupla função das línguas naturais: comunicativa e metalinguística, ou ainda, epilinguística, quando a atividade de reformulação de enunciados se dá de modo não consciente. Nesta perspectiva, isso implica afirmar que semântica e sintaxe não se dão em planos distintos, do mesmo modo que não se deve observar o léxico apartado dos contextos verbais.

Este procedimento metodológico ou atividade metalinguística mais ou menos controlada, não busca esclarecer categorias linguísticas universais que seriam transferidas naturalmente de uma língua a outra, mas se empenha em compreender o que há de generalizável e de fundamentalmente invariante na atividade languageira (CULIOLI, DESCLÉS, 1981, p. I).

De acordo com Culioli e Desclés, o generalizável pode ser descrito por meio da análise das especificidades, dos fenômenos e das propriedades dos elementos de uma dada língua, para que seja possível isolar os invariantes fundamentais da atividade da linguagem, o que pode ser revelado através dos “arranjos formais (morfo sintáticos, incluindo os marcadores prosódicos) que são compostos em agrupamentos específicos nas diferentes categorias linguísticas de uma língua estudada” (1981, p. I-II).

Da mesma maneira, não há fenômeno linguístico que possa ser reduzido à mera exceção, mesmo que se caracterize por apresentar uma baixa frequência de manifestação linguística. Para o autor, todo fenômeno é passível de descrição e explicação, desde que bem observada e analisada a contextualização, no plano linguístico, em que se manifesta (CULIOLI, 1995). Em suma, não há compreensão de fenômeno enunciativo possível sem contextualização: somente a relação com outros elementos da língua pode expor o potencial significante de uma unidade.



Essa observação sistemática não se dá de acordo com intuição<sup>33</sup> do analista, pois consiste em uma das etapas de um sistema de representação metalinguística que exige uma metodologia apropriada, pois:

[...] não é porque uma pessoa conhece uma língua que sabe como observar essa língua. Na linguística, como em todas as ciências, a observação é aprendida, preparada e controlada. A relação imediata que temos com nossas línguas não deve ser uma ilusão [de conhecê-la enquanto um sistema complexo de inter-relações], o empirismo linguístico não é menos complexo que o da biologia ou da medicina. (CULIOLI, DESCLÉS, 1981, p. 1)

Assim, para efeitos de procedimentos metodológicos, a TOPE toma o *enunciado*, oral ou escrito, como unidade mínima mais diretamente observável e manipulável nas línguas naturais. O *enunciado*, é, para tanto, concebido como um produto linguístico resultado das operações cognitivas (predicativas e enunciativas) de um sujeito enunciador.

Sobre a diferença entre enunciado e frase, vale dizer que Culioli e Desclés esclarecem que:

[...] a frase depende essencialmente de uma norma; é facilmente caracterizada por uma gramática aproximativa que “explicará” sua organização interna. A noção de enunciado é mais sutil, porque, de fato, certas cadeias são mais ou menos enunciables (segundo os contextos em que estão inseridas, a modulação que as apresenta) e segundo parâmetros socioculturais que constantemente vêm “perturbar” as condições de observação; em geral, eles têm várias interpretações mais ou menos aceitáveis. É, portanto, preciso conseguir organizar essas interpretações e apreender essa noção de aceitabilidade. (CULIOLI, DESCLÉS, 1981, p. 10)

Para se alcançar tal proposta, sugere-se que o processo percorra ao menos três etapas distintas, quais sejam: *coleta de dado*, *descrição do funcionamento da unidade*, *elaboração de sua identidade semântica*.

A primeira etapa diz respeito à formação do corpus para análise. Fontes inteiramente distintas compõem a corpora com enunciados diversos, o que, vez por outra, traz a surpresa de construções inusitadas e de grande criatividade linguística, o que, por si só, justifica nossa escolha por um dado enunciado.

A etapa seguinte consiste em realizar a manipulação dos enunciados selecionados. Esse processo, denominado *glosa*, tem por objetivo formalizar de maneira abstrata os

<sup>33</sup> O termo *intuição* neste contexto difere do emprego realizado por Immanuel Kant. Aqui, intuição diz respeito ao conhecimento que o analista adquire por meio de sua experiência. “Leibniz dizia que são conhecidas por intuição as verdades primitivas tanto de razão quanto de fato, ou seja, as verdades que o intelecto apreende ou possui sem a mediação de outras” (ABBAGNANO, 2015, p. 670), enquanto para Kant, como já assinalamos anteriormente, a intuição é a representação construída por meio do conhecimento que se adquire diante de um determinado objeto.

mecanismos da atividade de linguagem que se dão a ver por meio dos fenômenos linguísticos evidenciados a partir dos empregos das unidades linguísticas.

A glosa consiste, assim, em uma atividade metalinguística realizada conscientemente pelo analista, que procura identificar os mecanismos enunciativos que explicam a gama de variação de sentidos evocados por uma mesma unidade da língua em contextos linguísticos diversos. Em outras palavras, essa manipulação consciente dos enunciados pretende elaborar uma compreensão de como uma mesma unidade pode ser simultaneamente única e múltipla, como uma mesma unidade pode comportar sentidos distintos e, não raro, opostos entre si. A grande questão que fundamenta este método consiste em compreender o que há de enunciativamente estável na unidade sob análise que nos permite identificá-la como sendo sempre a mesma nas diversas construções linguísticas que integra, ainda que evoque numerosas significações.

A resposta a essa questão deve ser buscada pela manipulação e parafraseagem de enunciados que comportam uma unidade específica, previamente delimitada, evocando diferentes ambientes contextuais que fazem emergir sua pluralidade de sentidos.

É isso que nos possibilita reconstruir o movimento entre forma linguística, contexto linguístico e possibilidades de interpretação semântica, evento que concorre para a elaboração da *forma esquemática*, *i.e.*:

[...] forma invariante elaborada a partir das manipulações nas quais se verificam, de um lado, as contextualizações desencadeadas pela unidade e o modo como a unidade as trabalha; de outro, em um movimento recíproco, o modo como essas contextualizações trabalham a própria unidade. (ROMERO, 2010, p. 482)

Cabe ainda ressaltar que esta parafraseagem realizada de forma regulada pelo observador é diferente da glosa realizada pelo sujeito enunciadador. Esta última tem por característica a atividade epilinguística, que refere-se à atividade metalinguística não consciente realizada por qualquer sujeito enunciadador com o objetivo de explicar, esclarecer ou desfazer um mal entendido, e, portanto, é distinta da atividade metalinguística deliberada, realizada pelo analista da língua que manipula o enunciado a fim de elucidar os mecanismo de funcionamento da atividade de linguagem por meio da descrição das características de um elemento ou fenômeno que integre um tal enunciado.

A glosa, enquanto atividade de parafraseagem consciente, é, desta forma, um sistema de representação formal com ao qual “almeja-se reconstruir os processos de representação

realizados entre o nível cognitivo<sup>34</sup> e o nível linguístico<sup>35</sup>, percorrendo conscientemente o caminho que fazemos de modo não consciente, quando optamos por certas unidades para compor os enunciados em detrimento de outras” (LIMA, 2013, p. 55). Ela integra o nível das representações metalinguísticas<sup>36</sup> do sistema de representação formal de Antoine Culioli, por meio do qual nos é possível construir hipóteses acerca do modo como a significação é elaborada através do jogo entre os níveis I e II.

Este modelo de análise linguística procura recuperar os mecanismos constitutivos da atividade de linguagem a fim de descrever a dinâmica que fundamenta o potencial enunciativo das unidades da língua e que as caracteriza como constitutivamente polissêmicas. Desta forma, podemos afirmar que a principal característica da glosa consiste em se colocar “a meio caminho entre a explicação do texto e a teorização, entre a evidência e a abstração, entre a percepção epilinguística do sentido e uma formalização de sua construção, entre o particular e o regular” (FRANCKEL, 2011c, p.121).

Como temos visto até o momento, a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas é, sem dúvidas, uma teoria dos fenômenos inacessíveis em sua integralidade, essencialmente por se tratar de uma perspectiva que tem por objeto central a atividade de linguagem, a qual não nos é dado o acesso diretamente. Daí analisarmos seu funcionamento por meio de sua materialização linguística. O enunciado, que manipulamos, parafraseamos e analisamos, é, assim, a face observável do nosso fenômeno, a realidade sensível, nosso material verbal.

Acreditamos que o emprego de um termo em particular, especialmente quando adotado dentro de uma perspectiva teórica, é sempre produto de uma escolha cuidadosa. O termo *fenômeno*, referindo-se a elementos linguísticos, ao sistema de representação formal ou relacionado à atividade de linguagem, surge repetidas vezes nos textos culiolianos, como pode-se observar nos excertos abaixo retirados de diferentes obras:

---

<sup>34</sup> O nível das representações cognitivas, como já observado, diz respeito ao nível I do sistema de representações culioliana, também denominado *nível nocional* ou das *noções*. Trata-se do nível das simbolizações construídas a partir dos ajustamentos realizados entre a vida interior e exterior dos sujeitos, *i.e.*, “o nível das representações mentais diz respeito às representações que organizam as experiências que elaboramos desde nossa tenra infância, que construímos a partir das relações que estabelecemos com o mundo e as coisas a nossa volta, com as pessoas com as quais temos contato ao longo da vida, com a cultura a que pertencemos, assim como por meio dos interdiscursos aos quais estamos submersos desde que nascemos” (CULIOLI, 2000, p.21).

<sup>35</sup> O nível das representações linguísticas, ou nível II do sistema de representações culioliana, é o nível em que se dá o agenciamento das unidades linguísticas nos enunciados segundo caminhos não quaisquer. Esses caminhos são aos poucos estabilizados, e convergem para a arquitetura de uma gramática intersubjetiva, ao mesmo tempo em que se desenvolve uma gramática comum e transindividual.

<sup>36</sup> O nível das representações metalinguísticas, ou nível III do sistema de representações culioliana, é o nível em que se manipulam os enunciados com a finalidade de chegar a uma representação abstrata das relações estabelecidas entre o nível I e nível II. Por meio de glosas, manipulação consciente dos enunciados por parte do analista, é possível identificar o que há de invariante nos sentidos produzidos por unidade determinada em seus diversos contextos de inserção.

O que faz que o que poderia tornar um dos livros, ou um dos artigos, traduzível em uma outra língua, é dificilmente passível de ser feito, já que estamos tratando de fenômenos singulares; então não sabemos como lidar com isso. (CULIOLI, NORMAND, 2005, p. 237);

Como consequência, a relação linguagem-línguas e o conceito de enunciado nos conduzem ao problema central dos invariantes e da deformabilidade em linguística. Em última análise, trata-se de construir um sistema dinâmico que lida com fenômenos complexos. (CULIOLI, 1999a, p. 12);

Mas não podemos lidar com propriedades formais sem uma construção metalinguística. Temos que declarar, explicitamente, quais são os termos primitivos com os quais operamos, os princípios, os esquemas, as categorias, as operações. Falei de estabilidade e de formato comum, mas devemos adicionar novas entidades de acordo com as circunstâncias, ou seja, trabalhar com uma metalinguagem tão pobre quanto possível, a ser enriquecida apenas quando os fenômenos teóricos nos coíbem. (CULIOLI, 2000, p. 21);

Por fim, construiremos um sistema de representação metalinguística enquanto tal, ou seja, construído a partir de descrições teorizadas de fenômenos linguísticos, pelos procedimentos canônicos de abstração e formalização. O objetivo é obter esse caráter explícito, estável, externo, coerente, que concordamos em dar a uma metalinguagem. (CULIOLI, 2000, p. 22)

O termo *fenômeno* na linguagem comum diz respeito ao que pode ser visto, ao que tem aparência. Em Filosofia, o *fenômeno*, para Hobbes, designava “qualquer objeto passível do conhecimento humano” (ABBAGNANO, 2015, p. 510); já para Immanuel Kant, o *fenômeno* é compreendido como “Tudo o que é representado por meio de um sentido” (2012, B.68, p. 92), sendo que:

[...] os objetos, e mesmo as propriedades que lhes atribuímos, são sempre consideradas, no fenômeno, como algo efetivamente dado, sendo feita apenas a diferenciação entre esses objetos como fenômenos, na medida em que tais propriedades dependam apenas do modo de intuir do sujeito na relação dos objetos a ele, e eles mesmos como objetos em si. (KANT, 2012, B70, p. 93)

Em outras palavras, Kant entende o fenômeno como o objeto do conhecimento humano que pode ser apreendido por meio da intuição.

Acreditamos, contudo, que o termo fenômeno é empregado por Culioli em acepção aproximada ao conceito desenvolvido por Edmund Husserl. Para este matemático e filósofo alemão, considerado fundador da Fenomenologia, o fenômeno insurge do próprio ato mental. Em suas palavras:

Trata-se obviamente de condições a priori de conhecimento, as quais podem ser consideradas e pesquisadas sem qualquer referência ao sujeito pensante e à ideia da subjetividade em geral. As leis em questão estão, pois, no seu conteúdo significativo, inteiramente livres de tal referência, não falam, nem mesmo de maneira ideal, de conhecer, raciocinar, representar, fundamentar etc., mas de verdade, conceito, proposição, raciocínio, fundamento e consequência (HUSSERL, 2014, p. 178).

Com essa afirmação, Husserl defende a compreensão de que o *fenômeno*, embora seja produto da atividade mental, não é a manifestação psicológica de um indivíduo, mas a essência dos objetos, pois que os “*atos de conhecimento*, os seus tipos são tipos cognitivos, as suas formas são as formas de pensamento e as da intuição (a palavra não se entende aqui em sentido kantiano)” (HUSSERL, 2017, p.31).

Desta maneira, o *fenômeno* de Husserl pode ser compreendido como a essência dos processos cognitivos, uma vez que sua “fenomenologia é a doutrina universal das essências, em que se integra a ciência da essência do conhecimento” (HUSSERL, 2017, p. 20).

O fenômeno ou fenômenos linguísticos de Culioli se integram à concepção husserliana do termo na medida em que o linguista o emprega quando se refere aos traços dos processos cognitivos passíveis de identificação e análise por meio das unidades que integram os enunciados. Assim como Husserl, Culioli desenvolve uma teoria que busca conhecer a essência dos objetos: no caso culioliano, trata-se da essência das unidades linguísticas, que são, para ele, a face materializável da atividade de linguagem.

Assim, o objetivo da proposta metodológica culioliana consiste em:

1) não separar atividade de representação, atividade de referência e regulação; não separar noções lexicais, noções gramaticais e noções enunciativas (isto é, relacionadas à orientação de uma relação prediativa com relação a uma situação de enunciação); 2) por procedimentos de abstração metalinguística, esforçar-se por construir um análogo da atividade de abstração, de generalização e de particularização; de inferência; de narrativa, de descrição; de relação consigo mesmo e com os outros; tudo isso impondo-se as restrições do raciocínio a propósito dos fenômenos transcategoriais, nos quais sobreposições, inclinações, desvios, longe de serem a exceção, acabam sendo uma das características da atividade da linguagem. É porque marcadores (e arranjos de marcadores) desencadeiam representações de formas (abstratas) deformáveis que a estabilização enunciativa pode funcionar. A noção de noção é apenas um meio de formular perguntas e balbuciar respostas. (CULIOLI, 1999b, p. 24)

Essa definição de Culioli acerca de sua proposta teórico-metodológica está confortavelmente adequada à concepção husserliana de investigação objetiva dos fenômenos, qual seja, a tarefa de apurar “dentro do âmbito da evidência pura ou do dar-se em si mesmo

(*Selbstgegebenheit*) rastrear todas as formas do dar-se e todas as correlações e exercer sobre todas elas a análise esclarecedora” (HUSSERL, 2017, p. 31).

Assim, entendemos que, tanto para Husserl quanto para Culioli, o fenômeno é um produto da cognição humana, mas que não diz respeito a um elemento da psique de um indivíduo em particular. Deste modo, abordamos nos capítulos subsequente o *sujeito* como *fenômeno enunciativo*, como um produto da atividade de linguagem.

### III – O sujeito nas Ciências Humanas

*Qualquer indivíduo é ao mesmo tempo indivíduo e humano: difere de todos os outros e parece-se com todos os outros.*

**Álvaro de Campos**

Na cultura ocidental, o que se conhece por *sujeito* tem sido abordado sob diferentes perspectivas e assumido diferentes designações. De acordo com Almeida (2012), ao longo da história da subjetividade, passamos pelo “*eros* platônico, a substância aristotélica, a enunciação agostiniano-cartesiana, a lei kantiana, a intencionalidade de Leibniz e de Husserl, o Espírito absoluto de Hegel, a vontade de potência de Nietzsche, a ironia kierkegaardiana” (ALMEIDA, 2012, p. 287).

Na filosofia clássica, mais precisamente no pensamento aristotélico, o sujeito é definido como matéria e essência, compondo uma substância predicável, o objeto do discurso ao qual se atribuem características ou determinações capazes de definir suas propriedades. Na *Metafísica*, o filósofo afirma que *o ser*, enquanto substância, recebe atributos por meio das outras nove categorias (quantidade, qualidade, relação, tempo, espaço, estado, ação, habito/posse e paixão/afetado). Assim, todas as categorias dependem necessariamente da substância, de modo que esta é, portanto, o objeto de que se fala e “necessariamente aquilo que é primariamente, não num sentido qualificado, mas simples e absolutamente”. (ARISTÓTELES, 2012, p. 182).

Do mesmo modo que Aristóteles, Tomás de Aquino defendeu o *ser* como agente de suas próprias ações, mas sua existência não foi vista por ele como a simples junção de matéria e essência, como na metáfora do marinheiro (alma) que conduz seu navio (corpo), mas como um *ser* composto pela “relação intrínseca que a mente estabelece consigo mesma naquela dinâmica que se poderia distinguir como sendo o movimento da autorreflexão ou de interiorização da alma” (ALMEIDA, 2012, p. 289). Nisto, nos dá a ver vestígios do que temos chamado, por meio da perspectiva teórica que nos embasa, de operações cognitivas, a capacidade de pensar sobre o próprio pensamento, de elaborar abstrações, de questionar e conhecer, na medida do possível, a própria existência.

Santo Agostinho, por sua vez, propõe um sujeito, que mais que refletir sobre si mesmo, vai enunciar e se mover no plano epistemológico, pois que este “profere, declara,

interroga e indaga” (ALMEIDA, 2012, p. 294) e por isso, é um sujeito que se coloca em relação com o outro<sup>37</sup>, o que lhe faz ponderar acerca de suas próprias ações.

Muitos séculos após Agostinho, René Descartes retoma seu sujeito “enunciativo” e propõe um sujeito que constrói representações por meio das relações que estabelece com os objetos. O dualismo entre mente e corpo se impõe uma vez mais. Mas, em Descartes, ainda que corpo e alma componham substâncias distintas, sendo o corpo a matéria extensa responsável pelos movimentos e propriedade da alma – esta que, por sua vez, é a substância pensante, a consciência que permite o reconhecimento da realidade –, ambas, unidas como um amalgama inseparável, forma o homem. Assim, o sujeito cartesiano é um sujeito racional, capaz de controlar impulsos, agir e descrever o mundo sob comando do *cogito*<sup>38</sup>.

O professor e filósofo brasileiro Rogério Miranda de Almeida nos lembra, porém, que a concepção de *sujeito* como entidade dotada de atividade mental surge apenas a partir da filosofia moderna, particularmente a partir da epistemologia kantiana, assumindo o nome de *subjetividade* (ALMEIDA, 2012, p. 289). Como aludimos no primeiro capítulo deste trabalho, a subjetividade kantiana fundamenta-se na capacidade de construir conhecimento por meio da experiência: o sujeito é constituído por meio das experiências que experimentou ao longo de sua existência, bem como por sua capacidade de refletir sobre elas. Nas palavras de Kant:

Não há dúvida de que todo nosso conhecimento começa com a experiência; pois de que outro modo poderia nossa faculdade de conhecimento ser despertada para o exercício, não fosse por meio de objetos que estimulam nossos sentidos e, em parte, produzem representações por si mesmos, em parte colocam em movimento a atividade de nosso entendimento, levando-a a compará-las, conectá-las ou separá-las e, assim, transformar a matéria bruta das impressões sensíveis em um conhecimento de objetos chamado experiência. No que diz respeito ao tempo, portanto, nenhum conhecimento antecede em nós a experiência, e com esta começam todos. (KANT, 2015, p. 45)

Com esse brevíssimo passeio pela história da compreensão do sujeito, fomos da lógica aristotélica ao sujeito epistemológico de Kant. É evidente que esses poucos apontamentos não encerram e nem abrangem o que poderia ser apresentado sobre o tema. Kant é, porém, o ponto

---

<sup>37</sup> Na obra *Suma contra os Gentios*, Santo Agostinho trata das relações entre Deus e todas as coisas existentes. Deus é abordado como o ente absoluto, “perfeito no ser, no causar e no governar”. Desta forma, este Outro com quem o homem, criatura dotada de intelecto, fala, duvida e questiona é sobretudo Deus, a quem Agostinho atribui a perfeição da natureza (livro I), a perfeição do poder, enquanto Senhor e Criador de todas as coisas (livro II), a autoridade perfeita, enquanto fim e regente de todas as coisas (livro III), Senhor e regente dos homens, as criaturas especiais dotadas de intelecto (livro IV).

<sup>38</sup> *Cogito, ergo sum*, célebre frase do filósofo e matemático René Descartes apresentada na obra *Meditações Metafísicas*, cuja correspondente em português costuma ser “Penso, logo existo”, embora esta seja uma tradução um tanto distinta da corresponde em francês “Je pense, donc je suis”, proposta por Descartes, posteriormente, em *O Discurso do Método*.



de partida para a nossa abordagem do sujeito na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, dado que, como já mencionado, Culioli atribui suas reflexões sobre a enunciação aos filósofos clássicos e aos lógicos. Destacamos ainda que, muito embora haja menções à psicanálise freudiana em alguns de seus trabalhos, não fomos capazes de traçar uma linha coerente entre o *ego* da psicologia freudiana, que, de acordo com Blackburn, é “eu consciente, ocupando um terreno intermediário, cercado pelas exigências indecorosas do *id* e a disciplina repressiva do superego” (1997, p. 112), e o *sujeito* em Culioli.

Vale ressaltar que a nossa abordagem acerca deste conceito não se baliza pela concepção atrelada ao indivíduo, mas na sua construção por meio das relações mediadas pela língua com mundo, com os outros e consigo mesma. Trata-se de uma subjetividade ou uma noção de sujeito que se manifesta por meio da inter-relação e pela autorreflexão.

Retomamos uma vez mais Aristóteles, que aborda o sujeito em uma perspectiva lógica e metafísica, sendo este aquele sobre quem “tudo se afirma ou se predica e, também, como o suporte ou substrato ao qual inerem qualidades e determinações (ALMEIDA, 2012, p. 292).

Esta noção permite voltar ao *sujeito gramatical*, ao qual vamos nos ater com um pouco mais de profundidade. Se julgamos relevante apresentá-lo, é por entendermos que as concepções de *homem*, *sujeito*, *indivíduo* apresentam variações ao longo da história, e são observadas sob diferentes pontos de vistas, relacionando-se por meio do jogo existente entre a realidade do sujeito físico, o homem em si, e o sujeito da experiência linguística.

### 3.1. O sujeito gramatical

A noção de sujeito, assim como a de predicado, tem origem na lógica clássica. No século XVII, a gramática de Port-Royal, bem como a gramática gerativa no século XX, fazem do sujeito o constituinte fundamental da predicação, sendo a estrutura sujeito/predicado tomada como necessária para a produção discursiva. Por conta disso, há ainda, segundo Neveu (2008), os que considerem o sujeito uma posição sintática obrigatória, o que impediria, inclusive, a aceitação de frases sem sujeito, fato que contradiz a complexa realidade da materialidade das línguas naturais (NEVEU, 2008, p. 283).

Sintaticamente, a noção de sujeito é abordada, pela tradição gramatical, como elemento de natureza nominal integrante de uma relação na qual ocupa o papel de *determinado* face às propriedades que o descrevem e caracterizam por meio dos elementos que compõem o predicado.

De acordo com Câmara Jr. (2011), em línguas em que o verbo é flexional, como é o caso da língua portuguesa, o sujeito é compreendido como uma pessoa gramatical que pode ser expresso pela própria forma verbal a partir do morfema que integra a flexão verbal. A isto, o autor acrescenta:

Para a primeira e a segunda pessoa há em redundância pronomes pessoais retos. Para a terceira pessoa o sujeito fica especificado por um nome ou pronome substantivo que, nas línguas em que há categoria de casos, figura no caso nominativo (lat.- *lúpus currit*) e nas outras, como o português, em que não há essa categoria, se caracteriza pela concordância do verbo com ele (*os lobos correm*) e por uma colocação preferente antes do verbo, que quando há objeto no mesmo número nominal é normal para evitar ambiguidade (*os lobos atacaram os camponeses*). (CAMARA JR., 2011, p. 284-285)

Amini Boainain Haüy<sup>39</sup>, em sua gramática do português padrão, ressalta que o sujeito é, em geral, identificado pela “concordância com o verbo em número e pessoa gramatical” (2014, p.1068). Assim, no enunciado *Somos sobras de quem fomos* apresenta duas orações em que o sujeito pode ser identificado como o pronome pessoal do caso reto *NÓS*. Ainda de acordo com a autora:

O sujeito é expresso por um ou mais núcleos substantivos (ou substantivados), ou equivalentes de substantivo, como, por exemplo, pronomes pessoais, pronomes substantivos, numerais, orações subjetivas, subordinadas ou reduzidas. No caso de um só núcleo (expresso ou elíptico), o sujeito se denomina **simples** (*Ambos* se foram pelo mar da idade / *À tua eternidade*); representado por dois ou mais núcleos, o sujeito será **composto** (*Os Deuses* da tormenta e os **gigantes** da terra/ *Suspendem de repente o ódio da sua guerra/ E pasmam*). (HAUY, 2014, p.1068)

Nos casos em que não se pode ou não se quer explicitar o *determinado* do predicado, ou seja, a quem ou a que o verbo faz referência, Haüy apresenta algumas possibilidades para classificar o que se conhece por “indeterminação do sujeito”:

a) quando o verbo está na 3ª pessoa do plural, sem que haja referência a nenhum termo explícito ou implícito que lhe anteceda ou suceda: *Se depois de eu morrer, **quiserem** escrever minha biografia...*<sup>40</sup>

<sup>39</sup> Optamos por analisar a gramática Haüy por se tratar de uma das mais recentes, senão a mais recente publicação desta natureza. Chama-nos a atenção, também, o número de páginas (1344 p.) dedicado ao trabalho.

<sup>40</sup> Os exemplos apresentados nesta seção constam da obra mencionada.

b) presença de verbo de ligação, verbo intransitivo ou transitivo indireto na 3ª pessoa do singular acrescido da partícula SE, cuja função é marcar a indeterminação do sujeito: *Pelo Tejo vai-se pelo mundo*.

c) emprego de pronome substantivo indefinido exercendo a função de sujeito: *Tudo é disperso, nada é inteiro*. Nesta frase *TUDO* ocupa a função de sujeito na primeira oração e *NADA* exerce a função de sujeito na segunda oração.

Para este último caso, a autora ressalta a importância de se refletir acerca do que representa a indeterminação do sujeito quando este é um pronome indefinido, pois sintaticamente a oração *Alguém terminou o trabalho* seria constituída por um sujeito simples, no caso representado por *ALGUÉM*. A indeterminação do sujeito, de acordo com a autora, dar-se-ia apenas no ponto de vista psicológico (HAUY, 2014, p. 1070).

Entendemos que a indeterminação psicológica apontada por Haury se dá na esfera semântica, o que, a nosso ver, difere de uma interpretação psicológica, uma vez que a semântica atua na esfera das representações simbólicas socialmente compartilhadas. Desta maneira, compreendemos que a indeterminação semântica, expressa por certos elementos da língua, não se apoia na ausência de referente a que se possa atribuir determinado predicado, mas pelo excesso de possibilidades.

Acerca deste ponto, Mattoso Câmara Jr. defende que:

Muitos teóricos consideram o sujeito um elemento essencial à oração. Aham que o predicado é sempre e inelutavelmente atribuído a um ser, ou grupo de seres, que é o seu sujeito. Quando a análise da oração não mostra um termo gramaticalmente nítido, ou sujeito gramatical, há, segundo eles, um sujeito vagamente concebido, ou sujeito psicológico. A noção de oração sem sujeito, ou impessoal, é, entretanto, perfeitamente justa, correspondendo a um sintagma oracional em que o determinado está reduzido a zero. Aí se focaliza o processo verbal exclusivamente em si mesmo, sem se cogitar de referi-lo a um ponto de partida, que seria o seu sujeito. A oração é, pois, impessoal, quando não há sujeito explícito ou oculto por elipse. Note-se, porém, que pode haver um sujeito INDETERMINADO, ou melhor, indiferenciado, isto é, referindo-se à massa humana indiferenciada. Exprime-se em português pela 3ª pessoa plural do verbo (*Contam que certa raposa...*). Esporadicamente, até a época clássica (ou mesmo na língua literária moderna, por arcaísmo), encontra-se o pronome indefinido homem, comparável a francês *on*, alemão *man*, “*Ca naquel logar sol homem ouvir falar de pescado mais nono sol veer*”. Noutros indefinidos, como *um*, *uma pessoa*, *a gente*, já não há essa indiferenciação da massa humana, que deve conceituar o sujeito indiferenciado como um tipo de frase intermediário entre a frase impessoal e a de sujeito nítido. (CÂMARA JR., 2011, p. 285)

Na frase *Alguém terminou o trabalho*, sugere-se que: 1) havia um trabalho a ser feito; 2) no espaço em que esse trabalho deveria ser executado, há mais de um elemento capaz de

realizá-lo; 3) o trabalho foi concluído por um desses elementos. Assim, o termo *ALGUÉM* remete a todo um grupo de elementos plenamente capazes de realizar o trabalho e concluí-lo.

Por fim, observemos o caso que mais reflexões pode suscitar na língua portuguesa: as orações sem sujeito. De acordo com Haüy, “consideram-se orações sem sujeito as que têm como núcleo um verbo impessoal” (HAUY, 2014, p.1070), isto é, os verbos que remetem a fenômenos que não exigem o empenho individual de um ser.

Os verbos que remetem a fenômenos da natureza e verbo *haver* empregado com valor semântico de *existir* evocam uma existência que dispensa a presença de um agente para a materialização de uma determinada realidade.

São, portanto, esses verbos que constroem predicação sem ter a quem atribuir o feito. Se nos fosse permitido violar a tradição, diríamos que não se trata de enunciados sem sujeito, mas de verbos para os quais a presença de um elemento que ocupe esta posição não é imprescindível, ou é até mesmo impossível. O mesmo ocorre em casos como *Basta!*, em que a inserção de um elemento na posição de sujeito altera significativamente as representações construídas:

- a) *Basta!*
- b) *Isso já basta!*
- c) *Basta de ditaduras!*

Em **a)** representação construída remete à solicitação do fim imediato de uma situação ou acontecimento que tenha atingido o limite do suportável ou do razoavelmente aceito. A emissão de uma ordem direta, *Basta!*, exigindo-se que algo que se desenrola no momento da enunciação cesse de pronto, demonstra uma clara insatisfação com tal evento ou situação.

Em **b)** ainda que remeta à solicitação do encerramento de uma determinada atividade ou evento, não evoca, necessariamente, um descontentamento com relação a este, mas enfatiza que já se atingiu o efeito suficiente para determinado fim.

Em **c)** a representação construída não remete simplesmente ao pedido de suspensão imediata das ditaduras, mas ao clamor para que novas ditaduras não sejam instauradas, portanto, evoca tanto a insatisfação com este modelo de governança, tenha sido ele realizado no passado ou ainda se realize no presente, quanto à exigência de que não mais seja instaurado, que sua existência se dê por encerrada.

Partindo de uma percepção puramente especulativa e, porque não, metafísica, consideremos que tais verbos possuem uma carga semântica extremamente densa, fazendo com que seus agentes sejam a própria realidade, ou mesmo os processos físico-químicos da natureza. Desta forma, nos enunciados “*Choveu a cântaros*” ou *Como chove neste lugar!* a

interpretação não partiria da inexistência de um *sujeito que chove*, mas de um fenômeno físico natural que trabalhou ativamente para que o processo de precipitação abundante de água sobre a Terra fosse possível.

Ou ainda em 1) “*Há razões que a própria razão desconhece*”, o verbo HAVER marcaria a existência de ações, fatos, eventos que fazem parte da realidade, da vida, da existência dos seres que, por serem tantas e múltiplas, não podem ser atribuídas a um indivíduo. Se omitirmos o verbo HAVER 2) “*Razões que a própria razão desconhece*”, notamos a alteração de significação que essa elipse causa: em 1, construímos a representação de que a faculdade humana de apreender cognitivamente a realidade e agir de acordo com as exigências do mundo externo ao sujeito nem sempre é tão coerente quanto julgamos que deveria ser; já em 2, a representação construída é a de que a causa de qualquer coisa não encontra uma relação lógica com o que seria esperado.

Embora as representações construídas em 1 e 2 pareçam equivalentes, existe uma sutil, mas importante disparidade. Com a inserção do verbo HAVER no enunciado, a existência do humano emerge por meio da RAZÕES, termo que é interpretado como uma faculdade de pensamento atribuída somente aos seres racionais; com a elipse deste verbo, a interpretação remete a motivos, as causas de quaisquer circunstâncias cujo fundamento é de difícil compreensão, de modo que não existiria uma relação necessária com a faculdade humana de raciocinar e agir de acordo com que é considerado socialmente aceito.

Com tais especulações, não temos a pretensão de universalizar a existência do sujeito a qualquer custo, mas somente promover uma reflexão acerca da distinção entre a presença de um sujeito sintático e a possibilidade de recuperar, semanticamente, a representação simbólica de sujeitos considerados “inexistentes”.

Além disso, a reflexão do que se entende por sujeito enquanto elemento gramatical, como uma posição sintática se faz relevante visto que na TOPE os elementos semânticos, sintáticos e gramaticais não são analisados separadamente, uma vez que a compreensão do funcionamento das unidades linguísticas perpassa a compreensão de que tais elementos funcionam em uma relação de reciprocidade, *i.e.*, sem ignorar a relevância de suas funções para a construção dos enunciados, mas considerando-as em uma perspectiva de inter-relação e interdependência.

### 3.2. Um sujeito possível para a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas

No capítulo inicial do seu mais célebre livro sobre as relações étnico-raciais francófonas, Frantz Fanon afirma categoricamente que “falar é existir absolutamente para o outro” (FANON, 2008, p. 33). Nesta breve frase de um clássico da antropologia moderna, Fanon expõe, embora não seja seu principal objetivo, o quanto linguagem e subjetividade<sup>41</sup> estão intrinsecamente imbricadas, o quanto enunciado, língua e sujeito integram a mesma variante, especialmente quando o olhar está sobre as representações simbólicas que construímos com a língua e por meio dela.

Iniciar uma discussão acerca das representações que cada indivíduo constrói de si mesmo e do mundo que o cerca, dado o caráter de nossa perspectiva teórica, não figura no palco de nossas intenções, mas a reflexão de Fanon nos remete ao modo como a língua abarca a subjetividade sem nos darmos conta disso.

Etimologicamente, o termo sujeito tem origem no latim *subjectus*, termo que remetia ao súdito, ao vassalo, o indivíduo subordinado a um suserano, no regime feudal, ou seja, aquele que está submetido a alguém considerado superior na escala social, aquele que faz o que lhe ordenam. Na metafísica clássica, o sujeito era a substância, a essência real para qual se atribuíam transformações e qualidades. Para Descartes, o sujeito é a própria consciência e o princípio fundador do conhecimento.

Tanto na filosofia clássica, especialmente aristotélica, quanto na concepção etimológica do termo, o sujeito é aquele que está, quase sempre, submetido ao olhar do outro, cujas ações, atitudes e atribuições são descritas de acordo com o que dele é observado e compreendido. Essa definição corrobora a perspectiva gramatical do conceito, que o descreve como “o ser sobre o qual se faz uma declaração” (CUNHA, CINTRA, 2008, p. 136).

O sujeito cartesiano, por outro lado, põe em relevo seu papel como agente do saber, como senhor diante da realidade e sua capacidade de observá-la, racionalizá-la e descrevê-la. Alguns séculos depois, Kant amplia a visão de Descartes propondo uma problematização acerca de como o sujeito apreende e interioriza essa realidade, construindo o conhecimento acerca dos objetos a partir das relações que com eles estabelece.

Cerca de vinte e cinco anos após a primeira publicação da *Crítica da Razão Pura*, Hegel, leitor e crítico de Kant, publica *Fenomenologia do Espírito*, obra em que expande os

---

<sup>41</sup> Empregamos o termo *subjetividade* na perspectiva filosófica de Immanuel Kant que o toma enquanto caráter de todos os fenômenos psíquicos do sujeito que dizem respeito ao modo como este se relaciona com os objetos e constrói representações (ABBAGNANO, 2015, 1089).

princípios filosóficos kantianos e inaugura sua própria filosofia. Hegel subverte o sujeito epistemológico de seu predecessor e engendra um sujeito histórico, produto de seu tempo e de sua trajetória, e, por isso, em constante formação. É um sujeito fruto da relação dialética que estabelece com o mundo e com os outros.

Desta forma, se a concepção de um estudo da linguagem elaborado a partir de fundamentos construtivistas baseia-se na filosofia kantiana de construção do conhecimento, a proposta de um sujeito engendrado pela perspectiva culioliana de linguagem e língua parece-nos ancorar-se na dialética hegeliana. Expliquemo-nos.

A dialética<sup>42</sup>, considerada por muitos como lógica geral, ciência das ciências, ciência das coisas prováveis ou a arte da discussão, tem uma história antiga que remonta aos clássicos Platão e Aristóteles, que, embora não partilhassem do mesmo princípio sobre o conceito, introduziram-no, cada um a seu modo, vez por todas, na história da filosofia e das ciências humanas.

Para Platão, a dialética era uma técnica de investigação que permitia condensar os diversos aspectos de um elemento (ser ou objeto) em uma ideia única para que pudesse ser transmitida a todos. Aristóteles, por sua vez, tinha a dialética como a lógica do provável, uma arte que tem na discussão a exercitação da lógica.

A dialética como lógica geral, para além dos artifícios puramente discursivos, ou retóricos, tem origem na lógica dos estoicos. Para estes, a dialética é compreendida como um processo do raciocínio, o que se aproxima, em certos aspectos, da concepção hegeliana de dialética, que, em termos gerais, diz respeito à própria natureza do pensamento. De acordo com Stein, em Hegel, “a dialética constitui o único e verdadeiro método que possibilita o conhecimento das formas puras do pensamento, de maneira que esse pensamento seja objetivo, tenha como conteúdo toda manifestação natural ou espiritual” (STEIN, 2002, p.77). Nas palavras do próprio Hegel, a “alma do processo científico é o único princípio através do qual a conexão imanente e a necessidade entram no conteúdo da ciência; nela também está, sobretudo, a elevação verdadeira e não extrínseca acima do finito” (2016, p. 81).

Da mesma forma, o nível<sup>43</sup> das representações mentais pensado por Culioli, “o primeiro nível, nível I, cognitivo ou nocional, [que] refere-se à elaboração de noções, um

<sup>42</sup> Para informações mais detalhadas acerca da história da dialética, vale consultar Abbagnano (2015, p.315-323).

<sup>43</sup> Para Culioli (2000, 1999a, 1999b), a linguagem, enquanto atividade de representação, envolve dois níveis distintos: o nível I diz respeito às representações mentais, a qual chamamos também de nível nocional ou das noções. Tais representações, inacessíveis, só nos chegam por meios dos traços deixados no nível linguístico, dos textos (ou enunciados), conhecido por nível II. O nível III é o nível das manipulações linguísticas realizadas conscientemente pelo linguista ou analista da língua, “é o nível metalinguístico que visa explicar o jogo entre o nível I e o nível II” (Romero, 2017, p.125)

construto teórico estritamente relacionado à nossa atividade cognitiva e afetiva” (ROMERO, 2017, p.123) mostra-se como um processo dialético de construção da significação na língua, cujos processos se dão a ver por meio do enunciado, que “constitui o nível linguístico (nível II) que permite acesso ao nível cognitivo (nível I), um nível simultâneo em que são elaboradas noções que nunca serão integralmente apreendidas pelo enunciado em que se expressam” (ROMERO, 2017, p.125).

O nível I diz respeito ao modo como organizamos nossas experiências, como assimilamos a história da língua(gem) por meio do desenrolar de nossa própria história. A este complexo sistema de representações psicossociais ou psicoculturais nomeia-se *noção*, conceito que foi, como veremos adiante, emprestado de Hegel.

Assim, a maneira como a produção de sentido se dá por meio da atividade de linguagem e da língua é compreendido como um movimento dialético incessante entre nossas representações mentais e mundo. Justamente porque o que é possível enunciar – e mesmo, pensar – é produto de uma construção de conhecimento constante, a concepção de sujeito não poderia ser diferente, uma vez que este é um entre vários conceitos elaborados por meio da observação, reflexão e análise das relações existentes entre o que é interno e externo ao homem, entre o que é geral e o que específico a cada ser, entre o modo como estamos no mundo enquanto protagonistas ou não de nossa própria existência e os mecanismos linguísticos que elaboramos ao longo de nossa história para representar tais experiências.

Em outras palavras, discutir o conceito de *noção* é tocar em questões de interesse das mais diversas áreas do conhecimento humano, tais como a filosofia, a psicologia, a antropologia, e por isso não podem ser atribuídas estritamente ao campo dos estudos linguísticos (CULIOLI, 2000, p.50).

A compreensão culioliana de conhecimento linguístico parece-nos, como buscamos mostrar anteriormente, encontrar suas raízes na filosofia kantiana, na medida em que o conhecimento do potencial enunciativo dos elementos da língua só se dá por meio da observação de seus diferentes empregos, e de que suas possibilidades de produção de sentido ocorrem de forma construtiva, sendo este potencial inacessível em sua integralidade, pois, parafraseando Kant, a significação *em si*<sup>44</sup> não nos é acessível, restando-nos apenas a possibilidade de analisar os *fenômenos* de suas representações possíveis.

---

<sup>44</sup> Em linhas gerais, Kant apresenta em sua filosofia os conceitos de *coisas em si* e *fenômenos*. A primeira diz respeito às coisas que existem, mas não podem ser experimentadas pelos seres humanos, ao passo que os fenômenos são o mundo por nós experimentado e racionalizado por meio de nossos esquemas mentais.



A compreensão de subjetividade pode ser compreendida na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas como um dos elementos constitutivos do conceito de *noção*, o qual detalhamos nos tópicos a seguir e que acreditamos ter sido profundamente influenciado pelo princípio hegeliano de alteridade e construção dialética do conhecimento.

Antes de adentrarmos a referida questão, propomos uma breve discussão acerca do que entendemos por *fenômeno* e *noção*, este último um dos conceitos centrais da TOPE. Por serem referências recorrentes nos textos culiolianos, findam por justificar nossa opção em recorrer à filosofia para compreender a epistemologia de Antoine Culioli.

Dentro das correntes filosóficas que coadunam com a perspectiva culioliana de linguagem e língua, o *fenômeno* seria abordado como indício de uma essência intangível, a *noção*, o que o coloca como aquilo que nos é possível apreender de um elemento inacessível em sua materialidade, dito de outro modo, o *fenômeno*, na perspectiva culioliana, corresponderia aos vestígios das relações estabelecidas entre a atividade de linguagem e as operações cognitivas. Vestígios esses que são recuperados por meio da análise metalinguística das unidades que constituem os enunciados. Assim, seriam *fenômenos* da TOPE tanto a léxis quanto a forma esquemática, tanto a *repèrage* como o próprio de sujeito.

Desta maneira, não seria equivocado afirmar que as análises linguísticas propostas pela TOPE partem de uma visão fenomenológica da língua, visto que é corrente na teoria a afirmação de que o que observamos na produção linguística, nos enunciados, nada mais são que vestígios da atividade de linguagem, traços das operações cognitivas, das elaborações simbólicas que formulamos e que compõem a *noção*, elemento do qual jamais nos apropriamos, nos enunciados, de forma integral.

Portanto, no que se refere à *noção*, trata-se de um conceito oriundo da filosofia hegeliana, fato que Culioli confirma na seguinte passagem:

Por trás do que pode parecer um desenvolvimento romântico, vemos, novamente, surgir a questão fundamental levantada desde o início de minha apresentação: o estudo dos textos mostra que não podemos nos ater a um jogo classificatório e hierárquico onde representações fixas são encadeadas linearmente. Como conciliar a plasticidade das representações, ajustamentos intersubjetivos, polissemia, etc. e a necessária estabilidade de um sistema robusto, que deve ter as propriedades de qualquer sistema, ao mesmo tempo fechado (daí o previsível) e aberto (daí escalonamentos e deformações que comportam uma parte de imprevisível)? Nesse sentido, pode-se, modificando-a para fins linguísticos, fazer nossa a formulação de Hegel, através de Wahl: “A *noção* será” a multiplicidade desenvolvida (...) e ao mesmo tempo “a unidade encontrada” (op. cit. p.5) (CULIOLI, 1999b, p. 21).

O excerto acima integra o terceiro tomo da obra *Pour une linguistique de l'énonciation*, dedicado a operações e representações linguísticas. Nele, Culioli afirma buscar uma adequação da concepção hegeliana de *conceito* (noção) para seu modelo formal de análise linguística.

Na filosofia hegeliana, a noção à qual Culioli se refere surge com a denominação de *Begriff*. Silva (2013), em sua leitura da filosofia de Hegel, apresenta o que vem a ser este termo ao tratar do *espírito*<sup>45</sup> em Hegel, afirmando ser este o “*Begriff* (conceito, noção, concepção) efetivado [...], é o absoluto, pois é a totalidade no mundo no tempo infinito” (2013, p. 12). A noção, acrescenta Silva citando passagens de Hegel, não é uma mera forma de pensar, ou uma representação geral: a noção<sup>46</sup> é o princípio, o fundamento da existência e da concretude dos elementos e objetos (SILVA, 2013, p. 12).

Na TOPE, a *noção* surge com a insatisfação de Culioli (1999b, p.18) em relação a um sistema de classificação comumente observado no estudo das línguas – e que não descreve os fenômenos linguísticos em suas particularidades – e em relação à separação entre a sintaxe e a semântica, posturas que impediriam a compreensão profunda de certas construções devido à rigidez dos esquemas postulados.

Assim como Hegel, Culioli propõe empregar *noção* como fonte de conhecimento das propriedades do objeto que pretende conhecer, que, em seu caso, diz respeito à integração entre as unidades linguísticas nos enunciados e os processos de produção-reconhecimento de tais enunciados que fundamentam a construção de sua significação. Isso porque Culioli compreende a *noção* como o resultado de operações cognitivas que apreendem as características psicofísicas e socioculturais de uma sociedade responsáveis por originar representações simbólicas por meio da língua.

Em função deste aspecto, crucial para a compreensão da teoria, Culioli faz questão de enfatizar que com o conceito de *noção* se pretende compreender os fatores transindividuais nas construções enunciativas, ou seja, investigar o que há nas unidades linguísticas que permite aos seus falantes empregá-las em diferentes construções, utilizá-las criativamente, e isso sem deixar de garantir a compreensão entre os interlocutores.

Deste modo, é por meio da noção que se evoca “um conjunto de propriedades que constituem uma realidade qualitativa, não ligada a uma categoria específica (verbo, nome, etc.)” (ROMERO, 2017, p. 126). Ao se concretizar no enunciado, a noção passa a ser

<sup>45</sup> Em Hegel, *espírito* (*Geist*) pode ser interpretado como a realidade sociocultural ou a identidade do que se pretende observar, analisar.

<sup>46</sup> No texto de Silva (2013), vê-se o emprego de *conceito* como tradução de *Begriff*. Para nós, interessa-nos a compreensão de *Begriff* como *noção*, assim como o fez Culioli (1999b).

compreendida como uma ocorrência, que marca a ancoragem da noção na enunciação por meio de uma unidade linguística contextualizada. É por isso que falamos da instanciação da noção, no sentido em que a noção é expressa através do enunciado que permite vê-la. (ROMERO, 2017, p.127)

Esta abordagem é forçosamente distinta de uma abordagem na qual o (inter)subjeto em relação à construção de sentido e à produção discursiva, remete a um sujeito empírico observado em suas características psicológicas individuais, o que tende a levar o analista a descrever as representações que um enunciado ou uma determinada unidade da língua evoca para um sujeito ou para grupo de sujeitos em particular.

Dito de outro modo, a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas não se ocupa do sujeito enquanto indivíduo produtor de discursos. Sua natureza, ao buscar compreender o que faz com que uma dada unidade linguística signifique, constitui-se, como já dissemos, por uma perspectiva antropológica, atentando para a subjetividade que é inerente à língua(gem), para o *sujeito* que se manifesta sempre que um enunciado é produzido. Deste modo, nota-se que para a TOPE “o sujeito não tem domínio reservado: se ele intervém de modo privilegiado ao nível das operações enunciativas, ele não é, por outro lado, excluído ou ausente das operações predicativas” (FUCHS, 1984, p. 80).

Fuchs chama atenção para o fato de que, de modo geral, é característico das teorias enunciativas a tentativa de:

[...] integrar à análise linguística o parâmetro ‘sujeito’ e tratam-no como um sujeito linguístico, quer dizer como uma espécie de “função vazia”, como simples suporte de operações linguísticas. A dificuldade (não somente no plano terminológico, mas também de um ponto de vista teórico) de pensar a diversidade dos sujeitos linguísticos possíveis, em função da diversidade das operações linguísticas de que eles podem ser os suportes, e de pensar a distinção/articulação entre sujeito linguístico e sujeito extra-linguístico é então enorme. (FUCHS, 1985, p.122)

Por isso, ainda de acordo com Fuchs, Culioli estabelece uma distinção conceitual entre os dois tipos de sujeito ao propor “‘locutor’ para designar o sujeito da enunciação-origem (aquele que diz ‘eu’) e, de ‘enunciadores’ para designar os diferentes sujeitos suportes das enunciações em cascata” (FUCHS, 1985, p. 122).

Porém, a noção de enunciador em Culioli não faz referência ao esquema clássico de comunicação “emissor-receptor”, esquema que confere ao enunciador esses papéis de modo simultâneo: “É sabido que, durante uma conversação, o locutor torna-se auditor e o auditor locutor. Além do mais no momento em que o locutor fala, ele é seu próprio auditor e o auditor

um locutor virtual que não exteriorizou ainda sua resposta” (FUCHS, 1984, p. 80 apud CULIOLI, A. 1967, p. 2).

O que há, desta maneira, dentro do quadro culioliano é a co-enunciação, que se caracteriza como um:

[...] conjunto de relações complexas que os interlocutores tecem por meio da linguagem. A referenciação não é nem neutra nem objetiva; ela é um processo mediado pelos sujeitos, de construção e reconstrução da significação; ela é indissociável dos dois protagonistas da troca verbal assim como também as representações, imagens e expectativas de um em relação ao outro: a significação de um enunciado, além de seu sentido é resultado de uma acomodação intersubjetiva. A co-enunciação põe em jogo uma série de operações de produção e reconhecimento interpretativo onde nada autoriza dizer que eles sejam totalmente simétricas ou reversíveis. A co-enunciação é precisamente o lugar do ‘jogo’, quer dizer, ajustamentos, voluntários ou não, sucedidos ou não; desvios, lapsos, mal entendidos, ambiguidades que não ‘parasitas’ da comunicação ou ‘ruídos’ sobre o fundo informativo claro, mas fazem parte integrante da atividade de linguagem (FUCHS, 1984, p. 80)

A Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas ocupa-se, portanto, do *sujeito* enquanto representação simbólica, produto das relações construídas entre nossos processos cognitivos, a atividade de linguagem e o conjunto de saberes que elaboramos por meio de nossas experiências empíricas, tais como regras de conduta, ordenamento jurídico, funcionamento das instituições, moral religiosa, enfim, os fatores que reunidos caracterizam as diferentes culturas.

Sendo assim, o sujeito extralinguístico, o indivíduo tomado em suas particularidades existenciais, que requerem análises sociológicas e psicológicas específicas para compreensão de seu ser no mundo, não integra o escopo dos interesses da TOPE. Ao transpor os limites dos estudos da linguagem, acaba-se, muitas vezes, por não priorizar a investigação acerca do que faz com que uma dada unidade linguística signifique e o modo como nossa humanidade se manifesta por meio das unidades que compõem as produções linguísticas, dado que a subjetividade é tomada como elemento constitutivo da língua(gem). Visto nestes termos, o *sujeito* do qual tratamos é, essencialmente, um fenômeno linguístico, um elemento de representação simbólica que se dá ver em cada agenciamento enunciativo.

Deste modo, trata-se de um *sujeito* construído com a história da língua e da própria humanidade, é o homem que se insere na língua para além do emprego de *EU* ou *TU*, que está presente em tudo o que enuncia, pois que não há enunciado sem enunciador. Trata-se de uma representação linguística que abarca, em cada enunciado produzido, em cada unidade de

língua empregada, as tensões existentes entre os aspectos antropológicos e ontológicos<sup>47</sup> que o constituem nos níveis sociais e psicológicos do humano, sem trata-los em suas especificidades conceituais.

Culioli aborda essa questão do *sujeito*, de forma mais explícita, em um dos encontros realizados com Claudine Normand e que foram registrados na obra “Onze rencontres sur le langage et les langues” (CULIOLI, NORMAND, 2005), embora assumamos uma certa dificuldade em compreendê-lo cabalmente.

No texto em questão, em uma das primeiras entradas no tema, Culioli relaciona sua compreensão da subjetividade na linguagem aos conceitos de *telos* e *clinamen*: “um *telos* que é um pouco como o *clinamen*; que não o quebremos: se nunca houvesse desequilíbrio, transformação, ruptura, não teríamos nada” (CULIOLI, NORMAND, 2005, p. 152). Embora haja muitas ocorrências de *telos* ou teleológico em diferentes correntes filosóficas, acreditamos que a referência seja ao emprego do termo por Kant, para quem o juízo teleológico é a atividade reflexiva e não determinante, incapaz de apreender a integralidade dos objetos, mas que possui um caráter subjetivo por ser inerente ao ser humano:

Enquanto força à parte do conhecimento, só considera duas faculdades, a imaginação e o entendimento, relacionadas em uma representação anterior a qualquer conceito e, desse modo, percebe a finalidade subjetiva dos objetos para as faculdades do conhecimento na apreensão dos mesmos (através da imaginação), então na finalidade teleológica das coisas como fins da natureza, que só pode ser representada por meio de conceitos, ele terá de colocar o entendimento em relação com a razão (que não é necessariamente para a experiência em geral) pra tornar representáveis as coisas como fins da natureza. (KANT, 2016, §75, p. 285)

O *clinamen*, ou declinação, por sua vez, tem origem latina e foi empregada por Epicuro para explicar o choque entre os átomos, a partir do qual os corpos são gerados (ABBAGNANO, 2015, p.269)

O sujeito ou a subjetividade é inerente à própria concepção de linguagem. Por se constituir, desta forma, como algo que lhe é intrínseco, e por essa razão, essencial para o processo de construção das representações de mundo do sujeito-enunciador, é também o fator que instaura os mal-entendidos, os desequilíbrios de entendimento entre os co-enunciadores, impondo, desta maneira, a necessidade constante de ajustamento entre eles.

---

<sup>47</sup> De acordo com Abbagnano, o termo *ontologia* tem sido empregado na filosofia com diferentes acepções, inclusive como sinônimo de metafísica. Contudo, as vezes em que o termo emerge em nosso texto, o compreendemos como o exercício de percepção, observação e descrição de questões ou problemas do ser, que embora possa apontar para diferentes soluções, não se empenha em encontrá-las de fato.

Por esta razão, Culioli defende que os conceitos de regulação ou ajustamento e de intersubjetividade integram a construção do enunciador e do co-enunciador, que se manifestam por meio da produção enunciativa dos sujeitos empíricos, aos quais denomina locutor e interlocutor:

Mas, quanto a mim, houve dois pontos que me forçaram a mudar [o modo de compreender a atividade simbólica dos sujeitos]: um é o conceito de regulação; dois, a intersubjetividade mas com a construção do co-enunciador, que é o espelho do enunciador (pelo co-enunciador exterior que é o interlocutor) e, ao mesmo tempo – acho que está relacionado ao segundo ponto, aliás – uma concepção que me fez abandonar o “discurso interior”, que é basicamente um solilóquio; isto é, se se tem um enunciador/co-enunciador, toda essa atividade nunca é uma atividade solitária. (CULIOLI, NORMAND, 2005, p. 155-156)

Em outras palavras, a produção enunciativa jamais é tomada como uma atividade solitária, pois que enunciador e co-enunciador habitam o mesmo locutor que produz a enunciação.

Ou seja, não posso falar, como às vezes dizemos, do sujeito co-enunciador que seria o outro. O outro, ele é o que eu represento como o outro, o interlocutor ... mas eu posso representá-lo ... Suponha que eu tenha uma visão um pouco alucinatória ou que eu reflita, que eu reexamine os argumentos que podem ser avançados para mim durante uma reunião, etc ... tudo isso ... Este é o sujeito. (CULIOLI, NORMAND, 2005, p. 164)

Desta maneira, o *sujeito* para a TOPE não é um conceito, mas um fenômeno da linguagem, produto de seu caráter antropológico por ser intrinsecamente intersubjetivo e “trans-individual, que é a relação entre os indivíduos que faz com que, em um momento, haverá ajustamentos, por exemplo, ajustamentos de registro social e coisas do gênero” (CULIOLI, NORMAND, 2005, p.165).

Tomando o *sujeito* ou como fenômeno enunciativo produto da atividade de linguagem que se manifesta a cada vez que um enunciado é produzido, propomos, nos capítulos subsequentes, a análise de como esse fenômeno se manifesta em enunciados que contenham o verbo base ROMPER do qual nos ocupamos em nossa dissertação de mestrado<sup>48</sup>, e o verbo prefixado CORROMPER, pois nos interessa compreender em que medida o prefixo COR, no funcionamento enunciativo do verbo, evoca o sujeito nos enunciados aos quais se integre. Com esse estudo contrastivo, esperamos identificar e descrever as diferenças e/ou similaridades do funcionamento de ambos.

<sup>48</sup> “A prática de reformulação de enunciados como fundamento para o trabalho com a significação nas aulas de língua portuguesa” desenvolvida neste mesmo programa de pesquisa e concluída em 2013.

#### IV – Estudo de caso: ROMPER-CORROMPER

*Foi a imaginação que ensinou ao homem o sentido moral da cor, do contorno, do som e do perfume. Ela criou, no começo do mundo, a analogia e a metáfora. Ela decompõe toda a criação, e, com os materiais acumulados e dispostos segundo regras cuja origem só se pode encontrar no mais fundo da alma, ela cria um mundo novo, produz a sensação do novo. Como ela criou o mundo (pode-se decerto dizê-lo, até mesmo em um sentido religioso), é justo que ela o governe.*

**Charles Baudelaire**

Os estudos acerca das propriedades do prefixo no português brasileiro são desenvolvidos, usualmente, sob a perspectiva de teorias de cunho formalistas-gerativistas, cujos trabalhos são orientados pelas concepções da gramática universal. De modo geral, esses estudos centram-se na busca pela identificação das características morfológicas, tanto dos prefixos em si, quanto das bases às quais estes se afixam, prática que visa a explicar as condições de produtividade lexical das unidades.

Nosso estudo propõe uma investigação acerca das condições de produtividade do prefixo que pouco vai se pautar em características propriamente morfológicas, pois o que se busca, essencialmente, é compreender tais condições por meio das particularidades relacionais estabelecidas entre o prefixo e a base verbal, entre o verbo prefixado e as outras unidades que compõem o contexto linguístico em que se insere. Esperamos, com isso, delimitar alguns dos mecanismos que orientam a produção de sentidos, tanto do prefixo quanto do verbo prefixado, ainda que se faça por meio da análise de um único par de unidades, ROMPER-CORROMPER.

Por essa razão, julgamos necessário dedicar a primeira parte deste capítulo à apresentação de estudos outros que, de alguma maneira, discorrem sobre a temática, a fim de evidenciar elementos importantes para a compreensão do funcionamento do prefixo em língua portuguesa, especialmente no que se refere ao prefixo CO<sup>49</sup>. Isso se explica pelo fato de que, devido a corrente epistemológica sob a qual se desenvolveram, os estudos deixam de abordar questões que entendemos como fundamentais para acessar os processos que regem a produção lexical em toda sua complexidade.

Como já mencionamos, o caminho usual para o desenvolvimento de estudos envolvendo produção lexical é pautar-se nos princípios da morfologia, fundamentando-se,

---

<sup>49</sup> Nota-se por CO as diferentes formas assumidas pelo prefixo.

principalmente, em teorias de gênese gerativista. São estudos de cunho formalista que, de acordo com Maria Carlota Rosa (2013), seguem os preceitos da corrente de pensamento desenvolvida a partir dos trabalhos do linguista norte-americano Noam Chomsky, e se restringem à parte do conhecimento linguístico denominada *competência gramatical*, “que é apenas um dos módulos do conhecimento linguístico, o que lida com as estruturas gramaticais que podem existir numa língua” (ROSA, 2013, p.17).

Ainda de acordo com Rosa, as questões de interesse desses estudos “dizem respeito à interação entre a morfologia e o restante da gramática e também entre ela e o léxico” (ROSA, 2013, p. 16), com o propósito de responder questões como: “Que tipo de estrutura as palavras têm? Como essa estrutura está relacionada à gramática e ao léxico? Como essa estrutura reflete a relação entre as palavras?” (ROSA, 2013, p.16).

Tradicionalmente, a Morfologia pode ser compreendida como o campo dos estudos da linguagem que se ocupa em compreender e descrever a língua a partir de suas formas, o que abrange a identificação das regras que regem a estrutura interna das palavras, mais especificamente, que se ocupam de fenômenos que resultam da flexão<sup>50</sup>, na morfologia chamada flexional, e dos procedimentos de formação de palavras, que são, sobretudo, a derivação<sup>51</sup> e a composição<sup>52</sup>, na morfologia chamada derivacional (NEVEU, 2008, p. 209). Há, ainda, a perspectiva da morfossintaxe que associa os domínios flexional, derivacional e sintático, que fundamenta estudos que procuram compreender “o conjunto das regras da estrutura interna das palavras e das regras de combinação dos morfemas determinados pela configuração sintática do enunciado” (NEVEU, 2008, p. 209)

---

<sup>50</sup> Procedimento morfológico fundamental que consiste em juntar à base (elemento sobre o qual opera um afixo) de uma palavra desinências que exprimem, segundo as línguas, os casos, as categorias de gênero (para os substantivos, os adjetivos e os pronomes), de pessoa, de tempo, de modo, de aspecto, de voz (para verbos). A categoria de número é comum à flexão nominal e à flexão verbal. A flexão inclui, portanto, a declinação (flexão nominal) e a conjugação (flexão verbal). Em certas línguas, como o latim ou o alemão por exemplo, distingue-se um terceiro tipo de flexão, a flexão pronominal. Em francês, a flexão nominal congrega as variações de gênero e número do substantivo e do adjetivo. (NEVEU, 2009, p. 141) A morfologia flexional marca relações morfossintáticas entre os constituintes do enunciado, por distinção com a morfologia derivacional, de natureza lexicológica, que contribui para a produção de unidades do léxico. Os morfemas flexionais têm assim por função indicar as relações entre uma base lexical e o enunciado no qual ela se insere. Por exemplo, o morfema de gênero e/ou de número de um adjetivo indica com qual substantivo se estabelece a relação morfossintática: em *Os amigos de Carolina, barulhentos, assustaram a vizinhança*, o morfema de número *-s* marca o fato de que *barulhentos* está em relação morfossintática com *Os amigos* e não com *Carolina*. (NEVEU, 2009, p. 141)

<sup>51</sup> Em Morfologia, a derivação designa uma operação de formação lexical. A derivação pode acontecer por afixação, ou seja, por junção a uma base de um ou vários afixos (prefixos, sufixos), exemplo: quebrar > quebrável > inquebrável. (NEVEU, 2009, p. 94)

<sup>52</sup> Procedimento de criação lexical realizado por meio da justaposição de vários morfemas livres. (NEVEU, 2009, p. 74)



#### 4.1. O Estudo do prefixo na literatura corrente

O prefixo tem sido definido como um morfema de sentido fixo, uma forma presa que se afixa à esquerda de uma base verbal, nominal ou adjetiva, produzindo um vocábulo derivado cujo sentido é compreendido como a união dos significados atribuídos ao prefixo e à base. Dentro dessa concepção, a significação de um verbo como CORROMPER corresponderia à soma da acepção comumente atribuída ao prefixo CO, *i.e. juntamente*, com aquelas atribuídas a ROMPER, *i.e. criar abertura, desfazer, não cumprir*. Deste modo, CORROMPER significaria *criar abertura juntamente, desfazer juntamente, não cumprir juntamente*, etc. Com isso, percebe-se, de saída, que tal concepção se mostra insuficiente para que se possa descrever o fenômeno da prefixação em língua portuguesa, uma vez que nenhum falante dessa língua conceberia tais sentidos como válidos.

Além dos aspectos morfológicos citados acima, há ainda outras características usualmente atribuídas ao prefixo que pretendem descrever sua função na língua portuguesa. De acordo com Basílio (1987), referência nos estudos de Morfologia em nosso país, os prefixos não possuem função discursiva, cabendo a essas unidades apenas a função semântica, ao que se restringe a adição de seu sentido às bases as quais se adjunge, agregando-lhe um sentido determinado e presumível.

Para fins de exemplificação, a autora apresenta as funções semânticas atribuídas a alguns prefixos de nosso idioma. Assim, ao prefixo RE caberia a função de marcar a repetição (ler/reler, começar/recomeçar); PRÉ funcionaria como indicador de anterioridade (julgar/prejulgar, ver/prever); SUB, como indicador de situação em nível inferior (chefe/subchefe, solo//subsolo); já aos prefixos IN e DES funcionariam como indicadores de negação (fazer/desfazer, feliz/infeliz.), e assim por diante (BASÍLIO, 1987, p. 68)

De modo geral, observa-se ainda, como prática comum, a descrição do prefixo por meio de características que *ele não apresenta*. Assim, tanto gramáticas quanto pesquisadores são unânimes ao colocarem em relevo a incapacidade do prefixo de alterar a classe gramatical do vocábulo primitivo ou de funcionar como marcador de gênero e número. A ausência dessas funções no prefixo em língua portuguesa tem sido um agente motivador para que, via de regra, ele seja classificado como um fenômeno de baixa complexidade, o que contribuiu, acreditamos nós, para que as pesquisas acerca de suas propriedades e funções permanecessem por um longo tempo à margem dos estudos linguísticos em nosso país. Nota-se que ainda hoje as gramáticas das mais diversas vertentes epistemológicas, se restringem a apresentar listas de prefixos gregos e latinos com suas respectivas significações, nos induzindo a acreditar que

isso é tudo o que se pode compreender acerca do funcionamento dos prefixos em nosso idioma.

Estudos recentes têm sido contudo realizados na tentativa de produzir uma sistematização mais precisa sobre o prefixo. Os pesquisadores portugueses Villalva e Silvestre (2014) apresentam uma proposta que procura compreender a produção lexical “para além dessa caracterização posicional dos constituintes das palavras”, pois acreditam na possibilidade de se “recorrer a um outro tipo de critério que contribui para a compreensão da sua natureza. Trata-se da caracterização funcional dessas unidades”. (VILLALVA, SILVESTRE, 2014, p. 87)

Por caracterização funcional, os autores entendem que assim como “se passa com as estruturas frásicas, também nas estruturas morfológicas os constituintes desempenham uma função gramatical, nomeadamente núcleo, complemento, modificador ou especificador” (VILLALVA, SILVESTRE, 2014, p. 87). Desta maneira, os afixos deixam de ser analisados a partir da posição que ocupam em relação a base, se antes ou depois, e passam a ser descritos de acordo com a função que desempenham.

Nestes termos, o *núcleo* seria um predicador, “que pode selecionar um complemento (predicador transitivo), como, por exemplo, os sufixos derivacionais (*livraria*), ou não selecionar qualquer complemento (predicador intransitivo), como os radicais das palavras simples (*livro*)” (VILLALVA, SILVESTRE, 2014, p. 88). Aos *complementos*, corresponderiam os “radicais (*livraria*), temas (*continuação*) ou palavras (*invariavelmente*) selecionados pelos sufixos derivacionais” (VILLALVA, SILVESTRE, 2014, p. 88). Os *especificadores* corresponderiam aos constituintes que preenchem “informação solicitada pela assinatura categorial da palavra e que não é satisfeita pela informação que vem do núcleo. São especificadores os constituintes temáticos (*começar, livro*) e os sufixos de flexão (*começar, livros*), para além da vogal de ligação. (VILLALVA, SILVESTRE, 2014, p. 88). Por fim, a função de *modificador* é atribuída aos prefixos e aos sufixos avaliativos<sup>53</sup>, cuja “propriedade mais relevante é a de que não interferem com nenhuma das propriedades gramaticais das formas às quais se associam – o seu papel na estrutura das palavras é estritamente semântico” (VILLALVA, SILVESTRE, 2014, p. 110).

---

<sup>53</sup> Os autores tratam como sufixos modificadores o que a tradição gramatical denomina como sufixos derivacionais, que apresentam um comportamento formal característico e que permite isolá-los e tratá-los como um grupo autónomo, dado que não interferem nas propriedades gramaticais das palavras em que ocorrem. Assim, um mesmo sufixo pode associar-se a bases provenientes de diferentes categorias sintáticas e portadoras de diferentes traços morfossintático. As formas que estes sufixos integram herdarão as propriedades da base não só no que diz respeito à categoria sintática, mas também à classe temática e ao gênero, se se tratar de nomes. (VILLALVA, SILVESTRE, 2014, p. 117)

Embora os autores busquem caminhos alternativos para desenvolver uma análise descritiva e conceitual acerca do prefixo, acabam por defini-lo, assim como a tradição gramatical, como unidades de sentido definido, uma vez que prefixos e sufixos são distribuídos dentre sete categorias, de acordo com a acepção a que remetem:

- a) *Avaliativa*: substantivos (peixinho, moedita, filmeco), adjetivos (levíssimo, fininho, superamigo);
- b) *Negação*: substantivo (inverdade), adjetivo (anormal, deselegante, injusto, não alinhado), verbo (indeferir);
- c) *Oposição*: substantivo (contracurva, desamor), adjetivo (antibacteriano, deselegante), verbo (desligar, contra-argumentar);
- d) *Localização Espacial*: substantivo (retroescavadora, sobreloja, subcave), adjetivo (supracitado), verbo (circum-navegar);
- e) *Localização temporal*: substantivo (pós-graduação, pré-adolescência); adjetivo (pós-colonial, pré-datado), verbo (pós-datar, pré-qualificar);
- f) *Quantificação*: substantivo (megassucesso, tricampeão), adjetivo (bimolecular),
- g) *Repetição*: verbo (recomeçar). ]

(VILLALVA, SILVESTRE, 2014, p. 110)

Outro ponto que merece destaque dentro da proposta de Villalva e Silvestre diz respeito ao processo de formação de palavras envolvendo os prefixos. De acordo com os autores, devem ser considerados prefixos as unidades que não apresentam uma estrutura composicional. Os prefixos são, portanto, unidades da língua que não podem ser dissociadas de suas bases, havendo uma categoria especial de verbos prefixados que assumiram tal forma ainda no Latim, e que por isso deveriam ser considerados como formas simples, ou como formas complexas lexicalizadas<sup>54</sup>, que eventualmente encontram relação “com outras palavras que contenham o mesmo radical, se alguma pista formal ou semântica permitir o estabelecimento desse nexo” (VILLALVA, SILVESTRE, 2014, p. 111). Este seria o caso de palavras como *adjungir* que se relaciona com *jungir*, *conjungir*, *disjuncir*, *injungir*; *conduzir* que se relaciona com *aduzir*, *deduzir*, *reduzir*, *seduzir*; *dispor*, que tem relação com *pôr*, *apor*, *compor*, *repor*, *supor*; entre outros exemplos.

Para tal fenômeno, os autores alertam ainda que “verbos desse tipo frequentemente trazem, aliás, problemas de regência, verificando-se que a preposição pedida pelo verbo repete em muitos casos a que está presente no prefixo integrado no próprio verbo”, como ocorre em *assistir a*, *colaborar com*, *depende de*, *acorrer a*, *concorrer com*, *decorrer de*” (VILLALVA, SILVESTRE, 2014, p. 112).

<sup>54</sup> O processo de lexicalização diz respeito à transformação de um elemento considerado não-enunciativo por sua função estritamente gramatical ou, ainda de um sintagma – como *cara de pau* – em uma unidade lexical autônoma.

Contudo, os autores alertam para a dificuldade em estabelecer uma linha clara entre composição e derivação no processo de produção lexical, e isso pelo fato de que muitos prefixos em língua portuguesa “correspondem à gramaticalização de adjetivos e preposições latinos e gregos” (VILLALVA, SILVESTRE, 2014, p. 112). Esse fator que faz com que alguns prefixos se assemelhem aos radicais neoclássicos, dando margem à interpretação de que tais prefixos integram o processo de composição lexical e não derivação.

Como a fronteira entre esses dois processos parece sempre bastante fluída, Villalva e Silvestre estabelecem seis critérios para a determinar quando estamos diante de uma palavra prefixada ou composta:

O primeiro diz respeito à tonicidade – há formas átonas (des-) e formas tônicas (pré-); o segundo relaciona-se com a ocorrência numa estrutura típica de composição morfológica – há formas que precedem (aut-) e formas que não precedem uma vogal de ligação (des-), o terceiro olha para as posições que essas formas podem ocupar na estrutura das palavras – há formas que só podem ocorrer no início da palavra (não-) e outras que tanto podem ocorrer no início quanto no final (fot-), o quarto verifica a possibilidade de ocorrência dessas formas como palavras – há formas que podem ocorrer isoladamente (não-) e formas presas (des-); o quinto identifica as formas que, numa estrutura de coordenação, permitem a elipse do seu núcleo (pré-) e as que não permitem (aut-); e o sexto critério distingue as formas que permitem a adjunção a expressões sintáticas (pré-) daquelas que não permitem (des-). (VILLALVA, SILVESTRE, 2014, p. 112)

Por meio da aplicação desses critérios, os autores afirmam ser possível distinguir um prefixo e uma palavra. Deste modo, poder-se-ia chamar prefixo apenas os elementos que sejam simultaneamente átonos, que não precedem vogal de ligação, que ocupam apenas a posição inicial da palavra, que não ocorrem como formas livres, não permitem elipse do núcleo, a exemplo de pré-, pós- e ex-, que podem ser enunciados desacompanhados do núcleo: *Minha filha está no pré; Esse ano começo minha pós; Não quero ver a cara do meu ex*, e que não precedem expressões sintáticas, tal como ocorre em *pré-campanha eleitoral*. Seguindo esses critérios, em uma breve análise, teríamos, na língua portuguesa, um número bastante reduzido de prefixos. Talvez, apenas DES e RE estivessem aptos a integrar a classe dos prefixos em língua portuguesa, visto que são os únicos a terem existência apenas como formas presas.

Outro estudo que muito nos interessou foi o realizado por Gonçalves (2012), que mergulha na profícua polêmica envolvendo o processo de produção lexical do prefixo em língua portuguesa e parte dessa antiga e persistente discussão que procura determinar se a prefixação é um processo de formação de palavras derivacional equivalente à sufixação, ou

seja, um morfema que agrega valores semânticos à base, ou se diz respeito a formas dependentes, variações de preposições e advérbios<sup>55</sup>, que funcionam como prefixos, o que os classificaria como um processo composicional.

Para desenvolver suas hipóteses, Gonçalves (2012) elenca as características gerais dos prefixos em relação aos sufixos, apresentando suas semelhanças e disparidades. Como semelhanças, o autor aponta que tanto prefixos quanto sufixos são “unidades infralexicais que impõem restrições morfológicas e semânticas sobre as bases a se acoplam” (GONÇALVES, 2012, p.156). Além disso, têm em comum o fato de que:

(a) não são formas livres, isto é, são partes integrantes de palavras; (b) servem para formar inúmeros vocábulos porque (c) manifestam significados mais gerais; (d) têm função semântica pré-determinada, o que delimita os possíveis usos e significados das palavras a serem formadas, pois (e) impõem restrições morfológicas, sintáticas e semânticas, já que não se associam aleatoriamente a qualquer base. (GONÇALVES, 2012, p. 158)

Outro ponto desenvolvido na pesquisa de Gonçalves (2012) são as diferenças identificadas entre prefixos e sufixos. Para o autor, prefixos e sufixos se distinguem, no que diz respeito à semanticidade, como ele mesmo enfatiza, em termos de determinante e determinado: os sufixos aproximam-se dos substantivos na medida em que estes constituiriam “o núcleo significativo de uma palavra complexa” (p.150). Já os prefixos se aproximariam dos:

a) adjetivos, já que contribuem para qualificar/caracterizar a entidade referida pela base, como em sub-humano, minimercado e megaempreendimento;  
b) advérbios, pois servem para expressar a circunstância que cerca a significação da base, aqui entendida como qualquer informação nele contida, a exemplo de recompor, ante-sala e pré-operatório; e  
c) preposições, por emprestarem à base a ideia de posição ou movimento no espaço: sobreloja, entressafra, coautoria, intravenoso. (GONÇALVES, 2012, p. 150)

Ao considerar essas e outras características dos prefixos, o autor chega à conclusão de que não é possível estabelecer uma distinção clara entre os processos de derivação e composição quando se trata de prefixos. Isso se deve muito em função de palavras prefixadas que permitem o truncamento<sup>56</sup>, como é caso do prefixo POS, para o qual é possível dizer *Eu*

<sup>55</sup> Particularmente, consideramos essa hipótese um tanto controversa, pois nem todos os prefixos em língua portuguesa possuem um equivalente livre, fato que daria margem à existência de dois modos de prefixação, um por meio de composição ou outro por derivação. Acreditamos que tal possibilidade tornaria a prefixação um fenômeno ainda mais obscuro.

<sup>56</sup> No caso de palavras prefixadas, em alguns casos verifica-se a abreviação da palavra por meio da supressão da base.

*estou fazendo uma pós (pós-graduação), do prefixo EX, com o qual é comum a construção de enunciados como Cortei relações com meu ex (ex-namorado).*

Além disso, Gonçalves destaca a dificuldade em determinar o processo de produção lexical de prefixos que tem origem em preposições, mas destaca que essas unidades “costumam veicular apenas um dos significados da forma dependente relacionada” (GONÇALVES, 2012, p. 159)<sup>57</sup>. Esse fato o leva a corroborar com a proposta de algumas teorias que defendem a ideia de um *continuum* entre as categorias morfológicas, o que significa que, para o autor, o processo de produção lexical envolvendo prefixos deveria ser analisado em termos de gradação, ou seja, sua categorização ficaria a meio termo entre a derivação e a composição, sendo que alguns elementos se processariam de forma mais prototípica à derivação e outras à composição.

Figueiredo Silva e Mioto (2009) chamam atenção para essa falta de clareza acerca do que se concebe como prefixo e apontam que “a maior fonte de problemas envolvidos na prefixação reside na dificuldade de definir o que é um prefixo, [pois] em geral as definições são amplas o suficiente para recobrir tudo o que na tradição gramatical é considerado um prefixo” (p. 9-10). Como proposta para uma nova possibilidade de compreender o que é e o que faz o prefixo na língua portuguesa, os autores partem da hipótese de que os prefixos “selecionam a base com a qual combinam e que a seleção envolve tanto a categoria como certas características semânticas da base. [Sendo que as] propriedades deste processo esta[riam] acessíveis em palavras formadas produtivamente” (FIGUEIREDO SILVA, MIOTO, 2009, p. 2).

Para tanto, os autores retomam a controvérsia acerca da definição de qual processo de produção lexical participam os prefixos. Neste trabalho deparamo-nos novamente com discussão que pretende localizar o prefixo como um processo composicional ou derivacional. Essa é uma questão que se repete em trabalhos que tratam do prefixo, pois envolve a definição do estatuto da unidade no que diz respeito à sua forma e função na língua portuguesa. Ao se optar por tomá-lo como um elemento cuja produção lexical se dá por meio de processo derivacional, confirma-o como morfema, uma forma presa sem vida própria na língua. Se opostamente a isso, opta-se por classificá-lo como um elemento que participa do processo composicional, o prefixo é elevado ao nível da palavra. Esta última opção é sempre mencionada com cautela, pois acaba por questionar a própria concepção de *palavra* em nosso idioma.

---

<sup>57</sup> Afirmação que questionaremos no tópico destinado à descrição do funcionamento do prefixo CO.

É certo que a tradição gramatical defende a primeira hipótese, o prefixo como fenômeno da derivação. Porém, linguistas de grande representatividade em nosso país, como Camara Jr. (2011), defendem que unidades categorizadas como prefixos, mas que possuem formas livres ou dependentes homônimas, como é o caso de CONTRA, SOBRE, COM entre outros, deveriam figurar entre as unidades que participam do processo de composição lexical.

A controvérsia parece mesmo não ter fim. Figueiredo Silva e Miotto (2009) acabam por concluir que o prefixo é um caso particular de derivação em que a base é por ele selecionado de acordo com a classe gramatical. Para chegar a tal conclusão os autores partem da análise de unidades como IN e DES, que não possuem correspondentes livres na língua. Para a unidade IN, chegou-se à conclusão de que se trata de uma unidade formadora de adjetivos (infeliz, impossível, imóvel etc.), mas para DES, as conclusões apresentadas pelos autores dão margem a novos embates.

De acordo com Figueiredo Silva e Miotto (2009), o prefixo DES combina-se tanto com bases verbais quanto adjetivas, ressaltando, no entanto, que o sentido não seria o mesmo em ambas as combinações. Os autores enfatizam que quando afixado a um verbo, DES evoca o sentido de “reversão de um processo”, assim como correria em *desfazer*, e quando afixado a uma base adjetiva, assume o sentido de uma espécie de negação, como ocorre em *desleal*, que seria algo como *sem lealdade*. Em função dessa dupla possibilidade de emprego, tanto no aspecto morfológico quanto semântico, os autores chegam à conclusão que se trata de um caso de prefixos homônimos, isto é, existiria um DES produtivo em bases adjetivas, cujo sentido evoca negação, e um outro DES produtivo para bases verbais, cujo sentido é de reversão de um processo. Nem por isso, os autores conseguem explicar o caso de *desumanizar*, em que DES se afixa a uma base verbal, mas o sentido evocado remete à negação, aspecto identificado por eles como específico da produção de adjetivos.

A ideia da existência de prefixos homônimos pode ser identificada também no estudo desenvolvido por Susana Margarida Costa Nunes (2011) em sua tese de doutoramento realizada pela Universidade de Coimbra, Portugal. Nela, a pesquisadora aborda os prefixos da língua portuguesa sob vários aspectos e traz discussões acerca dos prefixos de origem latina. Interessamo-nos aqui especialmente pela posição por ela assumida acerca da possível existência de dois prefixos CO homônimos na língua portuguesa.

De acordo com Nunes (2011) existem as formas prefixais *co-* e *com-*, que embora procedam da preposição latina *cum*, devem ser consideradas como distintas entre si, pois a relação existente entre elas seria estabelecida apenas por meio de estudo diacrônico.

Nesta perspectiva, entende-se que a forma prefixal *com-/con-* deixou de ser produtiva em língua portuguesa, apresentando irregularidades semânticas que impedem a identificação do que seria seu valor semântico prototípico de *reunião/concomitância*, afastando-se, desta maneira, do valor comitativo atribuído à preposição *com* unidade de origem deste prefixo. Dentro desta abordagem, unidades como *condensar*, *concentrar*, *consolidar*, *corromper*, *consumir*, *configurar* foram postas de lado por não evocarem as representações esperadas para unidades prefixadas em CO.

O estudo de Nunes (2011), no que diz respeito ao prefixo CO, centrou-se nas unidades que apresentaram conteúdo semântico regular, cuja relação com a preposição latina *cum* é de fácil identificação. De acordo com suas pesquisas e análises, o prefixo CO produtivo em língua portuguesa apresenta estreita relação semântica com a preposição correlata *com*, dando origem a unidades lexicais com valor de “cooperativo, isto é, a sua presença indica que a ação expressa pela base é desenvolvida por mais do que uma pessoa” (NUNES, 2011, p.99). Este seria o caso, por exemplo, de unidades como *coadministrar*, *coexistência*, *coocupante*, *coeducar*, *cogerência*, *coexistente*, *coautor*, *corresponsável*, *copaternidade*.

Como se pode notar, tanto Figueiredo Silva e Miotto (2009) quanto Nunes (2011) definem seus objetos de análise a partir da regularidade semântica por eles evidenciada e com isso pretendem apresentar a produtividade dos prefixos dentro das classes gramaticais.

Por fim, trazemos o ponto de vista de Ieda Maria Alves, cujas pesquisas estão voltadas para questões que envolvem o léxico, dentre elas a Morfologia Derivacional, e a quem pertence o capítulo de abertura do VI volume da *Gramática do Português Culto Falado no Brasil: a construção morfológica da palavra*.

Já de início, Alves (2015) localiza o leitor acerca da perspectiva sob a qual o prefixo será analisado no decorrer da obra, como segue:

Os morfemas aqui analisados como prefixais correspondem, em parte, àqueles que as gramáticas do português têm classificado como formas presas (anti-, des-) ou, também, podem funcionar, eventualmente como formas livres pelo fato de terem sido preposições (in-, sub-), advérbios (não-) ou ainda radicais (hiper-) na língua grega. Deste modo, integram nossa lista de prefixos os elementos que são diferentemente classificados (elementos de composição, compostos ou radicais gregos e latinos pseudoprefixais, prefixoides) e que em geral se referem a uma língua de especialidade. Assim, elementos latinos ou gregos, como multi- e hiper-, que ultrapassam os limites de uma língua de especialidade, em geral científica, e são contemporaneamente empregados no léxico geral, foram por nós classificados como prefixais. (ALVES, 2015, p. 20-21).



Para desenvolver sua análise acerca do funcionamento do prefixo em língua portuguesa, Alves (2015) estabelece um agrupamento dos prefixos distinto do que habitualmente encontramos nas gramáticas de nossa língua. A autora os categoriza “de acordo com os valores semânticos que assumem ao prefixarem-se a uma base: especialidade e temporalidade; intensidade; negação, oposição e favorecimento; quantidade e dimensão” (ALVES, 2015, p. 21).

Embora a classificação estabelecida por Alves seja de fato incomum, ela resulta, assim como na tradição gramatical, da identificação daquilo que seria o sentido de base, ou sentido inerente, atribuído a cada um dos prefixos. Deste modo, eles são agrupados e descritos de acordo com ideias gerais as quais são usualmente relacionados:

- a) A expressão de espacialidade é identificada em prefixos que tradicionalmente são responsáveis por indicar posição superior (sobre-, super-, ultra-), intermediária (inter-), inferior (sub-, infra-, pré-), externa (extra-) e anterior e posterior (pré-, retro-). (ALVES, 2015, p. 21)
- b) A manifestação de temporalidade é identificada em prefixos que seriam responsáveis por agregar à base prefixada a noção de tempo anterior (pré-, recém-), posterior (pós-), concomitante (com-) e intermediário (entre-). (ALVES, 2015, p. 29)
- c) A noção de temporalidade concomitante seria expressa pelo prefixo *con-*, cuja origem remete à preposição latina *cum* e que toma a forma da variante *co-* diante de consoante líquida ou vogal, *com-* diante de *-p* e *-b* e *cor-* diante de *r-*. De acordo com Alves, este prefixo “junta-se a bases substantivas como coproprietário, que denota “participação concomitante na propriedade”, e verbais (coexistir e conviver), que “existem e vivem de maneira conjunta”, respectivamente, para expressar “participação, parceria concomitante” (ALVES, 2015, p. 31).
- d) A noção de intensidade é atribuída aos prefixos super-, hiper-, ultra-, extra- e macro-, que indicariam intensidade aumentativa; sub-, mini- e micro-, que expressariam a intensidade diminutiva e o prefixo re-, que também integraria esta seção, por seu valor de repetição ser identificado como expressão de aspectos intensivos. Com relação aos prefixos hiper-, super-, ultra- e sub- a autora salienta que também funcionariam como indicadores de espacialidade. (ALVES, 2015, p. 33).
- e) A expressão de negação e oposição é atribuída aos prefixos des-/dis-, in-, não-, anti-, contra- e a-/ an-, enquanto a expressão de favorecimento fica a cargo de pró- (ALVES, 2015, p. 41).

- f) A expressão de quantidade e dimensão é atribuída aos prefixos multi- e semi (ALVES, 2015, p. 53).

Notamos ao longo da discussão proposta por Alves (2015), brevemente apresentada aqui, que assim como os estudos descritos anteriormente, discorre-se sobre suas hipóteses para o funcionamento do prefixo em língua portuguesa partindo de seu conceito clássico, que entende fundamentalmente como um morfema de sentido único. Mesmo quando o entendimento do prefixo como forma presa é questionado e o tomam como unidade livre, a concepção de que há um sentido invariável que lhe é intrínseco persiste.

No que toca estritamente o funcionamento do prefixo CO, ao qual nos dedicamos a estudar, ainda que sumariamente, percebemos que os estudos apresentam pouca variação no modo de concebê-lo, seja do ponto de vista semântico ou funcional. De maneira geral, ou ele é descrito como um morfema cuja função é alterar semanticamente a base verbal ou nominal a qual se adjunge, emprestando-lhe o sentido de concomitância, ou é banido da categoria dos prefixos por apresentar variação semântica, concepções corroboradas por outros estudos que, assim como este, dedicaram mais precisamente a compreendê-lo e explicá-lo, e os quais apresentaremos brevemente na seção seguinte.

#### **4.2. O caso do prefixo CO**

Ao iniciarmos nossa pesquisa acerca do modo como o prefixo tem sido concebido na língua portuguesa, notamos que o prefixo CO conta com uma quantidade relativamente baixa de estudos a seu respeito e aquelas que identificamos apresentam descrições um tanto díspares entre si, ora o fazendo com muita brevidade, tornando-se um tanto superficial e genérica, ora a profundidade empregada não chega a encontrar respostas efetivamente distintas daquelas já sugeridas pela tradição gramatical. Esses fatores culminam em uma falta de clareza conceitual acerca da natureza de sua forma e função, o que acaba por impelir esta unidade, que de saída se mostra de uma grande complexidade, para o limbo dos interesses acadêmicos.

Devido à pouca literatura encontrada que trate do prefixo CO em profundidade, trazemos aqui um panorama mais ou menos geral do modo como se tem compreendido a unidade em língua portuguesa. Por meio de nossas pesquisas, foi possível identificar que

gramáticas<sup>58</sup> e estudiosos classificam o prefixo CO como um prefixo latino que, em sua origem, apresentava a forma CUM, que designava *concomitância, reunião*.

A forma latina *cum* figura em raras palavras portuguesas (cúmplice, cumprir), casos em que, aliás, já se perdeu o sentido da derivação. A produtiva é a forma vernácula *com*, que se apresenta como *con* antes de consoantes que não seja b ou p; *co* antes de vogal; *cor* antes de r. Seguindo-se-lhe m ou l, dá uma assimilação, simplificando-se depois as geminadas. (LIMA, 2011, p. 252-253).

Apesar de haver um consenso quanto à origem e sentido atribuído à unidade, quando o assunto é determinar o processo de produção lexical que esta unidade integra, sobram divergências e imprecisões.

Camara Jr. (2011), um grande nome da linguística brasileira, entende que o prefixo COM, assim como todos os prefixos de origem latina que possuem uma preposição homônima, deveria ser integrado ao processo de composição, pois, por derivação, o autor entende como sendo a:

Estruturação de um vocábulo, na base de outro, por meio de um morfema que não corresponde a um vocábulo e introduz no semantema uma ideia acessória que não muda a significação fundamental. Em português, os morfemas segmentais nestas condições são os que se pospõem ao semantema e entram, pois, na classe dos sufixos. Os que antepõem ao semantema, na classe de prefixo, salvo nos derivados parassintéticos, correspondem a preposições, portuguesas ou latinas, e alteram fundamentalmente a significação do semantema; são por isso incluídos de preferência no processo de composição. (CAMARA JR. 2011, p. 112)

Como pode-se notar, para Camara Jr., o que determina o processo de produção lexical é o nível de alteração semântica que ele desencadeia na base prefixada. Essa posição dá margem a discussões, pois sob essa perspectiva o prefixo por nós estudado, por exemplo, integraria os dois processos simultaneamente. Com efeito, em unidades como *coautor* e *coordenar*, a acepção de ação que realiza juntamente ou em concomitância é de fácil percepção e por isso seriam produtos de processo derivacional; em contrapartida, unidades como *corromper*, que nos interessa diretamente, seriam produtos de processo composicional, já que, neste caso, a acepção de atividade que se executa juntamente ou em concomitância com outro sujeito é de difícil identificação.

Rocha (2008), assim como outros estudiosos e gramáticos, refuta a afirmação de Camara Jr. por entender que existe a forma presa CO que funcionam como prefixos, ao passo

<sup>58</sup> *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanilda Bechara; *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Celso Cunha e Lindley Cintra; *Gramática da Língua Portuguesa Padrão*, de Amini Boainain Haury.

que *com* seria uma forma dependente e desempenha o papel de preposição. Deste modo, as unidades possuem funções diferentes na língua, além de serem registradas em verbetes separados em fontes lexicográficas, o que, para Rocha, justifica sua integração no processo derivacional.

Já Sandmann (1989) entende que há elementos linguísticos que podem ser considerados como *prefixóides*, *i.e.* que teriam conteúdo mais complexo do que um prefixo e menos complexo do que uma palavra, e isso por possuírem correspondentes livres, em geral, preposições e advérbios, caso de *bem*, *contra*, *mal*, *não*, *pró*, *sem*, *sobre*, lista à qual acrescentaríamos também o CO.

Percebe-se desta forma que a confusão conceitual que cerca a unidade CO está para além de questões puramente morfológicas, uma vez que as discussões giram em torno de definir se a unidade CO é ou não prefixo em função das profundas alterações semânticas que pode provocar na base a qual se adjunge, a ponto de autores como Nunes (2011), citada na seção anterior, sugerir a existência de dois prefixos CO homônimos, e isso porque nem sempre o produto lexical da prefixação é facilmente associado aos sentidos de *juntamente*, *reunião* e *concomitância* atribuídos ao prefixo em questão.

Entendemos, assim, que o cerne desta discussão está mais relacionado aos aspectos semânticos da unidade que propriamente às suas características morfológicas. Isso por compreendermos que esta discussão acerca do processo de produção lexical envolvendo o prefixo por nós investigado, assim como outros de origem latina que possuem correspondente homônimo como forma livre ou dependente, encontra complicações de definição por se partir do princípio de que o prefixo, de modo geral, deve distinguir-se apenas por um sentido, que lhe é intrínseco e invariável.

Em nossa hipótese, concordamos com Câmara Jr. no que diz respeito às transformações profundas que o prefixo pode imputar à base; contudo, discordamos de seu ponto de vista quando afirma que certos prefixos seriam variantes presas “das formas dependentes chamadas preposições, [que criam] uma nova significação externa para a palavra a que se adjunge” (CAMARA JR. 2011, p. 246).

Para este fenômeno, entendemos que o prefixo possui uma constituição própria que determina seu funcionamento semântico, orienta seu processo de produção lexical e provoca profundas mudanças no funcionamento enunciativo do termo ao qual se adjunge o que torna,

assim o entendemos, prefixo e preposição<sup>59</sup> elementos dissemelhantes do ponto de vista do papel que exercem no seio da língua portuguesa.

#### **4.3. O prefixo na perspectiva da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas**

Como vimos, os trabalhos sobre prefixos partem da premissa de que essas unidades possuem um sentido determinado, cuja única função se restringe a acrescentar este sentido à base a qual se adjunge, provocando-lhe modificações semânticas específicas e determinadas – o que entendemos ser o motivo subjacente à causa das contendas acerca da definição do processo de formação de palavras que este fenômeno linguístico integra.

Em primeira instância, notamos que tomar o prefixo como unidade de sentido invariável impede a realização de uma descrição mais abrangente sobre seus efeitos nas bases as quais se afixa, visto que, quando a variação semântica surge, traz com ela a impossibilidade de sustentar a definição do prefixo como morfema preso, sem função discursiva, a qual cabe apenas agregar um sentido específico à base.

Com a emergência da variação semântica de um determinado prefixo, surge igualmente a busca pela classificação mais adequada, o que, como pudemos constatar ao longo deste capítulo, ou resulta na existência de dois morfemas presos homônimos, *i.e.* dois prefixos com a mesma forma e sentidos distintos; ou na existência de uma forma livre, neste caso, uma preposição que também funcionaria como prefixo, que seria uma opção incompatível tanto com a noção de prefixo quanto com a noção de preposição; ou ainda, como um prefixóide, um elemento que não é nem um prefixo nem uma preposição, e por isso careceria de uma definição mais contundente.

Qualquer das soluções nos parecem insuficientes, pois se optarmos pela primeira, então atestamos que o princípio da economia linguística não existe em português ou simplesmente não se aplica a alguns de seus elementos; se optarmos pela segunda, a definição do que é e o que pode fazer uma preposição na língua portuguesa precisa ser refeita; finalmente, se optamos por uma definição que se pauta no indefinido, fica a lacuna conceitual.

Deste modo, os estudos tradicionais acerca do prefixo, especialmente os poucos que se ocupam das unidades que têm como origem preposições latinas, findam por concentrar-se em demasia, em nosso entender, na definição do processo de formação de palavras, se derivação

---

<sup>59</sup> Para compreensão do funcionamento da preposição sob o ponto de vista da TOPE, sugerimos consulta à VILELA, T. R. 2016. Educação léxico-gramatical: um estudo semântico-enunciativo da preposição com. Guarulhos, SP. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de São Paulo, 191 p.

ou composição, e pouco acrescentam acerca de sua real função dentro do sistema linguístico e suas diferentes manifestação nas produções discursivas.

Daí sermos céticos quanto à afirmação de que o prefixo não possui função discursiva, fato que se deve, especialmente, aos resultados preliminares aqui obtidos os quais demonstram que o prefixo além de agregar representações simbólicas à base a qual se afixa, dando origem a um vocábulo novo cujas representações evocadas estão para além da somatória dos sentidos das partes que o constitui, também exerce função predicativa, pois, como veremos mais adiante, ele é capaz conferir, ao sujeito sintático da oração, apreensões distintas das observadas em orações com bases verbais não prefixadas.

Assim, dentro do quadro epistemológico da TOPE, o prefixo configura-se como um elemento que, entre outras atribuições que lhe cabem, modifica o modo como o sujeito sintático é apreendido. Denis Paillard (2010) o conceitua como um *predicado complexo*, denominação que diz respeito à “proposição que apresente mais de um elemento predicativo” (p.197). Isso impossibilita a este predicado ser “descrito simplesmente do ponto de vista sintático-semântico, pois é o produto de uma combinatória entre diferentes elementos predicativos [no caso, um prefixo e um verbo]” (PAILLARD, 2010, p.198).

A título de ilustração preliminar, apresentamos algumas reflexões extraídas de Romero e Trauzzola (2016), artigo dedicado à análise das propriedades do prefixo CO a partir das características enunciativas do verbo CONSUMIR, em contraste com SUMIR, e do verbo COMER.

De acordo com o trabalho em questão, o verbo SUMIR, no que se refere aos parâmetros mobilizados por seu funcionamento enunciativo, implica “(a) algo ou alguém que é, no sentido [...] de *um ser* suscetível de estar localizado em um lugar, uma situação; e um parâmetro (b), o sítio que localiza (a) e o torna visível ao atestar sua realidade material em uma dada situação. O verbo *sumir* exprime que o estava localizado em uma situação<sup>60</sup> não está mais localizado, tornando-se, a partir desse momento, não-visível” (ROMERO, TRAUZZOLA, 2016, p. 82).

Assim, em (1) *As bebidas sumiram rapidinho*, em uma das leituras possíveis, o termo *as bebidas* é apreendido como (a), ou seja, um líquido cuja materialidade se dá a ver por meio de (b), de recipientes que contêm (a). Deste modo, o emprego de SUMIR recupera um líquido antes localizado pelos recipientes.

---

<sup>60</sup> Situação “que estabelecia a sua realidade material lhe permitindo ser visível” (ROMERO, TRAUZZOLA, 2016, p. 80)

Vejamos o que ocorre, por sua vez, ao se empregar CONSUMIR, no exemplo abaixo, extraído do mesmo artigo: (2) Eles CONSUMIRAM as bebidas alcoólicas.

Como explicam as autoras, temos aqui:

[...] um sujeito, *eles*, aquele que consome, e *as bebidas alcoólicas*, o que é consumido. *Consumir* exprime que o sujeito integra o álcool, que se torna um componente do organismo humano. Tem-se uma substância que, ao não ser mais localizada em sua realidade material (o que vem do próprio funcionamento de *sumir*), é incorporada ao organismo humano. Notemos que *eles* está a priori em uma relação de exterioridade face à substância. Sua integração atesta uma composição *sujeito-álcool*, o que faz com o que o álcool finalmente se transforme em agente conferindo ao sujeito propriedades diversas (o sujeito é agido pelo álcool). [...] O prefixo *con-* remete à união contingente entre a substância e o organismo humano, a contingência exprimindo uma realidade que não pertence à natureza constitutiva do organismo em si. (ROMERO, TRAUZZOLA, 2016, p. 86-87)

Por meio desta breve análise, já nos é possível observar o quanto a inserção do prefixo incide sobre os termos constitutivos da oração. Com efeito, o que se vê é que os parâmetros específicos ao funcionamento da base (no caso, SUMIR) são mobilizados de modo diverso, sobretudo porque o sujeito sintático passa a ser requerido para dar uma nova forma de visibilidade à não-visibilidade instaurada por SUMIR.

Deste modo, nota-se que nosso trabalho propõe uma perspectiva um tanto distinta das descritas nos estudos apresentados anteriormente, e isso pelo fato de abordarmos a capacidade que qualquer unidade da língua possui de produzir significação sem estar atrelada a um sentido que lhe seja intrínseco. Nas palavras de Franckel:

Essa abordagem [...] postula que a palavra não tem por si só nenhum conteúdo semântico estável *a priori*. Nunca observamos nos enunciados o valor próprio ou primeiro de uma unidade, visto só existirem unidades cujo sentido se constrói no e pelo enunciado. O instável é, aqui, primeiro, e a estabilização só se estabelece por meio das interações da palavra com o meio textual que a cerca, essas interações revelando, segundo hipótese que sustenta a teoria, princípios reguladores. [...] A unidade é definida não mais por um conteúdo preestabelecido, mas por propriedades passíveis de serem apreendidas pelo papel específico que ela apresenta nos diferentes tipos de interação nas quais ela entra, não sendo esse papel visto como um sentido próprio da unidade. Não se trata mais de se apoiar em uma problemática da metáfora, mas de buscar propriedades que resultam nos conteúdos (FRANCKEL, 2011b, p. 51).

Como vimos, além de não nos fundamentarmos na existência de um sentido fixo e dado *a priori*, fora de quaisquer contextualizações, abordamos o funcionamento enunciativo das unidades por meio das relações que estabelecem entre si.

E sob essa perspectiva que vamos nos dedicar, na seção seguinte, ao estudo contrastivo entre verbo prefixado e base, quais sejam, os verbos CORROMPER e ROMPER, a fim de evidenciar a dinâmica existente entre a categoria de *sujeito* e o *predicado complexo* e o modo como o *sujeito ou a subjetividade*<sup>61</sup>, enquanto fenômeno enunciativo, se manifesta nos enunciados aos quais se integrem.

---

<sup>61</sup> Reforçamos que esse termo é empregado por nós no sentido kantiano, para o qual a subjetividade diz respeito aos fenômenos psíquicos do sujeito relacionado ao modo como este constrói representações a partir de sua experiência com o mundo: “Para Kant o sujeito é o eu penso da consciência ou autoconsciência que determina e condiciona toda atividade cognitiva: “Para o eu, para o ele ou para aquilo (coisa) que pensa, nós nada mais representamos que o sujeito transcendental dos pensamentos, = x que só é conhecido por meio dos pensamentos que são seus predicados e sobre o qual, à parte estes, não podem ter o menor conceito” (Crítica da Razão pura, Dialogo transcendental, II, cap 1). Nessas palavras de Kant, pode-se reconhecer a passagem do velho [alma ou substância] para o novo significado de sujeito: união de sujeito e predicado nos juízos, porquanto é atividade sintética ou judicante, espontaneidade cognitiva, portanto consciência, autoconsciência ou percepção” (ABBAGNANO, 2015, p. 1097)



## V – Formalização metalinguística de CORROMPER

*A dimensão ética começa quando entra em cena o outro.*

**Umberto Eco**

Luís Fernando Veríssimo, em uma de suas crônicas publicadas no periódico O Globo<sup>62</sup>, dedica-se a esclarecer a origem etimológica de palavras abundantemente empregadas no noticiário e nas conversações cotidianas sobre o Brasil dos últimos tempos. Dentre elas, ou a principal delas, CORRUPÇÃO, que o escritor define nos seguintes termos:

“Corrupção” vem do latim *rumpere*, ou romper, quebrar. *Corrumper* quer dizer quebrar completamente, inclusive moralmente, o que significa que quem foi corrompido não tem conserto. O mais inquietante é que da mesma origem latina vem a palavra “rota”, através de “ruptura”, que virou *rupta* no latim vulgar, um caminho aberto ou batido, e que está na origem do francês *route*, de “rota” e de “rotina”. Quer dizer, há poucas esperanças de a corrupção deixar de ser uma rotina no Brasil. Até a etimologia está contra nós.

Evidentemente que, por se tratar de um texto que busca essencialmente promover uma discussão ou análise crítica acerca dos acontecimentos relevantes da sociedade, a crônica “Etimológicas” de Luís Fernando Veríssimo propõe uma crítica humorada ao cenário político nacional e, por isso, atem-se apenas a um dos empregos do termo, mas que em muito corrobora as análises de CORROMPER ao qual nos dedicamos.

De forma mais analítica e dezenas de séculos precedentes, Aristóteles propôs um entendimento acerca da *Geração e Corrupção*<sup>63</sup>, em que afirma que:

[...] as coisas se geram e corrompem por associação e separação e se alteram por transmutação das suas afecções, teremos de nos deter a considerar estas questões, pois elas encerram dificuldades simultaneamente numerosas e razoáveis (ARISTÓTELES, 2017, p. 53)

Essa afirmação nos faz refletir acerca da função de CORROMPER quando pensada em termos do que se pode realizar ou destruir com base em relações de associação e separação, e quais representações ela evoca nos diferentes enunciados que ajuda a elaborar.

Evidentemente que, em função das perspectivas acima partirem de contextos e tempos diferentes, apresentam abordagens distintas. Veríssimo propõe uma interpretação do termo por meio de um texto metalinguístico em que promove um discurso irônico, cujo objetivo

<sup>62</sup> Crônica “Etimológicas”, publicada no jornal O Globo em 30 de abril de 2015.

<sup>63</sup> Este é o título de um dos trinta e oito livros que compõem a obra *Da Física* de Aristóteles.

centra-se na análise crítica acerca de acontecimentos relevantes da sociedade, especialmente aqueles acerca do cenário político nacional que giram em torno da corrupção. Por isso, atem-se apenas a um de seus empregos. Já no excerto da obra aristotélica, *CORROMPER* é abordado como fator integrante dos constituintes responsáveis pela geração e destruição das substâncias sensíveis.

De acordo com fontes lexicográficas variadas (HOUAISS, A.; VILLAR, M. S., 2009; BORBA, F. S., 1991; HOLANDA, A.B., 2010), *CORROMPER* é definido como verbo transitivo direto cujas acepções remetem a *apodrecer (se)*, *estragar (se)*, *deteriorar (se)*, *perverter (se)*, *viciar (se)*, *adulterar (se)*, *alterar (se)* e *subornar*. O dicionário, como documento de registro dos diferentes empregos dos termos de uma língua em perspectiva majoritariamente sincrônica, apresenta o termo entendido a partir de sentidos por ele adquiridos, mas que, embora não esgote suas possibilidades de variação, em muito contribui para a realização de nossas análises.

Vale ressaltar que para a realização deste estudo analítico, construímos um *corpus* com 171 enunciados coletados de diferentes sites da WEB, no período entre compreendido entre janeiro de 2015 e dezembro de 2018, assim como enunciados listados como exemplos de emprego da unidade em questão apresentados nas diferentes fontes lexicográficas consultadas, *corpus* este que se encontra integralmente relacionado na seção dedicada aos Anexos.

Em nossa perspectiva, buscamos observar e descrever as diferentes possibilidades de produção de sentido das unidades por meio de seus diversos empregos. Em suma, trabalhamos com os *valores referenciais* das unidades, ou seja, com a relação entre significação e cena enunciativa, pois é “o contexto [linguístico] que esclarece a significação de um enunciado, mas é o enunciado que produz as condições que permitem, assim, interpretá-lo. As formas engendram as condições de possibilidade de sua interpretação” (FRANCKEL, 2011, p. 46).

Da mesma maneira, empenhamo-nos em propor a *forma esquemática* da unidade, conceito que:

[...] descreve sua função singular dentro da língua portuguesa: ela resume as particularidades da unidade, restringe seus empregos, determina seus contextos de inserção. Essa é, assim, a face invariante da unidade, é o que está por trás da regularidade do verbo que se manifesta por meio dos inúmeros valores que adquire em contexto. (LIMA, 2013, p.101-102)

Para descrever os mecanismos que orientam a variação semântica de CORROMPER, *i.e.*, sua forma esquemática, elaboramos uma fórmula metalinguística que busca reconstruir os processos da atividade de linguagem subjacentes à elaboração dos enunciados.

Cada enunciado será discutido em seus detalhes, de modo a evidenciar suas características e funcionamento. O olhar construtivista sobre a atividade de linguagem aborda, sob esse aspecto, o sentido como produto das operações realizadas entre os níveis cognitivo e linguístico e que se materializam por meio dos elementos logicamente organizados da língua. O sentido é, portanto, o resultado de “um arranjo de formas a partir dos quais os mecanismos enunciativos que o constituem como tal podem ser analisados, no âmbito de um sistema de representação formalizável, como um encadeamento de operações do qual é vestígio [ou traço]” (FRANCKEL, 2011, p. 46).

No caso específico de CORROMPER, buscamos compreender, por exemplo, as razões pelas quais nos é possível afirmar que “*O poder corrompe*” é um enunciado facilmente interpretado, ao passo que “*Corrompe Brasil*” se mostra como uma sequência linguística à espera de estabilização semântica. Dito de outra forma, há de se engendrar uma cena enunciativa, buscar elementos da língua que, ao entrarem em relação com os termos que integram esta sequência, produzam significação.

## 5.1. Estudo analítico

### A) Empresário corrompeu funcionários públicos (W8)<sup>64</sup>

O termo *empresário* é apreendido como proprietário e/ou dirigente de empresa, alguém que pode gozar de notoriedade pública, destaque político e poder econômico, fatores que podem o levar a crer que seu status lhe confere privilégios e o coloca em posição de recorrer a manobras jurídicas, políticas, financeiras que estejam à parte das leis para alcançar seus propósitos. Já o termo *funcionários públicos* remete aos indivíduos cujas atribuições lhe são investidas legalmente por meio de cargo assumido em instituição estatal e que deve agir em nome da administração a que serve. A representação construída neste enunciado remete à aceitação de vantagem financeira por parte dos funcionários públicos para violar as regras de sua função e instituição com a finalidade de agilizar processos, retirar obstáculos, ignorar

<sup>64</sup> Os códigos entre parênteses correspondem à sequência dos enunciados relacionados no *corpus*, apresentado nos Anexos.

irregularidades para que aquele que se considera, e que também pode ser considerado, como alguém cujas necessidades estão acima das questões legais, possa atingir seus objetivos.

B) Ela nos corrompeu como a ferrugem corrompe o ferro, como a deterioração corrompe um corpo sem vida (W13)

O termo *ferrugem*, da segunda oração, remete ao componente químico hidróxido de ferro cuja presença se mostra no *ferro*, quando o mesmo é exposto ao oxigênio e meio ambiente úmido, o que o torna inútil para processos de manufatura, assim como objetos de ferro impregnados de ferrugem são considerados impróprios para uso. A primeira oração, *Ela nos corrompeu*, sugere que *Ela*, por meio de suas características pessoais e atitude persuasiva, foi capaz de exercer influência e levar os indivíduos, identificados como *nos*, a agirem de maneira diversa aos códigos de conduta ética e ou moral que os faziam sentir-se como indivíduos íntegros, cujo comportamento estava alinhado às expectativas sociais.

A representação construída pelo enunciado evoca, desta maneira, que assim como as propriedades da *ferrugem* é capaz de fazer com que o *ferro* perca suas características essenciais, *Ela*, em função de suas qualidades potencialmente nocivas (por exemplo, sem preocupação com questões éticas, morais ou legais), foi capaz de desencadear a perda de princípios considerados essenciais aos seres humanos de conduta irrepreensível.

C) Corromperam o grande juiz (W15)

O termo *juiz* tende a remeter aquele que, investido de autoridade legitimada, tem poder para julgar ações alheias e imputar sentença na justa medida da falta cometida, além de ser capaz de total imparcialidade por se encontrar em posição de quem determina o destino dos que estão *sub judice*, em partida desportiva, ou circunstância que necessite da intervenção daquele que confere ou arroga a si autoridade para dirigir, resolver ou deliberar acerca de contenda instalada entre duas ou mais partes. A representação construída remete à perda das características necessárias para exercer a função de juiz. Ainda que não estejam evidentes as circunstâncias em que se deu a corrupção, o verbo *corromper* associado a posição de poder evocado por *juiz*, apreende-se que o juiz abre mão da imparcialidade e capacidade de análise justa da realidade que lhe são atribuídas para beneficiar uma das partes interessadas em determinado processo, partida desportiva, etc. em troca de favor, conveniência ou ganho material.

D) O calor de seus lábios corrompe minha mente (W21)

O termo *calor* remete à qualidade, estado ou condição do que apresenta temperatura elevada, quando comparado à temperatura ambiente ou corporal normal. Essa elevação de temperatura pode se dar por influência externa, como energia que se transfere de um corpo para outro graças à diferença de temperatura entre eles; ou por causas internas de origem fisiológica produto de um processo orgânico, como aceleração da circulação sanguínea ou alguma perturbação do equilíbrio homeostático, que causa sensação de aquecimento; intensidade de emoções, ações ou pensamentos que consomem ou parecem consumir grande energia física ou psíquica. *Mente*, por sua vez, pode remeter tanto à qualidade humana de desenvolver inteligência e sensibilidade, quanto aos aspectos cognitivos do ser humano relacionados à sua capacidade de pensamento, de estabelecer a compreensão do mundo a sua volta por meio da inferência e imaginação. A representação construída pelo enunciado remete à intensidade emocional de um indivíduo com relação a outro. A proximidade física entre ambos provoca distúrbios psíquico-químicos em um dos indivíduos, ou seja, o *calor dos lábios* alude ao processo orgânico de alteração da temperatura corporal de um indivíduo diante da eminente compensação afetiva, que provoca no outro, a incapacidade em manter suas funções cognitivas funcionando dentro da normalidade regular, motivado também por reações desencadeadas pela intensidade emocional diante da agradável sensação do contato físico entre os indivíduos.

E) A linguagem corrompe o pensamento (W45)

A *linguagem* remete, aqui, ao meio para comunicar ideias e sentimentos através de um sistema de signos. O *pensamento*, de outra parte, remete à sua compreensão como faculdade cognitiva de adquirir conhecimento por meio de conceitos, de construir representação mental dos fatos e objetos do mundo de forma objetiva. O enunciado constrói, desta maneira, a representação de que o discurso de outrem, impregnados de seus modos de compreender e interpretar a realidade, é capaz de transformar, de modificar por completo o entendimento da realidade dos interlocutores, persuadindo-os a comungar de seus pontos de vista, ideais e princípios.

F) O homem nasce bom, a sociedade que o corrompe (W100)

O termo *homem* remete à concepção de ser naturalmente dotado de inteligência, virtude, bom caráter e boa índole, elementos que o caracterizariam como intrínseca e essencialmente honesto, generoso, justo etc., ou seja, como um homem cuja natureza se define por qualidades consideradas positivas. A *sociedade*, tomada como sinônimo de civilização de modelo ocidental-europeu que valoriza o consumo de bens materiais, remete à sua capacidade de produzir desigualdades por meio do estímulo à propriedade privada e acúmulo de capital, o que provoca disputa entre os homens e os torna gananciosos, dispostos a desrespeitar as regras sociais e leis do Estado para alcançar poder e distinção social. A representação construída pelo enunciado aborda a *sociedade* como antagonista do *homem*, pois ela seria responsável por produzir a competição desleal entre os homens, promover a necessidade de adquirir poder material ou imaterial e exercer influência acerca dos modos de viver e pensar dos outros que compõem seu contexto social, o que provoca a transfiguração da natureza humana. Dito de outra forma, o homem, cuja a natureza é essencialmente boa, torna-se egoísta, colocando seus interesses particulares acima das necessidades coletivas.

G) O governo corrompeu as principais instituições (W86)

*Governo* pode ser interpretado como o conjunto de indivíduos imbuídos da capacidade ou possibilidade de exercer poder e controle sobre os cidadãos de uma cidade, estado ou nação, sendo, por isso, responsável pela administração dos equipamentos sociais e mecanismos econômicos que garantam o bem-estar e existência digna dos mesmos. O termo *instituições* pode ser interpretado como conjuntos de indivíduos que compõem as entidades e ou organizações, públicas ou privadas, que auxiliam no funcionamento da sociedade instituindo regras para o convívio social, regulando ações e administrando bens e serviços de uso público. A representação construída é a de que indivíduos que compõem o *governo* e agem em seu nome utilizam o poder que lhes foi investido para influenciar membros que respondem por *instituições* a agirem de maneira a atender as necessidades particulares de tais membros do *governo* em detrimento das ações que lhes cabem e que garantem o bom funcionamento da sociedade.

H) O mercado corrompe as crianças (W99)

O termo *mercado* remete ao conjunto de relações comerciais estabelecidas entre os potenciais consumidores de bens e serviços e aqueles que utilizam diferentes meios de persuasão para vendê-los. *Criança*, neste contexto, evoca a inocência, pureza e inexperiência do ser humano em processo de desenvolvimento, o qual tem início no nascimento e cessa com a chegada da puberdade. Esta fase seria, assim, o período em que o ser humano ainda apresenta as características de sua natureza benévola e virtuosa. A representação construída pelo enunciado remete à percepção de que o *mercado* (ou sociedade de consumo) tira da *criança* a pureza que lhe é natural. A criança perde a inocência e passa a desejar bens e serviços que lhes são apresentados como necessários para uma existência prazerosa.

#### I) Antivírus corrompe arquivos. (W111)

*Antivírus* é interpretado como programa de proteção de computador que detecta e elimina programas maliciosos (vírus) capazes de danificar computadores e prejudicar seu funcionamento ou ainda acessar dados importantes e/ou sigilosos neles armazenados. O termo *arquivo*, neste contexto, remete ao conjunto de dados digitalizados, programas, documentos, textos, planilhas e imagens que podem ser gravados em um dispositivo de armazenamento (computador) para serem acessados sempre que necessário. A representação construída pelo enunciado remete à presença de elementos nocivos ao funcionamento adequado do computador e seus softwares no programa desenvolvido para protegê-los (*antivírus*). Assim, o antivírus não apenas é ineficaz para proteger os dados contidos no computador, como é capaz de danificar tais dados (*arquivos*) inutilizando-os.

#### J) O dinheiro corrompeu os jogadores (W129)

O termo *dinheiro* pode ser compreendido como tudo o que possui valor econômico e financeiro sob a forma de moedas, cédulas, dados digitais, ações e títulos controlados pelo governo de cada país, com os quais se pode comprar bens e serviços ou aplicar em instituições financeiras. *Jogador*, neste contexto, remete ao indivíduo que tem por profissão atividade desportiva e por isso participa de competições esportivas, nas quais se espera que os envolvidos (jogadores, treinadores, clubes esportivos, etc.) se dediquem e se empenhem, de forma lícita, para delas saírem vitoriosos. Neste enunciado, a representação construída remete à perda das qualidades próprias de um *jogador* esportista que compete honestamente pela

vitória ao aceitar montante em *dinheiro* em troca da construção do resultado desejado por aquele que lhe pagou de forma ilícita.

L) Corromperam-no as grandes indústrias. (W134)

Neste enunciado, a representação construída remete ao indivíduo que perde as propriedades positivas de sua essência em função da influência de indivíduos que respondem juridicamente por empresas caracterizadas por suas atividades econômicas que se baseiam na manipulação, exploração e transformação de matérias em produtos e bens de consumo.

Notamos que os enunciados acima seguem, em sua maioria, a construção *Sujeito Verbo Objeto* (SVO). No caso dos enunciados construídos com CORROMPER, a estrutura sintática SVO traz à tona uma relação complexa entre *sujeito sintático*, *verbo* e *objeto*.

Com efeito, nos enunciados (B) *a ferrugem corrompe o ferro* e (I) *Antivírus corrompe arquivos*, os termos que ocupam a posição de sujeito apresentam propriedades capazes de provocar a descaracterização dos termos que ocupam a posição de objeto direto. A *ferrugem*, entendida como produto da interação entre os elementos constitutivos do ambiente e os que compõem o ferro, descaracteriza as propriedades do *ferro* e o torna impróprio ou inútil, assim como o *antivírus*, concebido como produto humanamente elaborado para determinado fim, desconfigura *arquivos* (programas e dados), impossibilitando o acesso a eles e prejudicando o desempenho geral do computador.

Já nos enunciados (D) *O calor de seus lábios corrompe minha mente* e (E) *A linguagem corrompe o pensamento*, a cena enunciativa evoca uma relação mais complexa entre os termos que ocupam a posição de sujeito e os termos que ocupam a posição de objeto. Em (D), o sujeito sintático, *o calor dos seus lábios*, evoca a reciprocidade de sentimentos entre o indivíduo de lábios calorosos e o que tem a mente perturbada por sua presença. Isso porque o calor dos lábios pode remeter às mudanças físico-químicas desencadeadas pela intensidade de suas emoções e acabam por consumir grande energia, produzindo a sensação de aquecimento corporal. Já o indivíduo cuja mente foi corrompida, sugere que a presença do ser objeto de seus sentimentos intensos provoca, nele, a perda da racionalidade, da capacidade de pensar claramente. Assim, é o calor dos lábios que provoca, no indivíduo, a perda da capacidade de pensar com clareza; mas também pode-se considerar que é a presença deste indivíduo que provoca o aquecimento dos lábios. Ao que nos parece, não se trata de uma



simples relação entre quem realiza a corrupção e que a sofre, mas o modo como um desencadeia mudanças nas propriedades do outro.

O enunciado (E), por sua vez, evoca uma relação bastante peculiar entre o sujeito sintático, *a linguagem*, e o objeto, *o pensamento*. Tomando *linguagem* e *pensamento* como elementos constitutivos de nossas faculdades cognitivas, nos sendo mesmo difícil abordar um sem considerar o outro, a relação de efeito recíproco entre ambos não apenas é possível, como nos parece necessária. De que forma nos é possível conceber o modo como construímos conhecimento, imaginamos situações jamais experienciadas, refletimos acerca daquilo que nos intriga sem a linguagem? Da mesma forma, como seríamos capazes de elaborar enunciados, de nos comunicarmos, sem que haja interação entre a linguagem e nossas faculdades de representação simbólica? Desta forma, não haveria possibilidade de a linguagem provocar alterações no modo como os indivíduos compreendem o mundo, sem que a linguagem, mais precisamente, o modo como os indivíduos se expressam, os termos que são por eles convocados para produzir seus diferentes discursos também sofram mudanças. Mais uma vez, aquele que corrompe sofre igualmente a corrupção.

Já nos enunciados (A) *Empresário corrompeu funcionários públicos*, (C) *Corromperam o grande juiz*, (F) *O homem nasce bom, a sociedade que o corrompe*, (G) *O governo corrompeu as principais instituições*, (H) *O mercado corrompe as crianças*, (J) *O dinheiro corrompeu os jogadores*, notamos que tanto os sujeitos sintáticos quanto os objetos remetem a elementos que integram o universo cultural dos povos ocidentais ou que vivem em modo análogo a estes.

No enunciado (A), *Empresário* evoca a representação do indivíduo que agencia negócios ou dirige estabelecimento comercial ou industrial com o objetivo de obter lucro. *Funcionários públicos*, aos indivíduos que aprovados em concurso são destinados a exercer funções em instituição estatal, cuja remuneração advém dos cofres públicos. Nota-se que ambas posições integram o domínio das instituições que asseguram o bom funcionamento das sociedades de economia capitalista. Fato similar pode ser observado em (C). Ainda que não saibamos quem seja o corruptor do *juiz*, a cena enunciativa constrói a representação de um indivíduo que investido de autoridade para avaliar o mérito de pessoas ou coisas, pois goza de credibilidade quanto ao discernimento e à capacidade de avalia-lás com bom senso e imparcialidade, aceita transgredir o decoro de sua função em troca de benefícios particulares. Por outro lado, infere-se que o corruptor seja alguém cujo conjunto de valores e princípios se encontrem degradados, mas que é imbuído de poderes econômicos ou de influência, o que o torna capaz de persuadir o juiz a agir em seu favor.

Nos enunciados (H) e (J), a posição do sujeito sintático é ocupada por termos que evocam o sistema econômico capitalista, *mercado* e *dinheiro* respectivamente. Porém a cena enunciativa diz que o corruptor ou corruptores são, em (H), os indivíduos responsáveis pela produção, divulgação e comercialização de diferentes produtos e serviços destinados ao público infantil dispostos a se aproveitar de sua credulidade e inexperiência para torna-los ávidos consumidores. A corrupção das crianças se dá, portanto, na medida em que estas perdem precocemente a simplicidade e ingenuidade que lhes são características para participar ativamente da sociedade de consumo, universo que, em tese, seria destinado aos adultos.

Em (J), *dinheiro*, não remete simplesmente às cédulas ou meio material utilizado como meio de troca em transações financeiras, aquisição de bens, serviços ou força de trabalho, mas evoca os indivíduos que, por possuírem grande poder econômico, se dispõem a utilizá-lo para alcançar seus propósitos, mesmo que por vias ilegais ou desonestas. *Jogadores*, de outra parte, remete tanto aos indivíduos que dedicam suas vidas a praticar esportes profissionalmente, quanto, ou essencialmente, à qualidade desses indivíduos de obedecerem às regras e aturem em benefício do time ou equipe. A corrupção *dos jogadores* se dá na medida em que abandonam o espírito de equipe e atitude desportiva para aturem com motivações individuais e em troca de ganhos materiais restritos a si próprios.

Vejamos agora alguns outros exemplos.

#### M) Me corrompi (W139)

O enunciado constrói a representação do indivíduo que reconhece a perda de sua integridade moral ou ética e atribui apenas a si a responsabilidade pela perda das propriedades consideradas essenciais para indivíduos que vivem, ou desejam viver, de acordo com princípios que atendem às expectativas sociais. Ainda que o ato de corromper pressuponha um outro com quem se aja ilicitamente, neste enunciado, por sua materialidade, pode-se compreender que a relação estabelecida seja entre o indivíduo que se tornou corrupto e sua própria consciência.

#### N) Não se deixe corromper (W67)

O enunciado evoca a representação de aconselhamento com relação a manutenção das características, das propriedades intrínsecas do SER, as quais seriam essencialmente boas e

que não devem ser anuladas por relações, decisões ou ações que infrinjam regras de convivência social e/ou ética profissional.

O) O homem materializou-se e corrompeu-se. (W85)

O enunciado remete à possível tendência do homem a valorizar apenas o que é de ordem material ao mesmo tempo em que se torna incapaz de perceber e compreender a realidade, o mundo exterior ao homem ou seu mundo interior por meio da sensibilidade. Sendo assim, os princípios do bem e da moral, que fundamentam o desenvolvimento dos sentimentos compreendidos como intrinsecamente humanos, tais como empatia, solidariedade, gentileza, compaixão, etc. foram abandonados ou substituídos pela busca por bens materiais, não importando os meios utilizados para obtê-los.

P) Por que um líder se corrompe? (W96)

O termo *líder* remete ao indivíduo imbuído de autoridade e poder para exercer o controle de situações, comandar ou coordenar as ações de outros indivíduos. Por exercer influência sobre o pensamento e comportamento daqueles que se encontram sob suas ordens, espera-se que o líder seja um exemplo de comportamento adequado, cuja moralidade e ética alinham-se inteiramente com os princípios defendidos pelo grupo que lidera.

Q) Os metais corrompem-se com o tempo (W148)

O emprego do termo *metais* remete ao elemento químico eletropositivo, bom condutor de calor e eletricidade que apresenta um brilho característico, que pode ser fundido para produção de produtos diversos. Devido às suas propriedades, pode perder características essenciais com o passar do tempo, com o contato prolongado com a umidade do ambiente, ou ainda a soma desses dois fatores.

As construções com o verbo CORROMPER nos quais o objeto direto é retomado pelo pronome *se* apresentam algumas peculiaridades.

Nos enunciados (M) *Me corrompi*, (N) *Não se deixe corromper*, (O) *O homem corrompeu-se*, (P) *um líder se corrompe*, nota-se que os sujeitos sintáticos remetem a seres humanos e em todos eles a representação construída é a da perda da integridade moral, ética

ou religiosa e infere-se que o sujeito sintático cometeu ou poderia cometer atitudes que contrariam regras, leis ou princípios que regulam o comportamento dos indivíduos no seio de um grupo, instituição ou da sociedade como um todo, mas acima de tudo marca uma relação conflitante entre tais premissas que deveriam funcionar como uma diretriz para comportamento em sociedade e a consciência de tê-las violado.

Nestes contextos, o verbo evoca a existência de um corrompido e um corruptor representados na figura de mesmo indivíduo.

Funcionamento diverso ocorre com termos que não pertencem ao universo do humano, como é o caso do enunciado (Q) *Os metais corrompem-se com o tempo*. Neste exemplo, notamos que enunciar apenas “*Os metais corrompem-se*” traz-nos a sensação de que falta informação para que a interpretação seja possível. A corrupção do metal, assim como a dos seres humanos e suas instituições, exige um desencadeador da degradação observada, mas nesse caso o elemento que desencadeia a perda das propriedades essenciais não se mostra tão evidente, exigindo um complemento que especifique o agente corruptor, neste caso “*com o tempo*”, que tanto pode remeter ao meio ambiente, quanto ao decorrer do tempo, ou ainda a associação dos dois.

Funcionamento similar pode ser observado no enunciado “*A refeição, quando deixada fora da geladeira, corrompe-se facilmente*”. Neste exemplo, se tomarmos apenas “*A refeição corrompe-se*” temos uma sequência não estabilizada, i.e, não é possível inferir o elemento desencadeador da degradação das propriedades da refeição. A simples inserção do advérbio “*facilmente*” torna presumível o elemento que motiva a corrupção das propriedades da refeição, assim em “*A refeição corrompe-se facilmente*” pressupõe-se que a deterioração da refeição, ou melhor, dos alimentos que a compõem, se dá pelo contato desta com o ambiente, o que provoca a proliferação de micro-organismos nocivos para a manutenção das propriedades nutritivas desses alimentos, tornando-os inservíveis para a ingestão.

Como podemos observar, o verbo CORROMPER, uma vez mais, convoca a existência de um elemento que entra em relação com o sujeito para desencadear a corrupção, a perda ou a degradação de suas propriedades essenciais.

Consideremos, por fim, os enunciados abaixo.

R) A lisonja corrompe. (W40)

No enunciado, o termo *lisonja* remete à atitude de enaltecer exageradamente os atributos físicos, intelectuais, artísticos, entre outros, causando no indivíduo objeto da lisonja

o sentimento de superioridade, excesso de amor-próprio e admiração pelos próprios méritos. Ou seja, a lisonja pode fazer com o indivíduo perca a virtude caracterizada pela modéstia, sobriedade e consciência das próprias limitações.

S) Todo luxo corrompe. (W39)

*Luxo* remete ao modo de viver caracterizado por despesas excessivas, prazer em despender grandes quantias em comodidades desnecessárias e itens supérfluos. Deste modo, o enunciado evoca a perda da capacidade de discernir entre o que é necessário para a manutenção de uma existência digna e a opulência.

T) O capitalismo corrompe. (W58)

O *capitalismo*, neste enunciado, não remete apenas ao sistema econômico baseado na legitimidade dos bens privados e na irrestrita liberdade de comércio e indústria, com o principal objetivo de adquirir lucro, mas a um sistema social que estimula a ânsia por ganhos exorbitantes, o desejo de ter ou receber grandes quantias de dinheiro e bens materiais, ainda que o método para alcançá-los seja ilegítimo ou ilícito.

U) O poder corrompe. (W92)

O termo *poder* evoca a capacidade de um indivíduo ou grupo exercer influência por meio da persuasão, posição social e autoridade moral, tornando-o capaz de tomar grandes decisões e controlar as ações de outros indivíduos pela imposição da obediência. O enunciado remete, portanto, à posição privilegiada daquele que possui ou exercer poder sobre indivíduos ou instituições, o que lhe facilita a aquisição de benefícios e privilégios para si de forma ilícita, violando, desta maneira, o conjunto de regras e preceitos de ordem ética e moral do grupo ou sociedade a que pertence.

V) Não se apresse em perdoar, a misericórdia também corrompe. (W35)

*Misericórdia*, usualmente, é empregado para fazer referência ao sentimento de compaixão, piedade, dor e solidariedade com relação a alguém que sofre uma tragédia pessoal

ou ainda, concedendo perdão ou clemência a quem pratica uma falha ou comete um erro. Porém, o enunciado coloca a possibilidade de não serem apenas os maus sentimentos que trazem corrupção ao espírito humano, já que a misericórdia ou o perdão também podem exercer o mesmo efeito ao deixarem sem punição quem cometeu infração ou desobrigá-lo de cumprir com seu dever. Isso pode levar o indivíduo a não se reprimir diante da possibilidade de violar regras e transgredir normas para alcançar seus objetivos ou ter seus desejos satisfeitos.

#### X) O mundo corrompe quem é são. (W138)

Neste enunciado, o termo *mundo* não é empregado apenas em referência aos habitantes do planeta e seus costumes, às diferentes civilizações e seus padrões de comportamento, crenças, princípios éticos e morais, atividades econômicas, produção intelectual e artística, mas como o modo como todos esses elementos podem ser aviltados e empregados para a degradação moral, ética espiritual. A oração “*quem é são*”, reforça o princípio de que agir de forma contrária aos preceitos ético, morais e religiosos de um determinado grupo social é como padecer de patologia moral ou se encontrar com as faculdades mentais comprometidas. Deste modo, só é possível corromper um espírito saudável, que compreenda e siga as determinações sociais que regulam as ações, as inter-relações, as atividades econômicas, os costumes, as práticas religiosas etc.

#### Z) Corrompe Brasil! (W102)

O exemplo nos impõe alguma dificuldade de interpretação. Na tentativa de realizar a glosa, entendemos que seria necessário tornar *Brasil* vocativo da oração, de modo que tomamos para efeito de análise *Corrompe, Brasil!*

*Brasil*, neste enunciado, não remete apenas ao território geograficamente delimitado e habitado pelo brasileiro com sua história e cultura, mas diz respeito aos indivíduos que compõem o conjunto de instituições nacionais, como os três poderes administrativos da nação, dos estados e municípios, assim como empresas públicas e privadas que, de alguma maneira, se relacionam com esses três poderes. Isso, se deve, especialmente, a eventos políticos recentes envolvendo indivíduos que integram tais instituições em atos de corrupção, desvios e mau uso de verbas públicas. Assim, tais indivíduos, que seriam responsáveis por gerenciar verbas públicas para atender as necessidades da sociedade como um todo, se

utilizam de sua posição social e poder de influência para usurpá-las, ignorando a necessidade de atender as demandas sociais e impedindo melhoria da qualidade de vida da população em detrimento de seus interesses particulares e enriquecimento ilícito.

Assim, o enunciado remete a uma suposta propriedade intrínseca ao Brasil, enquanto conjunto de instituições, a prática da corrupção, ou seja, “*Corrompe, Brasil!*” não é uma incitação para que ele se corrompa, pois o Brasil já não possuiria atributos morais e éticos que pudessem ser perdidos ou anulados, mas soa como um pedido, irônico, para que as instituições que ainda não foram corrompidas, que o sejam, ou ainda que o Brasil, enquanto nação inerentemente corrupta, corrompa outras com as quais mantenha relações comerciais.

Há ainda a possibilidade de interpretar este enunciado como uma relação de intertextualidade com o *slogan* “*Avança Brasil*” do Programa de Modernização do Poder Executivo Federal<sup>65</sup> implementado no primeiro mandato do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que buscava o desenvolvimento de projetos de reestruturação organizacional e melhoria de gestão de órgãos e entidades da administração pública, mas que passou a ser associado a eventos de corrupção realizados por membros de seu governo. Fatos que levaram a opinião pública a associar os anos de governo de Lula e sua sucessora Dilma Rousseff a uma possível estruturação da corrupção em diferentes âmbitos do Poder Executivo desses governos.

Tais enunciados se distinguem por não exigir a presença de um complemento materialmente verbalizado. Há, no entanto, um padrão bastante peculiar que os caracteriza.

Nos enunciados, (R) *A lisonja corrompe*, (S) *Todo luxo corrompe*, (T) *O capitalismo corrompe*, (U) *O poder corrompe*, (V) *a misericórdia também corrompe*, (X) *O mundo corrompe* e (Z) *Corrompe, Brasil!*, notamos, que os termos convocados para a posição do sujeito sintático remetem ao universo do humano, e mais que isso, constroem representações do mundo complexificado, no qual impera a multiplicidade de pontos de vista entre os indivíduos de uma mesma sociedade e uma abrangente variedade de instituições responsáveis pela manutenção da estrutura social.

Tais características determinam as diferentes relações entre indivíduos e entre os diferentes grupos de interesse no seio de uma mesma sociedade, o que, por consequência, estimula disputas e orienta as relações de poder – nas diferentes esferas institucionais, ou seja, no seio familiar, no âmbito estatal, jurídico, político, empresarial, religioso, etc. –, fatores que

<sup>65</sup> As informações acerca deste programa de governo estão disponíveis no domínio: <http://www.planejamento.gov.br/assuntos/planejamento-e-investimentos/noticias/avanca-brasil-programa-de-modernizacao-da>

são próprios às sociedades sob organização político-econômica de viés capitalista, inclusive aquelas, que sob algum ou alguns aspectos, lhes são análogas.

Em função disso, nota-se que os termos que ocupam tal posição associados ao verbo CORROMPER tendem a evocar representações negativas, que sugerem a degradação de uma certa benevolência e caráter ilibado que constituiriam a própria natureza humana. Essa constatação pode ser verificada quando inserimos na posição do sujeito sintático termos cujas características enunciativas se mostram distintas das descritas acima, vejamos:

A1. *A água corrompe*

B1. *O sol corrompe*

C1. *O fogo corrompe*

D1. *A pedra corrompe*

E1. *A roupa corrompe*

Nas sequências acima, torna-se evidente a necessidade de complemento para construção da significação, não havendo uma cena enunciativa definida. Por outro lado, se ocuparmos tal posição com qualquer termo que remeta a sentimentos ou às relações humanas a significação do “humano em degradação” passa ser admissível:

F1. *O amor corrompe*

G1. *A dor corrompe*

H1. *A miséria corrompe*

I1. *A felicidade corrompe*

Outro aspecto bastante singular desses empregos de CORROMPER é fato de a não necessidade de inserção de adjunto adnominal para a sua interpretação parece condicionada à sua conjugação no presente do indicativo. A exemplo disso, tomemos o enunciado como *A ganância corrompeu outra vez*. Nota-se que o agenciamento de “*outra vez*” não se mostra simplesmente acessório, mas necessário para sua compreensão. Da mesma forma, se conjugarmos todos os enunciados no pretérito perfeito, notaremos que a necessidade de complemento será imposta.

Em (R) *A lisonja corrompe*, teríamos \**A lisonja corrompeu*, sequência que pede complementação: temos a necessidade de buscar quem ou o que foi corrompido pela “*lisonja*”. Fenômeno semelhante ocorre em \**O poder corrompeu*, \**a misericórdia também corrompeu*, \**O mundo corrompeu*.



Já em *\*O capitalismo corrompeu*, nota-se uma certa ambiguidade, pois ao mesmo tempo em que podemos tender a interpretá-lo como o próprio capitalismo que perdeu suas propriedades essenciais, pode-se inferir igualmente sobre quem ou o que foi corrompido pelo capitalismo. De qualquer maneira, a interpretação sofre uma modificação substancial. Funcionamento similar ocorre em *\*Todo luxo corrompeu*, em que é possível interpretar que foi “todo luxo” que se corrompeu, que se auto degradou.

O enunciado (Z) *Corrompe, Brasil!*, que em sua composição original já nos exigiu um certo esforço interpretativo, quando passado para o pretérito perfeito, se mostra absolutamente ininteligível: *\*Corrompeu, Brasil!*, a menos que troquemos a entonação, substituindo o tom exclamativo por um questionamento: *\*Corrompeu, Brasil?* Mas ainda assim, nos parece necessário acrescentar mais um elemento *Corrompeu-se, Brasil?*, cuja interpretação pode ser apreendida como uma ironia dirigida a alguém, no caso a nação Brasil, que se presumia íntegra, incorruptível.

Notamos desta forma, que tais empregos se mostram condicionados à formulação do enunciado no presente do indicativo, que dentre os valores capazes de serem por ele suscitados, neste contexto específico, tende a evocar o valor de verdade universal, que, dentre outras possibilidades, descreve eventos que se repetem constantemente e fenômenos da natureza, pois que estes ocorrem sempre da mesma maneira, como por exemplo, “*A história justifica tudo quando se quer*”<sup>66</sup> ou “*A Terra gira em torno do Sol*”. O emprego de CORRUMPER no presente do indicativo, ao que nos parece, descreve a corrupção moral como elemento que integra o estado de coisas ou a situação<sup>67</sup> do Ser no mundo, ao entre a natureza humana e eventos inevitáveis que integram a rotina daqueles que vivem em sociedades complexas.

Deste modo, enunciados produzidos neste contexto tendem a construir representações que colocam sentimentos e fatos sociais<sup>68</sup> como marcadores ou desencadeadores,

---

<sup>66</sup> Paul Valéry.

<sup>67</sup> Este conceito descreve a relação do homem com o mundo e o modo como certos elementos e fatores que integram o mundo são inseparáveis da existência humana, à medida que limita, condiciona e, ao mesmo tempo, fundamenta e determina as possibilidades humanas como tais. (ABBAGNANO, 2015, p. 425 et 1078)

<sup>68</sup> De acordo com Émile Durkheim, o fato social é uma característica cultural e estrutural de sistemas políticos que experimentamos como externa à nós e que exerce uma influência e autoridade que equivalem a mais do que a soma das intenções e motivações de indivíduos que por acaso participem desses sistemas em um determinado tempo. Uma “empresa”, por exemplo, existe como sistema que envolve pessoas que nela trabalham, mas que de várias formas é independente delas. A empresa pode ir à falência ou desaparecer por completo, mas esse fato não significa que as pessoas que nela trabalham terão o mesmo destino. A empresa, então, com um cultura e estrutura que a definem como sistema, é um conjunto de fatos sociais que limitam e moldam a vida das pessoas que dela fazem parte. (JOHNSON, 1997, p.108-109)

respectivamente, da tendência humana à degradação moral, *i.e.*, à perda da essência benevolente que lhe seria constitutiva, que integraria sua natureza.

## 5.2. Funcionamento enunciativo de CORRUMPER

A partir das análises apresentadas, entendemos que CORRUMPER marca a relação de reciprocidade entre indivíduos, sejam eles de caráter humano ou não-humano, que agem de forma solidária para que um determinado efeito se estabeleça. Para tanto, propriedades nocivas existentes em um, ao interagir com outro, passam a ser incorporadas à existência deste último, fazendo-o perder a integridade das propriedades essenciais, naturais ou que o caracterizam como sendo o que é.

Propomos a seguinte organização relativa aos empregos do verbo CORRUMPER:

### I. X corrompe Y (*Berlusconi corrompeu testemunhas*)

- A representação tende a marcar a perda da integridade das propriedades que norteiam a conduta humana em sociedade.

(X): termo que remete a indivíduo, grupo ou instituições cujo conjunto de valores e princípios éticos e/ou morais encontram-se deteriorados;

(Y): termo que remete a indivíduo, grupo ou instituições que aceita(m) a deterioração de seu conjunto de valores e princípios éticos e/ou morais.

### II. X corrompe (*O poder corrompe*) ou X corrompe Y (*O poder corrompe até os grandes líderes*)

- A representação tende a marcar a perda das características tidas como positivas e essenciais para uma existência ética e moral do homem em sociedade.

(X): termo que remete a elementos capazes de neutralizar o conjunto de valores e princípios éticos e/ou morais de indivíduo(s), grupo(s) ou instituições.

(Y): termo (presente ou não no enunciado) que remete a quem tem seu conjunto de valores éticos e morais anulados.

### III. X corrompe Y (*A ferrugem corrompe o ferro*)

- A representação evocada remete à descaracterização de um elemento ao entrar em contato com outro, cujas propriedades lhe são nocivas.

(X) termo cujas propriedades exercem efeito danoso à integridade física ou estrutura de outrem.

(Y) termo cuja estrutura ou materialidade é prejudicada em função das propriedades de outrem com o qual se entra em relação.

### 5.3. Forma esquemática de CORROMPER

CORROMPER marca a degradação de propriedades essenciais dos elementos ou indivíduos (**Y**), que desencadeada pelas propriedades de outrem (**X**), as descaracterizam e tornam os elementos ou indivíduos inaptos para as finalidades para as quais foram determinados. Assim, temos:

*Dado um elemento X desencadeador da degradação de propriedades de Y, CORROMPER, ao marcar a perda da integridade constitutiva de Y, o descaracteriza.*

### 5.4. ROMPER-CORROMPER: quando o outro entra em cena

Por meio das glosas e análises realizadas, entendemos que CORROMPER instaura cenas enunciativas que evocam a existência de um *OUTRO* sem o qual o *sujeito sintático* é incapaz de realizar a atividade de corromper, pois esta jamais se mostra como uma atividade individual, mas colaborativa. O que demonstra uma das características mais interessantes, para não dizer bonitas, deste verbo: evocar que o que existe é produto das relações que se estabelecem; no que diz respeito ao humano, o que somos é fruto da interação estabelecida com o outro. Deste modo, o agir com o outro sempre deixa suas marcas, constrói a identidade, altera a forma como agimos e pensamos, como nos vemos e como os outros nos veem.

Assim, diríamos que o que identificamos como um possível *sujeito enunciativo* evocado pelo emprego de CORROMPER nos contextos em que é convocado pode ser compreendido como *as relações de interesse ou inevitabilidade estabelecidas entre*

*indivíduos e/ou elementos, que se instituem em função do contexto espaço-temporal em que se encontram.* Reformulando a célebre máxima de Jean Jacques Rousseau<sup>69</sup>, não é o meio que corrompe, mas as relações que se estabelecem nos meios pelos quais se transita.

Tratamos anteriormente do modo como o prefixo CO e suas variantes, COM-, CON-COR, não apenas alteram o sentido da base verbal, como modificam os termos convocados por ele e seu funcionamento enunciativo. Para melhor ilustrar as transformações que a prefixação promove nos parâmetros de funcionamento da base verbal, inclusive no modo como o sujeito é evocado, retomamos, sucintamente, as análises acerca do verbo ROMPER realizadas em nossa dissertação de mestrado<sup>70</sup>. Agora, no entanto, vamos nos deter nas relações estabelecidas entre o sujeito sintático e o verbo, a fim de observar de que modo sua manifestação difere daquela descrita para CORROMPER.

No que tange à forma esquemática do verbo ROMPER, definimos que seu funcionamento enunciativo poderia ser descrito nos seguintes termos:

**Dado um elemento X que funciona como retentor de Y, ROMPER conduz a dissolução de X fazendo com que Y siga outro curso.** (LIMA, 2014, p.101)

Com relação aos grupos de funcionamento, identificamos que ROMPER **1)** marca a *descaracterização* do retentor enquanto tal, pois que este perde a capacidade de delimitar, conter, englobar, proteger o elemento retido. É o que se observa em “*A parede da estação de tratamento rompeu na tarde deste domingo*” ou “*Quando a casca se rompe é hora de tirar o amendoim do fogo*”, para citar esses dois únicos enunciados; **2)** marca a *desobrigação* em manter-se agindo de acordo com regras pré-determinadas para compromissos estabelecidos entre indivíduos, instituições ou governos, ou ainda comportamentos considerados socialmente aceitos por um determinado grupo e tradições, como nota-se em “*Na África do Sul, a China também rompe velhas alianças*”, “*E se você rompe um preconceito, isso ajuda a acabar com outros*”, “*A pesquisa rompe alguns mitos sobre o tema*”, etc. **3)** marca a *interrupção* de um processo de natureza espaço-temporal, algo que seguia uma rotina, um curso que seguia em determinada direção e teve esse processo cessado, como pode ser observado em “*Ainda bem que de vez em quando surgem essas opções e o círculo vicioso se rompe*”, “*Tua luz rompeu minha noite trazendo alegria*”, etc.

<sup>69</sup>A natureza fez o homem feliz e bom, mas a sociedade deprava-o e torna-o miserável.

<sup>70</sup> LIMA, V. S. A prática de reformulação de enunciados como fundamento para o trabalho com a significação nas aulas de língua portuguesa; dissertação de mestrado, EFLCH, UNIFESP, 2013.

No que tange à estrutura sintática, nas construções transitivas, como em “*O amor eterno rompe estados humanos*”, ROMPER tende a construir uma cena enunciativa em que o sujeito sintático *o amor eterno* se mostra capaz de fazer o homem superar seus próprios limites (*estados humanos*), ir além do que sua condição natural permitiria. Em outros termos, a *potência*<sup>71</sup> do amor se mostra superior à própria condição humana, e por isso o romper e o supera.

Nas construções pronominais, ROMPER tende a evocar a representação da existência de uma *tensão*<sup>72</sup> que supera a resistência das propriedades do elemento rompido. Assim, em “*A corda do bungee-jump se rompeu*”, é dito que a energia empregada sobre a estrutura que compõe a *corda* foi superior à sua capacidade de resistência. A ruptura se dá, desta maneira, pela incapacidade da estrutura da corda em reter a energia, em conter a tensão empregada sobre ela.

Funcionamento análogo pode ser observado no enunciado “*De tanto amor, meu coração vai se romper*” em que *coração* representa o elemento cuja função é conter o *amor*, mas que acaba por se mostrar incapaz para tanto, ou seja, sua estrutura, os elementos que o constituem não se mostram resistentes o suficiente para retê-lo dentro de si. Por isso, o amor encontra-se na eminência de transbordar, se superar as barreiras que o coração lhe impõe.

Neste enunciado, o termo *coração* é apreendido como o que contém o amor, que, dele, está repleto. Porém, a quantidade ou intensidade deste é amor é superior à capacidade de contenção do coração e, por isso, o amor torna-se capaz de atravessá-lo e se espalhar por todo o ser daquele que ama tão intensamente. SE ROMPER, neste enunciado, marca não apenas a perda da função do coração, que, neste caso, é conter o amor, mas também a capacidade que o amor tem para transpor barreiras.

Em orações como em “*O cano rompeu*”, ROMPER tende a remeter à perda da capacidade em manter a relação entre a estrutura que compõe o elemento retentor e o elemento retido. “*O cano rompeu*” faz com que *cano* seja recuperado enquanto produto desenvolvido para reter líquidos e direcioná-los de um ponto a outro. O rompimento do *cano* constrói, desta maneira, a representação do excesso de energia produzido pelo líquido por ele retido, ampliando a tensão existente entre eles, que acaba por superar sua capacidade em

---

<sup>71</sup> Empregamos potência em acepção filosófica que remete ao conjunto de fatores internos ou externos aos seres que são capazes de provocar mudanças em si mesmos e em outros, ou seja, o princípio ou a possibilidade de realizar uma mudança qualquer; a capacidade de realizar mudança em outro ser ou em si mesmo; a capacidade de resistir a qualquer mudança; faculdade ou poder da alma (ABBAGNANO, 2015, p.905).

<sup>72</sup> Empregamos tensão na acepção proposta pelos estoicos, para a qual este termo remete à tensão como força tendente a um resultado, o empenho de esforço de energia por tempo prolongado que tanto pode manter a coesão do universo como pode culminar em situação de irreconciliável.

manter o líquido sob seus limites. Funcionamento equivalente pode ser observado em enunciados como “*A barragem rompeu*” e “*A adutora rompeu*”.

Por sua vez, em um enunciado como “*Eles romperam*”, há a inferência de uma união estabelecida por uma relação solidária, o sujeito sintático *Eles* pressupõe a existência de um relacionamento afetivo ou profissional entre pessoas que aceitam as regras de convivência pré-determinadas e convivem de acordo com uma certa dinâmica que os estimula a permanecerem juntos. O rompimento sugere que para um dos lados ou para ambos a dinâmica da relação não se mostra satisfatória o suficiente para mantê-los em solidariedade recíproca, a energia produzida pela relação provoca uma tensão que passa a repelir as partes dissolvendo a coesão que havia entre eles.

Deste modo, “*Eles romperam*” ou “*Os noivos romperam*” pressupõem a existência de um complemento: “*Eles romperam o contrato*”, “*Eles romperam o namoro*”, “*Os noivos romperam o noivado*”.

Se em nosso trabalho anterior descrevemos metalinguisticamente que verbo ROMPER convoca um elemento *X* que funciona como retentor de *Y*, ROMPER conduz a dissolução de *X* fazendo com que *Y* siga outro curso, neste trabalho, chegamos a uma possível descrição do sujeito em ROMPER como a ampliação da tensão existente entre o retentor e o retido, como pudemos observar nas análises apresentadas acima.

Se podemos falar em *sujeito*, este é produto das relações estabelecidas na composição da cena enunciativa entre o termo que ocupa ou evoca a posição de sujeito sintático, o verbo, complementos e adjuntos, quando houver, sendo, em última análise, o elemento desencadeador da atividade representada pelas unidades que compõem esta cena.

Por meio dessas descrições, já nos é possível notar as disparidades de funcionamento entre ROMPER E CORROMPER, uma vez que a forma esquemática deste convoca um elemento *X* que estimula a degradação das propriedades de *Y*, CORROMPER marca a perda da integridade constitutiva de *Y* e o descaracteriza. O sujeito manifestado por este funcionamento pode ser interpretado como as relações de interesse ou inevitabilidade estabelecidas entre indivíduos e/ou elementos, que se instituem em função do contexto espaço-temporal em que se encontram.

Para contrastar as duas unidades, propomos a reformulação de enunciados com o propósito de evidenciar o modo como o prefixo COR- modifica os parâmetros de funcionamento da base ROMPER. Consideramos, para tanto, pares de enunciados.

#### I. A tubulação rompeu.

A tubulação corrompeu\*

II. A tubulação foi corrompida por agentes químicos.

O enunciado I segue o padrão já delineado por nós para o verbo ROMPER, i.e., *a tubulação* apreendida como o *retentor* de elemento fluído, como água, gás, energia elétrica, esgoto, etc., perde esta propriedade em função do excesso de tensão exercido sobre sua estrutura. Quando substituímos ROMPER por CORROMPER, *A tubulação corrompeu\**, notamos ser impossível interpretá-la. Um enunciado possível seria *II A tubulação foi corrompida por agentes químicos*. Ainda que não tenhamos encontrado nenhum exemplo na WEB com tais características, o enunciado parece-nos possível e remeteria à degradação do material que compõe a estrutura da tubulação por elementos cujas características lhe são nocivas.

A diferença entre as representações se mostram evidentes. Se em *I*, é dito que a tubulação perdeu a capacidade de retenção (por avaria em algum ponto de sua extensão, por exemplo) e o que ela continha espalhou-se, em *II*, a representação construída é a que de algum elemento, interno ou externo à tubulação, danificou o material de que sua estrutura é feita, tornando-a imprópria para o que foi projetada, devendo por isso ser substituída.

Notamos que a inserção do prefixo COR- ao verbo ROMPER, não agrega o sentido de “romper junto”, mas remete ao fato de que a interação entre a tubulação e o produto químico descaracterizou as propriedades essenciais da tubulação e impediu seu funcionamento adequado. Indo além, pode-se supor que essa degradação se dá pela exposição prolongada entre a estrutura da tubulação aos elementos que lhe são nocivos, representação que não é evocada em *I A tubulação rompeu*, cuja apreensão remete à tensão entre retentor e retido.

Em síntese, em *I* o prejuízo à tubulação se dá como consequência da função para qual foi projetada, em *II* A avaria é apreendida como algo que não era previsto, a interação entre a estrutura da tubulação e o produto químico não deveria ocorrer ou não deveria ter o efeito nocivo identificado.

III. Eles romperam

IV. Eles corromperam

O enunciado *III* remete a perda de uma relação (entre duas ou mais partes) que os mantinha unidos sob o respeito a códigos de conduta específicos que, consciente ou inconscientemente, foram aceitos por eles. A ruptura não se dá, necessariamente, entre os

indivíduos que se encontram relação, mas entre eles e o contrato que determina e prevê o tipo de comportamento ou atitudes esperadas para cada um dos envolvidos. Indivíduos que rompem um relacionamento amoroso, por exemplo, deixam de agir um com outro do modo esperado para namorados, noivos ou esposos, mas não há o que os impeça de manterem outra espécie de relacionamento com outras normas de conduta, como amizade ou simplesmente urbanidade, na hipótese de necessitarem interagir com alguma frequência em função de filhos que possam ter juntos.

No enunciado IV, por sua vez, a representação evocada é distinta, pois remete a uma relação que não apenas se estabeleceu, mas na qual corruptores (Eles) e corrompidos (que não se sabe quem) agiram conjuntamente para a realização de ilícito. *Eles corromperam* não marca, contudo, uma corrupção que se dá de forma simultânea entre corrompidos e corruptores, mas remete a corrupções que acontecem em tempos distintos. Expliquemos. Para que um indivíduo possa corromper outro, ele precisa necessariamente ter seus valores e princípios já degradados, sua compreensão acerca do alcance de suas ações encontra-se deformada e a compartilha com outro ou outros com quem pretende agir para obter vantagens.

Neste caso, ainda que os envolvidos na corrupção jamais voltem a se relacionar, os efeitos dessa relação os tornam, em alguma medida, parte um do outro, aquele que foi corrompido jamais tornará a ser, no que tange seus princípios e valores éticos e morais, o que fora outrora. O prefixo COR-, assim como o entendemos, marca, neste contexto e em outros similares, a dimensão do outro no que constitui o indivíduo a partir das relações que estabelece.

V. Os jogadores romperam o contrato.

Os jogadores corromperam o contrato\*

VI. Os jogadores corromperam o juiz.

No enunciado V, a representação construída remete à insatisfação dos jogadores com relação ao contrato ou a alguma de suas cláusulas. O rompimento marca o fim do compromisso estimulado para os jogadores e os desobriga de agirem conforme o que estava determinado. A sequência seguinte, no entanto, não permite ser interpretada. Em nossa busca na WEB, não encontramos enunciados com este contexto ou similar. Essa impossibilidade demonstra quais são as propriedades necessárias aos elementos convocados por CORROMPER para produzir significação.



Enquanto *os jogadores* remete ao conjunto de indivíduos que agem em grupo para alcançar um determinado fim, qual seja, ganhar jogos, *o contrato*, por sua vez, remete às regras estabelecidas a serem seguidas por eles. Assim, seria possível *romper o contrato*, ao não respeitar as regras, mas *corromper* determina que *o contrato*, enquanto documento corrompido, não poderia mais ser compreendido como conjunto de normas de conduta a guiar as ações dos jogadores, pois de alguma maneira estaria sedimentando interesses escusos, que iriam contra aos propósitos de atividades desportivas profissionais.

Infere-se, desta maneira, que um indivíduo tende a corromper outro indivíduo; é preciso agir com o outro para burlar regras, assim como pode ser observado em *VI Os jogadores corromperam o juiz*, enunciado que remete à perda da desportividade por parte dos jogadores ao se persuadir o juiz a agir em desacordo com suas funções (em violar as prerrogativas de sua função para agir em favorecimento de uma das partes envolvidas na atividade esportiva, em troca de benefícios).

O prefixo COR-, assim nos parece, exige a presença de relações estabelecidas, entre indivíduos ou elementos, de forma bastante amalgamada para que se obtenha um determinado resultado. CORROMPER evocaria, desta forma, não apenas ceder à persuasão ou à oferta sedutora de outrem para cometer ilícito, mas aceitar que a perversão de um faça parte do outro, integre a sua constituição imaterial.

VII. *O poder corrompe*

*O poder rompe\**

VIII. *O poder rompe a igualdade básica entre seres humanos.*

Em VII, *O poder corrompe*, temos como sujeito sintático um termo que evoca a existência de uma relação hierárquica entre um indivíduo ou grupo que dispõe de autoridade moral e exerce controle sobre outros indivíduos; estes, por sua vez, mostram-se respeitosos e obedientes. Há uma relação de interdependência entre indivíduos que não pode ser rompida: alguém só tem poder porque há quem se submeta às suas determinações.

Assim, embora não haja um complemento linguisticamente marcado neste enunciado, as relações humanas que envolvem controle, força moral ou física, autoridade, influência etc. que são evocadas por *poder*, colocam a humanidade como complemento virtual do enunciado, pois todo ser humano seria suscetível à degradação moral e ética desencadeada pelas possibilidades que o poder oferece. Essa representação só é possível pela conjugação de

CORROMPER no presente do indicativo, como mencionamos anteriormente, suscitando, assim, uma verdade universal, uma regra que se aplica a todos indistintamente.

A substituição de ROMPER por CORROMPER neste contexto já se mostrou difícil em análises anteriores, o que se deve às características próprias do verbo, que convoca termos que remetam à capacidade de delimitar, proteger, conter, englobar, assim, *O poder rompe\** não se mostra inteligível, uma vez que *poder* não apresenta as características necessárias para evocar tal representação em sequência de estrutura intransitiva.

Já em *VIII O poder rompe a igualdade básica entre seres humanos*, o *poder* evoca o elemento capaz de descaracterizar a humanidade enquanto conjunto de seres iguais, que vivem e agem sob os mesmos propósitos; ele faz com que haja uma mudança na dinâmica estabelecida entre os indivíduos da massa humana de modo que a unidade, antes observada, se dissipa. Assim, ainda que *poder* evoque relações humanas, neste contexto ele marca a dissolução de uma unidade e não a relação de uso impróprio do poder para conquistar vantagens pessoais. Em outras palavras, enquanto *VII O poder corrompe* remete ao uso de uma posição de comando e influência para conquistar vantagens pessoais, em *VIII O poder rompe a igualdade básica entre seres humanos*, evoca-se a construção de uma identidade que se distinga da massa humana e a domine.

Por meio deste paralelo, que não esgota as possibilidades de análise e interpretação, apresentam-se algumas pistas a respeito do caráter enunciativo do prefixo. Pouca dúvida nos resta acerca do quanto a inserção de uma unidade linguística, comumente considerada de baixa complexidade, agrega uma profusão de representações. No caso de CORROMPER, especificamente, convoca a alteridade, altera a construção predicativa e o modo como o sujeito é evocado, inserindo, em boa parte das representações elaboradas, a humanidade como agente do ato de corromper e o que é por ele afetado.

Retomando Aristóteles, e ajustando suas noções aos nossos propósitos, diríamos que CORROMPER pode evocar a necessidade de associação entre elementos distintos, considerando suas propriedades específicas, para destruir a integridade dos seres e dos fatores que os caracterizam como tal, sejam eles de caráter humano ou não. Contudo, esta destruição não configura a eliminação da existência do que quer seja, mas a reconfiguração de sua identidade. Dito de outro modo, o *ferro corrompido* não deixa de ser ferro por ter ferrugem, mas passa a ser um *ferro enferrujado*, impróprio para uso e potencialmente nocivo à saúde de quem possa entrar em contato com ele. O *indivíduo corrompido*, não perde seu status de humano, mas passa a ser percebido como alguém potencialmente nocivo ao bom funcionamento das instituições e das relações interpessoais.

Com este estudo, nos foi possível demonstrar o modo como gramática, semântica e sintaxe estão profundamente amalgamadas no quadro epistemológico culioliano, todas as características das unidades e dos enunciados são consideradas para a elaboração das descrições dos operadores aqui abordados, *i.e.*, tanto das *formas esquemáticas* de ROMPER e CORROMPER, quanto dos *sujeitos operadores* que funcionam como desencadeadores das atividades evocadas por esses verbos.

Ainda que tenhamos questionamentos acerca do funcionamento do prefixo CO e suas variantes e do sujeito enquanto operador enunciativo, o que efetivamente podemos afirmar a seu respeito é que ele faz muito mais que agregar um significado específico a uma base a qual se adjunge. CORROMPER, por exemplo, nos faz reafirmar, para certos contextos, o que Umberto Eco declarou em um dos seus *Cinco escritos sobre a moralidade*: “Toda dimensão ética começa quando entra em cena o outro. Toda lei, moral ou jurídica, regula relações interpessoais, inclusive aquelas com um Outro que a impõe”. (ECO, 1997, p.95)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Todo começo, afinal de contas, nada mais é que uma continuação, e o livro dos eventos está sempre aberto ao meio.*

**Wisława Szymborska**

A TOPE, pelo que nos apresenta Culioli, tornou-se o que é pautada em três pilares fundamentais: a atividade de linguagem como objeto de estudo da linguística, o intercâmbio como diferentes áreas do conhecimento e a proposta de uma formalização de análise linguística, fatores que tanto norteiam os conceitos engendrados em sua teoria, como fundamentam a metodologia analítica. Contudo, esta é uma teoria à qual não cabem adjetivos como fácil, simples ou acabada. Por envolver uma extensa gama de conhecimentos, exige de cada um que com ela se depare e se disponha a estudá-la, a reconstrução de saberes prévios para acompanhar seu raciocínio.

Antoine Culioli apresentou, em seu último livro, o tomo IV da série *Pour une linguistique de l'énonciation*, de forma simples e sintética, as metas que estabeleceu para si quando se pôs a investigar a atividade de linguagem e propôs um método formal de análise linguística:

Primeiro, a meta programática que estabeleci para mim; o estudo da linguagem, enquanto atividade apreendida através da diversidade de línguas e da diversidade de textos (orais e escritos); daí o relacionar (que tinha que ser teorizado) de um universal (linguagem) e singularidades (línguas e textos). Em segundo lugar (e isso decorria do primeiro ponto), a relação com outras disciplinas (a linguagem como objeto de estudo não é um campo reservado à linguística), daí uma prudência epistemológica indispensável (e metodológica) em face das diferentes concepções dos objetivos, dos procedimentos de trabalho, da avaliação dos resultados, enfim, uma interrogação sobre a compatibilidade de racionalidades múltiplas. Terceiro, como podemos construir um sistema de representação metalinguístico que nos permita passar do empírico ao formal (sendo este último uma situação de atividade mental que nos é inacessível)? (CULIOLI, 2018, p. 28)

Assim, por ter seu próprio objeto de estudo e um sistema de representação específico, a TOPE, afirma Jean-Claude Milner (1992, p. 26), não teria como retomar, de outras vertentes, sistemas de representação já elaborados. E por marcar, já em sua fundação, tais características, a TOPE tornou-se uma perspectiva teórica e uma corrente de pensamento singulares, para nós, fascinante.

A esse aspecto específico, Milner (1992) reitera que o panorama culioliano pode ser compreendido tanto em um viés transcendental quanto empírico, pois que ela:

[...] se mostra como uma reflexão sobre a essência de toda a linguagem enquanto ela diz, se não de toda representação enquanto ela representa – é então uma etapa conduzindo a uma filosofia do “espírito” (mente); o outro é empírico, e a teoria se apresenta nele como uma série de proposições concernindo a substância contingente das línguas naturais. (MILNER, 1992, p. 21)

Catharine Fuchs (1984), por sua vez, adverte que essa redefinição do objeto de estudo do linguista, qual seja, *a linguagem apreendida através da diversidade das línguas naturais*, “implica consequências do ponto de vista do que entendemos por *dados linguísticos*” (p. 78). Mais precisamente, a teoria dos observáveis de Culioli propõe uma oposição a três ordens de dados a serem analisados, sendo eles, respectivamente:

[...] os dados de tipo classificatório, os meta-textos artificiais, e os corpus constricto, e um quarto tipo de dados, [que] faz intervir muito claramente o sujeito: trata-se do que ele chama de as “glosas epilinguísticas” e as “paráfrases metalinguísticas”, quer dizer, equivalências entre enunciados produzidos, dependendo do caso, de modo não-consciente ou consciente, pelos sujeitos, e que necessitam ser descritos em termos de operações construtoras de enunciados. (FUCHS, 1984, p. 78)

A autora chama a atenção ainda para a rejeição de Culioli tanto com relação à dicotomia língua/discurso, quanto à distinção sintaxe/semântica/pragmática, para, em contrapartida, trabalhar a construção dos enunciados em termos de “operações predicativas e operações enunciativas, intimamente imbrincadas, sendo as operações predicativas abordadas a partir do ente metalinguístico abstrato denominado léxis, o qual diz respeito ao modo como se organiza a relação predicativa” (FUCHS, 1984, p. 78-79) e as operações enunciativas aquelas:

[...] que ancoram a relação predicativa na situação de enunciação; elas são responsáveis pela constituição dos enunciados e constroem a significação (pela atribuição dos valores referenciais), e são instáveis do ponto de vista intersubjetivo, pelo fato de colocarem em jogo modulações variáveis segundo os enunciadores. (FUCHS, 1984, p. 78-79)

Em função disso, a TOPE, de acordo com Fuchs, com quem concordamos inteiramente, pode ser interpretada como uma teoria essencialmente enunciativa por inscrever “o sujeito no próprio âmago do sistema linguístico” (1984, p. 77), o que torna:

[...] impossível referir-se à língua entendida como um sistema totalmente distinto de seu utilizador e de suas condições de utilização e de opor língua a qualquer coisa que lhe seja exterior que se trate de fala individual de performance ou discurso. Deste modo, encontra-se substituída, às abordagens instrumentais da linguagem como ferramenta, uma abordagem mais versátil, no fazer-se discurso, que quer dizer, no executar-se das operações construtoras da significação dos enunciados. Em consequência, o sistema linguístico não é mais um espaço homogêneo, um conjunto de regras interiorizado por todo locutor de uma comunidade linguística, mas um espaço que é, ele próprio, recortado pela oposição entre estável e o instável, lugar de ajustamentos e desvios. (FUCHS, 1984, p. 77-78)

Essa é a razão pela qual a concepção de *enunciado*, em Culioli, é expressa de maneira muito particular, pois na TOPE:

[o] enunciado mobiliza a construção de um espaço enunciativo distinto da realidade. Um espaço enunciativo, por não estar vinculado a um quadro de referência preestabelecido, é, consequentemente, um espaço em que se constrói um nível de representação específico: o nível dos modos de construção da referência ou valores referenciais (ROMERO, 2010, p. 490)

Ou seja, o fato de uma mesma unidade linguística integrar diferentes ocorrências “evidencia a presença necessária de um jogo na cena enunciativa, um jogo que se estabelece em relação ao material semântico ao qual essas unidades remetem quanto integradas a um contexto, a saber, em relação às *noções*” (ROMERO, 2010, p.490). Estas que, por sua vez, são a “representação constitutiva do nível cognitivo, conceito [que] consiste em um construto teórico fundamental, intimamente relacionado à atividade cognitiva e afetiva (ROMERO, 2018, p. 291).

O nível cognitivo, o nível I, diz respeito às representações simbólicas as quais não acessamos diretamente, mas cujos traços de sua atividade são deixados na produção enunciativa. Nas palavras de Romero:

Os enunciados nas diferentes línguas, [...], constituem o nível linguístico, [...] o nível II, ao corresponder a um “pôr em forma” do nível I, constrói um acontecimento enunciativo que delimita a noção, que a fragmenta, o que faz que [...] [não haja] jamais relação termo a termo entre os dois níveis: em resumo, há simultaneidade entre os níveis, mas eles não estão em uma relação unívoca, “não temos um marcador - um valor” (CULIOLI, 1990, p.22): “não se diz que o cognitivo funda o linguístico pela simples razão que nunca há coincidência. O nível II só faz tentar reformular o cognitivo, a linguagem é uma reconstrução do cognitivo” (DE VOGÜÉ, 2011, p. 41) e não o reflexo de elaborações cognitivas independentes. (ROMERO, 2018, p. 292)

Dito de outra forma, “o espaço enunciativo é, por natureza, um espaço fundamentado num jogo entre noções, material semântico configurado pela unidade linguística no seu contextualizar. [...] É esse jogo, essa inadequação, que desencadeia a variação semântica em todas as suas formas” (ROMERO, 2010, p. 490).

Ao iniciarmos nosso trabalho, buscávamos melhor compreender conceitos-chave da teoria, como os que sintetizamos brevemente logo acima, quanto nos era caro investigar e identificar as possíveis bases epistemológicas, correntes teóricas e filosóficas que dialogassem, em alguma medida, com os fundamentos propostos por Antoine Culioli. Com tal empenho, pretendíamos abordar autores e perspectivas teóricas cujos ecos ressoassem na TOPE e compreendê-los, ainda que com profundidade aquém da que idealizamos, para que alguns dos pontos deste referencial, que pessoalmente nos pareciam obscuros, pudessem ser analisados e descritos por meio de uma interpretação acessível para aqueles que, assim como nós, se veem como principiantes neste universo complexo e envolvente da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas.

Entendemos que todo grande pensamento não se fecha em si mesmo, mas expande as possibilidades de interpretação por se relacionar com outras áreas do conhecimento humano, além, é claro, daquela com a qual é mais facilmente associado. Assim, acontece com a TOPE, que sendo uma teoria voltada para a compreensão do funcionamento da atividade de linguagem através dos mecanismos das línguas naturais e, portanto, comprometida em descrever um dos atributos mais intrinsecamente humanos de que somos dotados, estabelece, inevitavelmente, relações com a Filosofia, Antropologia, Psicologia, Psicanálise, Sociologia, entre outras áreas.

Entre todas as possibilidades de realizar a exegese pretendida acerca da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, optamos por uma perspectiva multidisciplinar, pois além das conexões evidentes com a Linguística, passamos ainda por outras áreas das Ciências Humanas. Tal percurso se deu, justamente, pela não filiação de Culioli a uma corrente linguística estrita e suas reiteradas referências, ao longo de sua obra, a uma gama de filósofos, antropólogos, sociólogos, psicanalistas entre outros, dos quais fomos capazes de discutir uma quantidade ínfima, quando comparada ao amplo conhecimento científico e filosófico que Culioli dá ver em sua obra.

Com tal empreendimento, chegamos à concepção kantiana acerca da produção do conhecimento, o que nos levou à Teoria do Conhecimento e ao Construtivismo, que dialogam diretamente, assim o compreendemos, com a necessidade da formalização da análise linguística tão cara a Culioli, bem como com seu princípio de que o sentido na língua é um

fenômeno construído por meio de operações complexas realizadas entre o cognitivo e linguístico, as quais envolvem estrutura da língua e elaboração simbólica, unidades linguísticas e experiência de mundo, o individual e o coletivo, o particular e o generalizável. Nas palavras de Culioli, sua teoria pode ser compreendida como:

- um sistema que é estável e plástico, fechado para certas operações e, ao mesmo tempo, aberto e adaptável.
- propriedades baseadas em linearidade e hierarquia, mas sem composicionalidade na estrutura de enunciados;
- não um sistema em tudo ou nada, mas um sistema complexo, onde interagem subsistemas heterogêneos, onde se opera em domínios, campos, orientações em que as representações são construídas e transformadas. Sem um sujeito, em suas relações com outros sujeitos, não se pode dar conta de observações empíricas que são o traço de nossa atividade cognitiva, tal como aparece, de um modo específico, através da linguagem. (CULIOLI, 2018, p. 112)

Como grande parte dos conceitos engendrados na TOPE, a concepção de *sujeito* não é simples, apresentando-se quase como um mistério a ser desvendado. Sob nossa óptica e considerando o que compreendemos do quadro epistemológico culioliano, dedicamo-nos a uma possível compreensão deste fenômeno tendo em mente que não se trata de um sujeito empírico em particular compreendido a partir de suas relações e concepções de mundo, mas que, assim como outros aspectos da teoria, diz respeito a um fenômeno intrínseco à atividade de linguagem.

Sob esse aspecto, buscamos entrever um *sujeito* que, pouco abordado por Culioli, pôde apenas ser inferido por meio das pistas que ele mesmo nos deixou. Assim, partindo da concepção de que o *sujeito operador* é um fenômeno linguístico de caráter trans-individual, que não corresponde nem ao locutor, nem ao sujeito empírico, nem mesmo a uma posição sintática, mas “que exterioriza algo que não significa exatamente o que isso poderia significar se se passasse para um estágio interlocutório. Trata-se de um estágio trans-individual, no sentido de que não remete a nada além do que à atividade interna de um sujeito” (CULIOLI, 2018, p. 75), entendemos que este *sujeito, que é um operador enunciativo*, evoca um fenômeno que emerge da relação entre o cognitivo e o linguístico e atua em toda produção enunciativa, encontrando-se, por esta razão, para além das características psicossociais daquele que fala.

Não obstante, este acaba por ser também um fator que nos possibilita tomar a TOPE sob um viés antropológico, pois, por não tratar de um sujeito em particular, abarca toda a



humanidade capaz de interagir linguisticamente, seja por meio da fala, da leitura, da escrita, assim como todas as operações linguísticas e cognitivas envolvidas neste processo.

O *sujeito* seria, deste modo, um fenômeno intrinsecamente alinhado ao modo como a atividade linguagem é compreendida pela teoria: um elemento particularmente humano, pois sua análise se dá apenas por meio das línguas naturais, que envolve não apenas os indivíduos que falam uma dada língua, mas como essa língua constrói representações da realidade a que estes indivíduos se inserem. Da mesma forma que conceitos como *sentido* e *valores referenciais*, o *sujeito operador* na TOPE, não seria apenas um elemento linguístico, mas, sobretudo, tratar-se-ia de um fenômeno capaz de nos ajudar a compreender a visão de mundo de agrupamentos humanos em sua cultura, i.e., imersos em:

[...] conjunto de mecanismos simbólicos para controle do comportamento, fontes de informação extrassomáticas [que] fornecem o vínculo entre o que os homens são intrinsecamente capazes de se tornar e o que eles realmente se tornam um por um. Torna-se humano é tornar-se individual, e nós nos tornamos individuais sob a direção dos padrões culturais, sistemas de significados criados historicamente em termos dos quais damos forma, ordem, objetivo e direção às nossas vidas (Geertz, 2017, p.37)

Com base nesta compreensão, o *sujeito* que tentamos esboçar é, assim como a *léxis*, a *forma esquemática* ou o *sistema de orientação* (*repèrage*), um operador enunciativo que apresentará seus contornos e características de acordo com os elementos que são mobilizados para integrar os enunciados. Assim sendo, reforçamos a compreensão de que ele não diz respeito a uma posição sintática, categoria gramatical passível de ocupar um determinado lugar na estrutura frásica, ou o indivíduo particular, em seus aspectos psicológico individuais, não é o locutor, mas um *sujeito* cujo funcionamento é passível de descrição metalinguística por tratar-se de um fenômeno enunciativo inerente à toda produção linguística.

Por meio glosa, metodologia de manipulação e reformulação controlada do material verbal dos enunciados, nos esforçamos em demonstrar o quanto as relações estabelecidas entre as unidades que compõem os enunciados cooperam para a produção de sentido, assim como buscamos descrever o funcionamento enunciativo dos verbos ROMPER e CORROMPER por meio da análise de dois operadores: a *forma esquemática*, que se configura como elemento invariável das unidades que regem todas as suas possibilidades variação semântica; e o *sujeito*, que definimos como o operador responsável por desencadear a atividade evocada pelo verbo em seus diferentes contextos linguísticos.

Para tanto, propomos uma abordagem mais elementar da parafrase típica da TOPE quando comparada às análises linguísticas desenvolvidas em trabalhos inscritos sob a

perspectiva culioliana<sup>73</sup>, isso porque nosso propósito era também o de promover a glosa como uma possibilidade de atividade analítica adaptável às práticas pedagógicas de reflexão sobre a língua realizadas em ambiente escolar.

Com o estudo do verbo CORROMPER, pudemos observar o funcionamento do que entendemos por *sujeito*, ao mesmo tempo em que nos foi possível observar o quanto o emprego deste verbo, na maioria dos contextos em que é solicitado, recupera representações que dialogam com o entendimento, social e historicamente construído, de que a riqueza imoral produz a miséria que assola as nações e abrevia a vida dos mais necessitados; fomenta a compreensão do senso comum de que o valor monetário está acima da vida humana. O que causa repulsa, pois ainda que vivamos em uma sociedade que coloca indivíduo acima dos interesses coletivos, agir sob este princípio quando a coletividade deve ter a primazia, promove a destruição dos princípios socialmente compartilhados e aceitos enquanto pilares fundamentais para a manutenção de uma sociedade sadia.

Quando iniciamos nossa jornada, ainda na dissertação de mestrado, nenhuma pretensão existia acerca de questões políticas ou sociais, mas calhou de trabalharmos com termo empregado em demasia em enunciados que remetem a contextos em que a política, de uma forma ou de outra, acaba por ser o tema. Por esta razão, desculpamo-nos caso certas passagens deste estudo tenham enveredado pelo árido terreno dos assuntos políticos. Para justificarmo-nos por esta possível falha, encerramos nossas considerações finais com um poema de Wislawa Szymborska:

### ***Filhos da época***

*Somos filhos da época  
e a época é política.*

*Todas as tuas, nossas, vossas coisas  
diurnas e noturnas,  
são coisas políticas.*

*Querendo ou não querendo,  
teus genes têm um passado político,  
tua pele, um matiz político,  
teus olhos, um aspecto político.*

---

<sup>73</sup> Sugerimos consulta aos textos de Márcia Romero, em especial “À *propôs des modes de signifiance*: le littéral et le figure revus par le jeu notionnel”, para contato com análises linguísticas com emprego de termos específicos aos níveis mais profundos de descrição metalinguística dos operadores enunciativos que constituem os enunciados.

*O que você diz tem ressonância,  
o que silencia tem um eco  
de um jeito ou de outro político.*

*Até caminhando e cantando a canção  
você dá passos políticos  
sobre um solo político.*

*Versos apolíticos também são políticos,  
e no alto a lua ilumina  
com um brilho já pouco lunar.  
Ser ou não ser, eis a questão.*

*Qual questão, me dirão.  
Uma questão política.*

*Não precisa nem mesmo ser gente  
para ter significado político,  
Basta ser petróleo bruto,  
ração concentrada ou matéria reciclável.  
Ou mesa de conferência cuja forma  
se discutia por meses a fio:  
deve-se arbitrar sobre a vida e a morte  
numa mesa redonda ou quadrada.*

*Enquanto isso matavam-se os homens,  
morriam os animais,  
ardiam as casas,  
ficavam ermos os campos,  
como em épocas passadas  
e menos políticas.*

(SZYMBORSKA, 2018, p. 77 -78)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. 6.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015.
- ALMEIDA, R. M. de. *A fragmentação da cultura e o fim do sujeito*. São Paulo: Loyola, 2012.
- ALVES, I. M. *Derivação Prefixal*. In: RODRIGUES, A; ALVES, I. M. Gramática do Português Culto Falado no Brasil Vol. VI: a construção morfológica da palavra. São Paulo: Contexto, 2015.
- APOSTEL, L. *Epistemologia da linguística*. In PIAGET, J. Lógica e conhecimento científico. 2.ed. Lisboa: Civilização, 1981, p.384-415.
- ARESI, F. *Síntese, organização e abertura do pensamento enunciativo de Emile Benveniste: Uma exegese de O aparelho formal da enunciação*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Letras, Universidade Federal do Rio do Grande do Sul, p. 207, 2012.
- ARISTÓTELES. *Órganon*. 2.ed. Bauru/SP: Edipro, 2010.
- AUROUX, S. La philologie linguistique d'Antoine Culioli. In La théorie d'Antoine Culioli: Ouvertures et incidents. Paris: Ophrys, p. 40-59, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Filosofia da Linguagem*. Campinas, SP: Unicamp, 1998.
- \_\_\_\_\_. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas, SP: Unicamp, 2009.
- AUTHIER-REVUZ, J. *Palavras Incertas: As não-coincidências do dizer*. Campinas, SP: Unicamp, 1998.
- BASÍLIO, M. *Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis: Vozes. 1980.
- \_\_\_\_\_. Prefixos: a controvérsia derivação/composição. In: Cadernos de linguística e língua portuguesa, v.1, Rio de Janeiro: Editora PUC-RIO, pp. 1-13, 1989
- \_\_\_\_\_. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, 2007.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Problemas de linguística geral II*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2006.
- BRASIL (1998). *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, p.106.
- BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 01 maio 2013.

- BRONCKART, J. P. *Atividades de linguagem textos e discursos: por um interacionistas sociodiscursivo*. 2.ed. São Paulo: Educ, 2009.
- \_\_\_\_\_. *An Introduction to the study of language*. New York, Henry Holt and Company, 1914.
- BRUNER, Jerome S. *Sobre o Conhecimento: Escritos da mão esquerda*. São Paulo: Phorte, 2008.
- CALAZANS, I. M. *Processos de prefixação: Estudo de prefixos latinos provenientes de preposições e seus reflexos no português*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Bahia, pp. 91, 2007.
- CÂMARA, J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2.<sup>a</sup> edição, Rio de Janeiro: Livraria Padrão, 1976.
- CÂMARA, J. M. *Dicionário de linguística e gramática*. 20.<sup>a</sup> edição, Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- CAMARA, J. M. *Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa*. 28.ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.
- CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber: Elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- CULIOLI. A. *La formalisation en linguistique*. The Cahiers pour l'Analyse and Contemporary French Thought : Généalogie des sciences. Paris, v. 9, 1968, p.106-117. <http://cahiers.kingston.ac.uk/pdf/cpa9.7.culioli.pdf> (acesso em 05/09/2017)
- \_\_\_\_\_. *Sur quelques contradictions en linguistique*. Langue Française, 22, Larousse, p.83-91, 1973.
- \_\_\_\_\_. *A propos d'opérations intervenant dans le traitement formel des langues naturelles. Mathématiques e sciences humaines*, tome 34, p. 7-15, 1971.
- \_\_\_\_\_. *Ouverture*. In La théorie d'Antoine Culioli: Ouvertures et incidents. Paris: Ophrys, p. 3-15, 1992
- \_\_\_\_\_. *Cognition and representation in linguistic theory*. In: Current issues in linguistic theory, 112. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, 1995
- \_\_\_\_\_. *Pour une linguistique de l'énonciation tome 1*. Opérations et représentations. Paris: Ophrys, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Pour une linguistique de l'énonciation tome 2*. Formalisation et opérations de repérage. Paris: Ophrys, 1999a.
- \_\_\_\_\_. *Pour une linguistique de l'énonciation tome 3*. Domaine notionnel. Paris: Ophrys, 1999b.
- \_\_\_\_\_. *Pour une linguistique de l'énonciation tome 4*. Tours et détours. Paris: Ophrys, 2018.

- CULIOLI, A.; DESCLÉS, J-P. *Systemes de representation linguistiques et metalinguistiques: Les categories grammaticales et le problème de la description de langues peu étudiées*. Unesco, Septembre, 1981.
- CULIOLI, A. FAYE; J-P, RANCIÈRE, J; ROUDINESCO, E. *Table ronde discours histoire-langue*. In CONEIN, B; COURTINE, J-J; GADET, F. MARANDIN, J-M, PÊCHEUX, M. *Matérialités Discursives – Colloque des 24, 25, 26 avril 1980*. Université Paris X – Nanterre.
- CULIOLI, A.; NORMAND, C. *Onze rencontres sur le langage et les langues*. Paris: Ophrys. 2005.
- DE VOGÜÉ, S. *Culioli após Benveniste: enunciação, linguagem, integração*. In. DE VOGÜÉ, S., FRANCKEL, J-J., PAILLARD, D. *Linguagem e Enunciação: representação, referenciação e regulação*. São Paulo: Contexto, p., 2011a.
- \_\_\_\_\_. *La langue entre cognition et discours*. In CHUQUET, J. *Le langage et ses niveaux d'analyse: cognition, production de forms, production du sens*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, p. 33-44, 2011b.
- \_\_\_\_\_. *L'énonciation dans le lexique: Actualité du concept benvenistien d'intégration dans la théorie des formes schématiques de l'école culiolienne*. In. Brunet E., Mahrer R. *Relire Benveniste: réceptions actuelles des Problèmes de linguistique générale*. Louvain-la-Neuve, Collection Sciences du langage: carrefours et points de vue, Academia-Bruylant, p.169-195, 2011c.
- \_\_\_\_\_. *Calcul des valeurs d'un énoncé « au présent »*. Travaux de linguistique, « Le présent » n.40, Duculot, 2000, p. 31-54.
- \_\_\_\_\_. *Os princípios organizadores da variedade das construções verbais*. In: Revista Virtual de Estudos da Linguagem – Revel, 9 (16), p.276-315, 2011.
- DE VOGÜÉ, S., FRANCKEL, J-J., PAILLARD, D. *Linguagem e Enunciação: representação, referenciação e regulação*. São Paulo: Contexto, 2011.
- CUNHA, A. G. da (Coord.). *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4.ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. (1996) *Nova gramática do português contemporâneo*. Lisboa, Edições Sá da Costa, 12.<sup>a</sup> edição, 1996.
- DESCLÉS, J-J. *Objets déterminés par des opérateurs*. In : TrajEthos, 3(1), 29-43, 2014
- DUCARD, D. *Entre Grammaire et Sens: études semiologiques et linguistiques*. Paris : Ophrys, 2004.

- ECO, U. *Quando o outro entra em cena. In* Cinco escritos morais. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- FLORES, V. [et al.]. *Dicionário de Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Introdução à Teoria Enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola, 2013.
- FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Lisboa: 70, 2005
- FRANCHI, C. *Mas o que é mesmo gramática?* 2.ed., São Paulo: Parábola, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Linguagem Atividade Constitutiva: teoria e poesia*. São Paulo: Parábola, 2011.
- FRANCKEL, J.-J. “Introdução”. In. DE VOGÜÉ, S.; FRANCKEL, J.-J.; PAILLARD, D. *Linguagem e Enunciação: representação, referenciação e regulação*. Contexto, São Paulo, 2011a.
- \_\_\_\_\_. *Referência, referenciação e valores referenciais*. In. DE VOGÜÉ, S., FRANCKEL, J.-J., PAILLARD, D. *Linguagem e Enunciação: representação, referenciação e regulação*. São Paulo: Contexto, 2011b.
- \_\_\_\_\_. *Da interpretação à glosa: por uma metodologia da reformulação*. In. DE VOGÜÉ, S., FRANCKEL, J.-J., PAILLARD, D. *Linguagem e Enunciação: representação, referenciação e regulação*. São Paulo: Contexto, 2011c.
- FRANCKEL, J.-J ; PAILLARD, D. *Aspects de la théorie d’Antoine Culioli. Langages*, n. 129, p.52-63, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Grammaire des prépositions*. Tome 1. Paris: Ophrys, 2007.
- FUCHS, C. *O sujeito na teoria enunciativa de A. Culioli: algumas referências*. Trad. de Leticia M. Rezende. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, nº 7, 1984, p. 77-85.
- \_\_\_\_\_. *As problemáticas enunciativas: esboço de uma apresentação histórica e crítica*. Trad. de Leticia M. Rezende. *Alfa*, São Paulo, nº 29, p.111 -129, 1985.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LCT, 2017.
- GREERAETS, D. CUYCKENS, H. *The Oxford handbook of cognitive linguistics*. Oxford/ New York: Oxford University Press, 2007.
- JOHNSON, G. A. *Dicionário de Sociologia: guia prático da linguagem sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 12.ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.
- HAUY, A. B. *Gramática da Língua Portuguesa Padrão*. São Paulo: Edusp, 2014.
- HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do espírito*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2016.
- \_\_\_\_\_. *Ciência da lógica 1: A doutrina do ser*. Petrópolis/ RJ: Vozes, 2016.

- \_\_\_\_\_. *Ciência da lógica 2: A doutrina da essência*. Petrópolis/ RJ: Vozes, 2017.
- HEIDDEGER, M. *A caminho da linguagem*. 6.ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.
- HESSEN, J. *Teoria do conhecimento*. 8.ed. Coimbra: Arménio Amado, 1987.
- HOUAISS, A. e VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- HUSSERL, E. *Investigações lógicas: prolegômenos à lógica pura*. Rio de Janeiro: Forense, 2014.
- \_\_\_\_\_. *A ideia da fenomenologia*. Lisboa: 70, 2017.
- ILARI, R. et al. *A Preposição*. In: Gramática do Português Culto Falado no Brasil Vol. IV: palavras de classe fechada. ILARI, Rodolfo (org.). São Paulo: Contexto, 2015.
- ILARI, R.; BASSO, R. *O Verbo*. In: Gramática do Português Culto Falado no Brasil Vol. III: palavras de classe aberta. ILARI, Rodolfo (org.). São Paulo: Contexto, 2014.
- LAHIRE, B. *O homem plural: as molas da acção*. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.
- LEIBNIZ, W. L. *Novos ensaios sobre o entendimento humano*. Nova Cultural, 1999.
- LIMA, V. S. *Dinâmica enunciativa e processos de construção do sentido no contexto literário*. Disponível em: <http://www.gelne.org.br>. Acesso em 16/07/2013.
- \_\_\_\_\_. *A prática de reformulação de enunciados como fundamento para o trabalho com significação nas aulas de língua portuguesa*. Dissertação (Mestrado em Ciências). EFLCH, Universidade Federal de São Paulo, SP, 2013.
- LIMA, R. C. H. da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 49.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- LUFT, C. P. *Gramática Resumida: explicação da nomenclatura gramatical brasileira*. 12.ed. São Paulo: Globo, 2001.2
- KANT, I. *Crítica da Faculdade de Julgar*. Petrópolis/ RJ: Vozes, 2016.
- \_\_\_\_\_. *Crítica da Razão Prática*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2017.
- \_\_\_\_\_. *Crítica da Razão Pura*. 4.ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2015
- \_\_\_\_\_. *Sobre a expressão corrente: isto pode ser correto em teoria, mas nada vale na prática*. (tr.: Mourão, A). In. A paz perpétua e outros opúsculos. Lisboa: Edições 70, 2016.
- MALINOWSKI, B. *Uma teoria científica de cultura*. Lisboa: 70, 2009.
- MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- MILNER, J-C. *De quelques aspects de la théorie d'Antoine Culioli projetés dans un espace non-énonciatif*. In La théorie d'Antoine Culioli: Ouvertures et incidents. Paris: Ophrys, p. 19-38, 1992.



- MOISES, M. *Dicionário de termos literários*. 10.ed. São Paulo: Cultrix, 2008.
- NEVEU, F. *Dicionário de Ciências da Linguagem*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.
- NUNES, S. M. da C. *Prefixação de origem preposicional na língua portuguesa*. Tese de Doutorado, Universidade de Coimbra, pp. 343, 2011.
- OLIVEIRA, S. M. *Derivação prefixal: um estudo sobre alguns prefixos do português brasileiro*. Tese doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, pp. 171, 2004.
- PAILLARD, D. “De la reconnaissance”. In. DUCARD, D.; NORMAND, C. (Orgs.) Antoine Culioli: un homme dans le langage. Paris: Ophrys, 2006.
- \_\_\_\_\_. *La notion de prédicat complexe. Prefixation – Particules Verbales – Constructions verbales em série*, Faits de Langues – Les Cahiers 2, 2010, p. 197-228.
- PEIRCE, C.S. *Semiótica*. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- PERINI, M. A. *Sofrendo a Gramática*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Para uma nova gramática do português*. 11.ed. São Paulo: Ática, 2007.
- PIAGET, J. *A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação*. 4.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2017.
- \_\_\_\_\_. *Epistemologia genética*. 4.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- RIBEIRO, K.T. *Lekton estoico no significante em Lacan*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Espírito Santo, pp.83, 2016.
- ROCHA, L. C. de A. *Estruturas morfológicas do português*. São Paulo: Martins Fontes: 2008.
- ROMERO, M. *Gramática operatória e ensino do léxico em língua portuguesa: fundamentos para uma prática reflexiva*. In. BROCARD, M. T; CAETANO, M. C. (Eds.) Estudos Linguísticos/Linguistic Studies, n.5, Lisboa: Edições Colibri, p.339-352, 2010a.
- \_\_\_\_\_. *Um possível diálogo entre a Teoria das Operações Enunciativas e a Aquisição: identidade semântica e produtividade discursiva*. Alfa, São Paulo, n.54, v.2, p.475-503, 2010b.
- \_\_\_\_\_. “*Epilinguismo: considerações acerca de sua conceitualização em Antoine Culioli e Carlos Franchi*.” Revel, v.9, n.16, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Variation et conservation linguistiques em portugais: identité sémantique des unités verbales et invariance langagière*. In : Signifiences (Signifying), 1(3), 183-198, 2017.
- \_\_\_\_\_. *Léxico, invariância y actividad de lenguaje*. In GARCIA-MOLINS, A.L., JIMÉNEZ, D.J. Enacción y léxico. Valência: Tirant Humanidades, 2017.
- \_\_\_\_\_. *À propôs des modes de signifiante: le littéral et le figure revus par le jeu notionnel*. In BÉDOURET-LARRABURU, S.; COPY, C. (dir.). L’éplilinguistique sous le voile

- littéraire: Antoine Culioli et la TO(P)E, Pau: L'Université de Pau et des Pays de l'Audour, 2018.
- ROMERO, M; TRAUZZOLA, V. *Consumir et comer em português brésilien: contribution à l'étude du préfixe CO*. *Faits de Langues, Varia* 48, Paris, 2016, p. 79-92.
- ROMERO-LOPES, M. C. *Processos enunciativos de variação semântica e identidade lexical: a polissemia redimensionada – Estudo dos verbos jouer e changer*. Tese de doutoramento. FFLCH, Universidade de São Paulo, 2000.
- ROSA, M. C. *Introdução à morfologia*. São Paulo: Contexto, 2000.
- SZYMBORSKA, W. *Poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.
- SILVA, A. G. F. da. *Hegel e a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- STEIN, S. I. A. *O movimento dialético do conceito em Hegel: uma reflexão sobre a ciência da lógica*. *PHILÓSOPHOS* 7 (2): 73-86, 2002.
- TIMMERMANS, B. *Hegel*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.
- TODOROV, T. *Teorias do símbolo*. São Paulo: Unesp, 2014.
- VERNAN, D. *Pesquisas epistemológicas*. In: PRADEAU, Jean-François. *História da Filosofia*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.
- VILLALVA, A.; SILVESTRE, J.P. *Introdução ao estudo do léxico: descrição e análise do Português*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.
- VILLALVA, A. M. S. *Estruturas morfológicas: unidades e hierarquias nas palavras do português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.
- WAGNER, R. *A invenção da cultura*. São Paulo: Ubu, 2017.
- WOLFF, F. *Nossa Humanidade: De Aristóteles às neurociências*. São Paulo: Unesp, 2012.

## ANEXOS

### CORROMPER

#### ETIMOLOGIA

CUNHA, A. G. da (2010): **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4<sup>a</sup> ed. rev. Rio de Janeiro: Lexicon.

**corromper** *vb.* 'estragar, decompor' 'perverter, depravar' / *conruper* XIII, *coronper* XIII, *corroper* XIV, *conrrromper* XIV etc. / Do lat. *corrumpĕrĕ* // **corrompente** XV // **corrompido** | *conrrupudo* XIII, *corrumpudo* XIV, *corrumpimento* XV etc. // **corrompimento** | *corrumpimento* XIV, *corrupido* XV etc. // *corru(p)ção* | *-upçon* XIV | Do lat. *Corruptio* –onis // *coruu(p)tela* *sf.* 'corrupção' 1813. Do lat. *Corruptela* // *corru(p)tibilidade* XVI. Do lat. *Corruptibilitas* –atis // **corru(p)tível** | *-ptiul* XIV, *-ptiul* XV etc. | Do lat. *Corruptibilis* –e // **corru(p)tivo** 1844. Do lat. *Corruptivus* // *corru(p)to* XIV. Do lat. *corruptus*, part. de *currumpere* // *corruptor* 1572. Do lat. *Corruptor* –oris // **incorru(p)ção** XVII. Do lat. *incorruptio* –onis // *incorru(p)tibili.dade* 1813. Do lat. *incorruptibilitas* –atis // **incorru(p)tível** XVI. Do lat. *in-corruptibilis* –e // *incorru(p)tivo* 1881. Do lat. *incorruptivus* // *incorru(p)to* XVI. Do lat. *incorruptus*. → **corromper** – *corru(p)tivo* / 1836 *sc* /

DICTIONNAIRE GAFFIOT latin-français (1934)

<http://www.lexilogos.com/latin/gaffiot.php?q=corrumpo>

**corrompo, rupi, ruptum, ěre (cum et rumpo. )** (*subs* et *emo*), tr., metre en pièces complètement ¶1 prendre à soi, détruire, anéantir : *frumentum flumine atque incendio* CÆS, G. 7, 55, 8, détruire le blé par l'eau et par le feu (7,64, 3 ; C. 2, 10, 6 ; Sall. J. 55, 8 : 76, 6 ; LIV. 22.11, 5 : 25, 11, 11) // *res familiares corruperant* SALL. J. 64, 6, ils avaient réduit à néant leur fortune ; *magnas opportunitates* SALL. C. 43,, 3, réduire à néant de belles occasions ; *libertas corrumpébatur* TAC. An. 1, 75, la liberté disparaissait ¶ 2 [fig.] gâter, détériorer [physiquement ou moralement] : *aqua corrumpitur* Cic Nat. 2, 20, l'eau se corrompt (SALL. J. 55, 8) ; *sanguis corruptus* Cic. Tusc. 4, 23, sang gâté ; *oculos* Pl. Merc. 501, gâté ;

yeux [en pleurant] ; litteras publicas Cic. Verr. 1, 60 tabulas Cic. Arch. 8, falsifier des registres officiels ; nomen alicujus SALL. J. 18, 10, altérer le nom de qqn dans la prononciation// altérer les idées de qqn : Cic. Fin. 1, 21 ; currumpitur oratio Quint. 8, 3, 58 le style se gâte ; os in peregrinum sonum corruptum Quint. 1, 1, 13, prononciation que s'altère en prenant des sons étrangers// mores civitatis Cic. Leg. 3, 32, corrompre les mœurs d'une cité ; Hannibalem ipsum Capua corrupit Cic. Agr. 1, 20, Capoue a gâté Hannibal lui-même ; homme corrompu, débauché ; milites soluto imperio licentia atque lascivia corruerat SALL. J. 39, 5, le commandement s'étant relâché, l'armée avait été corrompue par la licence et le désordre// corrompre, séduire une femme : TER. Haut. 231 ; TAC. An. 4, 7 ; SUET. CÆS. 50, et.// [en part.] corrompre, gagner qqn : nec me laudandis majoribus meis corrupisti Cic. Fin. 1, 33, et tu ne m'as pas amandoué en louant mes ancêtres ; aliquem pecunia Cic. Off. 2, 53, corrompre qqn à prix d'argent ; iudicium corruptum Cic. Clu. 4, jugement acheté, cf. 63 ; 64 ; 73, etc. Mil. 46 ; ad sententias iudicum corrupendas Cic. Clu. 125, pour acheter la sentence des juges. → **corrupt** – v. corrupt-; Pl. Trin. 240; Amp. 1058

## ACEPÇÕES DE FONTES LEXIGOGRÁFICAS

FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3.ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

1. Estragar; viciar; perverter.
2. Tornar podre.
3. Peitar, subornar.
4. Seduzir.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

1. Tornar (-se) apodrecido ou estragado (falando de algo concreto); deteriorar (-se)
2. Perverter (-se) moral ou fisicamente
3. Tornar diferente do que era originalmente; adulterar, alterar
4. Subornar (pessoa) em função de interesse próprio ou de outrem

## COLETA DE DADOS – 2015 – 2018

### NOTAÇÕES

**A** FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3.ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

**AZ** AZEVEDO, F. F. S. **Dicionário analógico da língua portuguesa: ideias afins/thesaurus**. 2 ed. atual. e revista. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

**B** BORBA, F. S. et. al. **Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1990.

**H** HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

**W** WEB

		OCORRÊNCIA / EXEMPLO		ENUNCIADOS WEB	SITE - DATA DE ACESSO
1.	A1.	<b>O calor corrompe</b> certos alimentos	W1.	O colunista do jornal espanhol "El Mundo" Julian Ruiz escreveu um texto chamando a Copa do Mundo de "vergonha mundial" e afirmando que <b>"este calor e a umidade estão corrompendo toda a competição,</b> agravada por árbitros a serviço do poder mais corrupto, onde os dirigentes só recebem dinheiro de capitalistas brasileiros sem escrúpulos ou de xeques árabes"	<a href="http://g1.globo.com/mundo/blog/brasil-visto-de-fora/post/colunista-do-el-mundo-diz-que-o-calor-e-umidade-estao-corrompendo-copa.html">http://g1.globo.com/mundo/blog/brasil-visto-de-fora/post/colunista-do-el-mundo-diz-que-o-calor-e-umidade-estao-corrompendo-copa.html</a> <i>Acesso em 29/01/2015</i>
2.	A2.	<b>Corrompeu o texto,</b> adaptando-o ao que pretendia		Protestos foram contra Alckmin e o propinão tucano, mas <b>Globo corrompeu a notícia para blindar PSDB</b>	<a href="http://osamigosdopresidentelula.blogspot.com.br/2013/08/protostos-foram-contra-alckmin-mas-tv.html">http://osamigosdopresidentelula.blogspot.com.br/2013/08/protostos-foram-contra-alckmin-mas-tv.html</a> <i>Acesso em 31/01/2015</i>

3.	A3.	As más influências corromperam-no	W2.	Em 1 Coríntios 15:33, Paulo claramente nos fala que “ <b>as más conversações corrompem os bons costumes</b> ”. Um dos motivos que os maus companheiros, muitas vezes, têm uma influência que corrompe é visto em Deuteronômio 22:10.	<a href="http://www.estudosdabiblia.net/200315.htm">http://www.estudosdabiblia.net/200315.htm</a> Acesso em 29/01/2015
4.	A4.	Corrompendo a testemunha, obteve depoimento falso	W3.	<b>Juizes de Milão indicam que Berlusconi corrompeu testemunhas do caso Ruby.</b> Roma, 29 nov (EFE).- Os juízes de Milão (Itália) consideram que Silvio Berlusconi pagou para as meninas que foram chamadas como testemunhas para que mudassem suas versões dos fatos, segundo é possível ler nas motivações da sentença publicada nesta sexta-feira no processo paralelo.	<a href="http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2013/11/29/juizes-de-milao-indicam-que-berlusconi-corrompeu-testemunhas-do-caso-ruby.htm">http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2013/11/29/juizes-de-milao-indicam-que-berlusconi-corrompeu-testemunhas-do-caso-ruby.htm</a> Acesso em 29/01/2015
5.	B1.	A unidade corrompe a matéria orgânica			
6.	B2.	O calor corrompeu a carne			
7.	B3.	Era ele quem sustentava e corrompia os estudantes	W4.	De outro lado, com a perseguição e expulsão de professores, os estudantes eram, segundo Duarte, a única coisa boa coisa da USP. Essa opinião não era compartilhada por Mesquita Filho, diretor do jornal <b>O Estado, para quem os estudantes estavam corrompidos pela esquerda, participando “de agitações provocadas por demagogos e aventureiros ao serviço da subversão”.</b> Mais Palavras: Fragmentos de Velhas Anotações Por Leonidas Hegenberg	<a href="https://books.google.com.br/books?id=kSX3KxqHipAC&amp;pg=PA110&amp;lpg=PA110&amp;dq=estudantes+corrompidos&amp;source=bl&amp;ots=wEVVoyckWE&amp;sig=nEZIRywJJS0EZ3KHrIOv6NdufRg&amp;hl=pt-BR&amp;sa=X&amp;ei=31bnVMLmLvLnsAS464GoBg&amp;ved=0CFMQ6AEwCQ#v=onepage&amp;q=estudantes%20corrompidos&amp;f=false">https://books.google.com.br/books?id=kSX3KxqHipAC&amp;pg=PA110&amp;lpg=PA110&amp;dq=estudantes+corrompidos&amp;source=bl&amp;ots=wEVVoyckWE&amp;sig=nEZIRywJJS0EZ3KHrIOv6NdufRg&amp;hl=pt-BR&amp;sa=X&amp;ei=31bnVMLmLvLnsAS464GoBg&amp;ved=0CFMQ6AEwCQ#v=onepage&amp;q=estudantes%20corrompidos&amp;f=false</a> Acesso em 29/01/2015
8.	B4.	Alguns acusaram-no de corromper a mocidade	W5.	Ora as Proposições o são Simpleses, ou Complexas. Estas se fazem de dous modos. Pois ou se ajuntão em huma Proposição muitos pontos de accusação diferentes, como a com que <b>Socrates foi accusado de corromper a mocidade</b> , e de introduzir novas divindades; ou de	<a href="https://books.google.com.br/books?id=unw9AAAcAAJ&amp;pg=PA207&amp;dq=corrompe+mocidade&amp;hl=pt-BR&amp;sa=X&amp;ei=MFvnVK3kDabasASt3oGgBw&amp;ved=0CB4Q">https://books.google.com.br/books?id=unw9AAAcAAJ&amp;pg=PA207&amp;dq=corrompe+mocidade&amp;hl=pt-BR&amp;sa=X&amp;ei=MFvnVK3kDabasASt3oGgBw&amp;ved=0CB4Q</a>

				<p>muitos crimes analogos se fórma huma accusação geral. Tal he a com que Demosthenes accusa a Eschines de ter feito mal a embaixada: Porque mentio, porque não executou as ordens, porque se demourou, e em fim porque recebeo presentes... (sic)</p> <p><i>Instituições oratorias: escolhidas dos seus XII livros, Volume 1</i></p> <p>Por Marcus Fabius Quintilianus, Jeronymo Soares Barboza</p>	<p>6AEwAA#v=onpag e&amp;q=corrompe%20 mocidade&amp;f=false</p> <p>Acesso em 30/01/2015</p>
9.	B5.	A luxúria corrompe a criatura humana			
10.	B6.	<b>O poder absoluto corrompe</b>	W6.	<p>Muitos conhecem o famoso ditado “<b>o poder corrompe e o poder absoluto corrompe absolutamente</b>”, mas poucos conhecem mais sobre as idéias de seu autor, o historiador católico e liberal John E. E. Dalberg Acton, ou simplesmente Lord Acton.</p>	<p><a href="http://veja.abril.com.br/blog/rodrigo-constantino/democracia/o-poder-corrompe-e-o-poder-absoluto-corrompe-absolutamente/">http://veja.abril.com.br/blog/rodrigo-constantino/democracia/o-poder-corrompe-e-o-poder-absoluto-corrompe-absolutamente/</a></p> <p>Acesso em 29/01/2015</p>
11.	B7.	Alguns <b>comerciantes corrompem os fiscais</b>	W7.	<p><b>Decretada prisão de empresário que corrompeu funcionário público no AP.</b></p> <p>Luciano Marba é dono de uma empresa de vigilância. E gravou o momento em que foi entregar a propina para se manter numa licitação.</p>	<p><a href="http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/05/decretada-prisao-de-empresario-que-corrompeu-funcionario-publico-no-ap.html">http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/05/decretada-prisao-de-empresario-que-corrompeu-funcionario-publico-no-ap.html</a></p> <p>Acesso em 30/01/2015</p>
12.	B8.	O candidato <b>habitua-se a corromper autoridades</b> para obter o que quer.	W8.	<p><b>A produção de drogas no exterior, por exemplo, é mercadoria que atravessa a fronteira, seja por via aérea, portos ou terrestre, passa pelas rodovias nacionais, corrompe autoridades públicas em todos os níveis</b> e chega às ruas, onde é comercializada ao usuário final.</p> <p>Direito Internacional e Segurança Pública - A Questão do Tráfico ...</p> <p>Por ETIENE MARTINS</p>	<p><a href="https://books.google.com.br/books?id=6X9ZMeRJM-sC&amp;pg=PA52&amp;dq=corrompe+autoridades&amp;hl=pt-BR&amp;sa=X&amp;ei=wlnzVN2HDubgsASZ2YCIBA&amp;ved=0CB4Q6AEwAA#v=onpag e&amp;q=corrompe%20a utoridades&amp;f=false">https://books.google.com.br/books?id=6X9ZMeRJM-sC&amp;pg=PA52&amp;dq=corrompe+autoridades&amp;hl=pt-BR&amp;sa=X&amp;ei=wlnzVN2HDubgsASZ2YCIBA&amp;ved=0CB4Q6AEwAA#v=onpag e&amp;q=corrompe%20a utoridades&amp;f=false</a></p> <p>Acesso em 29/01/2015</p>
13.	B9.	<b>O sal preserva a carne de se corromper</b>	W9.	Este é o mantimento a que chamam farinha-de-pau, com que os	

				<p>moradores e gentios desta Província se mantêm. Há todavia farinha de duas maneiras: uma se chama de guerra e outra fresca. A de guerra se faz desta mesma raiz, e depois de feita fica muito seca e torrada, de maneira que dura mais de um ano sem se danar. <b>A fresca é mais mimosa e de melhor gosto, mas não dura mais que dois ou três dias, e como passa deles, logo se corrompe.</b></p> <p>Farinha, feijão e carne-seca: um tripé culinário no Brasil colonial</p> <p>Por Paula Pinto e Silva</p>	
14.	B10.	<p><b>A matéria orgânica se corromperá na umidade</b></p>	W10	<p><b>As consciências deixam-se corromper e a matéria orgânica corrompe-se com o tempo.</b></p>	<p><a href="https://books.google.com.br/books?id=NqUe0V2YkhUC&amp;pg=PA33&amp;dq=mat%C3%A9ria+org%C3%A2nica+se+corrompe&amp;hl=pt-BR&amp;sa=X&amp;ei=91_nVOedD-KasQSg1IHIDA&amp;ved=0CCQQ6AEwAQ#v=onepage&amp;q=mat%C3%A9ria%20org%C3%A2nica%20se%20corrompe&amp;f=false">https://books.google.com.br/books?id=NqUe0V2YkhUC&amp;pg=PA33&amp;dq=mat%C3%A9ria+org%C3%A2nica+se+corrompe&amp;hl=pt-BR&amp;sa=X&amp;ei=91_nVOedD-KasQSg1IHIDA&amp;ved=0CCQQ6AEwAQ#v=onepage&amp;q=mat%C3%A9ria%20org%C3%A2nica%20se%20corrompe&amp;f=false</a></p> <p><i>Acesso em 29/01/2015</i></p>
15.	B11.	<p><b>Os pais têm, às vezes, medo de arriscar que seus filhos se corrompam</b></p>	W11	<p>O que mais prejudica, segundo o autor, é o contato dos filhos com os seres inferiores, ou com os criados, pois tanto em civilidade quanto em virtudes, leva-os à linguagem debochada, aos vícios etc. <b>Sorte terá quem não tiver em serviço criados grosseiros e viciados para evitar que os filhos se corrompam.</b></p> <p>Discorrendo sobre as vantagens de uma educação doméstica e o exemplo, Locke inicia perguntando: mas, se o exemplo e as companhias ou a sociedade têm mais influência que todos os preceitos e orientações recebidas em casa, então o que fazer</p>	<p><a href="https://books.google.com.br/books?id=R01ZVkhVYeEC&amp;pg=PA65&amp;dq=filhos+se+corrompam&amp;hl=pt-BR&amp;sa=X&amp;ei=f2DnVOXIOleyggT2uYPCA&amp;ved=0CCYQ6AEwAQ#v=onepage&amp;q=filhos%20se%20corrompam&amp;f=false">https://books.google.com.br/books?id=R01ZVkhVYeEC&amp;pg=PA65&amp;dq=filhos+se+corrompam&amp;hl=pt-BR&amp;sa=X&amp;ei=f2DnVOXIOleyggT2uYPCA&amp;ved=0CCYQ6AEwAQ#v=onepage&amp;q=filhos%20se%20corrompam&amp;f=false</a></p> <p><i>Acesso em 29/01/2015</i></p>



				<p>– reter o filho sempre em casa para que não se contamine com a rudeza e os vícios tão em moda por todas as partes, ou liberá-los para tais contatos? Em casa, talvez, se preservasse mais inocente, mas seria mais ignorante.</p> <p><i>O conceito de disciplina em John Locke</i></p> <p><i>Por Gomercindo Gigi e Avelino da Rosa Oliveira</i></p>	
16.	B12.	<b>Sua sabia simplicidade nunca se corrompe em vulgaridade</b>			
17.	H1.	<b>A ferrugem corrompe o ferro</b>	W12	<p>Somos salvos pela graça! Não há outra forma, não existe outra possibilidade. A perdição em que caímos nos desqualificou para vivermos na presença e em comunhão com Deus. <b>Ela nos corrompeu, como a ferrugem corrompe o ferro, como a deterioração corrompe um corpo sem vida.</b> Passamos a ver, sentir e agir de uma maneira equivocada, diferente, em muitos aspectos, do que Deus tinha em mente para nós. Ditas essas coisas, ainda estamos longe de entender a dimensão da perdição em que caímos, assim como um analfabeto não pode saber, de fato, o que deixou de conhecer por não ser capaz de ler e interpretar</p>	<p><a href="http://www.ibpc.org.br/wordpress/tag/o-ato-divino/">http://www.ibpc.org.br/wordpress/tag/o-ato-divino/</a></p> <p><i>Acesso em 29/01/2015</i></p>
18.	H2.	Os alimentos expostos corrompem-se facilmente	W13		
19.	H3.	O ambiente corrompia-se com a falta de ventilação			
20.	H4.	Os hábitos desregrados corrompem os jovens			
21.	H5.	Corrompeu-se na bebida			
22.	H6.	A publicação descuidada corrompeu o texto produzido pelo cientista			
23.	H7.	Inescrupuloso, tentou corromper o juiz	W14	<i>Antonio</i> (a Marceline, apontando os	<a href="https://books.google">https://books.google</a> .

				juízes): o que é que eles tanto murmurejam? <i>Marceline: É que já corromperam o grande juiz. Ele está corrompendo o outro</i> , e eu vou perder o meu processo.  <i>As Bodas de Fígaro</i> <i>Mozart</i>	<a href="http://com.br/books?id=FzVd_9PmdyAC&amp;pg=PA170&amp;lpg=PA170&amp;dq=corromperam+juiz&amp;source=bl&amp;ots=qLZ-LExFSH&amp;sig=ovN5X4ZmxSO3RHkLq3V54AMoI18&amp;hl=pt-BR&amp;sa=X&amp;ei=kGrnVNqGNvDfsASZ94HYCA&amp;ved=0CEAQ6AEwBg#v=onepage&amp;q=corromperam%20juiz&amp;f=false">com.br/books?id=FzVd_9PmdyAC&amp;pg=PA170&amp;lpg=PA170&amp;dq=corromperam+juiz&amp;source=bl&amp;ots=qLZ-LExFSH&amp;sig=ovN5X4ZmxSO3RHkLq3V54AMoI18&amp;hl=pt-BR&amp;sa=X&amp;ei=kGrnVNqGNvDfsASZ94HYCA&amp;ved=0CEAQ6AEwBg#v=onepage&amp;q=corromperam%20juiz&amp;f=false</a> <i>Acesso em 29/01/2015</i>
24.		A sociedade corrompe o homem	W15	<b>Dizem que o homem não nasceu ruim, a sociedade que o corrompe.</b> Se somos fruto da criação da sociedade, como ela pode ter o direito de julgar-nos se a culpa é parcialmente dela? <i>Diego Maia Mascarenhas</i>	<a href="http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/">http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/</a>  <i>Acesso em 20/01/2015</i>
25.		A tristeza corrompe	W16	<b>A tristeza só corrompe as nossas decisões de fazer o que é certo.</b> A vida é feita de escolhas, se passarmos por ela só lamentando, não haverá sentido para desfrutarmos das coisas que ela tem a nos oferecer. Levanta a cabeça, o mundo não para porque vc esta triste, a vida continua." <i>Hanna Tavernard</i>	<a href="http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/">http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/</a>  <i>Acesso em 20/01/2015</i>
26.		[O] orgulho corrompe o ambiente	W17	Que, em sua misericórdia, <b>Deus nos liberte do espírito de orgulho que agora corrompe o ambiente</b> do evangelicalismo moderno e nos conceda um humilde ponto de vista a respeito de nossa própria impureza; fazendo-o de tal modo que nos unamos ao apóstolo Paulo em clamar com um fervor cada vez mais profundo A. W. Pink	<a href="http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/">http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/</a>  <i>Acesso em 20/01/2015</i>
27.		O poder corrompe	W18	<b>O poder nas mãos dos seres humanos independentes, sejam</b>	<a href="http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/">http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/</a>

				<b>homens ou mulheres, corrompe.</b> <i>A Cabana</i> <i>Willian P. Yuong</i>	pe/2/ <i>Acesso</i> 20/01/2015 <i>em</i>
28.		<b>A dor corrompe</b>	W19	<b>..A dor me corrompe a cada amanhecer!</b> <i>Nayara Rodrigues Cardoso Borges</i>	http://pensador.uol.c om.br/poder_corrom pe/2/ <i>Acesso</i> 20/01/2015 <i>em</i>
29.		<b>[O] calor de seus lábios corrompe minha mente</b>	W20	<b>“O desejável calor de seus lábios corrompe minha mente,</b> afeta minha existência e abriga no meu inconsciente, permanecendo intacta nos esconderijos do meu corpo a ideologia que criei a partir de sua imagem”. <i>Latumia (W.J.F.)</i>	http://pensador.uol.c om.br/poder_corrom pe/2/ <i>Acesso</i> 20/01/2015 <i>em</i>
30.		<b>O sistema corrompe os fracos</b>	W21	<b>O sistema corrompe os fracos,</b> o que você viveu/sofreu não é desculpa para justificar sua entrada no caminho mais fácil da vida, "o caminho errado"! <i>Franklin Lima (Castro Alves - BA)</i>	http://pensador.uol.c om.br/poder_corrom pe/2/ <i>Acesso</i> 20/01/2015 <i>em</i>
31.		<b>Num mundo de impuros a pureza nos corrompe.</b>	W22	<b>Num mundo de impuros a pureza nos corrompe.</b> <i>Willyam Mendes Leitão</i>	http://pensador.uol.c om.br/poder_corrom pe/2/ <i>Acesso</i> 20/01/2015 <i>em</i>
32.		<b>A pobreza corrompe</b>	W23	Ingenuidade acreditar que para ser bom é preciso ser pobre. <b>A pobreza corrompe também.</b> <i>Hideraldo Montenegro</i>	http://pensador.uol.c om.br/poder_corrom pe/2/ <i>Acesso</i> 20/01/2015 <i>em</i>
33.		Só se corrompe alguém que já tenha má índole	W24	<b>Ser enganado e ser corrompido são duas coisas completamente diferentes, só se corrompe alguém que já tenha má índole,</b> fora isso caracter algum se muda. <i>Alexandra Tourinho</i>	http://pensador.uol.c om.br/poder_corrom pe/2/ <i>Acesso</i> 20/01/2015 <i>em</i>
34.		O ódio corrompe os atos	W25	O ódio provém do medo, do fracasso, da inveja. <b>O ódio corrompe os atos,</b>	http://pensador.uol.c om.br/poder_corrom pe/2/

				provocando dor, que se torna mais ódio, é assim que ele se reproduz.	<i>Acesso em 20/01/2015</i>
35.		O coração corrompe-se por imagens e luz...	W26	<b>O coração corrompe-se por imagens e luz...</b> <i>Leonardo Mendonça</i>	<a href="http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/">http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/</a> <i>Acesso em 20/01/2015</i>
36.		O dinheiro corrompe a alma humana.	W27	<b>O dinheiro é importante, mais corrompe a alma humana</b> <i>Leonardo Alcântara</i>	<a href="http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/">http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/</a> <i>Acesso em 19/01/2015</i>
37.		No amor nós seguimos três opções: ou se omite, ou se corrompe ou vai à guerra.	W28	<b>No amor nós seguimos três opções: ou se omite, ou se corrompe ou vai à guerra.</b> <i>Henry Antolini</i>	<a href="http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/">http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/</a> <i>Acesso em 19/01/2015</i>
38.		O amor corrompe todos os seus neurônios	W29	O que eu acho do amor? Bem simples! <b>O amor corrompe todos os seus neurônios</b> e te deixa completamente cego, so vendo o que se quer ver,e não a realidade. <i>.Zé Filho</i>	<a href="http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/">http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/</a> <i>Acesso em 19/01/2015</i>
39.		A inveja corrompe a mente	W30	<b>A inveja corrompe a mente humana!</b> <i>Manuel Salvado</i>	<a href="http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/">http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/</a> <i>Acesso em 19/01/2015</i>
40.		O poder corrompe os homens	W31	<b>O poder corrompe os homens de pouca vontade.</b> <i>Álvaro Santestevan</i>	<a href="http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/">http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/</a> <i>Acesso em 19/01/2015</i>
41.		A arrogância corrompe a alma	W32	<b>"A Humildade abre portas e a arrogância corrompe a alma"</b> <i>Beto Braga</i>	<a href="http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/">http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/</a> <i>Acesso em 19/01/2015</i>
42.		O amor corrompe todas as formas de amar	W33	Amor <b>"O amor corrompe todas as formas de amar, pois ele vai além disso"</b> <i>Fernanda Ilario</i>	<a href="http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/">http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/</a> <i>Acesso em 19/01/2015</i>

43.		A misericórdia corrompe	W34	Não se apresse em perdoar. <b>A misericórdia também corrompe.</b> <i>Nelson Rodrigues</i>	<a href="http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/">http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/</a> <i>Acesso em 19/01/2015</i>
44.		O poder corrompe, mas a falta de poder corrompe absolutamente.	W35	<b>O poder corrompe, mas a falta de poder corrompe absolutamente.</b> <i>Adlai Stevenson</i>	<a href="http://www.citador.pt/frases/o-poder-corrompe-mas-a-falta-de-poder-corrompe-a-adlai-e-stevenson-10608">http://www.citador.pt/frases/o-poder-corrompe-mas-a-falta-de-poder-corrompe-a-adlai-e-stevenson-10608</a> <i>Acesso em 19/01/2015</i>
45.		O homem nasce bom, e a sociedade o corrompe	W36	<b>Rousseau disse que o homem nasce bom, e a sociedade o corrompe.</b> Mas essa ideia precisa de reparos: para mim, o homem nasce neutro e o sistema social educa ou realça seus instintos, liberta seu psiquismo ou aprisiona. E normalmente o aprisiona. <i>Augusto Cury</i>	<a href="http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/">http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/</a> <i>Acesso em 19/01/2015</i>
46.		O poder não corrompe os homens	W37	<b>O poder não corrompe os homens; mas os tolos, se eles adquirem uma posição de poder, eles a corrompem.</b> <i>George Bernard Shaw</i>	<a href="http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/">http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/</a> <i>Acesso em 19/01/2015</i>
47.		Todo o luxo corrompe, ou os hábitos ou o gosto.	W38	<b>Todo o luxo corrompe, ou os hábitos ou o gosto.</b> <i>Joseph Joubert</i>	<a href="http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/">http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/</a> <i>Acesso em 19/01/2015</i>
48.		A lisonja corrompe	W39	<b>A lisonja corrompe quem a recebe e quem a dá;</b> e a adulação não é mais útil ao povo do que aos reis. <i>Edmund Burke</i>	<a href="http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/">http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/</a> <i>Acesso em 19/01/2015</i>
49.		A pior das corrupções não é aquela que desafia as leis; mas a que se corrompe a ela própria	W40	<b>A pior das corrupções não é aquela que desafia as leis; mas a que se corrompe a ela própria.</b> <i>Louis Bonald</i>	<a href="http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/">http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/</a> <i>Acesso em 19/01/2015</i>
50.		A paz não corrompe	W41	<b>A paz não corrompe menos do</b>	<a href="http://www.citador.pt">http://www.citador.pt</a>

		menos do que a guerra devasta.		<b>que a guerra devasta.</b> <i>John Milton</i>	/frases/a-paz-nao-corrompe-menos-do-que-a-guerra-devasta-john-milton-3847 <i>Acesso em 19/01/2015</i>
51.		A lisonja quase sempre nos corrompe.	W42	<b>A maledicência pode muitas vezes corrigir-nos, a lisonja quase sempre nos corrompe.</b> <i>Marquês de Maricá</i>	<a href="http://www.citador.pt/frases/a-maledicencia-pode-muitas-vezes-corrigir-nos-a-marques-de-marica-11602">http://www.citador.pt/frases/a-maledicencia-pode-muitas-vezes-corrigir-nos-a-marques-de-marica-11602</a> <i>Acesso em 19/01/2015</i>
52.		O homem, guiado pelo amor-próprio, corrompe-se	W43	<b>O homem, guiado pelo amor-próprio, corrompe-se;</b> passa a ter o desejo de ser superior aos outros, aliena-se. <i>Jean-Jacques Rousseau</i>	<a href="http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/">http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/</a> <i>Acesso em 19/01/2015</i>
53.		O pensamento corrompe a linguagem  A linguagem corrompe o pensamento	W44	<b>Se o pensamento corrompe a linguagem, a linguagem também pode corromper o pensamento.</b> <i>George Orwell</i>	<a href="http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/">http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/</a> <i>Acesso em 19/01/2015</i>
54.		A vida corrompe suas certezas	W45	<b>A vida voa na sua cara, esbarra no seu rosto, suja sua vaidade, corrompe suas certezas,</b> e você não pode fazer nada. A não ser lavar o rosto e começar tudo de novo." <i>Tati Bernardi</i>	<a href="http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/">http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/</a> <i>Acesso em 19/01/2015</i>
55.		Todo o poder provém duma disciplina e corrompe-se a partir do momento em que se descaram os constrangimentos	W46	<b>Todo o poder provém duma disciplina e corrompe-se a partir do momento em que se descaram os constrangimentos.</b> <i>Roger Caillois</i>	<a href="http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/">http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/</a> <i>Acesso em 19/01/2015</i>
56.		A confiança corrompe a amizade	W47	<b>A confiança corrompe a amizade,</b> muito contato a consome, o respeito a conserva. <i>Marco Tulio Cicerón</i>	<a href="http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/">http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/</a> <i>Acesso em 19/01/2015</i>

57.		Nossa amizade fraterna é eterna Não se corrói, não se corrompe, não se destrói	W48	Amizade Fraterna <b>Nossa amizade fraterna é eterna</b> <b>Não se corrói, não se corrompe, não se destrói</b> Alimenta-se de falar, de ouvir, de amar Com gestos, com sonhos, com afetos.  Não importa onde estamos. Vivos, mortos, aos prantos Felizes nos encontros Exilados nos desencontros.  Nossa amizade sincera se fortalece a cada era Com brio de esplendor de uma fera Compactando a união Desbravando nossa esfera. para você com carinho... <i>Babi</i>	<a href="http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/">http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/</a> <i>Acesso em 19/01/2015</i>
58.		Um elogio que me corrompe.	W49	<b>Prefiro uma crítica construtiva a um elogio que me corrompe.</b> <i>Leo Cruz</i>	<a href="http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/">http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/</a> <i>Acesso em 19/01/2015</i>
59.		A falsidade corrompe as pessoas	W50	<b>A falsidade corrompe as pessoas de forma lenta, progressiva e irreversível</b> William Nóbrega	<a href="http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/">http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/</a> <a href="http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/">http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/</a> <i>Acesso em 19/01/2015</i>
60.		A inveja corrompe	W51	<b>A inveja corrompe</b> , machuca, mata sentimento sem valor que não te acrescenta nada <i>Emerson Felipe</i>	<a href="http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/">http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/</a> <i>Acesso em 19/01/2015</i>
61.		O poder corrompe, o tempo revela	W52	<b>O poder corrompe, o tempo revela.</b> <i>Izzo Rocha</i>	<a href="http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/">http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/</a> <i>Acesso em 19/01/2015</i>
62.		A mentira corrompe	W53	Hoje percebi que a <b>mentira</b>	<a href="http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/">http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/</a>

				<b>corrompe</b> e devasta tudo que o amor constrói hoje descobri o quanto dói ser enganado e enganar a si próprio. Jean Rocha	om.br/poder_corrompe/2/ <i>Acesso em 19/01/2015</i>
63.		Onde meu senso de justiça não me permite a omissão, nem se corrompe em benefício próprio	W54	Impulsiva e transparente! <b>Onde meu senso de justiça não me permite a omissão, nem se corrompe em benefício próprio!</b> Cissa Sousa	http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/ <i>Acesso em 19/01/2015</i>
64.		O impulso corrompe a alma.	W55	<b>O impulso corrompe a alma.</b> Diego Belmont	http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/ <i>Acesso em 19/01/2015</i>
65.		Uma pessoa se corrompe	W56	<b>"Uma pessoa que se corrompe não tem conhecimento sobre si mesmo."</b> Fábio Ibrahim El Khoury	http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/ <i>Acesso em 19/01/2015</i>
66.		O capitalismo corrompe	W57	<b>O capitalismo é uma doença tão maldita que até os pobres ela afeta, corrompe e escraviza!</b> Jmel Pensador	http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/ <i>Acesso em 19/01/2015</i>
67.		O mundo te corrompe	W58	<b>A igreja lhe ensina sua doutrina, mas o mundo te corrompe.</b> Celso Barbosa	http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/ <i>Acesso em 19/01/2015</i>
68.		Amor de verdade não se corrompe	W59	<b>Amor de verdade não se corrompe</b> , não se desgasta, quanta mais o tempo passa, mais ele se renova." Saulo Tavares	http://pensador.uol.com.br/poder_corrompe/2/ <i>Acesso em 19/01/2015</i>
69.		É muito mais fácil corromper do que persuadir	W60	<b>É muito mais fácil corromper do que persuadir.</b> Sócrates	http://pensador.uol.com.br/corromper/ <i>Acesso em 19/01/2015</i>
70.		O capitalismo sabe	W61	<b>O capitalismo sabe corromper</b>	http://pensado



		corromper		<b>aqueles que deseja destruir.</b> <i>Emma Goldman</i>	r.uol.com.br/corromper/ <i>Acesso em 19/01/2015</i>
71.		É grave corromper a fé	W62	<b>Pois é muito mais grave corromper a fé</b> , da qual vem a vida da alma, que falsificar dinheiro, pelo qual a vida temporal é sustentada. <i>Santo Tomás de Aquino</i>	http://pensador.uol.com.br/corromper/ <i>Acesso em 19/01/2015</i>
72.		O homem corrompe e destrói sua própria espécie	W63	<b>O homem só poderá se considerar inteligente e racional, quando parar de corromper e destruir sua própria espécie.</b> <i>Izabete Cella Zollet</i>	http://pensador.uol.com.br/corromper/ <i>Acesso em 19/01/2015</i>
73.		O silêncio dos insensatos é para corromper.	W64	O silêncio dos sensatos é para adquirir sabedoria, <b>o silêncio dos insensatos é para corromper.</b> <i>Gêniva Salvador</i>	http://pensador.uol.com.br/corromper/ <i>Acesso em 19/01/2015</i>
74.		Jamais vou me corromper pela fama	W65	<b>Jamais vou me corromper pela fama</b> , o que sempre quis foi ajudar o mundo e as pessoas a se tornarem mais conscientes através da arte, aceitar o sistema da mídia é totalmente tolo e inútil porque vai contra essa ideologia, é me curvar diante de uma indústria que visa apenas o seu lucro, e isso vai contra as regras daquele que faz a arte para sua verdadeira finalização que é alertar, ensinar, discutir ou seja acrescentar. <i>Hélène Françoise</i>	http://pensador.uol.com.br/corromper/ <i>Acesso em 19/01/2015</i>
75.		Não se deixe corromper	W66	<b>Não se deixe corromper</b> , quase sempre você será sua única companhia. <i>Lua</i>	http://pensador.uol.com.br/corromper/ <i>Acesso em 19/01/2015</i>
76.		Se não deseja corromper os bons costumes evita a companhia dos devassos e os imorais.	W67	<b>Se não deseja corromper os bons costumes evita a companhia dos devassos e os imorais.</b> <i>Valdeci Alves Nogueira</i>	http://pensador.uol.com.br/corromper/ <i>Acesso em 19/01/2015</i>

77.		A ninguém desejo corromper	W68	Repugna-me fazer proselitismo de minhas descrenças. <b>A ninguém desejo "corromper" ou trazê-lo para minha visão.</b> A verdade em toda sua pureza está aí: Brilhante quanto à luz do sol - e assevero que só os que não a amam - não conseguirão enxergá-la. <i>Hunaldo</i>	<a href="http://pensador.uol.com.br/corromper/">http://pensador.uol.com.br/corromper/</a> <i>Acesso em 19/01/2015</i>
78.		O ódio pode corromper sua alma	W69	Da mesma forma que o amor pode tomar conta do seu coração, <b>o ódio pode corromper sua alma.</b> <i>Andy</i>	<a href="http://pensador.uol.com.br/corromper/">http://pensador.uol.com.br/corromper/</a> <i>Acesso em 19/01/2015</i>
79.		A dor da mentira a corromper nosso amor!	W70	<b>Prefiro a verdade, por mais que me cause dor, a ter que suportar a dor da mentira a corromper nosso amor!</b> <i>Sassá Rabello</i>	<a href="http://pensador.uol.com.br/corromper/">http://pensador.uol.com.br/corromper/</a> <i>Acesso em 19/01/2015</i>
80.		No Brasil é impossível chegar ao poder sem se corromper	W71	<b>No Brasil é impossível chegar ao poder sem se corromper</b> <i>Iaponira Barros</i>	<a href="http://pensador.uol.com.br/corromper/">http://pensador.uol.com.br/corromper/</a> <i>Acesso em 19/01/2015</i>
81.		Uma mente sadia nunca se deixa corromper	W72	<b>Uma mente sadia nunca se deixa corromper por uma conversa deturpada.</b> <i>Helgir Girodo</i>	<a href="http://pensador.uol.com.br/corromper/">http://pensador.uol.com.br/corromper/</a> <i>Acesso em 19/01/2015</i>
82.		A maior preço a ser pago pelo amadurecimento é a perda da inocência, o que significa corromper grande parte da alma.	W73	<b>A maior preço a ser pago pelo amadurecimento é a perda da inocência, o que significa corromper grande parte da alma.</b> <i>Pedro Vitor Costa</i>	<a href="http://pensador.uol.com.br/corromper/">http://pensador.uol.com.br/corromper/</a> <i>Acesso em 19/01/2015</i>
83.		Somos acostumados a corromper nosso instinto	W74	<b>Somos acostumados a adiar decisões e corromper nosso instinto por medo de perder.</b> <i>Sabrine Figueredo</i>	<a href="http://pensador.uol.com.br/corromper/">http://pensador.uol.com.br/corromper/</a> <i>Acesso em 19/01/2015</i>
84.		A saudade corrompe barreiras	W75	<b>A saudade corrompe barreiras que os outros sentimentos não são</b>	<a href="http://pensador.uol.com.br/corromper/">http://pensador.uol.com.br/corromper/</a>

				<b>capazes de corromper.</b> Sem dúvida alguma, a saudade é de todas as dores a que mais machuca. <i>For no One</i>	er/ <i>Acesso em</i> 19/01/2015
85.		A verdadeira dignidade está em não se deixar corromper	W76	<b>A verdadeira dignidade está em não se deixar corromper,</b> colocando em prática o justo e o perfeito. <i>Paulo Ursaia</i>	http://pensador.uol.com.br/corromper/ <i>Acesso em</i> 19/01/2015
86.		Corromper a consciência humana	W77	<b>Corromper a consciência humana é dar um golpe a dignidade da Pessoa Humana.</b> <i>Credoniceno</i>	http://pensador.uol.com.br/corromper/ <i>Acesso em</i> 19/01/2015
87.		O dinheiro, corrompeu mais que a metade	W78	Amor ou dinheiro, o amor é unanimidade mas <b>O dinheiro, corrompeu mais que a metade</b> Quanta falsidade, quanta hipocrisia rola Minha cota de felicidade eu quero em dólar  <i>MC Boy do Charme</i>	http://www.vagalume.com.br/mc-boy-do-charme/amor-ou-dinheiro.html  <i>Acesso em</i> 30/01/2015
88.		Empresa holandesa 'pagou e corrompeu empregados'	W79	Graça Foster: <b>empresa holandesa 'pagou e corrompeu empregados'</b> . Presidente da estatal diz não ter nome de envolvidos ou valor do suborno	http://aarffsa.com.br/noticiasnovas/noticia_18112014170559.pdf <i>Acesso em</i> 30/01/2015
89.		O Homem corrompeu-se	W80	<b>O Homem Materializou-se e Corrompeu-se</b> Que tem feito a sociedade há três séculos a favor da parte moral do homem?	http://www.citador.pt/textos/o-homem-materializou-se-e-corrompeu-se-dom-pedro-v <i>Acesso em</i> 30/01/2015
90.		Quem nunca corrompeu	W81	<b>Quem nunca corrompeu, que atire a primeira propina!</b> Dilson de Oliveira Nunes	http://pensador.uol.com.br/frase/N TIwNjc3/ <i>Acesso em</i> 30/01/2015

91.		Um programa do computador corrompeu a configuração do provedor de pesquisa	W82	<b>Um programa do computador corrompeu a configuração do provedor de pesquisa padrão do Internet explore.</b>	<a href="http://www.tecmundo.com.br/tira-duvidas/135995">http://www.tecmundo.com.br/tira-duvidas/135995</a> <i>Acesso em 30/01/2015</i>
92.		A ditadura militar corrompeu o futebol brasileiro	W83	<b>Como a ditadura militar se aproveitou e corrompeu o futebol brasileiro.</b> Os reflexos estão até hoje. Na CBF e nos vários presidentes das federações dos esportes mais importantes neste País...	<a href="http://esportes.r7.com/blogs/cosmerimoli/como-a-ditadura-militar-se-aproveitou-e-corrompeu-o-futebol-brasileiro-os-reflexos-estao-ate-hoje-na-cbf-e-nos-varios-preside">http://esportes.r7.com/blogs/cosmerimoli/como-a-ditadura-militar-se-aproveitou-e-corrompeu-o-futebol-brasileiro-os-reflexos-estao-ate-hoje-na-cbf-e-nos-varios-preside</a> <i>Acesso em 30/01/2015</i>
93.		Um político que não se corrompeu	W84	<b>Um político que não se corrompeu</b>	<a href="http://bibliaapalavradeus.blogspot.com.br/2014/10/um-politico-que-nao-se-corrompeu.html">http://bibliaapalavradeus.blogspot.com.br/2014/10/um-politico-que-nao-se-corrompeu.html</a> <i>Acesso em 30/01/2015</i>
94.		Governo corrompeu principais instituições	W85	<b>Governo petista corrompeu principais instituições</b>	<a href="http://www.jornalopcao.com.br/colunas/contraponto/governo-petista-corrompeu-principais-instituicoes">http://www.jornalopcao.com.br/colunas/contraponto/governo-petista-corrompeu-principais-instituicoes</a> <i>Acesso em 30/01/2015</i>
95.		Dirceu não corrompeu!	W86	<b>Dirceu não corrompeu!</b>	<a href="http://www.zebetom.br/dirceu-nao-corrompeu/#.VLaeu9LF_n8">http://www.zebetom.br/dirceu-nao-corrompeu/#.VLaeu9LF_n8</a> <i>Acesso em 30/01/2015</i>
96.		O pai corrompeu policiais para livrar o filho de ser preso	W87	<b>A Polícia Militar do Rio concluiu que o pai de Rafael Bussamra corrompeu policiais para tentar livrar o filho de ser preso.</b> O jovem atropelou e matou Rafael Mascarenhas, filho da atriz Cissa	<a href="http://tvuol.uol.com.br/video/cotidiano-pai-de-rafael-bussamra-corrompeu-os-policiais-">http://tvuol.uol.com.br/video/cotidiano-pai-de-rafael-bussamra-corrompeu-os-policiais-</a>

				Guimarães, no mês passado.	04024D9B3268D8813326/ <i>Acesso em</i> 30/01/2015
97.		EUA corrompeu governo para manter prisão ilegal na Polônia	W88	<b>Governo dos EUA corrompeu governo para manter prisão ilegal na Polônia</b>	<a href="http://www.marchaverde.com.br/2014/01/governo-dos-eua-corrompeu-governo-para.html">http://www.marchaverde.com.br/2014/01/governo-dos-eua-corrompeu-governo-para.html</a> <i>Acesso em</i> 30/01/2015
98.		A ditadura do poder econômico corrompeu as instituições e desmoralizou a democracia	W89	<b>A ditadura do poder econômico corrompeu as instituições e desmoralizou a democracia</b>	<a href="http://www.novojornal.conscienciamata.blogspot.com.br/2013/07/a-ditadura-do-poder-economico-corrompeu.html">http://www.novojornal.conscienciamata.blogspot.com.br/2013/07/a-ditadura-do-poder-economico-corrompeu.html</a> <i>Acesso em</i> 30/01/2015
99.		A CIA corrompeu com várias dezenas de milhões de dólares o gabinete do presidente do Afeganistão	W90	<b>A CIA corrompeu com várias dezenas de milhões de dólares o gabinete do presidente do Afeganistão, Hamid Karzai, desde 7 de outubro de 2001, para que se comportasse como um marionete dos interesses dos Estados Unidos e se incorporasse à chamada “Operação Liberdade Duradoura”, desatada pelo exército ianque após os atentados de 11 de setembro.</b>	<a href="http://www.cut.org.br/noticias/cia-corrompeu-com-milhoes-de-dolares-o-gabinete-presidencial-afegao-revela-o-nyt-2f59/">http://www.cut.org.br/noticias/cia-corrompeu-com-milhoes-de-dolares-o-gabinete-presidencial-afegao-revela-o-nyt-2f59/</a> <i>Acesso em</i> 30/01/2015
100.		O poder corrompe	W91	<b>O poder corrompe o que há de melhor</b> Mikhail Bakunin	<a href="https://www.marxists.org/portugues/bakunin/1867/mes/poder.htm">https://www.marxists.org/portugues/bakunin/1867/mes/poder.htm</a> <i>Acesso em</i> 30/01/2015
101.		O melhor homem, o mais inteligente, desinteressado, generoso, puro, irá certamente ser corrompido por este encargo.	W92	Nada é mais perigoso para a moralidade pessoal de um homem do que o hábito de comandar. <b>O melhor homem, o mais inteligente, desinteressado, generoso, puro, irá certamente ser corrompido por este encargo.</b> Dois sentimentos inerentes ao poder nunca falham ao produzir esta	<a href="https://www.marxists.org/portugues/bakunin/1867/mes/poder.htm">https://www.marxists.org/portugues/bakunin/1867/mes/poder.htm</a> <i>Acesso em</i> 30/01/2015

				desmoralização; eles são: o desprezo às massas e a supervalorização dos méritos pessoais.	
102.		<p>Não é inevitável que o poder corrompa</p> <p>Mas para que isso ocorra é necessário que as pessoas investidas de poder sejam honestas, vigilantes e de caráter firme, para não se deixarem corromper, nem promoverem a corrupção</p>	W93	<p><b>Não é inevitável que o poder corrompa</b>, mas é certo que nos organismos e nas instituições idôneas ele tem a finalidade intrínseca de promover o que é bom e de servir à causa boa. Seriam ilegítimas e criminosas as organizações que investissem de poder um chefe para promover o que é desonesto e mau. O poder é um serviço ao bem comum. <b>Mas para que isso ocorra é necessário que as pessoas investidas de poder sejam honestas, vigilantes e de caráter firme, para não se deixarem corromper, nem promoverem a corrupção.</b> E as instâncias de controle do poder precisam funcionar, não sendo subservientes nem coniventes. A maior e mais importante dessas instâncias de controle é a própria sociedade civil, nas suas mais variadas expressões e organizações.</p>	<p><a href="http://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,o-poder-corrompe-imp-,914904">http://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,o-poder-corrompe-imp-,914904</a>  <i>Acesso em 30/01/2015</i></p>
103.		<p>O poder não corrompe o homem; é o homem que corrompe o poder</p>	W94	<p><b>O poder não corrompe o homem; é o homem que corrompe o poder.</b> O homem é o grande poluidor, da natureza, do próprio homem, do poder. Se o poder fosse corruptor, seria maldito e proscrito, o que acarretaria a anarquia.  Ulysses Guimarães</p>	<p><a href="http://kdfrases.com/frase/135909">http://kdfrases.com/frase/135909</a>  <i>Acesso em 30/01/2015</i></p>
104.		<p>Por que um líder se corrompe?</p> <p>O poder pode corromper seus líderes</p>	W95	<p><b>Psicologia da liderança: por que um líder se corrompe?</b>  Não é de hoje que convivemos com a máxima de que <b>o poder pode corromper seus líderes</b>, seja nas estruturas menores ou ainda nas grandes organizações.</p>	<p><a href="http://cristianonabuco.blogosfera.uol.com.br/2014/10/08/psicologia-da-lideranca-por-que-um-lider-se-corrompe/">http://cristianonabuco.blogosfera.uol.com.br/2014/10/08/psicologia-da-lideranca-por-que-um-lider-se-corrompe/</a>  <i>Acesso em 30/01/2015</i></p>
105.		<p>As más conversações corrompem os bons costumes</p>	W96	<p><b>Não vos enganeis: as más conversações corrompem os bons costumes.</b> (I Co 15:33)</p>	<p><a href="http://parasalvarvidas.blog.blogspot.com.br/2011/11/as-mas-conversacoes-">http://parasalvarvidas.blog.blogspot.com.br/2011/11/as-mas-conversacoes-</a></p>

					corrompem-os-bons.html <i>Acesso em 30/01/2015</i>
106.		Será que o dinheiro corrompe mesmo?	W97	<b>Será que o dinheiro corrompe mesmo?</b> Eu não tenho dúvidas em afirmar que sim. Basta-me ouvir ou ler as notícias que todos os dias os meios de comunicação nos fazem chegar, para me convencer disso.	<a href="http://www.universo-catolico.com.br/index.php?/o-dinheiro-corrompe.html">http://www.universo-catolico.com.br/index.php?/o-dinheiro-corrompe.html</a> <i>Acesso em 30/01/2015</i>
107.		Como o mercado corrompe crianças	W98	<b>Como o mercado corrompe crianças</b> O ensaio debate como os cidadãos podem resistir às imposições de consumo do mercado. Barber explicita as prováveis consequências de uma sociedade consumista para nossos filhos, nossa liberdade e nossa cidadania e relaciona o hiperconsumismo à crise econômica, mostrando como ele priva a sociedade de cidadãos responsáveis.	<a href="http://www.livrariacultura.com.br/p/consumido-como-o-mercado-corrompe-criancas-2818877">http://www.livrariacultura.com.br/p/consumido-como-o-mercado-corrompe-criancas-2818877</a> <i>Acesso em 30/01/2015</i>
108.		Corromper significa revelar uma natureza oculta e oposta à natureza que sempre existiu	W99	O ponto chave está no enunciado mais simples, por exemplo: o poder corrompe, e o poder absoluto corrompe de forma absoluta, uma dessas frases famosas. O analista deve ter seu terceiro olho, ou terceiro ouvido, dirigido para o lugar da dúvida sobre as coisas famosas. <b>Corromper significa, afinal de contas, revelar uma natureza oculta e oposta à natureza que sempre existiu.</b> O que nós estamos vendo sob certas circunstâncias no país, mas que se vê a todo momento em qualquer circunstância, é que, uma vez o poder posto em jogo, a natureza era aquela mesma, não era outra. Simplesmente o poder pôs em relevo e fez com que aparecesse o que já era – a mala preta do juiz de futebol apenas ainda não havia aparecido antes. Sendo assim, ao não se pensar estritamente na luta entre colegas ou no poder e seus	<a href="http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0101-31062014000100007&amp;script=sci_arttext">http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0101-31062014000100007&amp;script=sci_arttext</a> <i>Acesso em 30/01/2015</i>

				abusos – exercido sobre os pacientes, usado no ensino, na transferência, no trabalho dentro do Instituto –, vamos considerar o poder de um jeito diferente.	
109.		O homem nasce bom e a sociedade que o corrompe	W10	<p>Uma discussão bem antiga, mas que sempre “vem à tona” é aquela que discute se “<b>o homem nasce bom e a sociedade que o corrompe</b>” ou se “o homem nasce mau e a sociedade que o torna bom”.</p> <p>Dentre os estudiosos que levantaram tal questão estão Rousseau e Hobbes; ambos defendendo uma perspectiva distinta. Grosso modo, Rousseau defendia que os homens nascem bons, mas em contato com a sociedade que é má, tornam-se igualmente maus. Essa perspectiva dialoga bem com a visão cristã, onde as crianças seriam tidas como puras e tornam-se pecadoras à medida que começam a perceber os males do mundo, os quais as envolvem. Por outro lado, Hobbes defendeu que o homem nasce mau, com instintos de sobrevivência, e que devido a tais instintos é capaz de fazer qualquer coisa. Para Hobbes, a sociedade tem o papel de educá-lo, de humanizá-lo, de torná-lo sociável</p>	<p><a href="http://causasperdidas.literatortura.com/2013/12/05/o-homem-nasce-bom-e-a-sociedade-o-corrompe-ou-o-contrario/">http://causasperdidas.literatortura.com/2013/12/05/o-homem-nasce-bom-e-a-sociedade-o-corrompe-ou-o-contrario/</a>  <i>Acesso em 30/01/2015</i></p>
110.		Corrompe Brasil	W10	<p><b>Corrompe Brasil</b>  <b>180 bilhões em ações fora do Brasil.</b>          Salve a corrupção!          O povo nós enganamos.          Cadê? Ninguém viu!          Abafa a situação!          Se você deposita na conta corrente pra não pagar imposto          Vai molhar a mão          mas se a coisa sujar          Chama a seleção          pra desviar a atenção          Todos juntos, vamos!  <b>Corrompe Brasil, Brasil</b>  <b>esquece a eleição (2x)</b>  <i>Marcelo Adnet</i></p>	<p><a href="http://letras.mus.br/marcelo-adnet/1701622/">http://letras.mus.br/marcelo-adnet/1701622/</a>  <i>Acesso em 30/01/2015</i></p>



111.		<p>O que corrompe</p> <p>Perguntou-lhe então se ele não estava talvez apenas corrompido pela propaganda comunista</p> <p>meu filho foi corrompido pela fome.</p>	W10	<p><b>O que corrompe</b></p> <p>Nos primeiros meses do domínio nacional-socialista um trabalhador de uma pequena localidade na fronteira tcheca foi condenado à prisão por distribuir panfletos comunistas. Como um de seus cinco filhos havia já morrido de fome não agradava ao juiz enviá-lo para a cadeia por muito tempo.</p> <p><b>Perguntou-lhe então se ele não estava talvez apenas corrompido pela propaganda comunista.</b> Não sei o que o senhor quer dizer, disse ele, mas <b>meu filho foi corrompido pela fome.</b></p>	<p><a href="http://www.fla.matrix.com.br/ticiano/Brecht/que_corrompe.htm">http://www.fla.matrix.com.br/ticiano/Brecht/que_corrompe.htm</a></p> <p><i>Acesso em 30/01/2015</i></p>
112.		<p>Atualização do Windows corrompe inicialização do sistema</p>	W10	<p><b>Atualização do Windows corrompe inicialização do sistema.</b></p> <p>Desde ontem, dia 10/04, usuários brasileiros que utilizam o Windows 7 tem relatado problemas. Após reiniciar o sistema para aplicar as atualizações, ou o sistema entrava num loop infinito de inicialização, ou a tela azul da morte dava suas caras.</p>	<p><a href="http://forum.travian.com.br/showthread.php?t=74666">http://forum.travian.com.br/showthread.php?t=74666</a></p> <p><i>Acesso em 30/01/2015</i></p>
113.		<p>O PT corrompe até depoimento</p>	W10	<p><b>O PT corrompe até depoimento</b></p> <p>Reportagem publicada pela revista Veja nesse fim de semana afirma que foram combinadas com antecedência as perguntas que seriam feitas à presidente da estatal, Graça Foster, a seu antecessor, José Sergio Gabrielli, e do ex-diretor da área internacional Nestor Cerveró</p>	<p><a href="http://www.amazoniaonline.com.br/index.php/coluna-ari-motta/1369-o-pt-corrompe-ate-depoimento">http://www.amazoniaonline.com.br/index.php/coluna-ari-motta/1369-o-pt-corrompe-ate-depoimento</a></p> <p><i>Acesso em 30/01/2015</i></p>
114.		<p>Financiamento privado de campanhas corrompe o sistema político</p>	W10	<p><b>Financiamento privado de campanhas corrompe o sistema político</b></p> <p>Uma reforma política efetiva e que atenda ao desejo de mudança da sociedade passa necessariamente por três propostas fundamentais: acabar com a influência do poder econômico nas eleições, banindo o financiamento empresarial da atividade política e instituindo o financiamento público das</p>	<p><a href="http://noticias.uol.com.br/opiniao/coluna/2014/07/12/modelo-de-politica-de-gabinete-que-nao-ouve-o-cidadao-esta-esgotado.htm">http://noticias.uol.com.br/opiniao/coluna/2014/07/12/modelo-de-politica-de-gabinete-que-nao-ouve-o-cidadao-esta-esgotado.htm</a></p> <p><i>Acesso em 30/01/2015</i></p>

				campanhas.	
115.		Francisco conta como tentaram corrompe-lo	W10	<b>Francisco conta como tentaram corrompe-lo</b>	<a href="http://www.zenit.org/pt/articulos/francisco-counta-como-tentaram-corrompe-lo">www.zenit.org/pt/articulos/francisco-counta-como-tentaram-corrompe-lo</a> <i>Acesso em 30/01/2015</i>
116.		Inácio Arruda propõe pena maior para quem corrompe menores	W10	<b>Inácio Arruda propõe pena maior para quem corrompe menores</b> O senador Inácio Arruda (PCdoB-CE) apresentou Projeto de Lei do Senado (PLS) nº 376/2014, aumentando para reclusão de dois a seis anos a pena para quem “corromper ou facilitar a corrupção de menor de 18 anos, com ele praticando infração penal ou induzindo-o a praticá-la”.	<a href="http://www.vermelho.org.br/noticia/255910-61">http://www.vermelho.org.br/noticia/255910-61</a> <i>Acesso em 30/01/2015</i>
117.		O sistema corrompe	W10	<b>Deus cria, mãe cuida, o sistema corrompe, pura verdade!</b>	<a href="https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=804239286262625&amp;id=557867040899852">https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=804239286262625&amp;id=557867040899852</a> <i>Acesso em 30/01/2015</i>
118.		Falso positivo no antivírus AVG corrompe instalação do iTunes	W10	<b>Falso positivo no antivírus AVG corrompe instalação do iTunes</b> Após a confirmação do erro, a AVG publicou um comunicado afirmando que a detecção se tratava de um falso-positivo e informando sobre uma nova atualização no banco de dados de ameaças corrigindo tal problema (definition file 270.13.29/2260), o que apesar da rápida correção, não soluciona o problema daqueles que já tiveram sua biblioteca de mídia corrompida.	<a href="https://tecnoblog.net/11902/falso-positivo-no-antivirus-avg-corrompe-instalacao-do-itunes/">https://tecnoblog.net/11902/falso-positivo-no-antivirus-avg-corrompe-instalacao-do-itunes/</a> <i>Acesso em 31/01/2015</i>
119.		Antivirus corrompe arquivos	W11	<b>Antivirus corrompe arquivos</b> Eu utilizo Avast faz muito tempo e estou sempre abaixando arquivos com gerenciador, primeiro JDownloader2 e depois MiPony.	<a href="http://adrenaline.uol.com.br/forum/area-windows/521319-antivirus-corrompe-arquivos.html">http://adrenaline.uol.com.br/forum/area-windows/521319-antivirus-corrompe-arquivos.html</a> <i>Acesso em 31/01/2015</i>

120.		O cidadão corrompe o policial	W11	<p><b>O cidadão corrompe o policial.</b> E o policial extorque o cidadão O cidadão suborna, a polícia chantageia – José Eduardo Cardozo não viu isso ao divulgar pesquisa encomendada pelo Ministério da Justiça. A relação entre a sociedade e o aparato policial se dá de maneira assustadora. Não é o contato civilizado entre cidadão e autoridade que deve protegê-lo. Longe disso. Não tem sido assim desde os tempos anteriores a dom João Charuto. A polícia regular, criada em 1808, a exemplo da informal que a precedia, foi orientada para reprimir os “de baixo”, arrancados da África e tornados escravos no Brasil.</p>	<a href="http://www.conversaafiada.com.br/brasil/2013/04/15/o-cidadao-corrompe-o-policial-e-o-policial-extorque-o-cidadao/">http://www.conversaafiada.com.br/brasil/2013/04/15/o-cidadao-corrompe-o-policial-e-o-policial-extorque-o-cidadao/</a> <i>Acesso em 31/01/2015</i>
121.		Corrompe e descorrompe	W11	<p><b>[Resolvido] Corrompe e descorrompe</b> Logo, os browsers não entram mais, o setup do Kaspersky Virus Removal Tool não consegue ser aberto para procurar vírus e mesmo quando ele procura, ele não detecta malware algum.</p>	<a href="http://forum.clubedohardware.com.br/topic/961462-resolvido-corrompe-e-descorrompe/">http://forum.clubedohardware.com.br/topic/961462-resolvido-corrompe-e-descorrompe/</a> <i>Acesso em 31/01/2015</i>
122.		Meu estilo de vida provindo da sabedoria e paz se corrompe pela vaidade?	W11	<p><b>Meu estilo de vida provindo da sabedoria e paz se corrompe pela vaidade?</b></p>	<a href="https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20150123150920AACpYaM">https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20150123150920AACpYaM</a> <i>Acesso em 31/01/2015</i>
123.		Bob Esponja incentiva o bullying e corrompe a mente das crianças	W11	<p><b>Bob Esponja corrompe a mente das crianças, diz governo do Cazaquistão</b>  Além de fazer hambúrgueres de siri e brincar com o amigo Patrick, <b>Bob Esponja incentiva o bullying e corrompe a mente das crianças</b> - pelo menos é nisso que o Ministério da Educação e Ciência do Cazaquistão acredita Bob Esponja espanca o seu vizinho, se comporta mal e gosta disso! Esse comportamento preguiçoso e malandro fica na cabeça das</p>	<a href="http://extra.globo.com/noticias/mundo/bob-esponja-corrompe-mente-das-criancas-diz-governo-do-cazaquistao-14069064.html#ixzz3RdB6Puq4">http://extra.globo.com/noticias/mundo/bob-esponja-corrompe-mente-das-criancas-diz-governo-do-cazaquistao-14069064.html#ixzz3RdB6Puq4</a> <i>Acesso em 31/01/2015</i>

				<p>crianças. Elas o enxergam como um modelo a ser seguido e tentam recriar essa conduta na vida real", disse Zabira Orazaliyeva, que supervisiona os direitos das crianças no Ministério da Educação e Ciência local, ao site Newskaz.ru. Segundo informações do Moscow Times, um membro do governo do Cazaquistão condenou os canais a cabo dos Estados Unidos e da França que transmitem essas "mensagens de cunho educativo precário". Apesar das afirmações sobre o Bob Esponja, não ficou claro se Zabira ou o ministério pretendem impôr algum tipo de censura sobre o desenho animado. Vale lembrar que esta não é a primeira vez que Bob Esponja se envolve em polêmicas, em 2012 conservadores ucranianos acusaram a animação de promover a homossexualidade.</p>	
124.		A política corrompeu o ensino superior	W11	<p><b>Radicais nas universidades: como a política corrompeu o ensino superior</b></p> <p>Minha série “doutrinação marxista nas universidades” tem mostrado vários exemplos concretos de tentativa de lavagem cerebral no meio acadêmico. Infelizmente, não se trata de um caso isolado, ainda que no Brasil a coisa esteja em patamar realmente absurdo. Mas o fenômeno ocorre nos Estados Unidos também.</p>	<p><a href="http://veja.abril.com.br/blog/rodrigo-constantino/cultura/radicais-nas-universidades-como-a-politica-corrompeu-o-ensino-superior/">http://veja.abril.com.br/blog/rodrigo-constantino/cultura/radicais-nas-universidades-como-a-politica-corrompeu-o-ensino-superior/</a></p> <p><i>Acesso em 31/01/2015</i></p>
125.		O homem que corrompeu Hadleyburg	W11	<p><b>O Homem que Corrompeu Hadleyburg</b></p> <p>Mark Twain</p> <p>Hadleyburg é uma pequena cidade norte-americana prestigiada pela sua honestidade. No dia em que um forasteiro, que havia sido fortemente ofendido pelos habitantes de Hadleyburg, lhes decide montar uma armadilha, a corrupção espraia-se pela cidade e</p>	<p><a href="http://www.almedina.net/catalog/product_info.php?products_id=6205">http://www.almedina.net/catalog/product_info.php?products_id=6205</a></p> <p><i>Acesso em 31/01/2015</i></p>

				<p>pelos seus habitantes. A população é aliciada a perseguir dinheiro que não lhe pertence, vilipendiando, mentindo e fazendo de tudo para o conseguir.</p> <p>Quando os habitantes da pequena cidade de Hadleyburg, tão conhecidos pela sua integridade, acabam por trair a sua reputação, a cidade torna-se corruptível. O Homem que Corrompeu Hadleyburg, um dos melhores livros de Mark Twain, é uma narrativa onde se debatem profundos problemas morais, de forma irónica e divertida.</p>	
126.		Como o antissemitismo corrompeu a igreja	W11	<p><b>Como o antissemitismo corrompeu a igreja</b></p>	<p><a href="http://www.beth-shalom.tv.br/artigos/anti-semitismo_igreja.html">http://www.beth-shalom.tv.br/artigos/anti-semitismo_igreja.html</a></p> <p><i>Acesso em 31/01/2015</i></p>
127.		Meu clamor não se corrompeu	W11	<p><b>Meu clamor não se corrompeu</b></p> <p>Meu amor não diminuiu Ele é o mesmo, sempre o mesmo Será fiel até o fim</p>	<p><a href="http://www.vagalume.com.br/arianne/quebrando-o-silencio.html#ixzz3QueIlNyJ">http://www.vagalume.com.br/arianne/quebrando-o-silencio.html#ixzz3QueIlNyJ</a></p> <p>31/01/2015</p>
128.		<p><i>Quem corrompeu quem na Petrobras</i></p> <p>o corruptor é aquele que pratica a ação inicial de corromper</p> <p>os agentes públicos (políticos e dirigentes da estatal) corromperam os empresários ou vice-versa.</p>	W11	<p><b><i>Quem corrompeu quem na Petrobras? Eis a questão</i></b></p> <p>Quando nos deparamos com um escândalo de corrupção, como o da Petrobras, vale a pena exercitar o raciocínio.</p> <p>Quem corrompeu quem? É que existe nesta indagação algo semelhante à clássica pergunta: Quem nasceu primeiro o ovo ou a galinha?</p> <p>Neste caso da Petrobras, e em muitos outros, é preciso saber quem são os corruptores.</p> <p>É que, segundo os dicionários, <b>o corruptor é aquele que pratica a ação inicial de corromper.</b></p>	<p><a href="http://port.pravda.ru/news/business/20-01-2015/37951-corrompeu_petrobras-0/">http://port.pravda.ru/news/business/20-01-2015/37951-corrompeu_petrobras-0/</a></p> <p><i>Acesso em 31/01/2015</i></p>

				<p>No caso específico da Operação Lava Jato, isso não está claro, nos inquéritos em andamento, pela falta de transparência.</p> <p>São apenas duas hipóteses: <b>ou os agentes públicos (políticos e dirigentes da estatal) corromperam os empresários ou vice-versa.</b></p> <p>Alguns enfronhados na questão pregam que os corruptores são os empresários, mas se esquecem de que quem tem a faca e o queijo nas mãos são os agentes públicos, pois são eles que decidem os resultados dos certames.</p>	
129.		O poder chavista corrompeu eleições e fraudou a política	W12	<p><b>Venezuela: como o poder chavista corrompeu eleições e fraudou a política</b></p> <p><a href="http://diplomattizzand o.blogspot.com.br/2014/02/venezuela-como-o-poder-chavista.html">http://diplomattizzand o.blogspot.com.br/2014/02/venezuela-como-o-poder-chavista.html</a></p> <p><i>Acesso em 31/01/2015</i></p>	
130.		Não há provas de que o petista corrompeu parlamentares para garantir apoio político no Congresso.	W12	<p><b>Toffoli inocenta Dirceu, mas reconhece que PT corrompeu</b></p> <p>Ex-assessor do então ministro na Casa Civil diz que não há provas contra ele.</p> <p>Ministro do Supremo, que também advogou para o PT, condenou Delúbio Soares e José Genoino por corrupção.</p> <p>O ministro do STF (Supremo Tribunal Federal) José Antonio Dias Toffoli votou ontem para absolver o ex-ministro da Casa Civil, José Dirceu.</p> <p><b>Para Toffoli, não há provas de que o petista, que foi seu chefe nos primeiros anos do governo Lula, corrompeu parlamentares para garantir apoio político no Congresso.</b></p> <p>O ministro, no entanto, votou pela condenação do ex-presidente e do ex-tesoureiro do PT, José Genoino e Delúbio Soares, respectivamente.</p> <p><a href="http://amp-mg.jusbrasil.com.br/noticias/100120919/toffoli-inocenta-dirceu-mas-reconhece-que-pt-corrompeu">http://amp-mg.jusbrasil.com.br/noticias/100120919/toffoli-inocenta-dirceu-mas-reconhece-que-pt-corrompeu</a></p> <p><i>Acesso em 31/01/2015</i></p>	

131.		Lula corrompeu a estatal	W12	Outro ex-diretor da Petrobrás, Ildo Sauer, diz que <b>Lula corrompeu a estatal</b> e Dilma mente sobre Pasadena	<a href="http://polibiobraga.blogspot.com.br/2014/09/outro-ex-diretor-da-petrobras-ildo.html">http://polibiobraga.blogspot.com.br/2014/09/outro-ex-diretor-da-petrobras-ildo.html</a>  <i>Acesso em 31/01/2015</i>
132.		O mensalão ianque corrompeu a mídia e a direita brasileira	W12	<b>O mensalão ianque corrompeu a mídia e a direita brasileira</b> Em um momento em que só se fala em “mensalões” – petistas, tucanos etc. –, um documento histórico nos propiciará enxergar o que, até hoje, permanece nas sombras: o maior mensalão de todos os tempos, bem como coincidências impressionantes entre o ontem e o hoje, as quais continuam a nos roubar a tranquilidade quanto à democracia que, a duras penas, ainda pelejamos para construir no Brasil.	<a href="http://democraciapolitica.blogspot.com.br/2012/11/o-mensalao-ianque-corrompeu-midia-e.html">http://democraciapolitica.blogspot.com.br/2012/11/o-mensalao-ianque-corrompeu-midia-e.html</a>  <i>Acesso em 31/01/2015</i>
133.		Quem corrompeu?	W12	<b>Decisão sobre quem corrompeu é a mais difícil e esperada do STF</b> <b>Os corruptores passivos já se conhecem. Os ativos, não. É a decisão desta semana do supremo. Quem corrompeu?</b>	<a href="http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/69350-decisao-sobre-quem-corrompeu-e-a-mais-dificil-e-esperada-do-stf.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/69350-decisao-sobre-quem-corrompeu-e-a-mais-dificil-e-esperada-do-stf.shtml</a>  <i>Acesso em 31/01/2015</i>
134.		Como o crime organizado corrompeu o Vaticano	W12	<b>Como o crime organizado corrompeu o Vaticano</b>	<a href="https://adventismoemfoco.wordpress.com/2014/09/16/isto-e-como-o-crime-organizado-corrompeu-o-vaticano/">https://adventismoemfoco.wordpress.com/2014/09/16/isto-e-como-o-crime-organizado-corrompeu-o-vaticano/</a>  <i>Acesso em 31/01/2015</i>
135.		A ganância dourada corrompeu outra vez	W12	<b>A ganância dourada corrompeu outra vez</b> O que são estes vistos gold? – É isto: autorização de residência para investimento (ARI) em Portugal.	<a href="http://jlrodrigues.blogspot.com.br/2014/11/a-ganancia-dourada-corrompeu-outra-vez.html">http://jlrodrigues.blogspot.com.br/2014/11/a-ganancia-dourada-corrompeu-outra-vez.html</a>

				<p>Quer ainda mais dizer a meu ver que são um meio de entrada de gente rica em Portugal para fazer investimentos. Sim gente rica, porque se for um pobre coitado que venha para Portugal à procura de trabalho (coisa também muito rara entre nós), é tratado como um criminoso.</p>	<p><i>Acesso em 31/01/2015</i></p>
136.		<p>A Bíblia Diz Que o Diabo Corrompeu 1/3 dos Anjos de Deus?</p>	W12	<p><b>A Bíblia Diz Que o Diabo Corrompeu 1/3 dos Anjos de Deus?</b></p> <p>A questão aqui não é falar acerca da realidade dos anjos e demônios, mas se uma perspectiva relacionada a eles pode ser biblicamente válida.</p> <p>Esta crença tradicionalmente se baseia em uma interpretação tendenciosa de Apocalipse 12. Na verdade a Bíblia não diz que 1/3 dos anjos se rebelou contra Deus, nem que o diabo foi o principal responsável pela "queda angélica". O autor nos apresenta uma visão onde um dragão arrasta 1/3 das estrelas e as lança na Terra. Ele identifica o dragão como o diabo, mas nada diz acerca das estrelas. A única referência que o texto faz aos "anjos do diabo" se encontra nos versículos 7, 8 e 9, mas em um contexto bem diferente. Nota-se também que o texto não se refere à um momento anterior ao pecado humano.</p>	<p><a href="http://cosmovisaobiblica.blogspot.com.br/2011/02/biblia-diz-que-o-diabo-corrompeu-13-dos.html">http://cosmovisaobiblica.blogspot.com.br/2011/02/biblia-diz-que-o-diabo-corrompeu-13-dos.html</a></p> <p><i>Acesso em 31/01/2015</i></p>
137.		<p>O dinheiro corrompeu os jogadores</p>	W12	<p><b>O dinheiro corrompeu os jogadores.</b> Enriqueceu-os numa medida alucinante, mas ao mesmo tempo os fez mesquinhos, pequenos de alma, incapazes de se conectar com os torcedores das arquibancadas.</p> <p>Cristiano Ronaldo é o símbolo máximo do mercenarismo. Ganha 11 milhões de euros por ano, e disse em 2012 que estava triste por razões que todos conheciam. Esta: seu salário não era o maior do mundo. O que a mim irrita ainda mais é que</p>	<p><a href="http://www.diariodocentrodomundo.com.br/nos-amamos-o-futebol-mas-detestamos-os-jogadores/">http://www.diariodocentrodomundo.com.br/nos-amamos-o-futebol-mas-detestamos-os-jogadores/</a></p> <p><i>Acesso em 31/01/2015</i></p>



				<p>eles simplesmente não valem o que ganham. Todos os grandes clubes europeus são deficitários. Se os clubes funcionassem como uma empresa, haveria demissões coletivas de jogadores porque as contas não fecham. Os jogadores não trazem aos times retorno que compense os salários gigantescos. As despesas superam amplamente as receitas.</p>	
138.		<p>O que diziam era incorruptível, se corrompeu</p>	W12	<p><b>O que diziam era incorruptível, se corrompeu...</b> Chefe do Comando de Operações Especiais da PM é preso no Rio.</p> <p>Suspeito de atuar em quadrilha de policiais que cobravam propina para não coibir ações criminosas</p> <p>O Grupo de Atuação Especial de Combate ao Crime Organizado (Gaeco) do Ministério Público do Rio de Janeiro (MP-RJ), em conjunto com agentes da Subsecretaria de Inteligência da Secretaria de Segurança Pública (SSP), fazem, desde as primeiras horas de hoje (15), a Operação Compadre 2, com a finalidade de cumprir 25 mandados de prisão, sendo 24 contra policiais militares (PMs), entre eles, seis oficiais superiores, além de 43 buscas e apreensões.</p> <p>Entre os presos está o coronel da PM Alexandre Fontenelle Ribeiro de Oliveira, atualmente chefe do Comando de Operações Especiais, a quem estão subordinados os batalhões de Operações Especiais (Bope), de Choque e de Ações com Cães.</p> <p>A partir das investigações, ficou constatado o envolvimento de PMs e civis na cobrança de propina aos comerciantes, empresários e ambulantes da zona oeste da capital fluminense. A ação conta também com o apoio da Corregedoria da Polícia Militar e da Delegacia de</p>	<p><a href="http://blogosfero.cc/politica-cidadania-e-dignidade/blog/o-que-diziam-era-incorruptivel-se-corrompeu...chefe-do-comando-de-operacoes-especiais-da-pm-e-preso-no-rio">http://blogosfero.cc/politica-cidadania-e-dignidade/blog/o-que-diziam-era-incorruptivel-se-corrompeu...chefe-do-comando-de-operacoes-especiais-da-pm-e-preso-no-rio</a>.</p> <p><i>Acesso em 31/01/2015</i></p>

				Repressão às Ações Criminosas Organizadas e Inquéritos Especiais. De acordo com as investigações, os policiais envolvidos na quadrilha prejudicavam o policiamento ostensivo no bairro de Bangu, deixando de servir à população, ignorando o combate ao transporte irregular de pessoas por vans ou kombis em situação ilegal, por mototaxistas, inclusive pelo uso de motocicletas com a documentação irregular, roubadas, furtadas ou com chassis adulterados.	
139.		O capitalismo corrompeu os ideais de liberdade	W13	<b>O capitalismo corrompeu os ideais de liberdade</b> “As Grandes Transformações foram operadas nos subterrâneos da Grande Moderação. A velha toupeira do capitalismo e de seus negócios não só redefiniu em poucos anos a distribuição espacial da produção, do comércio e dos fluxos de capitais, como cavou os buracos em que iriam soçobrar as crendices sobre a eficiência dos mercados autorregulados no provimento de informações para os agentes racionais e otimizadores”	<a href="http://www.unisinos.br/blogs/ihu/cinema/o-capitalismo-corrompeu-os-ideais-de-liberdade/#sthash.klV8VBtB.dpuf">http://www.unisinos.br/blogs/ihu/cinema/o-capitalismo-corrompeu-os-ideais-de-liberdade/#sthash.klV8VBtB.dpuf</a>  <i>Acesso em 31/01/2015</i>
140.		poucos que ainda não se corromperam no poder, e possam contribuir para a normalização da ordem nacional	W13	Ganha força, na Maçonaria, um movimento de mobilização nacional em defesa da cidadania, e acima de tudo da democracia, atacando o governo do crime organizado que promove a corrupção nos três poderes. Circula na Internet, vazada do fechado meio maçônico, datado de 12 de julho, um manifesto assinado por Wilson Filomeno, Ex-Grão-Mestre da Grande Loja Maçônica de Santa Catarina e atual Secretário Geral da Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil, cobrando uma ação efetiva daqueles <b>“poucos que ainda não se corromperam no poder, e possam contribuir para a normalização da ordem nacional”</b> .	<a href="http://www.alertatotal.net/2009/07/documento-vazado-da-maconaria-incita.html">http://www.alertatotal.net/2009/07/documento-vazado-da-maconaria-incita.html</a>  <i>Acesso em 31/01/2015</i>
141.		Depois de abalarem o espírito do ministro,	W13	Estes mercadores, por ódio ao nome cristão, e pelo receio de verem os	<a href="https://books.google.com.br/books?id=4y">https://books.google.com.br/books?id=4y</a>

		corromperam-no com presentes		portuguezes compartilharemos o seu commercio, diminuindo-lhes assim os lucros, empregaram a possível traça para nos tornar odiosos e suspeitos. <b>Depois de abalarem o espirito do ministro, corromperam-no com presentes</b> , e representaram Gama qual sanguinário pirata, que commettera grandes ultrajes por todos os logares em que passara no decurso de sua viagem, e que viera a Calicut para executar projectos de hostilidade, os quaes ocultava sob a apparencia de um vão tratado. ( <i>sic</i> )  <i>O Panorama: jornal litterario e instructivo, Volume 15</i>	U2AQAAMAAJ&pg=PA344&lpg=PA344&dq=corromperam-no&source=bl&ots=G2p_6PQB4H&sig=DgyDk_z9SfKBjTpiw0bHVLjaEIg&hl=pt-BR&sa=X&ei=z-nlVLeGLsawggS444KQCw&ved=0CC0Q6AEwAw#v=onepage&q=corromperam-no&f=false  <i>Acesso em 31/01/2015</i>
142.		Corromperam-no as grandes indústrias	W13	Os socialistas alemães estão cheios de prestígio e o pangermanismo decai. O célebre advogado Heinrich Class, presidente da Alldeutscher Verband, acaba de ser apanhado em flagrante delicto de venalidade e corrupção: vendia o seu ardente patriotismo; <b>corromperam-no as grandes indústrias</b> , para que ele não interrompesse a companhia de indefinido prolongamento de hostilidades a todo o transe. <i>A guerra (1914-1918)</i> <i>Por Júlio Mesquita</i>	<a href="https://books.google.com.br/books?id=3xxXMXVX3c2gC&amp;pg=PA681&amp;lpg=PA681&amp;dq=corromperam-no&amp;source=bl&amp;ots=tPAce3i01Q&amp;sig=I9vLpfk0Vlo9NycylOknV-W1lw&amp;hl=pt-BR&amp;sa=X&amp;ei=z-nlVLeGLsawggS444KQCw&amp;ved=0CDoQ6AEwBw#v=onepage&amp;q=corromperam-no&amp;f=false">https://books.google.com.br/books?id=3xxXMXVX3c2gC&amp;pg=PA681&amp;lpg=PA681&amp;dq=corromperam-no&amp;source=bl&amp;ots=tPAce3i01Q&amp;sig=I9vLpfk0Vlo9NycylOknV-W1lw&amp;hl=pt-BR&amp;sa=X&amp;ei=z-nlVLeGLsawggS444KQCw&amp;ved=0CDoQ6AEwBw#v=onepage&amp;q=corromperam-no&amp;f=false</a>  <i>Acesso em 31/01/2015</i>
143.		Corrompe-nos não sei que lepra, que já não há simplicidade possível, nem grandeza correspondente.	W13	Mal largamos o enxadão e subimos um degrau na escala social, <b>corrompe-nos não sei que lepra, que já não há simplicidade possível, nem grandeza correspondente.</b> Tornamo-nos furtivos, inconvintes, desconfiados, incapazes de qualquer harmonia social baseada na articulação voluntária do que somos com o que não somos. <i>Miguel Torga - Diário Vols. V a VIII</i> <i>Por MIGUEL TORGA</i>	<a href="https://books.google.com.br/books?id=jXi_suyro1FkC&amp;pg=PA198&amp;dq=simplicidade+corrompe&amp;hl=pt-BR&amp;sa=X&amp;ei=GmLnVKvHDcfHsQSu0ILwCA&amp;ved=0CDMQ6AEwBA#v=onepage&amp;q=simplicidade%20corrompe&amp;f=false">https://books.google.com.br/books?id=jXi_suyro1FkC&amp;pg=PA198&amp;dq=simplicidade+corrompe&amp;hl=pt-BR&amp;sa=X&amp;ei=GmLnVKvHDcfHsQSu0ILwCA&amp;ved=0CDMQ6AEwBA#v=onepage&amp;q=simplicidade%20corrompe&amp;f=false</a>  <i>Acesso em 31/01/2015</i>

144.		No que o homem se torne coisal, corrompem-se nele os veios comuns do entendimento.	W13	<b>No que o homem se torne coisal, corrompem-se nele os veios comuns do entendimento.</b> Um subtexto se aloja. Instala-se uma agramaticalidade quase insana, que empoeira o sentido das palavras. Aflora uma linguagem de defloramentos, um inauguração de falas Coisa tão velha como andar a pé Esses vareios do dizer. <i>Manoel de Barros</i>	<a href="http://veja.abril.com.br/arquivo/Gabarito-Simulado-Linguagens-Matematica.pdf">http://veja.abril.com.br/arquivo/Gabarito-Simulado-Linguagens-Matematica.pdf</a> <i>Acesso em 31/01/2015</i>
145.		Quando você bebe, o acetaldeído está corrompendo o DNA da vida	W13	"Não há a ocorrência de uma célula cancerosa a não ser que o DNA seja alterado. <b>Quando você bebe, o acetaldeído está corrompendo o DNA da vida</b> e colocando você no caminho para o câncer".	<a href="http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/10/111003_alcool_saude_mv.shtml">http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/10/111003_alcool_saude_mv.shtml</a> <i>Acesso em 31/01/2015</i>
146.		O mundo corrompe	W13	O que é mais sensato a ser feito: Chorar como criança? Ou poder erguer o peito? Muitos cresceram as minhas custas. Chorei por um tempo, mas cresci com várias lutas. <b>O mundo corrompe quem é são.</b> Mas quem faz a escolha certa, a faz com o coração. O caos chegou ao fim	<a href="https://www.ouvirmusica.com.br/banda-florida/1835965/">https://www.ouvirmusica.com.br/banda-florida/1835965/</a> <i>Acesso em 15/11/2016</i>
147.		Me corrompi	W13	Prende, passa Olha os home!, procurando a baga Pra fazer chorar Porque não quer ver nós dando risada Ham, <b>eu me corrompi</b> porque Filha da puta pede entrada	<a href="https://www.letras.mus.br/froid/lamentavel-pt-iii/">https://www.letras.mus.br/froid/lamentavel-pt-iii/</a> <i>Acesso em 20/12/2018</i>
148.		A igreja corrompeu-se	W13	Nesse período <b>a igreja corrompeu-se</b> com o Estado, prostituiu-se com o paganismo e tornou-se a Igreja do Império Romano, o que lhe tirou sua força espiritual.	<a href="https://books.google.com.br/books?id=7kZJDQAAQBAJ&amp;pg=PT85&amp;lpg=PT85&amp;dq=%22corrompeu-se%22&amp;source=bl&amp;ots=IWhUfJsLqb&amp;sig=ACfU3U1kNPK5bKk8C2qwJHcLRXfIXy0o2Q&amp;hl=pt-BR&amp;sa=X&amp;ved=2ah">https://books.google.com.br/books?id=7kZJDQAAQBAJ&amp;pg=PT85&amp;lpg=PT85&amp;dq=%22corrompeu-se%22&amp;source=bl&amp;ots=IWhUfJsLqb&amp;sig=ACfU3U1kNPK5bKk8C2qwJHcLRXfIXy0o2Q&amp;hl=pt-BR&amp;sa=X&amp;ved=2ah</a>

					UKEwjxuNDdud_g AhUhGbkGHZe9Cx 84ChDoATACegQI BxAB#v=onepage& q=%22corrompeu- se%22&f=false Acesso em 20/12/2018
149.		Israel corrompeu-se	W14	Assim como <b>Israel corrompeu-se</b> pelas Religiões pagãs, o mesmo aconteceu com a Noiva do Cordeiro	<a href="https://books.google.com.br/books?id=7kZJDQAAQBAJ&amp;pg=PT85&amp;lpg=PT85&amp;dq=%22corrompeu-se%22&amp;source=bl&amp;ots=IWhUfJsLqb&amp;sig=ACfU3U1kNPK5bKk8C2qwJHcLRXfIXy0o2Q&amp;hl=pt-BR&amp;sa=X&amp;ved=2ahUKEwjxuNDdud_gAhUhGbkGHZe9Cx84ChDoATACegQIBxAB#v=onepage&amp;q=%22corrompeu-se%22&amp;f=false">https://books.google.com.br/books?id=7kZJDQAAQBAJ&amp;pg=PT85&amp;lpg=PT85&amp;dq=%22corrompeu-se%22&amp;source=bl&amp;ots=IWhUfJsLqb&amp;sig=ACfU3U1kNPK5bKk8C2qwJHcLRXfIXy0o2Q&amp;hl=pt-BR&amp;sa=X&amp;ved=2ahUKEwjxuNDdud_gAhUhGbkGHZe9Cx84ChDoATACegQIBxAB#v=onepage&amp;q=%22corrompeu-se%22&amp;f=false</a> Acesso em 20/12/2018
150.		O PT corrompeu-se	W14	<b>O PT</b> anti-corrupção <b>corrompeu-se</b>	<a href="https://www.facebook.com/637320536401683/photos/o-pt-anti-corrupção-corrompeu-se-retirou-a-roda-da-ambulância-a-macado-ferido-o/1443791995754529/">https://www.facebook.com/637320536401683/photos/o-pt-anti-corrupção-corrompeu-se-retirou-a-roda-da-ambulância-a-macado-ferido-o/1443791995754529/</a> Acesso em 20/12/2018
151.		O chefe corrompeu-se	W14	<b>O chefe</b> entrou num mundo sem saída, trocou sua consciência pelo poder e <b>corrompeu-se</b> até dissolver sua essência	<a href="https://www.gazetonline.com.br/opinioao/colunas/outro_olhar/2016/03/finado-lula-1013933165.html">https://www.gazetonline.com.br/opinioao/colunas/outro_olhar/2016/03/finado-lula-1013933165.html</a> Acesso em 20/12/2018
152.		O homem corrompeu-se	W14	Deus fez o homem, quer aceite ou não o fez a sua semelhança, coroa da criação,	<a href="https://www.letras.mus.br/esteves-jacinto/918942/">https://www.letras.mus.br/esteves-jacinto/918942/</a> Acesso em

				mas o mesmo <b>homem corrompeu-se</b> e se esqueceu que foi feito pra dar glória e adorar a Deus.	20/12/2018
153.		Corrompeu-se para ficar rico	W14	<b>Corrompeu-se para ficar rico.</b> Corrompeu para governar. Imaginou-se imune a qualquer suspeita. Acreditou no que diziam dele.	<a href="https://veja.abril.com.br/blog/noblat/lugar-de-ladrao-e-na-cadeia/">https://veja.abril.com.br/blog/noblat/lugar-de-ladrao-e-na-cadeia/</a> Acesso em 20/12/2018
154.		No vaso impuro corrompeu-se o néctar	W14	Perdão, meu Deus, se a túnica da vida... Insano profanei-a nos amores! Se da c'roa dos sonhos perfumados Eu próprio desfolhei as róseas flores!  <b>No vaso impuro corrompeu-se o néctar,</b> A argila da existência desbotou-me... O sol de tua gloria abriu-me as pálpebras, Da nódoa das paixões purificou-me!	<a href="https://pt.wikisource.org/wiki/Página:Obras_de_Manoel_Antonio_Alvares_de_Azevedo_v1.djvu/160">https://pt.wikisource.org/wiki/Página:Obras_de_Manoel_Antonio_Alvares_de_Azevedo_v1.djvu/160</a> Acesso em 20/12/2018
155.		A refeição corrompe-se facilmente.	W14	<b>A refeição</b> , quando deixada fora da geladeira, <b>corrompe-se facilmente.</b>	<a href="https://www.meusdicionarios.com.br/corromper">https://www.meusdicionarios.com.br/corromper</a> 20/12/2018
156.		Os metais corrompem-se com o tempo	W14	<b>Os metais</b> usualmente <b>corrompem-se com o tempo</b>	<a href="https://www.meusdicionarios.com.br/corromper">https://www.meusdicionarios.com.br/corromper</a> Acesso em 20/12/2018
157.		Seu corpo se corrompe	W14	Se o homem perece e <b>seu corpo se corrompe</b> , e é já cadáver, tal não acontece com a forma da <i>humanitas</i> , pois que esta continua sendo <i>humanitas</i> .	<a href="https://books.google.com.br/books?id=uTlJeTau_HMC&amp;pg=PA91&amp;lpg=PA91&amp;dq=%22corrompe-se%22&amp;source=bl&amp;ots=C6WissIBoO&amp;sig=ACfU3U0k3mei6GT73pct-QeB810aCSnSfQ&amp;hl=pt-BR&amp;sa=X&amp;ved=2ahUKEwjAvs2Jv9_gAhWmErkGHeJfC9E4ChDoATAFegQIBBAB#v=onepage&amp;q=%22corrompe-se%22">https://books.google.com.br/books?id=uTlJeTau_HMC&amp;pg=PA91&amp;lpg=PA91&amp;dq=%22corrompe-se%22&amp;source=bl&amp;ots=C6WissIBoO&amp;sig=ACfU3U0k3mei6GT73pct-QeB810aCSnSfQ&amp;hl=pt-BR&amp;sa=X&amp;ved=2ahUKEwjAvs2Jv9_gAhWmErkGHeJfC9E4ChDoATAFegQIBBAB#v=onepage&amp;q=%22corrompe-se%22</a>

					se%22&f=false Acesso em 20/12/2018
158.		O homem ocioso corrompe-se.	W14	<b>O homem ocioso</b> é como a água parada: <b>corrompe-se</b> .	<a href="https://kdfrases.com/frase/132216">https://kdfrases.com/frase/132216</a> Acesso em 20/12/2018
159.		A constituição se corrompe.	W15	Um Estado pode mudar de duas maneiras: ou porque <b>a constituição</b> se corrige ou porque ela <b>se corrompe</b> .	<a href="https://books.google.com.br/books?id=QLF3N4py1AEC&amp;pg=PA248&amp;lpg=PA248&amp;dq=%22corrompe-se%22&amp;source=bl&amp;ots=caTxOgljRS&amp;sig=ACfU3U1KnNrcPx1Q22-BkEP9FOXvuZVQqg&amp;hl=pt-BR&amp;sa=X&amp;ved=2ahUKEwio6ebdwN_gAhXhD7kGHUDgA3w4FBD0ATAAegQICRAB#v=onepage&amp;q=%22corrompe-se%22&amp;f=false">https://books.google.com.br/books?id=QLF3N4py1AEC&amp;pg=PA248&amp;lpg=PA248&amp;dq=%22corrompe-se%22&amp;source=bl&amp;ots=caTxOgljRS&amp;sig=ACfU3U1KnNrcPx1Q22-BkEP9FOXvuZVQqg&amp;hl=pt-BR&amp;sa=X&amp;ved=2ahUKEwio6ebdwN_gAhXhD7kGHUDgA3w4FBD0ATAAegQICRAB#v=onepage&amp;q=%22corrompe-se%22&amp;f=false</a> Acesso em 20/12/2018
160.		Assim que tiramos Deus da nossa vida (deixamos de ter visão), entramos nos caminhos do mundo, ambição desmedida, vaidade, egocentrismo, principiamos a corromper-nos.	W15	<b>Assim que tiramos Deus da nossa vida (deixamos de ter visão), entramos nos caminhos do mundo, ambição desmedida, vaidade, egocentrismo, principiamos a corromper-nos.</b> "Sem visão, o povo corrompe-se".	<a href="https://archote.blogs.sapo.pt/678114.html">https://archote.blogs.sapo.pt/678114.html</a> Acesso em 20/12/2018
161.		A voz de um discurso corrompido e corruptor	W15	Assim nesta obra do século XIX e inauguração do século XX, a “voz” que se fez Verbo dos nativos do alto Congo foi a desse anti-herói moderno onde toda a Europa se fazia presente, <b>a voz de um discurso corrompido e corruptor</b> que precisava ocultar seus propósitos para realizá-los, um discurso que já corrompia e se corrompia nas nações europeias que o engendrara procurando ocultar sob o manto da piedade e da modernidade ocidentais a exploração impiedosa de outros	<a href="https://books.google.com.br/books?id=lj4IzJlr2A4C&amp;pg=PA178&amp;lpg=PA178&amp;dq=%22corrompia%22&amp;source=bl&amp;ots=rugBI8Fuct&amp;sig=ACfU3U1pxF_WCtDUu0LW-WBqjt-10jez0Q&amp;hl=pt-BR&amp;sa=X&amp;ved=2ahUKEwjFpqb21-DgAhWZI7kGHQd_C5Y4FBD0ATAAegQICRAB#v=onepag">https://books.google.com.br/books?id=lj4IzJlr2A4C&amp;pg=PA178&amp;lpg=PA178&amp;dq=%22corrompia%22&amp;source=bl&amp;ots=rugBI8Fuct&amp;sig=ACfU3U1pxF_WCtDUu0LW-WBqjt-10jez0Q&amp;hl=pt-BR&amp;sa=X&amp;ved=2ahUKEwjFpqb21-DgAhWZI7kGHQd_C5Y4FBD0ATAAegQICRAB#v=onepag</a>

				povos para fins de comércio, enriquecimento, geopolítica.	e&q=%22corrupcia%22&f=false Acesso em 20/12/2018
162.		O pensador de outrora realmente corrompia a juventude	W15	<b>O pensador de outrora realmente corrompia a juventude</b> , já que ela estava embutida numa moralidade de submissão social a toda a autoridade e a uma concordância social. Sócrates propôs uma nova moralidade que estava dentro da própria alma, algo que poderia ser visto como uma aspiração à perfeição espiritual. Onde a perfeição é vista como um objeto de vida e o segredo da felicidade, logo, a ação não pode ser governada por nenhum código de regras que venha do exterior.	<a href="https://medium.com/neworder/comportamento-vamos-corromper-a-juventude-6482c78411b8">https://medium.com/neworder/comportamento-vamos-corromper-a-juventude-6482c78411b8</a> Acesso em 20/12/2018
163.		Corrompia o incorruptível	W15	Corrompia No fura fila do dia a dia. Corrompia Na sonegação de imposto. Corrompia No troco errado na padaria. Corrompia Na cola da prova do colega [...] Corrompido era o sangue que na veia corria <b>Corrompia o incorruptível</b> pela simples corrupção de todos os dias	<a href="https://www.wattpad.com/594851630-café-amargo-corrompida">https://www.wattpad.com/594851630-café-amargo-corrompida</a> Acesso em 20/12/2018
164.		Agora as bases com mais de 20gb que corrompiam estão funcionando adequadamente no MariaDB 10.1	W15	Bom dia, Resolvi arriscar no meu novo servidor compartilhado. Instalei o MariaDB 10.1.16 <b>Agora as bases com mais de 20gb que corrompiam estão funcionando adequadamente no MariaDB 10.1</b> Posso dizer que houve melhoria de desempenho em relação ao MariaDB 10.0. Se não atualizou a hora é esta.	<a href="https://forum.scriptcase.com.br/index.php?topic=13473.0">https://forum.scriptcase.com.br/index.php?topic=13473.0</a> Acesso em 20/12/2018
165.		Quadrilha que corrompia funcionários do IML para fraudar DPVAT é alvo de operação policial	W15	<b>Quadrilha que corrompia funcionários do IML para fraudar DPVAT é alvo de operação policial</b>	<a href="https://bandnewsfmc.uritiba.com/quadrilha-que-corrompia-funcionarios-do-iml-para-fraudar-dpvat-e-alvo-de-operacao-">https://bandnewsfmc.uritiba.com/quadrilha-que-corrompia-funcionarios-do-iml-para-fraudar-dpvat-e-alvo-de-operacao-</a>



					policial/ Acesso em 20/12/2018
166.		O poder rompe a igualdade básica entre seres humanos.	W15	<b>O poder rompe a igualdade básica entre seres humanos.</b>	<a href="https://liberdadeaquí.wordpress.com/2011/07/09/o-poder-rompe-a-igualdade-basica-entre-seres-humanos/">https://liberdadeaquí.wordpress.com/2011/07/09/o-poder-rompe-a-igualdade-basica-entre-seres-humanos/</a> Acesso em 15/10/2018
167.		Tubulação rompe	W15	<b>Tubulação</b> da Ceda e <b>rompe</b> pela segunda vez em Nova Iguaçu, derruba muro e alaga casas	<a href="https://oglobo.globo.com/rio/tubulacao-da-ceda-rompe-pela-segunda-vez-em-nova-iguacu-derruba-muro-alaga-casas-23153625">https://oglobo.globo.com/rio/tubulacao-da-ceda-rompe-pela-segunda-vez-em-nova-iguacu-derruba-muro-alaga-casas-23153625</a> Acesso em 15/10/2018
168.		Concerto da tubulação corrompida	W15	Helder Lucio de Oliveira Indica ao Poder Executivo para que realize o <b>concerto da tubulação corrompida</b> do bueiro na rua Higino de Barros Camargo.	<a href="http://consulta.limeira.sp.leg.br/Documentos/Documento/166884">http://consulta.limeira.sp.leg.br/Documentos/Documento/166884</a> Acesso em 15/10/2018
169.		A inveja rompe a concórdia	W16	Pois se a avareza é abatida, levanta-se a libido; se a libido é dominada, surge a ambição; se é desprezada a ambição, a ira exaspera, a soberba infla, a embriaguez atrai, <b>a inveja rompe a concórdia</b> , o ciúme destrói a amizade.	<a href="https://books.google.com.br/books?id=xsIQDQAAQBAJ&amp;pg=PT143&amp;lpg=PT143&amp;dq=%22a+inveja+rompe%22&amp;source=bl&amp;ots=bA2jyz6yvg&amp;sig=ACfU3U16GORVHV6XmeOeP5mtwjPJG_S8ug&amp;hl=pt-BR&amp;sa=X&amp;ved=2ahUKEwiHiaruh-7gAhWOGbkGHWkKA8cQ6AEwAXoECAkQAQ#v=onepage&amp;q=%22a%20inveja%20rompe%22&amp;f=false">https://books.google.com.br/books?id=xsIQDQAAQBAJ&amp;pg=PT143&amp;lpg=PT143&amp;dq=%22a+inveja+rompe%22&amp;source=bl&amp;ots=bA2jyz6yvg&amp;sig=ACfU3U16GORVHV6XmeOeP5mtwjPJG_S8ug&amp;hl=pt-BR&amp;sa=X&amp;ved=2ahUKEwiHiaruh-7gAhWOGbkGHWkKA8cQ6AEwAXoECAkQAQ#v=onepage&amp;q=%22a%20inveja%20rompe%22&amp;f=false</a> Acesso em 15/10/2018
170.		Qualquer doutrina que signifique o privilégio de uma classe sobre a outra ofende a igualdade	W16	<b>Qualquer doutrina que signifique o privilégio de uma classe sobre a outra ofende a igualdade</b> , princípio estrutural do	<a href="https://www.migalhass.com.br/dePeso/16,MI259862,71043-As+reformas+estrutu">https://www.migalhass.com.br/dePeso/16,MI259862,71043-As+reformas+estrutu</a>

		e corrompe o contrato social em sua integralidade.		republicanismo cívico; logo, desnatura a solidariedade inerente aos vínculos associativos <b>e corrompe o contrato social em sua integralidade.</b>	rantes+e+o+contrato+social 15/102018
171.		A ganância rompe a barreira da ética e da honestidade!	W16	Cuidado também com a ganância, ela é diferente de ambição, está é ética e honesta enquanto <b>a ganância rompe a barreira da ética e da honestidade!</b>	<a href="https://deskgram.net/explore/tags/vidaema">https://deskgram.net/explore/tags/vidaema</a> bundância